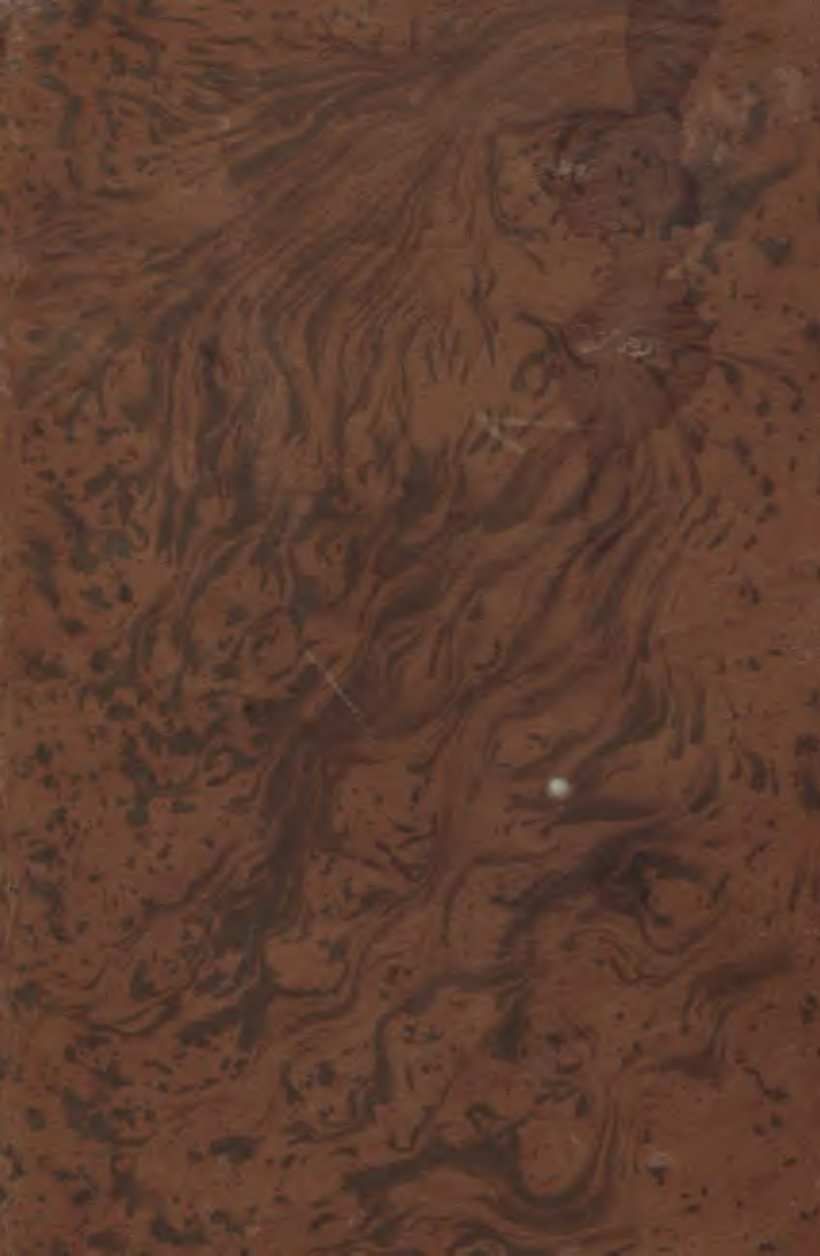
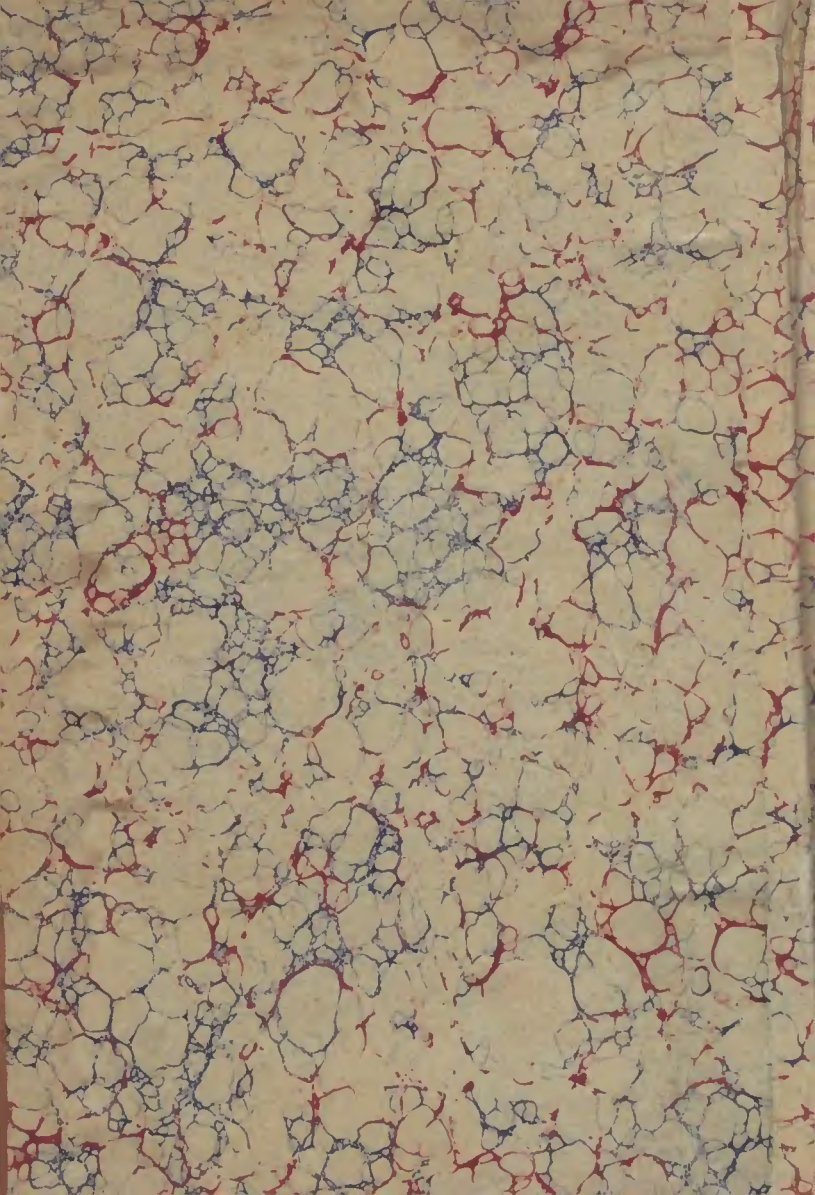
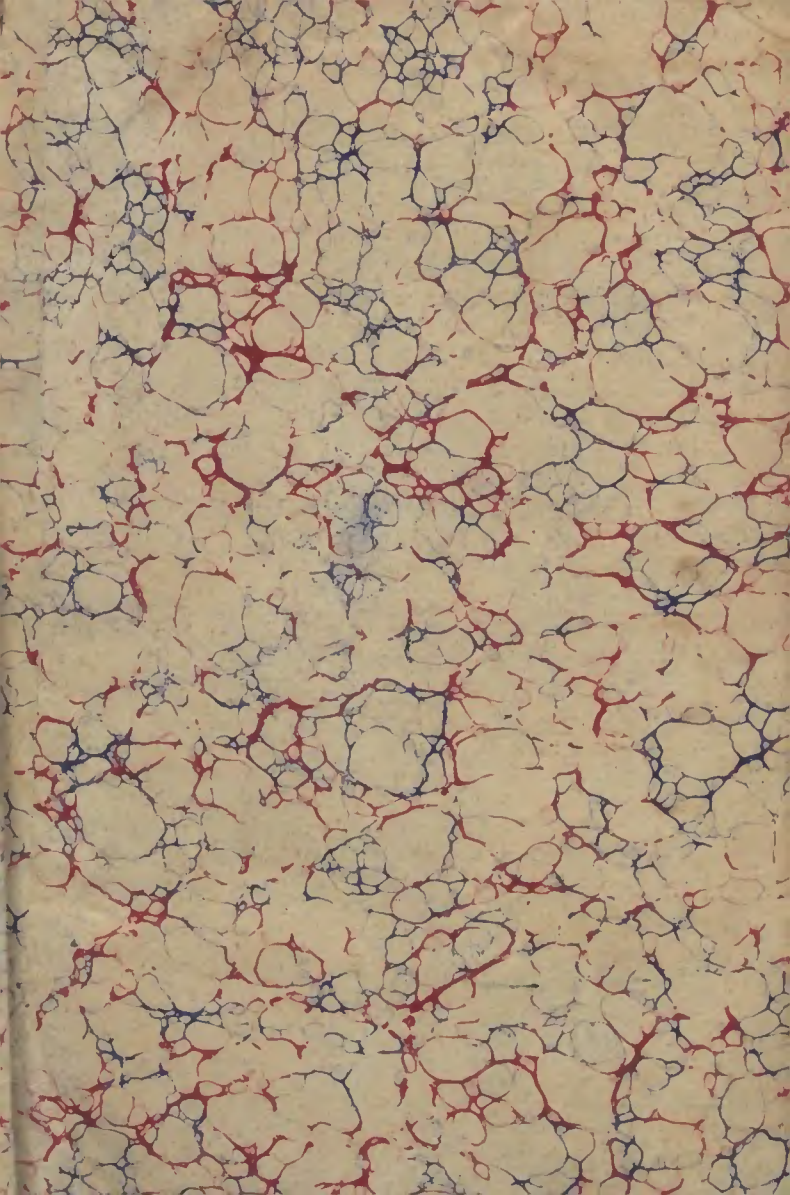
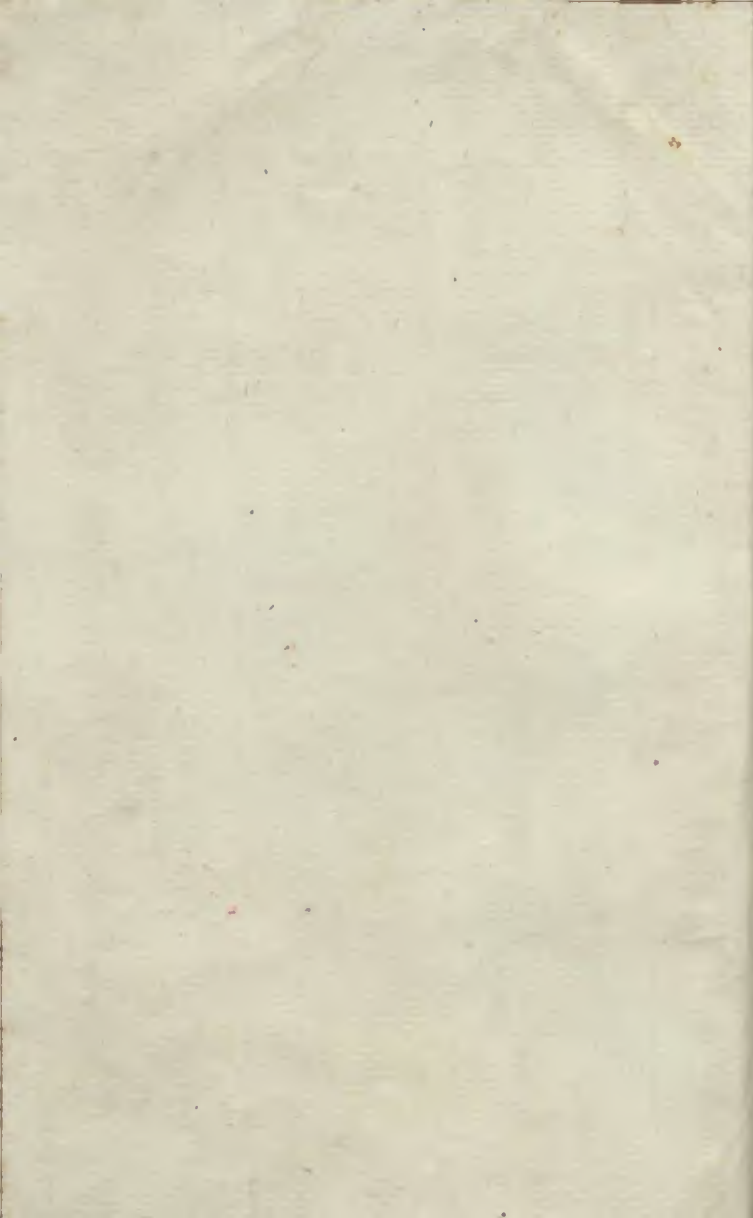










208182
DA ÁSIA

DE

DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM
NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO
DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA DUODECIMA

P A R T E U L T I M A .



LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M.DCC.LXXXVIII.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ

• OFFERTA
281304

✓
70465

DIPOGO DE COUTO
DE
DECADA QUODDECIMA
PARTE PRIMA



1.12804
NA REIN OFFICINA TYPOGRAPHICA
ANNO M.DCCLXXXIII
BIBLIOTHECA DO MUSEU NACIONAL
MUSEU DO BRASIL

INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTEM

NESTA PARTE ULTIMA

D A D E C A D A XII.

LIVRO I.

- C**AP. I. De como o Conde Almirante D. Francisco da Gama foi eleito pera Viso-Rey da India: e da Armada com que partio a dez de Abril do anno 1596. e do que lhe aconteeceo até chegar a Mombaça. Pag. 1.
- CAP. II. Do que o Conde fez na Fortaleza de Mombaça: e das cousas que ordenou até se partir pera a India. 9.
- CAP. III. Das cousas que o Conde Almirante proveo, depois de tomar posse da governança da India. 16.
- CAP. IV. De como hum Capitão do Grão Mogor, chamado Manacinga Gentio, foi contra os Patanes, e os desbaratou, e ganhou o Reyno de Orixá, e Bengala: e da descripção da jornada que fez. 24.
- CAP. V. De como o Manacinga se apoderou dos Reynos de Patane, e Orixá: e dos principaes braços com que o rio Gange

BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

THOME JOSÉ DE BARRAS QUEIROZ

*ge se espalhou por todos aquelles Reynos:
e das Gangas que nelle ha.* 33.

CAP. VI. *Do que succedeo na conquista da
Ilha Ceilão este verão: e das grandes vi-
torias que os nossos alcançaram do Tyran-
no D. João, que se intitulara Rey de
Candea: e da morte de ElRey da Cota
D. João Perea Pandar: e de como dei-
xou nomcado por herdeiro do seu Reyno
a ElRey de Portugal, que logo foi jura-
do por esse.* 39.

CAP. VII. *Das eleições que o Conde Al-
mirante fez de Capitães: e das Arma-
das que ordenou: e das novas que lhe vie-
ram de Moçambique, de como eram pas-
sadas pera a India duas náos Hollande-
zas: e do que sobre isso fez: e da Arma-
da que veio do Reyno, de que lera Capi-
tão Mór D. Affonso de Noronha: toca-
se a causa das differenças que houve en-
tre o Conde, e Mathias de Albuquerque.*

47.

CAP. VIII. *Como Gonfalo de Tavares, Capi-
tão de Dio, mandou Simão de Abreu com
dous navios á costa de Cache: e do encon-
tro que teve com oito Paraos de Mala-
vares, onde os nossos foram mortos, e des-
baratados: e das mais cousas em que o
Conde Almirante proveo.* 58.

CAP. IX. *Do que succedeo á Armada do*
Ma-

DOS CAPITULOS.

Malavar: e do que o Capitão Geral tratou com ElRey de Cananor, e Camorim, de que avisou ao Conde: e do que sobre isso assentou em Conselho: e de como a não, em que Mathias de Albuquerque havia de ir, se queimou na barra de Cochim. 66.

CAP. X. Do que succedeo á Armada do Norte: e do encontro que teve com alguns Paraos de Malavares que tomou, e desbaratou: e do que mais succedeo á Armada do Malavar até se recolher. 75.

CAP. XI. De como o Conde Viso-Rey recebeu hum Embaixador que o Xá lhe mandou, e apparato com que foi recebido. 86.

CAP. XII. Do que aconteceu ás náos Holandezas na derrota até Bengala: e assim do que succedeo a Lourenço de Brito, e á Armada, em que o Conde Viso-Rey o mandou a Malaca. 89.

CAP. XIII. Das cousas que neste verão succedêram na Ilha de Ceilão: e da grande vitoria que os nossos alcançaram de El-Rey de Uva: e dos Capitães do Tyranno de Candea D. João. 94.

CAP. XIV. De outra grande vitoria que os nossos alcançaram em Ceilão. 101.

CAP. XV. De como os Vereadores de Goa puzeram na Camara della o retrato do Conde Almirante D. Vasco da Gama, que

I N D I C E

que descobrio a India: e da Oração que fiz aquelle dia em seu louvor a rogo da Cidade. III.

CAP. XVI. *De como as náos Hollandezas, que andavam pela costa de Malaca, peleijáram com as náos que hiam daquella Fortaleza pera a India: e do fim que estas náos tiveram, e de outras cousas.*

121.

CAP. XVII. *Do que fez D. Luiz da Gama no Malavar oresto do verão: e de como D. Diogo Coutinho Capitão Mór do Cabo Camorim recolheo as náos da China, e levou a Goa: e dos Capitães que o Conde despachou pera fóra: e do que proveo sobre a feira de Cantão na China.*

126.

CAP. XVIII. *Das razões que o Camorim teve pera fazer guerra ao Cunhale: e das preparações que pera isso fez: e das Armadas que o Conde ordenou: e do que succedeo a D. Fernando de Noronha, estando em Cananor: e das intelligencias que teve com o Camorim sobre o que queria fazer ao Cunhale: e da descripção da costa do Malavar de Cananor até Cochim: e do sitio da Fortaleza do Cunhale.* 132.

CAP. XIX. *De como o Bispo da China D. Luiz de Sirqueira, da Companhia de Jesus, e o Padre Alexandre de Valignano fo-*

foram a Japão : e de como aquelle Emperador faleceo : e do que lhe succedeo por sua morte.

145.

L I V R O II.

CAP. I. *De como este anno de noventa e oito não partiram náos do Reyno : e do Forte que o Conde Almirante ordenou sobre a barra de Goa : e do que proveo sobre o governo do Reyno de Ormuz.* 157.

CAP. II. *Das Armadas que o Conde Almirante despachou pera fóra : e do que succedeo a D. Fernando de Noronha na barra de Cunhale , e a Sebastião Botelho, Capitão dos Sanguiceis , na costa do Norte : e de como D. Alvaro de Abranches foi entrar nas Fortalezas de Cofala , e Moçambique.* 163.

CAP. III. *De como o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes , da Ordem do Padre Santo Agostinho , partio de Goa pera ir visitar os Christãos das serras do Malavar : e do que fez na barra do Cunhale : e do assento que tomou com o Capitão Mór , e mais Capitães sobre o modo de como se commetteria aquella Fortaleza.* 171.

CAP. IV. *Do que o Arcebispo fez em Cochim com aquelle Rey : e do soccorro que aquel-*

- ... aquella Cidade mandou a D. Luiz da Gama. 179.
- CAP. V. Do conselho que o Capitão Mór tomou sobre o modo de como se conmetteria a Fortaleza: e das preparações que pera isso fez: e de como alguns Fidalgos seus amigos lhe fizeram mudar o parecer. 186.
- CAP. VI. De hum maravilhoso final que appareceo no Ceo: e de como os nossos commettêram a desembarcação: e de como Luiz da Silva foi morto ao chegar da terra. 193.
- CAP. VII. Do que succedeo aos que desembarcáram em Cunbale: e de alguns casos notaveis que alli passáram até se desbaratarem por si mesmos. 204.
- CAP. VIII. Da gente que de ambas as partes morreo nesta desembarcação: e de como o Capitão Mór se foi pera Cochim, e deixou D. Francisco de Sousa sobre a barra de Cunbale. 218.
- CAP. IX. Do que aconteceo a D. Francisco de Sousa sobre Cunbale: e de como chegáram a Goa as novas desta perdição: e do que fez o Conde Almirante. 227.
- CAP. X. Do contrato das pazes que se fizeram com o Camorim: e do que succedeo a D. Fernando de Noronha sobre Cunbale, e D. Luiz da Gama chegou a Goa:

DOS CAPITULOS.

Goa: e dos provimentos que o Conde mandou a Maluco, e Embaixadores do Achem que despachou. 236.

CAP. XI. De huma fragata de Hespanboes de Manilha, que foi ter á Cbina pera assentar pazes com os Cbins, e fazer feitoria em hum de seus portos: e do que D. Paulo de Portugal sobre isso fez. 243.

L I V R O III.

CAP. I. Do que neste verão aconteceu na conquista da Ilha Ceilão: e das vitorias que os nossos alcançaram do Tyranno de Candea: e da fermosa tranqueira que D. Jeronymo mandou fazer no lugar de Manieravaré. 251.

CAP. II. De huma alteração que houve entre os soldados da conquista sobre suas pagas: e do soccorro que o Conde lhe mandou por D. Francisco de Noronha: e do que lhe succedeo na viagem. 257.

CAP. III. De outras vitorias que os nossos alcançaram em Ceilão em diferentes partes. 264.

CAP. IV. Das razões que movêram ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes a ir visitar os Chriştãos de S. Thomé: e de huma breve relação das cousas deste Santo Apostolo. 270.

CAP.

CAP. V. *Das cousas que mais aconteceram a estes Christãos: e dos Prelados que tiveram até este tempo: e dos Reynos em que hoje moram.* 281.

CAP. VI. *Dos erros em que viviam estes Christãos: e de como o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes os reduzio á obediencia da Santa Igreja Romana: e do Synodo Diocesano que celebrou, em que tirou muitos erros, e abusos.* 298.

CAP. VII. *De como ElRey de Portugal mandou passar Carta de Irmão em Armas a ElRey da Gundra, que lhe o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes passou, conforme á ordem que lhe deo o Conde Almirante Viso-Rey: e das obrigações que lhe poz: e de como renunciou seus Reynos nas mãos do Arcebispo, que lha aceitou em nome do Conde Viso-Rey.* 305.

CAP. VIII. *Da Fortaleza que o Rey de Travancor foi alevantando com dissimulação: e do que passou em humas vistas que teve com o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes.* 317.

CAP. IX. *De como o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes se passou a Cochim, e entregou o governo do Reyno da Gundra a ElRey de Porcá: e dos contratos que com elle fez.* 324.

CAP. X. *Das Armadas que partiram do*
Rey-

DOS CAPITULOS.

Reyno este anno de 1599. : dos Capitães que o Conde despachou pera fóra : e de outras cousas em que proveo. 330.

CAP. XI. *Do que aconteceu a D. Fernando de Noronha sobre Cunhale : e de como o Arcebispo se vio com o Çamorim : e das cousas que passáram.* 338.

L I V R O IV.

CAP. I. *De como André Furtado de Mendoça chegou á barra de Cunhale, e se vio com o Çamorim : e das cousas em que assentáram.* 348.

CAP. II. *Das capitulações que o Capitão Mór fez com o Çamorim : e dos refens que lhe entregou : e dos soccorros que lhe chegáram de Goa.* 357.

CAP. III. *Do conselho que o Conde tomou sobre ir a Cunhale, em que foi contrariado : e do soccorro que mandou, e mais cousas que passáram.* 363.

CAP. IV. *De como o Çamorim tratou de ir a huma festa chamada Mamanga : e donde esta festa teve origem.* 373.

CAP. V. *Das cousas, em que o Capitão Mór proveo pera dar princípio ao sitiar aquella Fortaleza.* 379.

CAP. VI. *Do que mais succedeo nas tranqueiras : e dos fortes que o Capitão Mór man-*

I N D I C E

- mandou fazer: e de como ganhou as tranqueiras, e povoação.* 385.
- CAP. VII. *De como o Capitão Mór prantou sua artilheria sobre a Fortaleza: e das desconfianças que houve da parte do Çamorim.* 396.
- CAP. VIII. *De como o Cunhale se entregou ao Çamorim: e de outras cousas que succedêram.* 403.
- CAP. IX. *Do que mais passou o Capitão Mór André Furtado de Mendoça com o Çamorim, e se partio pera Goa: e do que lhe succedeo com o Conde Almirante Viso-Rey.* 412.
- CAP. X. *Da procissão que o Conde fez em fazimento de graças a Deos nosso Senbor pela vitoria que alcançou do Cunhale.* 421.
- CAP. XI. *De como foram sentenceados por justiça o Cunhale Marca, e Chinale.* 423.
- CAP. XII. *Do que succedeo em todo este verão á Armada do Norte: e das cousas em que o Conde Viso-Rey provêo: e Armadas que foram pera fóra: e das pazes que concedeo ao Rey de Travancor.* 426.
- CAP. XIII. *Dos Capitães, e soccorros que o Conde Almirante mandou pera fóra: e do que succedeo a D. Jeronymo Coutinho, e ás náos de sua companhia com al-*
gu-

L I V R O V.

CAP. I. *Das cousas que este anno succedêram em Ceilão : e das vitorias que os nossos alcançaram, e tranqueiras que fizeram contra os inimigos.* 442.

CAP. II. *De huma não Hollandêza, que foi ter ás Ilhas de Japão: e da derrota que levou, e do que lhe succedeo: e de huns cossairos Japões, que foram ter ás Philippinas.* 447.

CAP. III. *Do principio do Reyno Pegú, e dos Reys que teve: e dos revêzes que a fortuna lhe deo.* 454.

CAP. IV. *Da grande riqueza, e potencia deste Reyno, e deste Rey Brama Talanha Ginoco, que conquistou este Reyno Pegú.* 464.

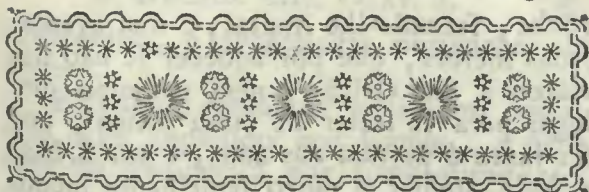
CAP. V. *Do cruel, e miseravel fim que teve este Reyno de Pegú no anno de mil e seiscentos em que andamos.* 473.

CAP. VI. *De quem era o Principe de Abadaxam, que este anno de seiscentos se fez Christão, e veio ter a esta Cidade de Goa.* 483.

CAP. VII. *Que trata da parte a que jaz este Reyno Abadaxam; e da descripção des-*

INDICE DOS CAPITULOS.

- desta Provincia de Laor até esta Cidade, e della até o Cathayo: e de como esta Provincia não he a China, como alguns cuidáram: e a que parte jaz.* 492.
- CAP. VIII.** *Da Armada que o Conde Almirante mandou a Malaca, e soccorro a Ceilão: e das náos do Reyno, que chegaram a Goa da companhia de Ayres de Saldanha, que era partido por Viso-Rey da India: e de como D. Pedro Manoel foi por Capitão Mór ao Malavar, e do que lhe succedeo.* 505.
- CAP. IX.** *Do que succedeo na viagem ao galeão de Luiz Boto Machado: e de como os Embaixadores do Achem foram pela sua terra: e de como aquelle Rey mandou matar os Hollandezes, que andavam em terra, de duas náos que alli estavam: e do que succedeo a estas náos.* 512.



DECADA DUODECIMA

Da Historia da India.

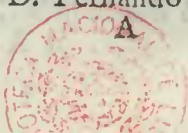
L I V R O I.

C A P I T U L O I.

De como o Conde Almirante D. Francisco da Gama foi eleito pera Viso-Rey da India: e da Armada com que partio a dez de Abril do anno 1596. e do que lhe aconteeceo até chegar a Mombaça.



O principio do anno de noventa e cinco tratou ElRey de mandar successor a Mathias de Alboquerque, que havia seis annos governava a India; pera isto nomeou em segredo ao Conde de Linhares D. Fernando de Noro-
 Couto. Tom. **ULT.** ro-



ronha, fazendo-lhe muitas, e mui avantajadas mercês, que por adoeccer se não declarou a sua eleição, nem o tempo deo lugar pera se tratar de outra pessoa, por ser junto á partida das náos, e por S. Magestade atalhar a outro semelhante inconveniente.

Passada a Pascoa, mandou ElRey aos Governadores do Reyno que logo lhe fizessem consulta de pessoas pera este cargo, que por ventura despacharia em Outubro. Em resposta desta consulta nomeou em segredo no principio de Julho o Conde da Vidigueira. (coisa até hoje nunca vista neste caso) Mas esteve a eleição em segredo até o fim de Agosto, em que se publicou com a vinda das náos, que por trazerem boas novas do Estado da India, escusou ElRey mandar em Setembro. Mas mandou aos Governadores que o Conde Almirante assistisse com elles no Governo, quando se trataassem materias da India, assim do estado, como de despachos, até se o Conde embarcar em dez de Abril do anno de noventa e seis, e assim se fez por concorrerem nelle as partes que ElRey queria tivesse quem havia de governar aquelle Estado, que seu Bisavô tinha descoberto, que por tal trabalharia o Conde pelo dilatar, sustentar, e governar com dif-

differentes , e avantajadas obrigações de outros.

E ha-se de considerar aqui huma cousa , que deste appellido dos Gamas , e desta casa de Vidigueira por linha direita foi este o terceiro que governou a India , cousa que em nenhum outro appellido do Reyno aconteceu. Porque o primeiro foi seu bisavô que o descobrio ; o segundo seu filho ; segundo D. Estevão da Gama ; e o terceiro este Conde Viso-Rey , que temos entre mãos , herdeiro da casa do appellido , e ainda do titulo. E não fora muito fóra de razão que este Governo não sahira desta geração , pois a ella (e ao grande Afonso de Albuquerque) podemos dizer que se deve esta conquista , pelos muitos , e bons Capitães que sempre nella houve. Mas porque era tambem necessario partir com todos , os que ajudáram a conquistar , se interpolou isto ; porém concedeo-se-lhe logo , ao que descobrio este Estado , e a todos os seus successores , o titulo de Conde , que foi o primeiro , e até agora o derradeiro , que se alcançou pelos serviços da India. Porque se se concedeo a D. Luiz de Ataíde Conde de Atouguia , e a D. Francisco Mascarenhas Conde de Santa Cruz , foi porque aquelle era Senhor da casa da Atouguia , e herdeiro della , e

vinha segunda vez á India a servir ; e o outro com declaração , que não usaria do titulo de Conde , senão depois que ElRey fosse jurado por Rey nella.

Em fim foi eleito o Conde Almirante pera Viso-Rey da India de idade de trinta e hum annos , havendo pouco que viuvára de humna filha de D. Duarte de Menezes , Senhor da casa de Tarouca , de quem lhe ficáram hum filho , e humna filha , que deixou entregues á Condessa sua mãe , que estava recolhida no Mosteiro das freiras da Castanheira. Pera esta jornada se lhe apresentáram cinco náos ; e tanto que foi nomeado , logo assistio a todos os Conselhos , porque sabia ElRey que tinha o Conde talento pera dar nelles muito bom parecer. E como teve o tempo largo , foi fazendo seus negocios muito á sua vontade ; e das cousas que apontou , todas , ou quasi todas se lhe concedêrão. E posto que se deo muita pressa á Armada , não se pode fazer á véla senão quarta feira de Trévas , que foi a dez de Abril deste anno de 1596. com que continuamos. O Conde Almirante se embarcou na náó N. Senhora de Guadalupe , de que veio por Capitão seu irmão D. Luiz da Gama , despachado com a Capitania de Ormuz pelos serviços que já na India tinha feitos. As mais náos eram

a Conceição, em que vinha João Gomes da Silva, Capitão Mór das náos. Da náo N. Senhora do Vencimento era Capitão Pero Tavares, provído com a Capitanía de Dio, e da náo S. Francisco era Capitão Vasco d'Afonseca Coutinho.

Com o Conde, e por toda a sua Armada vinham embarcados muitos Fidalgos, assim despachados, como outros que hiam a merecer: e os que nos lembrão são os seguintes: Lourenço de Brito, que hia despachado com a Capitanía de Sofala, e Moçambique, que já servio por algum tempo, e foi desapossado, e mandado pera o Reyno por algumas culpas, onde se livrou, e ElRey o despachou com tres annos da mesma Fortaleza por encheio. Diogo Moniz Barreto, filho de Antonio Moniz Barreto, que foi Governador da India, despachado com a Fortaleza de Ormuz, que seu pai tinha. Goterre de Monroi de Béja, e D. Luiz Lobo provídos ambos da Fortaleza de Dio. D. Paulo de Portugal, filho de D. Francisco de Portugal, Estribeiro Mór de ElRey D. Sebastião. D. Fernando, e D. Christovão de Noronha, filhos de D. Pedro de Noronha, Senhor de Villaverde, primos com irmãos do Conde Almirante. D. Antonio de Castro, filho de D. Pedro de Castro. D. Bernar-

nardo de Noronha , filho de D. Tomás de Noronha. D. Alvaro da Costa , filho de D. João da Costa , Capitão que foi da Fortaleza de Malaca. D. Pedro de Noronha , filho de D. Affonso de Noronha. D. João de Menezes , filho de D. Duarte de Menezes. D. Jeronymo de Noronha , filho de D. Antonio de Menezes. D. João Tello de Menezes , filho do Alferes Mór D. Jorge de Menezes. D. Lopo , e D. Duarte Henriques , filhos de D. Garcia Henriques. Lourenço Guedes , filho de Pero Guedes , Veador da fazenda. Diogo Botelho , filho de Manoel Botelho. Jeronymo Telles Barreto , filho de Manoel Telles Barreto , que foi Governador do Brazil. Mem Rodrigues de Vasconcellos d'Elvas. João da Gama de Vasconcellos d'Elvas. D. Lopo d'Almeida , filho de D. Antonio , Veador que foi da Rainha D. Catharina. O Doutor Pero da Silva , que vinha por Chanceller da Relação de Goa. João d'Abreu por Secretario. Julio Simões por Engenheiro Mór ; e outros muitos Cavalleiros honrados.

E seguindo esta Armada sua viagem , foi em conserva até á costa de Guiné , onde acháram tão grandes calmarias , que a detiveram muitos dias , e com algumas trovoadas que lhe deram se apartáram. E porque das quatro de sua companhia dé-

dêmos já razão no fim da onzena Decada, não trataremos dellas, porque alli se verá. Só continuaremos com a do Conde Almirante, que deixámos na costa de Guiné ás vòltas com as calmarias, e com as trovoadas. E tanto que lhe entrou o tempo, foi seguindo sua viagem com os geraes, e passou o Cabo de Boa Esperança aos dous dias do mez de Agosto; e teve tão bom tempo, que aos vinte e sete chegou ás Ilhas de Angoxa, e por ellas andou até sete de Setembro, que chegou a Moçambique, onde se deteve só vinte e quatro horas, em quanto se via com o Capitão, que era Nuu da Cunha, com quem assentou proseguir na obra que faltava á Fortaleza. E dalli se fez á vèla ao outro dia, e foi seguindo sua viagem até dez grãos e meio da parte do Norte, sendo já vinte e nove de Setembro, levando ainda o vento ponente tão rijo, que pareceo ao Piloto que andára aquelle dia trinta leguas; mas enganou-se, porque as correntes das aguas eram naquella paragem contra a náó tammanhas, que desfandou perto de quarenta; porque ao outro dia tomando o Sol, se achou o Piloto em sete grãos. E com estas aguagens andou ora accrescentando, ora diminuindo até vinte de Outubro, que tiveram vista da Ilha Sacotorá, que trabalhá-

lháram por tomar ; mas não pôde ser pelo vento ser Noroeste , que os obrigou a arribarem , e irem pela costa abaixo.

Com aquelle vento governáram quatro dias , e aos cinco se tornou ao Sudueste , que tambem durou pouco , e ficou calma , e logo começou a ventar o Ponente. Mas era tão grande a força das aguas , que tiravam ao Sul , que causava espanto , pelo que surgíram huma noite , e logo se tornáram a levar , e governar huma quarta mais largo do rumo , a que corriam por se affastarem da terra ; e no fim de quatorze dias se acháram á vista della no lugar de Quitindini doze leguas da Cidade Ampaza , onde surgíram. O Conde mandou recado a terra ; e sabendo-se delle , acudíram logo á náó os principaes da Cidade , e das de Pate , e Lamo , que o Conde recebeo com grande demonstração , e aparato por ser naturalmente aparatoso , e alli ratificáram em suas mãos as homenagens , que tinham dado de vassallos de ElRey de Portugal , e o Conde os compoz , e fez amigos com os Mercadores Portuguezes da costa de Melinde com quem tinham havido algumas paixões ; porque este genero de mercadores aonde chega , sempre ou quasi sempre escandaliza. Alli fizeram

aguada, que he bem ruim a agua que alli ha, e tão doce, que parece xarope.

E deixando o Conde provido em muitas cousas, conforme á brevidade do tempo, se fez á véla pera a Forteleza de Mombaca, aonde chegou a quatro de Dezembro, e foi bem recebido de Antonio Godinho de Andrade Capitão della; e por ser já passada a monção pera a India, desembarcou o Conde em terra, onde asentou de esperar até ser tempo de tornar á sua viagem.

C A P I T U L O II.

Do que o Conde fez na Fortaleza de Mombaca: e das cousas que ordenou até se partir pera a India.

VENDO o Conde Almirante que estava alli devagar, tratou de algumas cousas necessarias á fortificação daquella Fortaleza. E porque hum poço de agua, de que todos bebiam, estava cento e cincoenta passos da Fortaleza, mandou-lhe fazer hum caminho encuberto até elle, porque em algum tempo de aperto lho não pudessem tomar. Aqui veio ElRey de Melinde, que he distancia de doze leguas, ao visitar, a quem o Conde fez muito gran-

grandes gazalhados pelas obrigações em que o Estado da India lhe estava , e elle Conde por sua parte mais , pelos muitos que ElRey seu Avô fez ao Conde da Vidigueira seu Bisavô , quando por alli passou a descobrir a India ; de maneira , que ambos se tinham bem de obrigações , e a essa conta lhe fez o Conde muitos mimos , e deo peças , e brincos , de que ElRey ficou bem contente , e satisfeito ; e assentou com elle muitas cousas sobre o negocio da Alfandega , pera que aquelle Rey se obrigou a dar todas as ajudas de servidores , que fossem necessarios. Aqui veio ter com o Conde hum Principe da Ilha de Pemba , a quem hum tyranno tinha tomado o Reyno , e Estado , que elle recebeo bem , e o consolou , promettendo-lhe de o restituir a seu Estado , e Senhorio , como fosse á India , que por então não podia fer , offerecendo-se ao levar consigo (como levou) e de lá o tornar a mandar com hum Armada , pera que se restituísse ao seu.

Alli foi o Conde dando expediente a muitas cousas até lhe chegarem da India os dous navios , que dissemos Mathias de Alboquerque despedira a saber por toda aquella costa novas delle , de que eram Capitães Manoel de Almeida , hum sol-

da-

dado velho muito bom cavalleiro , e Gaspar Rodrigues Mestre de Galés , e Piloto daquella costa , pera que se achassem o Conde Almirante , o acompanhasssem até Goa.

Estes navios estimou elle muito por muitas razões ; e a principal foi , porque lhe deram novas de terem chegado a salvamento as outras náos de sua Armada ; e por outra parte se entristeceu pelo recio que no Reyno se havia de ter d'elle , quando estas náos chegasssem a elle sem seu recado , e pelo grande abalo que havia de fazer na Condesa sua mãe , filhos , e parentes. Mas em fim com estes descontos da vida de bens , e males , se foi o Conde fazendo preskes pera partir pera Goa , como fosse tempo , deixando primeiro feito hum Mosteiro n' huma Ermida , que estava sobre a barra , de Religiosos da Ordem do Glorioso Padre Santo Agostinho , que até agora dura ; e antes que partisse , despachou pera Ormuz Miguel de Macedo cavalleiro honrado , que já tinha militado naquelle Estado muitos annos , e por elle escreveu aos Capitães de Mascate , e Ormuz , avisando-os de algumas cousas importantes ao serviço de ElRey , e por elle mandou cartas a S. Magestade , em que lhe dava conta do que lhe tinha acontecido na viagem ,

gem, que logo o Capitão de Ormuz mandou por terra por hum Armenio, que chegou com ellas á Corte de Castella em principio de Dezembro do mesmo anno: e aos doze de Abril de noventa e sete fez o Conde a sua náó á véla, mandando por Capitão della Manoel de Almeida, que viera com elle do Reyno despachado com a Capitanía de Barcellos, com regimento que fosse tomar Bombaim por ser menos risco, que ir demandar Goa. E elle Almirante se embarcou em navios de remo, que alli ajuntou, elle em hum Galeoto, de que hia por Capitão D. Fernando de Noronha. D. Luiz da Gama seu irmão foi em huma Galeota de cuberta, que o Conde mandou fazer em Mombaça. Nos outros navios foram por Capitães Goterre de Monroy de Béja; D. Paulo de Portugal; D. Jeronymo de Noronha; Manoel de Almeida, que foi de Goa; e D. Luiz Lobo em hum fustarrão, que o Capitão de Sofala Nuno da Cunha mandou de Moçambique ao Conde Viso-Rey, que levou comsigo Manoel Monteiro Piloto da sua náó, e Gaspar Rodrigues, que tinha ido de Goa por Piloto de huma fusta.

Com esta Armada foi o Conde seguindo sua derrota, levando comsigo Gaspar Rodrigues, que hia fazendo o officio de Pi-

Piloto mór; e chegando a Sacotorá, tomáram ambos os Bandeis, onde se provêram de todo o necessario, e alli se passou o Conde á fusta de Manoel de Almeida por ser navio mais ligeiro, em que se achou melhor, ainda que menos accomodado. E de Sacotorá desamarrou o Conde a sete de Maio, e tornou á sua viagem, onde, posto que achou contrastes, e calmarias ordinarias nesta travessa, não houve cousa de perigo; e quando foram vinte e dous do mesmo mez de Maio chegou á barra de Goa com todos os navios de remo: e Manoel de Almeida, que em Sacotorá se tinha passado ao Galeoto do Conde, e o Viso-Rey á sua fusta, entrou tambem em Goa aos vinte e sete do mez, sinco dias depois do Conde. Só o navio de D. Luiz Lobo não entrou, porque se perdeu com tempo rijo na costa de Por Mangalor, e elle com toda a gente de sua companhia foi por terra até á Fortaleza de Dio, onde inverno, e a náó do Conde foi em trinta de Maio tomar Bombaim.

O Conde desembarcou na casa dos Reys Magos, aonde acudíram logo parentes, e amigos, porque as novas chegaram a Goa de noite, em que toda a Cidade se alvoraçou; e foi tanto o regozijo, que toda ella parecia huma viva representação de

de alegria, e contentamento, porque toda se gastou em tomarem embarcações pera o irem visitar; e todos tinham razão de o fazer, porque este Conde Viso-Rey era bisneto do que descubrio este Estado, que a tantos tinha feito ricos, e honrados: e isto acontece geralmente na chegada dos Viso-Reys, porque huns são de suas obrigações, outros parentes, e amigos, e outros por outras razões, porque todos esperam sempre alguma cousa, e a India pera todos tem: e o contrario acontece nos da valia, e obrigação dos Viso-Reys que acabão, porque estes são os brincos do mundo não dar bens a huns, sem os tirar a outros; e algumas vezes succede, os que mais festejão a vinda de hum Viso-Rey, serem os que depois mais praguejão, e murmurão d'elle, e desejem o anno seguinte já outro: ao menos na soldadesca, que por esta razão, ou sem razão da nossa má natureza, que toda a cousa nova apraz, tomáram os soldados cada anno hum Viso-Rey, como costumavam os Romanos com seus Consules.

Mathias de Albuquerque foi logo ao outro dia, que foram vinte e tres de Maio, visitar o Conde Almirante com todos os Officiaes da justiça, e fazenda; e querendo logo nesta visita fazer entrega
da

da governança da India , a não quiz o Conde aceitar ; fênão aos vinte e cinco do mefimo mez , que foi dia do Espirito Santo , donde a fez na fórma costumada. Os Vereadores foram logo visitar o Conde , e pedíram-lhe que se detiveffe alli alguns dias até lhe prepararem feu recebimento ; o que lhe elle concedeo até o primeiro de Junho , dia da Santiffima Trindade , em que fez fua entrada com grande pompa , e apparato , e regozijo de todo o povo , de que as ruas por onde havia de paffar estavam toldadas , e com muitas invenções. Foi recebido com falla de parabens de fua vinda , e levado de baixo do Pallio até á Sé , paffando por baixo de muitos , e mui fermofos arcos ornados com muitas riquezas , e galantarias , indo á fuailharga o Arcebispo Primaz D. Fr. Aleixo de Meneses ; e depois de fazer fua oração , se recolheo aos Paffos , em cujo terreiro lhe corrêram muitas carceiras , e fizeram muitas festas , e regozijos , em que o dia fe gastou. E ha-fe aqui de notar , que no mez de Junho , em que o Conde Almirante tomou poffe da India , fe cumpríram cem annos que feu bisavô a descubrio.

CAPITULO. III.

Das cousas que o Conde Almirante proveo depois de tomar posse da governança da India.

TAnto que o Conde Almirante tomou posse do Estado da India, logo avisou a todas as Fortalezas de sua chegada, e aos Capitães, e Officiaes da fazenda mandou que na entrada de Setembro o provessem de pressa com o mais dinheiro que pudessem, porque determinava de fazer Armadas, e prover Ceilão, Malaca, e as Fortalezas de Maluco, e Amboino. E como passáram alguns dias, foi visitar os Tribunaes da Relação, e Contos, e nellas tomou informação do estado das cousas, de que elle não vinha bisonho, senão mui práctico, e resolutio em todos os negocios, de que começou a dar aos Officiaes grande satisfação de sua sufficiencia. E assim visitou os armazens das munições, casa da polvora, e as ribeiras das Armadas, e Galés, e em todas tomou informação do modo de como estavam, e deo ordem a se prepararem todos os navios grandes, e pequenos, porque determinava de mandar Armadas pera todas as partes, a que fossem necessarias, e com isso foi dando ex-
pe-

pèdiente ás partes, entrando neste negocio com grande severidade, e authoridade quanta requeria o lugar de Viso-Rey, que de Vassallo he o maior que ha na Christandade, pelo achar hum pouco devasso, coufa que dá muitas vezes ousadia a se atreverem os homens, e desmandarem; e por lhe não dar esse atrevimento, nunca ouvio partes senão só, e apartado; porque como estava informado da soltura dos soldados da India, queria que se algum se destemperasse, fosse só com elle, por lhe não ficar lugar de os castigar: pelo que tomou este termo pera os ouvir, e soffrer, o que se lhe notou a prudencia; porque tambem os soldados andam tão desfavorecidos, e soffrem tantas necessidades, que se lhes não pôde pôr culpa a alguma hora se destemperarem.

Alguns quizeram estranhar ao Conde Almirante aquella sua severidade, e authoridade, e usar nas Igrejas de cortina como Principe, dizendo que não era trajo de Capitão-geral da milicia; porque o seu proprio lugar era mostrar-se sempre em público, e muito facil, e familiar aos homens, o que lhe a elle não faltava, porque o não vimos nunca descompôr em palavras com os soldados, como outros fizeram. Em fim deixemos estas cousas, e passemos a outras.

O Conde Almirante, como hiamos dizendo, foi dando pressa ás Armadas, e grande expediente aos negocios, e provendo cargos que vagáráo, que eram muitos, e miudos, que são datas dos Viso-Reys que succedem, ainda que ha alguns destes officios, que posto que a data delles seja sua, por justiça, e razão não se podem dar senão a homens de serviços, e merccimentos, que ha muitos na India, com quem ElRey quer que se repartam estes cargos, que de ordinario dam a seus criados, ou por sua intercessão a outras pessoas a quem os vendem.

E porque aqui aconteece isto, não deixarei de o contar por mostrar a pureza com que este Viso-Rey entrou: e o caso succedeo desta maneira. Indo eu humas vezes visitar o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, achéi-o com hum, ou dous Officiaes dos Contos, e finco, ou seus homens da terra, a que elle tomava algumas Provisões destes cargos que o Conde tinha provido, e lhe tornava certa quantia de dinheiro de hums caixões que alli estavam. Então me contou o Arcebispo que aquelles cargos dera o Viso-Rey áquelles por intercessão de seus criados, e que depois foubra que lhe deram por cada hum certa quantia de dinheiro, que lhe mandára tornar; e

naquelle caixaão em que o via, o tinha mandado ao Arcebispo com o rol dos homens a quem se dera, pera que lhes tomassem as Provisões, e lhes tornassem seu dinheiro, porque quiz castigar a todos, a huns em lhes tomar o dinheiro, porque vendêram os cargos, e aos outros em lhos mandar tornar, e romper as Provisões: e lembra-me que ao tornar o dinheiro a hum, se pôz a chorar. Ao que me disse o Arcebispo, que nunca víra chorar ninguém por lhe darem dinheiro, senão aquelle homem. Fez o Conde Almirante esta diligencia, porque começou a haver murmurações, e não quiz que seus criados cuidassem que haviam de enriquecer por aquelle modo, nem que parente, ou homem de sua obrigação o havia de governar; e foi neste particular tão inteiro, que em quanto governou o Estado da India, não teve válido; e o criado que se fingio sello, não fez nenhuma cousa por elle; porque o contrario disto não serve de mais que de affrontar aos Viso-Reys; porque como elles correm por estes termos, sempre ficam culpados, ou ao menos dão occasião de se murmurar delles, como fizeram de alguns Viso-Reys, que claramente fizeram por estas mãos seus negocios, e engrossáram bem, não deixando de commetter algumas injustiças

em coufas de muita importancia , que eu direi em seu lugar , quando me couber.

E porque o Conde Almirante achou os armazens faltos de artilheria , negociou muito cobre que comprou , de que mandou fazer com muita pressa algumas fundições , em que se fizeram oito peças grossas , e trinta falcões , e berços , e quatrocentos pelouros de cadeia , que logo foram bem necessarios , como se verá pelas certidões que os Officiaes dos armazens disto passáram. E porque os moradores de Goa fizeram grandes queixas do Viso-Rey Mathias de Albuquerque , que passára huma Provisão , pera que toda a pessoa que quizesse mandar trazer cobre da China por sua conta , o pudesse fazer : com declaração que todo viria a Goa , onde pagariam os direitos em cobre pera se fazer artilheria : e o mesmo fariam de todas as mais fazendas , que despachassem na Fortaleza de Malaca ; e que depois dos direitos pagos em cobre , todo o mais poderiam levar , pera suas casas ; e que tendo ElRey necessidade de mais algum , lho comprariam pelo preço da terra : e esta Provisão senão guardára , antes todo o cobre que trouxeram por virtude della se mettêra na Alfandega ; e que pera pagarem os direitos se avaliára a trinta e cinco xerafins o quintal , e a trin-

ta e oito o melhor ; e que por fima d'isto dera o Viso-Rey Mathias de Alboquerque ordem que se tomasse o cobre pera ElRey a trinta e dous Xerafins ; no que foram muito avexados , e enganados , que pediam a elle Conde Almirante lhe mandasse cumprir a dita Provisão , pois á conta della trouxeram suas fazendas em cobre , e que mandasse que na Alfandega se tivesse igualdade nos direitos , e no preço do cobre que se tomasse pera ElRey. O que visto pelo Conde Almirante , ajuntou Theologos , Desembargadores , e Officiaes da fazenda a conselho , e entre todos se assentou , que lhe não podiam fazer tamanha injustiça , que se puzesse dalli em diante o cobre pera se pagar , a trinta e cinco , e que por esse mesmo preço se tomasse pera ElRey o que se houvesse mister , e que se lhe pagasse logo , porque os vassallos não se podiam enganar com a fé de ElRey , que são suas Provisões , pois á conta dellas empregaram seu cabedal em cobre , no que tambem faziam serviço a ElRey em o trazerem da China , e lho darem pelo preço por que o despacharam.

E certo que se póde pedir conta aos Viso-Reys de tamanha injustiça contra os homens , e tão grande deserviço contra o Rey , em não guardarem estas Provisões ,

antes á conta dellas tomarem as fazendas aos vassallos. O que foi causa de não quererem mais trazer cobre , e faltar muitas vezes em Goa assim pera a artilheria , como pera a moeda de Bazarucos com que os póvos se meneão. E com isto se deo occasião aos Mouros do Balagate aos fazerem de menos pezo , e os metterem nesta Cidade, com o que ganhão hum poço de ouro , sem a isto se ter resguardo , porque sempre esta moeda lhes falta por ser de menos pezo. A isto atalhou o Conde Almirante com ordenar , que pelo preço certo que poz nos direitos que o cobre havia de pagar na Alfandega , fosse o mesmo por que se tomasse pera ElRey , e se pagasse logo a seus donos , como se fez em todo o tempo que o Conde governou. Disto resultou haver sempre em todo elle tanto cobre em Goa , que ganhou ElRey , no que bateo na casa dos Bazarucos , sessenta mil Xerafins , a fóra o que se fundio em muita quantidade de peças de artilheria que fez , e outras cousas necessarias ao serviço de ElRey , como me constou das certidões que vi , assim dos armazens , como de outros Officiaes das outras casas , por que estas cousas correm.

E tornando ao damno que a falta desta moeda fazia em Goa , que foi occasião dos

Mou-

Mouros do Balagate metterem nesta Cidade muito grande somma de bazarucos de menos pezo, com que se enriqueciam a si, e nos empobreciam a nós, o ficáram, também fazendo nos Xerafins de prata que o Viso-Rey D.Luiz da Taíde mandou fazer, que sendo elles dantes de prata liquida, e pura, por accrescentar a fazenda Real, ordenou que se accrescentasse em cada hum hum larin de liga. Daqui tomáram os Mouros occasião pera baterem no Balagate os mesmos Xerafins já com mais liga, e falsificados, e os metterem nesta Cidade; pelo que ella ficou cheia de moeda falsa, e alevantou-se tanto o preço ás cousas, que he hum roubo manifesto; porque os Moedeiros, que servem na Casa da Moeda de Goa, são Gentios, e os mesmos que fazem as chapas pera as moedas, são os que também as fazem pera os Mouros nos roubarem. Sobre isto provêram os Reys muitas vezes, como grandes Christãos, e muito Catholicos, com defendêrem que se não batão mais estes Xerafins, a que com muita razão podemos chamar falsos, sem isto ter remedio, nem llicquerem cumprir suas Provisões, e Mandados; e vam depois estes pera o Reyno tão descansados com tomarem a fazenda alheia, como se não fizeram cousa alguma; e eu re-

ceio

ceio que os que isto fizeram , o tenham bem pago na outra vida , pois nesta não foram castigados , porque tudo os homens podem , e devem fazer , e arriscar por seu Rey , filhos , fazenda , e vida ; mas a alma não , porque nem os Reys o querem , nem he bem que o queiram.

CAPITULO IV.

De como hum Capitão do Grão Mogor , chamado Manacinga Gentio , foi contra os Patanes , e os desbaratou , e ganhou o Reyno de Orixá , e Bengala : e da descripção da jornada que fez.

PAreceo-me bem seguir a ordem , que sempre guardei nas minhas Decadas , que he contar as cousas alheias no tempo do inverno , em que as nossas estão paradas ; pelo que darei aqui conta de algumas conquistas que fizeram os Capitães do grão Mogor. Na Corte deste Rey andava hum Raja , ou Regulo casta Rebusto Gentio seu vassallo , e grande Capitão , e muito zeloso da sua Religião. Succedeo este verão passado o Rey de Orixá chamado Cutulu mandar dar no Pagode de Lagarnate , que he em Bengala , e levarem delle grandes
the

thesouros, e matarem dentro nelle muitas vacas, que he a mór affronta, e irreverencia que se póde fazer a seus Idolos. Era este Cutulu Rey de Orixá Mouro, e vassallo do Rey dos Mogores, que havia alguns annos que estava rebellado, sem lhe pagar as pareas que tinha por obrigação. Chegadas as novas do roubo deste Pagode á Corte de Laor, este Capitão Gentio, que digo, chamado Manacinga, desejou logo de tomar vingança, e satisfação daquella affronta feita á sua Religião: tomou por occasião o alevantamento do Rey de Orixá, pera pedir ao Grão Mogor licença pera o ir castigar, e reduzir á sua obediencia, que lhe elle deo; e com elle se partio de Laor com dez, ou doze mil cavallos pera ajuntar pelos mais Reynos do Mogor, por onde havia de passar todos os mais que lhe fossem necessarios.

E porque não he pequena curiosidade pera os curiosos da Geografia dar relação desta jornada em modo de Itinerario, como a elle fez, o farei aqui. Partio este Capitão de Laor Corte do Grão Mogor, e foi caminhando ao Sueste algumas sinco, ou seis jornadas, passando por villas, e lugares, huns grandes, e outros pequenos até chegar a hum fermoso rio chamado Seriundo, que quer dizer Cabeça da India,

dia, porque alli começa a India Meridional, ou menor, porque toda aquella parte dalli pera o Norte se chama India maior até os montes Imaos, onde começa a Scitica Asiatica, ou Tartaria. Passado o rio á outra parte, foi á Cidade de Summopat, e á de Panipat, e logo á grande Cidade Deli muito fermosa, e fresca, onde está a sepultura de Hamaum Paxa pai de El-Rey Hecbar, que he hum das fermosas cousas do Mundo, como nas outras minhas Decadas tenho dito. Até aqui gastou este Capitão trinta jornadas. Ao longo dos muros desta Cidade passa hum muito fermoso, e fresco rio chamado Iamana, que se vai misturar com o Gange: passado o rio á outra banda, foi caminhando ao Levante por distancia de cento e vinte coces seus, que são trinta leguas, a razão de quatro coces por legua pela conta dos Mouros até chegar a hum villa chamada Calu, que he o extremo do Reyno Deli, e do Patane. Daqui foi a hum Cidade pequena, a que perdi o nome, e dalli a outra chamada Har, por junto della passa hum fermoso braco do rio Gange, que vai descendo a baixo, e atravessando o Reyno de Orixá. Daqui foi á Cidade Sambal, dõde voltou a Susudoeste á Cidade de Lacanor pequena, á differença de outra

gran-

grande adiante, que são Cidades do Reyno Patane, e entre estas ambas ha humas asperissimas ferranias, que vam tirando ao Norte chamadas Porsonai, riquissimas de minas de ouro, e prata: dalli foram caminhando ao Sul; e passando por estas Cidades, Gazepur, Chousa, Agepur, Xirpur, por junto desta passa o rio Gandec, adiante Mugel, Bagelpur, Gori, Galor, Cidades já de Bengala: do Reyno dos Patanes, Satagão, Tande, e Orixá Cidade cabeça deste Reyno, que elle hia conquistar; e chegando ao Mandarou, extremo do Reyno Orixá, defronte de hum Fortaleza, que se chama Raipur, que era dos Patanes, em que estava por Capitão Alemacaum irmão de Gorea Badul, Capitão muito affamado do Rey de Orixá, por quem o seu Rey dizia, que era o seu braço direito, assentou o seu arraial pera dalli fazer suas entradas.

Tanto que o Alemacaum soube delles, ajuntou sinco mil cavallos, e foi no mesmo dia bem tarde assentar seu campo á vista do outro, e mandou dizer ao Manacinga que lhe não hia dar a obediencia por ser já tarde, mas que ao outro dia o faria logo. Tudo isto foi manha pera o assegurar, como fez, porque se não recceirão de tão pouca gente, e mais com a segu-

gurança que mostravam de ir dar obediência, com o que os de Manacinga tiráram as sellas aos cavallos, e repousáram do trabalho do caminho, porque de algumas pessoas que elle mandou ao arraial dos Patanes soube que estavam elles tambem descansados, e com os cavallos descellados, que foi o que os fez segurar; e tanto que entrou o quarto da modorra, estando os de Manacinga na força do mór somno, e repouso, fellárão os Patanes, e com muito grande silencio deram nelles com tanta presteza, que primeiro que soubessem o que era, lhe matáram dous mil homens, em que entrava hum filho do proprio Manacinga. Com este feito se recolhêram os Patanes, o que não foi tanto a seu salvo, que não tivessem alguma perda, porque tambem foram escalavrados. O Manacinga sentio tanto seu descuido, como a perda do filho, e de sua gente; pelo que a mesma noite se fortaleceo no proprio lugar, em que estava com hum muro arrezoadado, e suas cavas, e despedio recado a todos os Capitães que o Grão Mogor tinha por aquelles Reynos com guarnições, pera que lhe acudissem com as gentes, e mantimentos que pudessem. Era este Manacinga na Corte do Grão Mogor tão grande pessoa, e de tanta authoridade, e respeito, que

Danielgi filho terceiro do Grão Mogor casou com sua filha.

Tendo o Rey de Orixá aviso do socorro, que o Manacinga mandou pedir aos Capitães, que o Grão Mogor tinha postos nos presidios dos seus Reynos, comarcões áquelles que o Manacinga hia conquistar, receando-se que vindo aquelle poder, não pudessem resistir-lhe, tomou por remédio mandar-lhe commetter pazes com tantas vantagens, que as acceitou o Manacinga, receoso que lhe faltassem os Capitães, que mandára chamar; e assim se concluíram, com condição que o Rey de Orixá daria cada anno cem elefantes (por haver muitos naquelle Reyno) e vinte mil tangas de pareas, que são dez mil cruzados de reales; e logo contribuiu com as deste primeiro anno, com o que o Manacinga se tornou pera Tenda, e o Rey de Orixá pera a Cidade de Ialafor, que he Cabeça do Reyno.

Os Capitães do Mogor, a que o Manacinga mandou pedir socorro, fizeram pouco caso de seu recado, e não acudiram com cousa alguma; o que visto por elle, despedio recado ao Grão Mogor, dando-lhe conta de tudo o que lhe tinha succedido na jornada, e mandou-lhe tambem o dinheiro, e os cem elefantes que arrecadou

das

das pareas, e escreveo-lhe que deixára de conquistar todo aquelle Reyno por falta de gente, e que os seus Capitães o não quizeram soccorrer, pedindo-lhe formões, ou Provisões pera todos os Capitães, que houvesse em seus Reynos, e Provincias, lhe obedecessem, e lhe acudissem com as gentes de suas obrigações, e que elle se obrigava a conquistar, e sujeitar todos os Reynos de Bengala, e Patane.

O Grão Mogor estimou muito os elefantes, e mandou ao Manacinga tudo o que lhe mandou pedir com grandes penas aquelles que lhe não obedecessem. Estes enviados passaram pelo Reyno do Agará, aonde as Provisões se publicarão: com o que logo se abalou Cedecão Governador do Reyno, e seu irmão Lusufcan com quinze mil cavallos que se apresentarão ao Manacinga; e com a gente que tinha, fez trinta e cinco mil homens de cavallo, e quasi oitenta mil de pé, de que elles fazem bem pouca conta; e com todos estes se poz em campo, e muitos elefantes castellados, e trezentas carretas de artilheria de campo, e grande somma de munições, e quantidade de mantimentos, com que foi marchando contra os Patanes que o desbaratarão; e quando hia por suas terras, era o Cutulu Rey de Orixá já morto, e os

Pa-

Patanes tinham alevantado pór Rey hum
 feu filho menino, que estava debaixo de
 tutoria de dous Capitães chamados Go-
 rabadul, e Cogeaifa.

Vendo os Patanes o grande poder com
 que o Manacinga vinha, e que estavam
 odiados, e aborrecidos da gente da ter-
 ra, que era Gentia, e elles Mouros
 desordenados, e tyrannos, havendo que
 não poderiam escapar suas mulheres, e fi-
 lhos das mãos de seus inimigos, determi-
 naram-se a fazer outro feito semelhante ao
 dos antigos Numantinos, que foi ajunta-
 rem-se seis mil de cavallo, e pôem na Ci-
 dade de Ialafor suas mulheres, filhos, e fa-
 zendas, e dentro em huma sua mesquita
 fizeram juramento solemne a Mafamede de
 darem nos inimigos, e os desbaratarem,
 ou morrerem todos na demanda; e que
 não os podendo vencer, os que esca-
 passsem da batalha fossem a Ialafor, e ma-
 tassem todas as mulheres, e filhos, e
 queimasssem as fazendas, por não ir algu-
 ma daquellas cousas a mãos de seus inimi-
 gos. Estes juramentados, que eram seis
 mil, se repartirão por quatro Capitães fa-
 mosos, entre elles chamados Gogerifa,
 Meriu, Gorabadul, e do outro não foubes
 o nome; e como homens offerceidos á
 morte (a que na India chamão amoucos)

remettêrão huma madrugada com o exercito do inimigo, e entráráo por elle fazendo grande estrago; mas no mór furor da batalha fugiráo dous dos Capitães, e os outros douts ficáram pelejando até morrerem. Alguns Capitães do Manacinga, quando víram apartar da batalha os dous Patanes, foram-os seguindo, e matando nelles á sua vontade, e assim os apertáráo, que não pudéram tomar a Cidade Ialator pera fazerem em suas mulheres, filhos, e fazendas a execução que tinham assentado, e foram-se desviando por outros caminhos. O Manacinga, depois que matou os que o esperáráo, foi tambem apôs os que lhe fugíram, e chegou á Cidade Ialator, aonde entrou victorioso; e as gentes de sua companhia usáram nesta entrada de sua má natureza com as pobres mulheres, que se lhe não puderam defender. Alli acudíram todos os póvos das Cidades dos Patanes a se lançar aos pés do vencedor, e a pedir-lhe misericordia; e a de que usou com elles foi torna-lhes todos os seus thesouros, e os melhores elefantes, e cavallos que tinham, e lhes deixou alguns sindeiros; em fim elle os despojou de tudo o que lhe pareceo, porque outra vez não tentassem maldade; e ainda passou tanto adiante, que os desterrou, e traspassou pera os Rey-
nos]

nos do certão do Grão Mogor, onde elle os mandou repartir, e dar comedias, e terras em que vivessem.

CAPITULO V.

De como o Manacinga se apoderou dos Reynos de Patane, e Orixá: e dos principaes braços com que o rio Gange se espalhou por todos aquelles Reynos: e das Gangas que nelle ha.

TOmada pelo Manacinga esta tão grande satisfação dos miseros Patanes pela rebellião que fizeram contra o Grão Mogor, cujos vassallos eram, passou o Manacinga adiante pelos Reynos de Bengala dentro até chegar ao pagode de Lagarnate, que he junto do mar, além da Fortaleza de Catella principal daquelle Reyno, e neste pagode entrou, e o desapossou de todas suas riquezas, que eram muitas: e com elle fer Gentio, não bastou pera ter respeito a seus idolos, e deixar de os roubar, e esbulhar dos thesouros que o pagode tinha. Estes são os effeitos da cubiça, que faz com que se não tenha respeito ao mesmo Deos, e o desconheção os que se deixam entrar della: e mais he isto de estranhar em grandes, e valerosos; pois sendo taes, não sa-

bem ir-se á mão, nem resistir a hum mal que tanto os acanha, e abate; o que nos pequenos, e humildes he pelo contrario, porque pouco basta pera os satisfazer, e contentar. E tornando ao fio de nossa historia,

Despojado o pagode, passou-se Manacinga á Fortaleza de Barepur, que está entre humas serras fragosas, aonde estava Raja Ramacanda filho do Rey de Orixá com tenção de a conquistar, e o haver ás mãos, e assentou pera isso sobre ella seu campo. O Ramacanda vendo tão grande poder, arreceou-o, e mandou-se offerecer ao Manacinga por vassallo do Grão Mogor com as obrigações, e parcas que fossem honestas, e justas; e pera concluir isto, trataram de se verem. Sobre o que houve grandes dilacões no modo de como se haviam de ver, e tratar; porque o Ramacanda era filho de ElRey, e tão opiniatico, que nem naquelle Estado queria perder nada de sua opinião, nem do que cuidava lhe era devido por quem era; e depois de muitos recados, vieram a assentar que se tratassem nas vistas com igualdade, sem haver differença em cousa alguma, e que as vistas fossem no pagode de Lagarnate, onde o Manacinga iria jurar primeiro diante dos seus Bramanes de guardar inteiramente o que tinham assentado

do nas vistas , e o de Ramacanda não receber agravo , nem escandalo algum em sua pessoa , Estado , nem em vassallos , o que o Manacinga fez. E bem pudéra quebrar aquelle juramento , quem havia tão pouco tinha despojados os mesmos idolos (diante de quem fazia o voto) de suas riquezas , e despídos seus altares , e levando os ricos vasos de ouro , e pedraria com que aquelles cegos gentios serviam aquellas estatuas feissimas de pedras , e paos , em que punham suas deidades , e a quem davam as honras , e faziam adoração , que só a Deos se devia.

Recolhido o Manacinga de fazer aquelle juramento pera o seu arraial , tanto que o Ramacanda o soube , sem aguardar mais recado , nem pontos de quem seria o primeiro , sahio de sua Fortaleza com grande acompanhamento , e muito fausto , e entrou pela tenda de Manacinga , que sahio muito de pressa fóra ao receber , e se abraçaram igualmente , e assentáram-se em ricas alcátfas , e almofadas de bocado , e alli praticáram sobre suas cousas ; e depois de as assentarem com satisfação de ambos , se despediram , e Manacinga o foi acompanhando muito espaço , e ao voltar o convidou o Ramacanda pera ir jantar com elle á sua Fortaleza hum dia de huma festa ,

que vinha perto : o que elle acceitou , e levou esse dia comsigo quatrocentos homens todos Gentios , parentes , e amigos ; e depois do banquete , que foi muito esplendido , deo o Ramacanda ao seu hospede seis mil tangas em dinheiro , que são tres mil cruzados , pera o gasto de sua cozinha os dias que alli estivesse , e dous formosísimos elefantes de guerra , e outras peças. O Manacinga por não ficar acanhado , perguntou depois quanto montavam as rendas das terras que os Patanes lhe tinham dado ; e sabendo-o , lhe passou hum fórmão em nome do Grão Mogor de mais sincoenta mil cruzados de renda cada anno nas mesmas terras. Com isto se despediram com mostras de grande amizade ; e o Manacinga repartio as Cidades , e villas do Reyno de Orixá com seus filhos , que me affirmaram serem perto de quarenta ; e elle se foi aposentar na Cidade de Agepur Patana , onde esteve muito tempo ; e ainda hoje , que escrevemos isto , he vivo este Gentio , e tem de sua obrigação mais de trinta mil de cavallo , porque tem muitas , e ricas terras ; e he tão grande Capitão , e tem tanta posse , que se suspeita que o Grão Mogor se arrecea delle em seu peito.

Em quanto deixamos aqui o Manacinga,

ga, pareceo-nos bem pera recreação dos curiosos dar relação destas Gangas de Bengala (que na nossa linguagem são rios) porque são muitas, e mui diversas; e assim nomearemos as que ha do porto de Goli de Orixá até Batecala.

A Ganga de Goli, que vem do Bouro, não se lhe sabe nascimento; he no verão em algumas partes de pouca agua, vai sahír á Ilha dos Gallos, que he a principal de todas, e o verdadeiro rio Ganges, a quem os Gentios tem tanta veneração, que se vam lavar a elle, e tem pera si que ficam puros, e limpos de suas culpas, e peccados.

A Ganga de Sagor he muito prospera, e reparte-se em muitos braços, de maneira que quasi toda se passa a váo; mas em baixo na barra tem fundo bastante pera entrarem náos.

A Ganga Retora, que vem ao Gate do Tigolo da outra banda, vem o braço ao lugar de Trigor, reparte-se em muitos ramos, e todos em baixo capazes de náos.

A Ganga chamada dos treze bancos, que vai sahír ao mar largo com huma grande boca.

A Ganga Vidadore tambem he grande, e não se lhe sabe nascimento, e sahe ao mar com outra muito grande boca.

A Ganga Rey Mogor tão prospera de aguas por todos os braços , em que se reparte , que do Chandecam , que he dalli a muitas leguas , vem náos por dentro até o Bandal de Orixá.

A Ganga Zabona não he muito grande , mas tem muito fundo.

A Ganga Balança.

A Ganga Muruzate , que tem grande barra , que chamam de Boracalor.

A Ganga Rangafona , que quer dizer ouro , e vermelho , e não me souberam dizer porque se chama assim.

A Ganga de Bixela chamada assim por humas embarcações deste nome , que por ella navegam.

A Ganga Ariganata , que quer dizer Veado , por haver derredor della infinitos.

A Ganga Sape , Raja , he cousa formosissima ; e por ser esta , lhe chamam Raja , que tanto quer dizer , como Rey das Gangas. Sape quer dizer cobra , ou por haver nella muitas , ou por ir ter ao mar em muitas voltas com tres bocas.

A Ganga Noldil , que vem do lugar de Bufna , que he nos confins do Reyno Batecala ; e desta Ganga até Batecala ha hum grande numero de Ilhas , que seus braços vam fazendo , e parece tudo hum mar ; e com as aguas vivas areão-se hu-
mas,

mas, e abrem-se outras. Em todas estas Gangas andam infinitas sortes de embarcações, e algumas tamanhas como náos, que todas me mandáram de lá pintadas em dous paineis, que são muitas, e muito pera ver a diversidade de seus feitios; estas são as Gangas principaes, e que vam sahir ao mar com barras capazes de náos grandes; porque já por algumas dellas entráram algumas náos de Portugal que cá ficáram, que foram alli carregar de arroz, aonde hum candil, que pela nossa medida são vinte alqueires, val trezentos reis.

CAPITULO VI.

Do que succedeo na conquista da Ilha Ceilão este verão: e das grandes vitorias que os nossos alcançáram do tyranno D. João, que se intitulava Rey de Candea: e da morte de ElRey da Cota D. João Perea Pandar: e de como deixou nomeado por herdeiro do seu Reyno a ElRey de Portugal, que logo foi jurado por esse.

NA onzena Decada, no tempo de Mathias de Albuquerque, temos continuado com as guerras de Ceilão pelo discurso dos annos; e porque os successos fo-

foram muitos , e miudós , não escrevemos senão os de mais substancia , porque a historia não soffre tanto. Deixámos o anno passado as cousas daquella Ilha nas grandes vitorias que D. Jeronymo de Azevedo , Capitão Geral daquella conquista , alcançou do tyranno D. João , intitulado Rey de Candea , nos limites daquelle Reyno , e do Dinavaca. Agora continuaremos com as deste verão , em que as cousas ficáram no Forte de Corvite , que D. Jeronymo de Azevedo mandou fazer seis leguas de Ceitavaca no fim de Fevereiro passado , em que ficou por Capitão Salvador Pereira da Silva com cem homens , e as provisões de munições , e mantimentos que lhe parecêram necessarios. Feito este Forte , despedio o Geral a soldadesca Portugueza , e da terra ; pera irem descansar , pera depois com novo alento , e forças tornarem a proseguir naquella guerra. Disto foi logo o tyranno D. João avisado , e communicando com os mais alevantados , que o seguiam sobre a satisfação que tomariam dos nossos de quantos damnos lhe tinham feito ; porque se se descuidassem , estava certo pôrem-lhe hum pezado jugo a toda aquella Ilha ; e assentou que o Rey de Vuá se ajuntasse com os Principes de Dinavaca , o que elles logo fizeram com quasi quatro mil

mil homens , muita espingardaria , e elefantes de peleja , e foram assentar seu campo quatro leguas do nosso Forte de Corvite , com tenção de o assaltarem , por estar com pouca guarnição ; e dalli mandáram dous mil homens da sua vanguarda , pera que se fossem pôr duas leguas daquelle Forte sem bolirem comfigo ; porque pertendiam primeiro fazer rebelar toda aquella Comarca , que estava á nossa obediencia , pera assim lhes ficar mais facil a conquista , e entrada daquelle Forte. E com isto intentáram tambem divertir o Geral pela fronteria das quatro Corlas , pera não poder soccorrer os de Corvite ; e pera aquella parte se abalou o tyranno D. João com todo o mais poder ; porque occupados os nossos por tantas partes , pudessem elles effectuar seus intentos. De tudo isto foi logo o Capitão Geral avisado por espias , que trazia perto do tyranno.

Pelo que com muita pressa mandou ajuntar toda a gente de guerra branca , e preta , com que se poz em campo ; e sabendo que o tyranno despedira huma copia de gente pera ir a saltar a nossa tranqueira de Ruanella , e inquietar os vassallos daquelle parte , despedio Antonio da Costa por Capitão Mór da parte da gente da terra , com ordem , que sendo-lhe necessario
mais

mais gente, a tirasse dos presidios de Ceitavaca, e outros que boamente pudesse desfinembrar delles com segurança sua. Com esta gente foi dando volta pelas quatro Corlas, com que os inimigos que o tyranno tinha mandado pera aquella parte se retiráram logo; e vindo recado ao Geral que os inimigos se hiam vizinhando ao Forte de Corvite, despedio a mór parte do arraial, pera que o fosse soccorrer, deixando só hum Modeliar com quinhentos lascarins pera guarda das fronteiras das sete Corlas; e mandou ordem a Salvador Pereira, que estava no Forte de Corvite, que sem se deter sahisse d'elle, e fosse assaltar o arraial do inimigo com o mór resguardo, e segredo que pudesse; o que elle logo fez em lhe chegando a gente, e de noite foi por caminhos excusos, por matos, e brenhas até chegar á parte, onde estava a vanguarda dos inimigos, bem descuidados todos de tal sobressalto. E primeiro foram desbaratados, e mortos a mór parte delles, que soubessem o que era; e postos os que escapáram em fugida, lhes seguio Salvador Pereira o alcance com tanta pressa, que quasi de envolta com elles chegáram á retaguarda, em que deram com tanto impeto, e furia, que logo lhes entráram o arraial dentro, aonde os des-

ba-

barataram com morte de muitos , em que entraram os principaes Modeliares , e dous formosos elefantes tomados com muitas armas , bandeiras , e outros despojos ; e affirma-se morrerem dos inimigos nestes assaltos mais de mil , e muitos que ficaram cativos , salvando-se os principaes de Maturé , e Dinavaca com a escuridão da noite. Foi esta vitoria tão famosa , e poz tanto espanto nos Chingalás , que ficaram pondo a Salvador Pereira o sobrenome de Corvite Capitão : dos nossos Lascarins morreram alguns , e hum Modeliar mancebo chamado D. Francisquinho , que pelejou muito bem. Ao outro dia mandou Salvador Pereira pôr por terra todos os Fortes dos inimigos , e recolheo-se a Corvite , ficando esta vitoria (como já dissemos) entre os Chingalás com grande nome , e fama.

Vendo D. Jeronymo de Azevedo quão quebrantados os inimigos ficavam , mandou fazer huma tranqueira da outra parte do rio Sofragão no lugar chamado Batu-gedrá , por ser mais accomodado pera assaltar , e quebrantar o inimigo , com o que elle se vio tão abatido , e desesperado de seus pensamentos , que logo se recolheo a Candea , e o Forte se desfez. O que os nossos fizeram , estava vinte leguas de Columbo pela terra dentro em meio de todas

as dos inimigos , com elles ficáram muito opprimidos. Succedeo isto este inverno em que andamos noventa e sete.

No mesmo tempo aos vinte e sete, ou vinte oito do mez de Maio do mesmo anno faleceo ElRey D. João Perea Pandar , Senhor de toda a Ilha de Ceilão , a quem se fez o mais honrado enterramento que a terra podia dar de si ; e logo o Capitão Geral D. Jeronymo de Azevedo mandou chamar a Columbo todos os Fidalgos da casa daquelle Rey , Modeliares , e pessoas principaes , e aos vinte e nove de Maio se ajuntáram todos ; estando presente Thomé de Sousa de Arronches , Capitão daquella Fortaleza , Vereadores , Officiaes da Camara , Ouvidor , e Prelados de S. Francisco ; e sendo todos presentes , lhes mandou dizer pelo Ouvidor João Homem da Costa , que bem sabiam todos como ElRey D. João Perea Pandar , Senhor de toda aquella Ilha , deixára em seu testamento nomeado por herdeiro de todos os seus Reynos a ElRey de Portugal , por não lhe ficar outro algum que de direito lhe houvesse de succeder naquella coroa ; e que por quanto alli estavam todos , assim nobres , como o povo , Fidalgos , e Modeliares principaes , que elegeessem entre si as pessoas que quizessem pera em nome de todos jurarem ao dito Se-

Senhor por Rey, por não poder ser fazerem todos o dito juramento. E logo por elles foram nomeadas as pessoas seguintes: D. Antão, D. Constantino, D. Jorge, D. João, D. Pedro Homem Pereira; Fidalgos da casa do Rey morto, Belchior Botelho Modeliar, Domingos da Costa Arache, e Thomé Rodrigues Patangatim, que todos, e cada hum por si postos de joelhos ao redor de huma meza com as mãos postas sobre hum Missal fizeram o juramento seguinte.

» Nós D. Antão, D. Constantino, D. Jorge, D. João, D. Pedro Homem Pereira, Belchior Botelho, Domingos da Costa, e Thomé Rodrigues juramos a estes Santos Evangelhos, em que pomos nossas mãos, por nós, e em nome de todo este povo de reconhecermos a El Rey de Portugal, que assim neste presente acto alevantamos, e juramos por nosso Rey, e Senhor, por quanto D. João Perea Pandar, que Deos tem no Ceo, nosso Rey natural, o deixára por seu universal herdeiro, por não ter outro que de direito haja, e possa herdar sua Coroa, e Reynos. Pelo que juramos outra vez aos Santos Evangelhos, em que temos nossas mãos, e promettemos de lhe guardar fé, e lealdade, e de lhe obedecer, e dar vassallagem assim a elle, como a seus suc-

» successores que ao diante lhe succederem,
 » ou a seus Viso-Reys, Governadores, ou
 » Capitães, que em seu lugar assistirem
 » nestes Reynos de Ceilão, como até aqui
 » fizemos a ElRey D. João Perea Pandar,
 » que Deos tem em gloria, nosso Rey na-
 » tural que foi: e assim promettemos de o
 » guardar, e cumprir, como em outra qual-
 » quer parte de seus Reynos, e Senhorios:
 » o que juramos hoje as cousas assim, as-
 » sim, e da maneira que são declaradas: o
 » que tornamos a jurar outra vez, e outras
 » muitas vèzes aos Santos Evangelhos, e
 » promettemos de inteiramente as guardar
 » assim por nós, como em nome deste povo.»

Acabado este juramento, tomou o Ca-
 pitão Geral em suas mãos a bandeira Real
 das Armas de Portugal, e a entregou a
 D. Antão; e logo o Capitão Geral, e o
 Capitão da Cidade, e todo o mais povo
 foram por todas as ruas principaes com a
 bandeira alevantada; e nos lugares depu-
 tados alevantou o D. Antão a voz, dizendo:
Real, Real, Real pelo muito Poderoso
Senhor ElRey de Portugal; ao que todos
 respondiam: *Real, Real, Real;* e acabada
 esta cerimonia, se fez hum auto deste jura-
 mento por Manoel Correa da Costa, Ta-
 bellião público das notas no livro dellas,
 em que se assignáram todas as pessoas no-
 mear-

meadas; e o traslado do Auto tenho eu na Torre do Tombo, no livro dos Contratos, e Pazes a folhas 143. donde o trasladei aqui; e logo dalli por diante foi ElRey de Portugal obedecido, e conhecido por Rey dos Reynos, que D. João Perca Pandar possuia.

CAPITULO VII.

Das eleições que o Conde Almirante fez de Capitães: e das Armadas que ordenou: e das novas que lhe vieram de Moçambique, de como eram passadas pera a India duas náos Hollandezas: e do que sobre isso fez: e da Armada que veio do Reyno, de que era Capitão mór D. Affonso de Noronha: toca-se a causa das differenças que houve entre o Conde, e Mathias de Alboquerque.

E Ste inverno passou o Conde Almirante em prover em inuitas cousas que lhe parecêram necessarias, assim pera o provimento dos armazens, como das Armadas que havia de mandar pera fóra; e vindo o dia de S. João, festejou-o com carreiras, vestidos todos á Mourisca, como he costume na India, como tambem fez o de Sant-Iago, que ambos estes dias são mui festeja-

jados dos Viso-Reys ; e logo passado este de Sant-Iago, fez as eleições pera as Armadas, D. Luiz da Gama seu Irmão em Capitão mór do mar da India, e costa do Malavar, por ser costume nomear-se neste tempo: esta eleição foi murmurada, como ordinariamente o são todas as cousas que os Viso-Reys fazem ; e então o são mais, quando ha pertencores ás cousas de que se murmura, parecendo aos que o fazem que estivera nelles melhor o que se dá a outrem, isto he muito antigo na India ; senão que ha nisto outro mal, que eu tenho por maior, que he louvarem estes taes aos Viso-Reys na presença as eleições que fazem, e por detrás desapprovarem-nas : e praza a Deos que não aconteça isto aos que nos Conselhos votão nellas, aonde alguns o fazem mais pelas inclinações que sentem nos Viso-Reys, que pelo que lhes parece justiça, e serviço de ElRey : e cuido que sempre será assim ; porque os mais dos do Conselho tem pertencões, huns de despachos pera entrarem em suas Fortalezas, e outros que sahiram dellas pera o livramento de suas residencias. E assim vimos muitos virem dellas com culpas mui exorbitantes, e livrarem-se facillissimamente, e porem-lhes em suas sentenças que mereciam fazerem-lhes mercês, e assim as requerem,

co-

como se lhe devesse ElRey fazer-lhas , e fazem-lhas : e esta he a justiça da India , porque estes alcançam cá o que querem com trocarem os votos , e lá ganham as vontades ; e queira Deos que não sejam alguns com modos que calo: fallo com esta liberdade , porque sou velho , e não particularizo ninguem ; e se por isto me não fizerem mercês , não no terei por novidade , e contentar-me-hei com me lembrar que nunca as tive nem com me calar ; e deixando estas cousas , em que havia bem que dizer , tornemos ao de que tratava , e digo que com pouco fundamento se murmurou da eleição que o Conde fez de D. Luiz da Gama seu irmão , porque era hum Fidalgo , que já tinha andado na India , e servido a ElRey , e estava despachado com a Fortaleza de Ormuz , e ser de trinta annos de idade , e rico , e estes são os homens mais aptos pera o serviço de ElRey.

Nestas cousas , e noutras semelhantes se foi passando o inverno até dezenove de Agosto , em que lhe chegou hum Galeoto de Moçambique , em que vinha Gaspar Palha Capitão da náó Rosairo da companhia de João de Saldanha , Capitão mór da Armada do anno passado de noventa e seis , que indo pera o Reyno (como já disse na onzena Decada) arribou a Moçam-

çambique , aonde se perdeu , e se desfez a náó. Este Capitão trazia cartas de Nuno da Cunha , Capitão daquella Fortaleza , em que lhe fazia a saber , que em Julho passado estiveram duas náos Hollandezas no porto de Titangone , sinco leguas de Moçambique , pouco mais , ou menos , fazendo aguada , e que lhe parecia que hiam na derrota da Sunda. Com estas novas se alvoroçou o Conde , e toda a Cidade por ser cousa nova , e nunca estas gentes terem passado a estas partes ; e logo chamou o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes , e todos os Capitães velhos a conselho , e lhes mostrou a carta , propondo-lhes que se aquellas náos hiam pera onde se dizia , que poderiam fazer muito damno á nossa Fortaleza de Malaca em perturbar os vizinhos contra ella , e damnar o commercio daquellas partes , que era o mais grosso da India , e tomarem as náos da China , e Japão , em que sempre vinham mais de dous milhões de ouro de todos os moradores das Cidades da India : que elle estava muito prestes pera fazer tudo o que se votasse naquelle conselho , porque pera isso tinha muito dinheiro , Galeões , Galés , Fustas , artilheria , e tudo mais que fosse necessario ; e sobre tudo muito animo , zelo , e vontade pera acudir ao que fosse serviço de El-Rey ;

Rey; porque elle não vinha á India a descansar, senão a defendella, e dilatalla, como o fizeram seus antepassados: que lhes pedia lhe dessem seus pareceres por escrito, pera que mais livremente pudessem dizer o que entendessem que cumpria ao serviço de Deos, e d'ElRey, porque com elles lhes havia de dar razão de si. Sobre esta proposição lhe trouxeram ao outro dia todos seus pareceres por escrito, e nelles concordáram os mais em que se mandassem dous Galeões, tres Galés, e dez Fustas com quinhentos homens, que era Armada bastante pera segurar aquellas partes, e buscar as náos Hollandezas, e dar guarda ás da China, e de outras partes.

Com este assento que se tomou se passou o Conde Almirante pera a ribeira grande das Armadas, por não haver então Veador da fazenda; porque Vicencio de Bune, que servíra aquelle cargo por ordem de Mathias de Alboquerque, se tinha ido pera o Reyno o Janeiro passado de noventa e sete, por saber que vinha o Conde Almirante, que não quiz prover aquelle cargo, porque dizia que o queria servir, e assim foi correndo com elle; mas tanto que se mudou pera a ribeira, o encarregou a D. Francisco de Noronha pera o servir, em quanto durasse aquella occasião das Ar-

madras; e a seu irmão D. Luiz da Gama, encommendou os armazens da artilheria, e munições; e a D. Antonio de Lima, que estava despachado com a Capitanía de Ormuz, os armazens dos mantimentos com Provisões pera todos os Officiaes da fazenda lhe obedecerem como a sua pessoa, e pera por seus escritos rasos darem tudo o que fosse necessario pera aquella Armada.

E logo entrou na eleição do Capitão Mór della, que foi Lourenço de Brito, por ser Fidalgo velho, de muita experiencia, e que tinha servido muitos annos na India de Capitão, e Capitão Mór das Armadas, e havia já sido Capitão de Çofala; e pelo tirarem antes de acabar o tempo, o proveo ElRey de outros tres annos, e homem que muitos tinham pera si estar na primeira successão da governança da India. Este Fidalgo começou a correr com o aprestamento de sua Armada; e o Conde Viso-Rey não descansou até a pôr na barra, e pagou aos soldados a tres quarteis, e ajuntou marinheiros pera todas as vasilhas com pagas avantajadas; e tanta pressa se deo a tudo, que logo poz toda a Armada na barra, que eram os dous Galeões que dissemos, hum em que hia o Capitão Mór, e no outro Antonio Pereira Coutinho, filho de Jorge Pereira Coutinho, que foi

Ca-

Capitão de Chaul. As Galés eram duas, de que hia por Capitão de huma D. Luiz de Noronha, filho do Conde de Linhares D. Francisco de Noronha, e irmão de D. Fernando de Noronha Conde de Linhares, que foi Veador da fazenda, que tinha vindo do Reyno o anno de 95. e levava Provisão de Almirante da Armada; e da outra D. Jeronymo de Noronha, filho de D. Antonio de Menezes. A outra Galé pera perfazer o numero das tres, havia de tomar em Malaca, de que o anno passado tinha ido por Capitão Ruy Dias de Aguiar Coutinho. As fustas eram nove, de que foram por Capitães D. Francisco Henriques, que hoje está servindo a Capitanía de Malaca; Estevão Teixeira de Macedo, que hoje he Capitão da Fortaleza de Moçambique; Affonso Telles de Menezes, filho de Francisco da Silva de Menezes; Nicoláo Pereira de Miranda, filho de Henrique Henriques de Miranda, Camareiro Mór que foi do Cardeal D. Henrique, em quanto Cardeal; e depois de Rey foi Estribeiro Mór, Luiz Lopes de Sousa: Jeronymo Botelho, despachado com a Capitanía de Malaca, morreo em companhia do Viso-Rey D. Martim Affonso de Castro; Jorge de Lima Barreto, D. Diogo Lobo, filho de D. Rodrigo Lobo, João de Seixas.

Esta Armada partio da barra de Goa pera Sunda a vinte e quatro de Setembro. Neste tempo chegou á barra a náó N. Senhora de Guadalupe, em que o Conde Almirante tinha vindo, que invernou em Bombaim, que logo se começou a negociar pera Mathias de Albuquerque se ir nella pera o Reyno.

E aos vinte e seis de Setembro chegou a Armada, que tinha partido de Lisboa, de que vinha por Capitão Mór D. Affonso de Noronha, neto do outro D. Affonso de Noronha, irmão do Marquez de Villa Real, que foi Viso-Rey da India, que ao presente está por Capitão em Tangere, que não trouxe mais que tres náos. A Castello, em que elle vinha, e S. João, de que era Capitão Jorge da Silveira, e S. Martinho, em que veio Christovão de Siqueira. Trouxeram estas náos boas novas da saude de ElRey, e do Principe, que o Conde festejou bem.

E porque os soldados que vieram do Reyno começaram de andar desagazalhados, e padecer necessidades, lhes ordenou o Conde Viso-Rey mezas até se embarcarem nas Armadas (que este he hum dos maiores serviços de Deos, e de ElRey que se póde fazer) no que alguns Viso-Reys foram tão descuidados, e não sei se di-

diga deshumanos , que com verem andar os pobres homens despídos, e pedindo esmola , não se compadecêram delles. E assim morrêram muitos ao desamparo com grande escandalo dos Mouros, e Gentios, por cujas portas andavam pedindo esmola. Deixemos esta materia , que he de grande escandalo , e em que não vejo emenda, e tornemos ao Conde Almirante, que despedio logo o cabedal das náos a Chocim pera terem preparada a carga pera tres, em que entrava a em que havia de ir Mathias de Alboquerque , porque a de D. Affonso havia de carregar em Goa, donde havia de partir, e pera ella se mandou fazer pimenta ás Fortalezas do Canará, que he a melhor de todas as que ha na India.

E porque (como algumas vezes tenho dito) não faltam na India mechedores , e espartadores de odios entre os Viso-Reys que acabam, e os que entram de novo, o mesmo aconteceu a estes , que vieram a quebrar ; e a principal occasião das quebras foi escrever ElRey á Camara da Cidade de Goa , que elle tinha mandado ao Conde Almirante que dêsse satisfação pública aos aggravos que Mathias de Alboquerque fizera a Antonio Giralte. E primeiro que o Conde Viso-Rey executasse o que lhe ElRey mandava , teve com elle

sa-

satisfação pelo Padre Fr. Jeronymo do Espirito Santo, Custodio Commissario Geral da Ordem de S. Francisco, e depois pelo Arcebispo D. Fr. Alcixo de Menezes. E ultimamente communicou na Ralação aos Desembargadores a ordem de ElRey, e assentáram que o Licenciado Ruy Machado Barbosa, Ouvidor geral do Civel, fizesse a execução; e porque Mathias de Alboquerque mandou dizer ao Viso-Rey ser-lhe aquelle homem suspeito, sem esperar o recusasse na fôrma da Lei, nomeou o Conde Viso-Rey o Licenciado Diogo Caiado Rijo, a quem deo ordem, que não fizesse execução em nenhuma das cousas que estivessem das portas a dentro de Mathias de Alboquerque, que era o mór respeito que se lhe podia guardar.

Feita esta diligencia, tratou o Conde da Armada, que havia de mandar ao Malavar, em que hia por Capitão Mór D. Luiz da Gama seu irmão; e da do Norte pera quem escolheo pera Capitão Mór Luiz da Silva, irmão do Regedor Diogo da Silva, que estava despachado com a Capitanía de Malaca; e porque faltavam navios de remo, por Lourenço de Brito haver de levar os que se preparavam, quando foi quinze de Setembro, despedio D. Rafael de Noronha por Capitão mór de dez navios pera ir ás

For-

Fortalezas do Norte buscar os novos que lá tinha mandado fazer no inverno ; e os Capitães que o acompanháram , foram : D. Manoel da Silveira , filho natural de D. Martinho da Silveira , Capitão que foi de Dio ; D. Alvaro de Taíde ; filho de D. João de Taíde ; D. Luiz Lobo , D. Francisco de Soto Maior , Antonio Furtado de Mendoça , Ruy de Sousa de Larcão , e Lourenço de Aguiar , e outros a que não achei os nomes. E em quanto estes navios foram buscar os mais , ficou o Conde apercebendo as Galés que seu irmão havia de levar , que eram quatro , e em nomear Capitães , de que sempre fez muito boa eleição , e em despachar hum Galeão pera Ceilão , de que foi por Capitão Ruy da Costa Travaços com soldados , munições , e dinheiro pera aquella conquista. E despachou também Gonfalo de Tavares pera ir entrar na Capitania de Dio , por acabar seu tempo Sebastião de Sousa que nella estava ; e a vinte e quatro de Setembro fez á vèla toda a Armada de Lourenço de Brito , de quem adiante trataremos.

As náos Hollandezas , de que Nuno da Cunha avisou ao Conde , tanto que fizeram aguada em Titangone , deram vèla , e vieram haver vista da costa da India de Goa pera baixo , e foram correndo o Malavar até

até o cabo Comorim , aonde encontráram algumas náos de mercadores , que tinham partido de Goa pera Bengala a carregar de arroz , que tomáram , e escorcháram , levando-lhe muito dinheiro que hia nellas pera a carga : huma dellas me lembra que era de Diogo Catella , casado em Goa , que depois largáram com os mais Portuguezes , e ainda os provêram de algumas cousas , e dalli se fizeram na volta de Malaca , a cuja costa chegáram como adiante se verá.

C A P I T U L O VIII.

Como Gonfalo de Tavares Capitão de Dio mandou Simão de Abreu com dous navios á costa de Cache : e do encontro que teve com oito Paraos de Malavares , onde os nossos foram mortos , e desbaratados : e das mais cousas em que o Conde Almirante proveo.

TAnto que Gonfalo de Tavares tomou posse da Capitanía de Dio , logo em Outubro despedio duas Fustas , muito bem negociadas , de que foi por Capitão mór Simão de Abreu de Mello , pera ir dando guarda a alguns navios de mercadores , que hiam pera a costa de Jaquete por causa dos Sanganes , que por alli andavam a roubar.

Es-

Este Capitão, depois de deixar os mercados em portos seguros, deixou-se andar por aquella paragem ás prezas, e nella encontrou com oito Paraos de Malavares, que hiam esperar as náos que haviã de vir de Ormuz, e os navios do Sinde, que naquelle tempo costumam a vir pera as náos do Reyno carregados de roupas muito finas. Tanto que os Malavares houveram vista dos nossos navios, logo os foram commetter quatro a cada hum, e os investiram dous por cada bordo; e posto que acháram em os nossos mui grande resistencia, entráram-nos todavia, e dentro nos navios tiveram huma muito aspera batalha, que durou muitas horas, em que os Portuguezes fizeram em defensão de suas vidas cousas muito grandes, e mui notaveis cavallarias, principalmente o Simão de Abreu, que era hum valeroso soldado. Mas como o numero era tão desigual, assim da gente, como o dos navios, foram todos os nossos mortos de muitas, e grandes feridas: não se ficáram os Malavares louvando, e gloriando da victoria, porque lhes matáram mais de 150. Mouros, e quasi todos os mais ficáram muito feridos, e maltratados.

Estas novas chegáram logo a Dio, e em poucos dias a Goa, porque esta he a na-

natureza das más , correrem com muita pressa ; e dando-se ao Conde , que as sentio bem , despedio logo D. Alvaro de Menezes por Capitão Mór de sete navios , dos que estavam mais a ponto pera a Armada do Malavar com regimento que dêsse huma volta ao Norte , e trabalhasse muito por haver falla daquelles collarios , e os fosse buscar onde quer que estivessem. E logo dahi a poucos dias despedio o Capitão Mór da costa do Malavar , pera que fosse esperar estes navios aos Ilhéos de Santa Maria , aonde costumam ir demandar , porque estava certo , tendo aviso dos navios de D. Alvaro de Menezes , voltarem logo pera o Malavar , e irem demandar aquella paragem , onde não podiam escapar. Esta Armada se fez á véla em treze de Novembro com as quatro Galés , de que , a fóra o Capitão Mór , eram Capitães D. Diogo Coutinho , que levava Provisão de Capitão Mór do cabo de Comorim , D. Vasco da Gama , filho de D. Francisco de Portugal , e Diogo de Mello , filho de Francisco de Mello , d'alcunha o Roncador , filho de Tristão de Mello , irmão do Abbade de Pombeiro.

Nestas Galés hiam muitos Fidalgos por soldados , e dos que nos lembram são os seguintes. Na Galé do Capitão Mór , D. Balthazar , D. Manoel , e D. Antonio de

Cal-

Castro, todos irmãos; D. Duarte Anriques,
e D. Lopo seu irmão, Antonio Sobrinho
de Azevedo, Miguel, Gaspar, e Gomes
Freire irmãos, D. Jorge de Castro, Gas-
par Tibao, Sebastião de Brito Falcão,
Christovão Rabello, Lourenço Guedes, fi-
lho de Pero Guedes, Tristão, e Luiz Fer-
nandes de Taíde irmãos, filhos de Nuno
Fernandes de Taíde, Manoel de Oliveira
de Azevedo, Ruy Mendes de Vasconcel-
los, Domingos de Castilho, Cavalleiro da
Ordem de Christo, Trajano Rodrigues,
Antonio Botelho de Azevedo, Francisco
Sodré, Gonfalo Vas de Castello-Branco,
Basilio Taveira, D. Diogo Pereira, D.
Manoel Mascarenhas, D. Lopo de Almei-
da, Luiz de Antas Lobo, Diogo Botelho,
Alvaro Teixeira Lobo, Pero Peixoto da
Silva, Francisco Homem, e outros muitos
Fidalgos, que não viviam com ElRey, e
muitos Cavalleiros, e soldados muito hon-
rados: na Galé de D. Diogo Coutinho,
D. Bernardo de Noronha, e D. Manoel de
Noronha seu irmão, D. Alvaro da Costa,
D. Constantino de Menezes, Simão de Mel-
lo, Luiz Freire de Andrade, Francisco de
Souza, Manoel Coutinho Pereira, André
da Silva, Luiz da Gama, Gonfalo de Ma-
cedo, Sebastião Correa da Cunha, Martin
da Cunha de Sá, Ruy Brandão, e Fernão
Bran-

Brandão irmãos, Gonfalo Falcão, filho de Aires Falcão, D. Gaspar de Noronha, D. Jorge de Noronha, e Lourenço de Carvalho: estes tres me não lembra com quem hiam embarcados, nem de outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros principaes, que hiam espalhados por todos os navios, de maneira que hiam nesta Armada todos os appellidos do Reyno, e a mais lustrosa soldadesca da India.

Os navios de remo eram trinta e tres, cujos Capitães eram os seguintes. D. Manoel da Silveira, D. Alvaro de Taíde, Simão Ranjel de Castello-Branco, D. Rafael de Noronha, D. Luiz Lobo, filho de D. Diogo Lobo, D. Francisco de Soto Maior, Antonio Furtado de Mendoga, Lourenço de Aguiar Coutinho, Manoel de Bendinha, D. Pedro Mascarenhas, filho natural de D. Francisco Mascarenhas o Palha, que foi Capitão de Ormuz, D. Alvaro de Meneses, Jorge da Cunha, D. Lourenço da Cunha, Fernão Ortis de Tavora, Martin Gomes de Carvalho, Diogo de Miranda, filho de Manoel de Miranda, que foi Capitão de Dio, Francisco de Mendoga, D. Christovão de Noronha Villa Verde, D. Philippe de Sousa, Vasco Gomes de Mello, Christovão de Brito, D. Pedro de Noronha, Manoel de Barbuda, Antonio de Mi-

Miranda , Duarte Brandão de Lima , Manoel de Sousa , e outros a que não achei os nomes : nesta Armada foram mais de mil homens.

Poucos dias depois despedio o Conde Almirante a Luiz da Silva Capitão Mór do Norte com dez navios , os melhor pertrechados , e da melhor soldadesca que se víram ha muitos annos naquella costa , de que eram Capitães D. João Tello de Menezes , filho do Alferes Mór D. João de Menezes , Paulo Machado de Azevedo , Ruy Pereira , Ruy de Sousa de Larcão , Manoel de Cabedo , Gonfalo de Caldas , e Pero de Bendanha , e outros a que não soube o nome.

Depois destas Armadas partidas , chegou a Goa huma Zavra , que vinha de Ormuz sem trazer dinheiro , que o Conde esperava nella ; mas trouxe novas de ser falecido Antonio de Azevedo , Capitão daquella Fortaleza. Pelo que o Conde despachou logo D. Antonio de Lima para ir entrar nella ; e nesta Zavra vieram cartas de ElRey por terra , em que dizia ao Conde , que se Antonio Giralte fosse ido pera o Reyno , ou fosse falecido , fizesse Veador da fazenda hum Fidalgo de idade , e experiencia , em que coubesse bem a serventia daquelle cargo , que foi a razão por
que

que o Conde fez Garcia de Mello , por concorrerem nelle as partes necessarias.

Os Paraos que tomáram os navios de Simão de Abreu de Mello fizeram por aquella costa mais algumas prezas , e o mais grosso , e importante dellas mettêram em hum dos navios , e despedíram-no pera o Malavar ; e indo demandar a terra na paragem de Barcelor , encontráram huns navios de mercadores Portuguezes , que vinham de Cochim , e por cabeça delles hum Alvaro Rodrigues Negrão ; e vendo o Parao , endireitáram com elle , e investíram-no ; e tomáram-no com todo o recheio que trazia , porque os Mouros que vinham nelle se lançáram todos ao mar , e não tratáram de mais ; que de salvarem as vidas. E com este navio por poppa entráram os nossos em Goa , que o Conde estimou muito , por se os Mouros não ficarem lo-grando daquellas prezas.

Tanto que o Conde acabou de escrever pera o Reyno , despedito as vias de cartas , papeis , e despachos pera Cochim , e ficou provendo nas mais cousas , que lhe parecêram necessarias , principalmente nas que pertenciam ao accrescentamento da fazenda Real , porque achou nella algumas desordens , e gastos superfluos , e desnecessarios , e entre ellas mandou suspender os Almo-

xarifes da artilheria , e munições que havia em todas as Fortalezas , por lhe parecerem desnecessarios , e que comiam os ordenados debalde , e passou Provisões pera os Feitores das Fortalezas servirem tambem aquelles cargos , e terem cuidado daquellas cousas , que eram fazenda de ElRey , e por isso lhes accrescentou mais quinze mil reis de ordenado ; porque a fazenda de ElRey pera crescer ha de andar por poucas mãos , e quanto menos forem os Officiaes , tanto ella irá em mór crescimento. E esta he a razão que ElRey teve pera mandar muitas vezes , que não houvesse nas Fortalezas Veadores da fazenda , nem Provedores della , porque sempre são mais os gastos , e despesas que nellas fazem , que os proveitos que resultão de os haver : isto não quizeram os Viso-Reys nunca guardar por cousas que calo. E porque tambem o Conde foi informado , que as obras da fortificação da Cidade de Baçaim corriam muito devagar , estando applicado pera ellas dinheiro bastante , quiz prover nisso com muita pressa , pera o que fez Superintendente dellas a hum Fidalgo chamado Aires da Silva de Mello , que então era Vereador naquella Cidade , por ser pessoa de muita diligencia , e confiança , e deo-lhe poderes sobre os Officiaes , com que os muros daquella Cidade foram crescendo a olho.

CAPITULO IX.

Do que succedeo á Armada do Malavar: e do que o Capitão Geral tratou com ElRey de Cananor, e Çamorim, de que avisou ao Conde: e do que sobre isso assentou em Conselho: e de como a não, em que Mathias de Alboquerque havia de ir, se queimou na barra de Cochim.

PArtido D.Luiz da Gama de Goa com toda sua Armada junta, foi visitando as Fortalezas do Canará, e provendo-as de todo o necessario; e chegando a Cananor, tratou com aquelle Rey algumas cousas importantes ao Estado, sobre o que achou alguns inconvenientes a lhe conceder quatro cartazes pera Meca, em que ElRey insistio muito, e lhe deo os mais que lhe pedio pera seus pagueis, respondendo a ElRey, que daria conta ao Conde Viso-Rey sobre o negocio dos cartazes, e que o que elle ordenasse, e assentasse, isso se faria: e nos cartazes que lhe concedeo dos pagueis achou tambem difficuldades nos moradores daquella Fortaleza; e passando por ellas, lhos concedeo por arrecear, que ficando os Mouros descontentes, se passassem muitos delles ao Cinhale, e o ajudassem na guer-

guerra contra o Camorim , e o Estado ; porque esperava dos bons intentos com que o Camorim estava , segundo o informáram , de se effectuar aquella empreza com muita honra. E dalli avisou ao Viso-Rey de tudo o que tinha feito , e passou a Calcut , onde surgio , e mandou tratar sobre a guerra , que se havia de fazer ao Cunhale até derribar aquella Fortaleza , como estava obrigado pelos contratos das Pazes , que D. Alvaro de Abranches o verão passado fizera com elle ; e assim lhe mandou pedir que entregasse todos os navios de coffairos que houvesse em seus portos , ou os inhabilitasse pera poderem sahir a roubar , e todas as mais cousas , a que não tinha dado execução , como estava obrigado , e tinha jurado nas Pazes.

A isto respondeo o Camorim , que elle não podia effectuar o negocio de Cunhale sem o Viso-Rey lhe dar trinta mil patações pera as despesas daquella guerra , sem embargo de lhe não estarem promettidos no contrato , e que lhe mandasse algumas Companhias de Portuguezes pera o assalto daquella Fortaleza , porque os Naires não sabiam daquelle mister , e que daria a isso todos os refens , e seguranças que lhe pedissem , e que se obrigava a dar pera o Estado ametade de tudo o que se tomasse

na escala da Fortaleza, assim de thesouros; como de artilheria, navios, e mais cousas, affirmando que tudo o que pedia lhe promettêra D. Álvaro de Abranches de palavra.

Vendo o Capitão Mór que o Çamorim innovava muitas cousas fóra das que estavam nos contratos, entendeu que tudo eram dilações do Çamorim pera o entreter, porque estava já arrependido do que promettêra; e não concluindo em cousa alguma, escreveu ao Conde Viso-Rey tudo o que era passado, e o que imaginava daquelle negocio, pera que o avisasse do que devia fazer.

Com estas cartas ajuntou o Conde Conselho, e nelle as mandou ler, e de palavra lhes propoz outras cousas, como se em caso que fosse necessario fazer guerra ao Çamorim por quebrantador dos contratos, se seria licito fazer-se tambem a Cananor por razão do Estado, por se não proverem o Çamorim, e Cunhale por seus rios, como sempre costumáram. Sobre isto pedio a todos votassem livremente o que fosse mais serviço de ElRey; e debatido entre todos aquelle negocio, assentáram de commun parecer, que quanto ao dinheiro que o Çamorim pedia, não havia pera que tratar disso, ainda que com elle se comprasse a paz, se ella não havia de reduzir

dar na destruição de Cunhale, que era o que se pertendia, do que todos duvidavam havello o Camorim de fazer pelo muito que interessava nas prezas, que os coffairos que faziam dos portos de Cunhale faziam em todo o mar. Que pois o Camorim faltava com o que promettêra, se lhe fizesse a guerra com lhe tomar as barras, e lhe defender os mantimentos, e se lhe fizessem todos os mais damnos que pudessem, aproveitando-se o Capitão Mór de todas as occasiões que o tempo lhe offerecesse; e que antes que se declarassem, mandasse recolher os Padres da Companhia que estavam em Calcut, e o Feitor, e Christãos que houvesse; e que os Portuguezes cativos, que lá estavam em Cunhale, se resgatassem, e dessem em sua recompensão hum Cutimuça, que estava em nosso poder: e que com Cananor se dissimulasse, posto que o Capitão Mór soubesse que sorreticiamente lançava fóra Paraos de seus portos a roubar, mas que se lhe limitassem os cartazes pera os Pagueis de feição, que não pudessem metter em seus portos mantimentos, que os que piedosamente lhes bastasse pera não proverem o Cunhale delles; e que quanto aos soldados que o Camorim pedia pera o assalto da Fortaleza de Cunhale, se lhe não haviam de conceder, ainda que só com isso se contentasse,

por-

porque não era licito arriscarem-se entre inimigos , que nunca guardavam palavra , nem verdade , e aonde tanto se haviam de temer , e arreçar dos que fossem ajudar , como dos que fossem commetter ; porque ainda que o Camorim promettesse a segurança que dizia , sempre se havia de recear a pouca fé que tem os Mouros baixos , pelo odio antigo , em que se creáram contra o nome Christão , porque havia muitos exemplos de grandes traições , que sempre usára com os nossos : e que os refens que podia dar , que eram tres , ou quatro Naires , por muito honrados que fossem , não valião tanto , como o somenos Portuguez que alli se arriscasse. Esta resolução mandou o Conde ao Capitão Mór , e o avisou muito largamente do que devia fazer , porque elle esperava por horas ; e entretendo-se por aquella costa , e vendo o que se assentára em Conselho , escreveu em segredo a Belchior Ferreira Feitor de Calecut , pera que o mais incubertamente que pudesse se recolhesse com os Padres da Companhia , que lá estavam , a Chale , onde elle ficava espalhando a Armada : o que elle logo fez , e levou consigo os Padres Jorge de Castro , e o Padre Antonino , e o Padre Francisco da Costa ; e tanto que os lá teve , alevantou a guerra ao Camorim ,

rim, e lhe queimou alguns Pagueis, e avisou aos Capitães de Cananor, Mangalor, e Barcelor, pera que fizessem o mesmo aos que lá houvesse, ou fossem ter áquellas Fortalezas. Feito isto, tomou o Capitão Mór os portos, donde podiam sahir, e entrar Paraos, e lhes defendeo com isso o Commercio, e Navegação, porque se não povessem de mantimentos, com que os poz em muita necessidade delles.

Quasi neste mesmo tempo succedeo na barra de Cochim o mór desastre que se vio, que foi este. Estando a náó, em que havia de ir Mathias de Alboquerque com toda a carga, e fazenda dentro, e prestes pera se partir dalli a dous dias, ou tres, quiz a desaventura, que estando huma barçaça a bordo della com huma grande caldeira de breo breando algumas portinholas por poppa, que ventasse o vento Noroeste rijo, com que o fogo em que a caldeira estava alevantasse huma grande labareda que deo no breu, de que logo sahiram medonhas chammassas, que pegáram na náó pelo leme, e varanda, e della subio ás obras mortas de cima, e em muito breve espaço foi tomando tanta posse da náó, que sem se lhe poder pôr remedio ardeo toda, com tão espantoso terremoto, e temeroso espectáculo, que pasmáram todos os que o víram.

Per-

Perda muito notavel , porque se consumio nella mais de milhão e meio de ouro , e a gente se salvou em algumas embarcações que havia , ainda que não toda , porque alguma pereceo , que tinha já cumprido o termo da vida. Acudio a isto toda a Cidade ; e Mathias de Alboquerque , que tinha nella toda sua fazenda , tirados alguns escritorios maneiros com seus brincos , e papeis , que tinha ainda comsigo em terra , vendo aquelle incendio tão supito , e que alli se lhe consumira quanta fazenda tinha adquirido na India em seis annos que a governou , alevantou as mãos aos Ceos , e disse aquellas palavras de Job : *Vós o destes , e vós o levastes : sejais , Senhor , louvado pera sempre* , entendendo que fora aquillo castigo de seus peccados. E assim mostrou nesta desaventura grande animo , dizendo a todos os com que fallava nesta materia , que não sentia tanto a sua perda , como a de ElRey , e a dos homens , havendo que ainda aquillo fora grande misericordia de Deos succeder em terra , porque se fora no mar , tudo se acabára.

Não deixarei aqui de contar huma cousa , que me aconteceu com o mesmo Mathias de Alboquerque , admiravel , e quasi profecia desta perdição : e o caso foi este. Estando eu hum dia com elle pouco antes que

que o Conde viesse, tinha humas cartas na mão, que áquella hora lhe vieram da Corte do Mogor, que lhe escreveu o Padre Jeronymo Xavier da Companhia de Jesus, homem tido por muito virtuoso, e que se lia parecendo com o Padre Francisco Xavier seu tio, que por sua santidade lhe podemos em certo modo chamar Apostolo da India; e abrindo huma carta deste Padre, que elle já tinha lido, me mostrou tres, ou quatro regras, que estavam no cabo della, que diziam assim, ou outras palavras semelhantes: « Parece-me que esta minha carta tomará já a V. Senhoria entrou- » xado, e negociado pera se ir pera o Reyno, e he razão que vá já descansar de seus » trabalhos: se tal he, lembro-vos, Senhor, » que os Viso-Reys da India não tem outro » Presidente, que lhes tome suas residencias, » senão o Cabo de Boa Esperança, por isso » trabalhe V. Senhoria muito por ir tão leve, e descarregado, que não tenha que » fazer com elle. » Justo juizo de Deos, grande mercê, e misericordia sua permittir elle tomar-lhe a residencia no porto de Cochim, e não na guardar pera o Cabo de Boa Esperança, porque fora residencia muito áspera, e rigorosa pera todos, em que foram fazendas, vidas, e não sei se as almas de alguns, porque lhe quiz guardar

dar estas pera outra hora melhor , como teriam.

Em fim vendo-se Mathias de Albuquerque castigado de Deos daquella maneira, escolheo a náó S. Martinho , de que era Capitão Christovão de Siqueira , pera se embarcar nella , e em muito poucos dias se apercebeo de matalotagem , e de tudo o necessario abastadamente, que a Cidade, os Fidalgos , e moradores o provêram de muita roupa, gallinhas, carnes, e biscouto, conservas , e outras cousas , com que foi tão bem provido , como dantes estava ; e assim se fez á véla a dezesete do mez de Janeiro deste anno de noventa e oito, em que com o favor Divino entramos, e com ambas as náos chegou a Lisboa ao primeiro de Agosto. D. Affonso de Noronha , Capitão Mór das náos , carregou em Goa, e deo-lhe o Conde muito bom aviamento, e fez-lhe muitas mercês em nome de El-Rey , e partio de Goa dia de S. Thomé, e chegou ao Reyno com Mathias de Albuquerque , porque se ajuntáram em Santa Elena. Neste anno mandei a ElRey pelo mesmo D. Affonso a minha quarta Decada da Historia da India , que logo se imprimio ; e assim fui mandando . pelos annos adiante outras Decadas, que ElRey nosso Senhor faz mercê a todos os Por-
tu-

tuguezes de mandar imprimir , já que as mandou fazer.

C A P I T U L O X.

Do que succedeo á Armada do Norte : e do encontro que teve com alguns Paraos de Malavares que tomou , e desbaratou : e do que mais succedeo á Armada do Malavar até se recolher.

PArtido Luiz da Silva pera a costa do Norte nos dez navios que dissemos, mas taes que valiam vinte, porque levava cada hum trinta, e trinta e linco soldados dos escolhidos da India, e o mesmo era nos marinheiros, sem levarem moços, caixões, nem canastras, senão só quatro camizas, e muitas armas, e os navios tão lestes, ligeiros, e despejados, que por baixo dos bancos, em sima dos bizas dormiam os soldados embrulhados em suas capas, e com as camizas á cabeceira, porque o Capitão que quer tomar Paraos, assim ha de andar; e os que vam cheios de caixões, rapazes, e negros, não querem encontrallos, nem pelejar com elles, ainda que os encontrem, porque não pertendem mais que tirarem certidões, que foram por Capitães de navios, pera requererem serviços de

de Capitães. E já não querem acceitar feitorias, nem escriptaninhas, que antigamente se davam a outros mais bem nascidos, e de mais merecimentos, senão Fortalezas. E vieram a dar quasi todos nas de Mombaça, e Mascate, ainda que saibam não entrar nunca, porque fazem conta que são os casados da India tão nescios, que como elles chegarem do Reyno com estes despachos, logo lhes darão em casamento com suas filhas oito e dez mil pardaos, que se gastão em dous annos em cavallos, e pagens, e tornão a ficar como na primeira innocencia, em que entráram na India. E certo que me aconteceu vir na Armada passada hum homem despachado com a Fortaleza de Mombaça, e mostrar-me a lista da casa da India dos despachados diante d'elle, e tinha trinta e tantos homens, que vinha a ser mais de cem annos. Do que me espantei, e lhe perguntei, que determinava de viver pera entrar em seu despacho, sendo elle de perto de quarenta annos? Ao que me respondeo, que não faltaria hum nescio, que lhe dêsse sua filha com dez, ou doze mil pardaos, e que entre tanto comeria, e que como elle morresse, morresse com elle tudo. E como já no Reyno sabem como estes despachos estão entulhados, dá-lhe pouco de lhe darem

rem tudo o que pedem , porque em fim nada lhe dam , que bem nada he o que se não espera de lograr. Mas por irem entre-tendo os homens , e se não largar o serviço de ElRey , fatisfazemo-nos com lhe darem o que pedem.

E tornando ao fio da historia , e aos navios de Luiz da Silva , além de elle ser Fidalgo curioso , e desejofo de ganhar honra , tambem o Conde Almirante , que a não queria perder em seu tempo , tanto que estas Armadas se punham na barra , lhe hia elle em pessoa com os Officiaes da Matricula fazer os alardos , e corria todos os navios , e os fazia despejar de tudo o que levavam , que lhe podia fazer impedimento. Luiz da Silva foi correndo a costa , levando cinco navios ao mar , e outros tantos á terra , quasi á vista huns dos outros , pera assim lhe não poder escapar cousa alguma , porque hia desobrigado de dar guarda a Casilas , cousa de grande pezo pera quem quizer buscar Paraos. E nesta ordem chegou a Chaul , onde não quiz entrar , por se lhe não desinandarem os soldados , cousa muito prejudicial ás Armadas , e em que muitos Capitães daquelle costa tiveram pouco resguardo ; porque de viçosos , e por se mostrarem , tomáram todas aquellas Fortalezas , em que se deti-

ve-

veram muitos dias , e nellas lhe ficáram muitos soldados , e não sei se folgáram com isso por pouparem os mantimentos.

Este Capitão não no fez assim , mas de fóra mandava buscar os provimentos que havia de mister , a que os Capitães mandavam só seus compradores a isso ; e passando por Chaul , achou por novas que era passada huma grande esquadra de navios Malavares pera Dio , e sem se deter foi em seu seguimento ; e chegando áquella Fortaleza , soube serem passados pera a costa de Pór , e Mangalór a esperar as náos , que naquelle tempo haviam de vir de Ormuz : e sem detença alguma foi logo após elles ; e chegando á Ilha dos Sanguanes , soube que eram os cossairos havia muito pouco partidos dalli , o que Luiz da Silva sentio muito.

E porque aquella Ilha foi sempre huma ladroeira , e colheita de ladrões , e cossairos , determinou de castigar os da terra , pera o que desembarcou , e fez nella huma grande destruição , assim nos moradores , como em suas fazendas , mettendo o que achou vivo á espada , e a fogo , queimando-lhe todas as embarcações que achou no porto , e sem se deter alli mais , voltou pera a costa do Norte ; e em Chaul , porque o navio em que hia era hum pouco pezado , largou-o ,

gou-o , e passou-se a outro mais pequeno ; mas muito ligeiro , onde fez embarcar trinta soldados dos seus os mais escolhidos , que não levaram consigo mais que sós suas armas , e o esquipou de marinheiros todos Vogas mui forçosos , e bem dispostos , que faziam voar o navio ; e passando pela costa abaixo tanto avante , como o rio de Chaporá , que são duas leguas de Goa , houve huma madrugada vista de quatro Paraos , tendo elle consigo sós outros quatro , porque os mais da sua Armada andavam apartados , e com estes que tinha foi apôs os dos inimigos , que logo alcançou pela ligeireza dos seus navios ; e o Capitão Mór , que foi o dianteiro , investio hum , e da pancada que deo , o virou logo , e arremettendo com outro , poz-lhe a proa , e lançou-se dentro com os seus soldados , e em breve espaço o rendeo á espada. Ruy de Sousa de Larcão , Capitão do outro navio , investio outro Parao , a que se lançou , e á espada o rendeo com morte de muitos Mouros , e os mais se salváram a nado , como o fizeram tambem os dos dous que Luiz da Silva rendeo. Pero de Bendanha endireitou com hum navio dos cossairos , que lhe foi fugindo , porque o medo que levava lhe deo azas á fugida , e em breve espaço o perdeo de vista , porque foi ali-
jan-

jando todo o fato ao mar , e ainda os mesmos Mouros se lançaram a elle por se haverem por perdidos , e a nado se salváram em terra.

Luiz da Silva tomou os tres Paraos á toa , porque tornou a desalagar o primeiro que virou com a pancada , e foi-se pôr na boca do rio de Banda , e mandou dizer ao Tanadar que lhe mandasse entregar todos os Malavares que se tinham salvado em terra , conforme ao contrato das Pazes , porque se não havia de alevantar dalli sem elles. E por tal modo correu com este negocio , que obrigou ao Tanadar a mandar busca pelas aldeas , e ainda se ajuntaram perto de duzentos Mouros , que lhe trouxeram atados , e assim os entregou a Luiz da Silva , que logo mandou espetar pelas barrigas em Arequeiras altas na boca daquella barra , e aos mais fez outro tanto pela costa affima ao longo das povoações , enchendo aquella ribeira daquelles corpos ; porque se por alli passassem os coffairos , vissem seus companheiros daquella maneira , pera que soubessem que o mesmo se lhes havia de fazer a elles , se os tomassem. E pela liberdade do Tanadar de Banda lhe deu Luiz da Silva huma peça de veludo cramezim , e outras de tafetá , e duas fermosas espadas ; e os cascos dos navios mandou pe-

pera Goa , porque alguma cousa tinham que os soldados as tomáram.

Feito isto , tornou Luiz da Silva pela costa affima , por lhe darem por novas serem passados outros paraos pera a enseada de Cambaya ; e nesta volta lhe deo hum vento Sul mui grande , que lhe espalhou toda a Armada , que se recolheo aos portos , que cada hum dos navios pode tomar. Só o Capitão Mór foi correndo com aquelle tempo até Dabul ; e ao outro dia que aboançou , houve vista de hum Galeota de Malavares que hia engolfada ; e dando á véla , a foi demandar , e trabalhou tudo o que pode por lhe tomar o balravento , como fez , por ser o seu navio muito ligeiro ; e disse aos soldados , que todos offerecessem aquella Galeota a N. Senhora , que ella lha metteria nas mãos ; e deixando-se cahir sobre ella , sendo já perto , lhe deram hum boa furriada de arcabuzaria ; e indo pera a investirem , lhe lançou hum soldado , que hia de proa , hum panella de polvora , que hum Mouro com muita destreza tomou no ar , e a tornou arremassar sobre os nossos , que se espedaçou nos bancos do navio dos nossos , e a labareda que fez , queimou Luiz da Silva , e dous soldados , hum chamado Foão de Quadros , e o outro Simão Pereira de Sousa.

E posto que os mares eram muito grandes, não deixou Luiz da Silva de investir a Galeota, a que se lançou logo com hum espada, e rodella, e os seus soldados com elle, que em breve espaço a rendêram com morte de muitos Mouros, que pelearão como desesperados: tanto, que hum soldado Botelho d'Alcunha, tendo dado quatro estocadas a hum Mouro, que de todas o passou pelos peitos, assim traspassado, e espetado na espada, se liou com o soldado, e o levou ao chão, e com humma faca lhe deu sete facadas, quatro na cabeça, tres nos braços, partes que levava defarmadas, e todavia o Mouro ficou alli morto, e dos nossos alguns feridos.

Alcançada esta vitoria, tomou Luiz da Silva a Galeota á toa; e chegando ao porto de Chaul, a mandou de esmola a N. Senhora, e logo voltou em busca da sua Armada, que o mesmo dia encontrou; e divididos os navios em duas esquadras, tornaram pela costa abaixo até Tambona, e tanto avante houve a esquadra de Luiz da Silva vista de humma formosa Galeota de trequete, que hia ao mar, que logo foi demandar com os seus navios; e como o do Capitão Mór era mais ligeiro, chegou primeiro a ella, e commetteo-a com humma boa furriada de arcabuzaria; e querendo-lhe

lhe pôr a proa , vio-a tão alterosa , que lhe não pareceo possivel abordalla sem grande damno seu , e dos seus soldados ; e além disso tinha em si mais de duzentos homens de peleja , e o Capitão della era hum valente Mouro sobrinho do Cunhale , que sahio do seu rio por Capitão Mór da quella esquadra de navios que andavam fóra , de que Luiz da Silva lhe tinha tomado os navios havia pouco. Este vendo os nossos navios , deo-lhe pouco delles , e desparou tres , ou quatro peças de colher , que eram camelletes , e outros falcões ; mas quiz Deos que todas sobrelevassem , e não fizeram damno aos nossos. Luiz da Silva foi-se por poppa mettendo debaixo da Galeota , donde o foi varejando com a espingardaria , e ella respondendo-lhe com a sua sempre á véla , arribando pera a terra com a viração. Os nossos desejaram de a desparelhar , e tiráram-lhe tantas vezes á relinga da véla , até que lha cortáram , e ficou empandinada. Neste tempo chegou o navio de Paulo Machado , e assim á véla como hia , poz a proa na Galeota , e foi tão grande a pancada que lhe deo , que se virou o nosso navio , e os soldados ficaram pelo mar apegados aos bancos , e taboas que acháram , em que dahi a dous dias foram a terra perigando alguns. Luiz

da Silva nunca largou a Galeota, por cuja poppa foi sempre matando gente, e os seus navios ao redor até chegarem a terra, e assim á véla varáram, e logo se lançáram a ella os Mouros, ficando a Galeota nas mãos dos nossos com todo o recheio que levava, que era muito, porque as prezas que os outros navios fizeram, foram despezar nella o mais substancial, por ser tamanha, que remava vinte e cinco bancos. Tirada a Galeota pera fóra, foi Luiz da Silva desfagar o navio de Paulo Machado, que se tinha alagado da pancada que deo, quando abalroou o do inimigo, que levou por poppa. Dos Mouros morrerám mais de cento, e dos nossos não houve mais de sete feridos, Pero Rodrigues Botelho de huma lançada pela barba, e outros, a que não soubermos os nomes, de espingardadas. Com este feito tão honrado se recolheo Luiz da Silva a Goa, que foi em Abril.

Fica-nos por dar conta da Armada do Malavar, de que era Capitão Mór D. Luiz da Gama, que depois de por ordem do Conde Viso-Rey levantar guerra ao Camorim, e lhe fazer todo o damno que pode pela costa, recolheo todas as embarcações da China, Malaca, e Bengala que vinham pera Goa, e se veio com sua Armada, e avisou diante ao Conde Viso-Rey do dia que

que chegaria á barra de Goa. No mesmo foi o Conde Viso-Rey á barra na sua Galé, e levou dezoito navios de chatins bem equipados, e providos de mantimentos, e munições pera hum mez, e nelles fez embarcar doze Capitães de navios da Armada com seus soldados; e nomeou por Capitão Mór destes navios D. Alvaro de Menezes, que despedio logo, e lhe deo por regimento que fosse correr a costa do Malavar, e fizesse no mar todo o damno que pudesse, sem desembarcar em terra, o que foi de grande effeito; porque como os moradores daquelle costa víram passar a Armada na volta de Goa, por ser já fim de Abril, pareceo-lhes que estavam seguros de haver outra Armada, e que poderiam ir ao Canará buscar mantimentos pera passarem o inverno: e foi isto occasião de D. Alvaro de Menezes, com os navios de sua companhia, tomar muitas embarcações pequenas, e seis paraos de esporão, e hum Galcota, e matou, e cativou mais de trezentos Mouros sem perda alguma; e voltando a Goa em doze de Maio, da aguada avisou o Viso-Rey, que lhe mandou ordem pera entrar o dia seguinte, que era dia da Trindade, na maré da tarde, pera ajudar a festejar a entrada do Embaixador do Xá, de

de que daremos razão no Capitulo seguinte.

C A P I T U L O . XI.

*De como o Conde Viso-Rey recebeu hum
Embaixador que o Xá lhe mandou , e
apparato com que foi recebido.*

N O anno de 85. se embarcou em Cochim pera Portugal hum Embaixador de ElRey da Persia em companhia do Padre Fr. Simão de Moraes , Religioso da Ordem do Glorioso Padre Santo Agostinho , de tanta virtude , e partes , como temos dito na nossa decima Decada , quando elle passou á Persia , onde procedeo com tão geral satisfação , que em quanto durar a sua memoria entre aquelles infieis , serão respeitados os Religiosos de sua Ordem , como o são. Por se haver perdido a náó , em que vinha este Embaixador , entrou em grande desconfiança ElRey da Persia por não ter experiencia das cousas do mar , e ficou suspeitando que os Portuguezes lho matáram : e com esta inaginação não desfiria bem ao que se lhe propunha por nossa parte.

E desejando ElRey nosso Senhor interallo na verdade , e persuadillo a fazer guerra

ra ao Grão Turco , deo ordem ao Conde Viso-Rey que procurasse dissuadillo desta imaginação , e obrigallo a que mandasse outro Embaixador a Hespanha. Em conformidade desta ordem despachou o Conde Viso-Rey de Moçambique Miguel de Macedo a Ormuz com cartas pera ElRey da Persia , e escreveu ao Capitão daquella Fortaleza despachasse com ellas hum homem de importancia , que persuadissee a ElRey da Persia a lhe mandar hum Embaixador pera tratar com elle cousas de muita importancia. Teve isto tão bom successo , que o Embaixador veio , e chegou a Goa em seis de Maio deste anno de 98. O Conde Viso-Rey o mandou agazalhar em humas casas boas no bairro de S. Pedro ; e como descansou , lhe limitou dia pera ir a elle : foi em huma Galé bem acompanhada ; e indo pelo rio assima , entrou D. Alvaro de Menezes com os dezoito navios de sua Armada , e trazia nas vergas delles enforcados mais de duzentos Mouros , que havia tomado de preza , e com ordem que assim como os navios fossem passando pela Galé , cortassem as cordas com que vinham enforcados , pera que assim vissem os Persas o pouco que estimavamos aquella preza , e o castigo que davamos aos piratas. Quando desembarcou no caes , se lhe disparáram vin-

vinte peças grossas de artilheria , e alli o estavam esperando o Capitão da Cidade, que era Luiz Pereira de Lacerda, e o Capitão da guarda do Viso-Rey com duzentos alabardeiros vestidos de libré; e o Tanadar Mór com seis mil homens da terra arcabuzeiros , e frécheiros com todos seus instrumentos militares. E as casas do Viso-Rey estavam bem concertadas, como convinha a tal acto ; e o Conde Viso-Rey mandou agazalhar o Embaixador , e lhe mandou dar o provimento necessario em abundância. O Conde Viso-Rey tratou com este Embaixador o que levava por ordem de S. Magestade; e ElRey da Persia se persuadio a mandar a Portugal o primeiro Embaixador pela via de Moscovia, e veio a Roma, e dalli a Valhadolid, onde então estava a Corte, em Outubro de 601. e a esse tempo já se alli achou o Conde Viso-Rey, e depois que despachou com S. Magestade, se veio embarcar a Lisboa.

C A P I T U L O XII.

Do que aconteeo ás náos Hollandezas na derrota até Bengala : e assim do que succedeo a Lourenço de Brito, e á Armada, em que o Conde Viso-Rey o mandou a Malaca.

JA atrás no Capitulo setimo fica dito, que Lourenço de Brito, Capitão Mór da Armada, que o Conde Almirante Viso-Rey mandou a Malaca em busca das náos Hollandezas, partio de Goa a vinte e quatro de Setembro de 97. Chegou a Malaca a salvamento com toda a Armada, salvo a Galeota, de que era Capitão Luiz Lopes de Sousa, que com o temporal que lhe deo, arribou a Manar, onde fez naufragio; mas o Capitão com todos os soldados se embarcou em huma náó, que dalli partio para Malaca, e se metteo na Armada. Estando Lourenço de Brito com esta Armada em Malaca, soube de huma náó, que partio de Cochim mais tarde, que no cabo de Camorim ficavam as duas náos Hollandezas; pelo que se ajuntáram a conselho Lourenço de Brito, Martim Affonso de Mello Coutinho, Capitão actual da Fortaleza, e Francisco da Silva de Menezes, que o havia sido com outras pessoas de

ex-

experiencia ; e por todos foi assentado , e de commum parecer que Lourenço de Brito passasse com toda a sua Armada a Sunda , e costa da Jaoa , porque de poucos tempos áquella parte tinham os moradores della feito grande estrago nos Portuguezes , e Christãos da terra , matando-os , e tomando-lhes suas fazendas , e que poderia persuadir os Reys a não recolherem em seus portos nações estrangeiras da Europa : e que procurasse por haver dous , que se entendia haverem ficado em Bale , Inglezes , em refens de voltarem áquelle porto com cabedal pera carregarem drogas , e fazer tudo o mais que entendesse que era serviço de S. Magestade.

Esta ordem se executou logo , e a Armada partio bem apercebida de todo o necessario ; e posto que o Conde Viso-Rey prevenio no regimento que deo a Lourenço de Brito , que não consentisse fazer-se força , nem aggravo ás embarcações que encontrasse , que navegavam pera a Sunda , e Jaoa , teve nisto tão pouco tento , que encontrando algumas de mantimento , de que teve necessidade , mandou tirar dellas o que lhe pareceo sem lhos pagar. Estes foram dar rebate na Sunda , e costa da Jaoa da Armada , e disseram a força que lhe haviam feito , com o que todos se pu-

zeram em armas. E Jorge de Lima, Capitão de huma Galcota, tomou huma Soma de Chincheos carregada de drogas, e o mesmo fizeram os Capitães das Galés a huma Soma de Chincheos carregados; e sabendo-se isto na Sunda, dissimuláram até colherem em terra alguns Portuguezes, e o Feitor da Armada: e não bastou este aviso, nem ver que indo o Almirante da Armada D. Luiz de Noronha com as barquinhas das Galés, e outras embarcações fazer aguada, lhes resistiram de terra; e por terem necessidade de agua, a foram as Galés tomar mais abaixo afastadas dos Galeões, e lhes sahiram ao encontro muitas embarcações de remo, que pelejaram com ellas: e pelas Galés irem mui empachadas com as fazendas que haviam tomado de preza nas Somas dos Chincheos, não pôde jogar a artilheria, e cada huma dellas não levava mais de vinte soldados, pelos mais estarem em terra, e esses tão descuidados, que com facilidade os entráram os inimigos, e matáram os tres Capitães, D. Luiz, e D. Jeronymo de Noronha, e Ruy Dias de Aguiar Coutinho. O Capitão Mór Lourenço de Brito lhe não pode acudir, em quanto durou a briga, porque foi detrás de huma ponta em conjunção que enchia a maré, e ventava a viração tão ri-

rija , que nem os Galeões , e Galeotas puderam desfamarrar : e já havia dias que o Capitão Mór andava descontente dos Capitães das Galés , por lhe parecer que lhe não obedeciam com a promptidão que era necessario.

E porque nesta conjunção era monção pera Malaca , ao outro dia se fez á véla , sem emendar , nem tomar satisfação naquelle porto , nem em outro nenhum daquelle Reyno , deste aggravo , estando mui disposta toda a costa da Jaoa pera com o poder daquella Armada fazer nella bons progressos. Chegou a Malaca a dez de Julho de noventa e oito , e esteve alli até primeiro de Janeiro , em que se embarcou pera Goa : e pudéra neste tempo ir tomar os Hollandezes , em cuja busca foi , que depois de darem muitas voltas , e andarem destrocados em huma só não , por terem dado fundo á outra , se recolhêram ao porto de Quedá , que dista de Malaca sessenta leguas , aonde foi logo aviso. E não bastou requerer o Capitão da Fortaleza , e os Officiaes da Camara , que fossem a Quedá tomar aquella não , o não quiz fazer , nem outra nenhuma cousa das muitas que se lhe lembraram ; e sendo o Conde Viso-Rey avisado disto , antes de chegar a Goa Lourenço de Brito , porque veio mui devagar ,

antes de desembarcar lhe mandou dizer pelo Secretario, que se deixasse estar em sua casa até se descarregar de huns apontamentos que lhe mandou, tirados das cartas do Capitão, Ouvidor, Cidade de Malaca, e outras pessoas. E pera se verem os descargos, chamou o Conde Viso-Rey a Conselho, e mandou que se votasse sobre elles, porque desejou introduzir naquello Estado, que as culpas dos Capitães commettidas no exercicio da guerra, se castigassem pelo Conselho, e não pelos Desembargadores; mas por respeitos particulares não quiz o Conselho vir nisso, sendo commua utilidade, e assentáram que se livrasse pelos termos ordinarios, e assim se fez; e foi condemnado pela Relação em pena de dinheiro em quantidade, que pagou antes de entrar na Fortaleza de Sofala, de que era provido.

CAPITULO XIII.

Das cousas que neste verão succedêram na Ilha de Ceilão : e da grande vitoria que os nossos alcançaram de ElRey de Uva : e dos Capitães do tyranno de Candea D. João.

DEsenganado o tyranno D. João de poder prevalecer contra os nossos pelas muitas vitorias que delle tinham alcançado , e a derradeira tinha sido o desbarate da sua gente em Corvite, como atrás dissemos , vendo que pelos presidios , e fortificações , que os nossos lhe tinham feito nas suas fronteiras das quatro Corlas , e Dinavaca , não podia por aquellas partes fazer o que tinha determinado, tomou outro modo , que foi , mandar commetter o nosso arraial , que andava nas partes de Galé , e Maturé , quarenta leguas de estouras tranqueiras , e do lugar em que o General sempre residia , parecendo-lhe que pela distancia do lugar não poderia soccorrer os nossos com tanta presteza , e cabedal , como convinha , por não andar naquelle arraial grande força , e quebrada ella , ficavam os nossos com menos pera o perseguir , e elle com mais animo pera levar sua tenção avante : contra quem despedio hum Principe cha-

chamado Madune Pandar, e Simão Correa alevantado, irmão de Domingos Correa Bicanarsinga, em que muitas vezes fallei, que D. Jeronymo de Azevedo tinha mandado justicar, como no Capitulo do Livro da onzena Decada fica dito. Este Simão Correa tinha tomado o titulo de Rey de Seitavaca, a quem o tyranno deo hum arrezoado exercito de gente escolhida, e dos mais praticos Modeliares de seu Reyno, e entre estes haveria mil espingardas, e mandou fazer prestes o Rey de Uva com o resto do seu poder, pera lhe ir nas costas aos favorecer.

Partido este exercito, foi-se alojar seis leguas de Maturé, onde estava o nosso arrial, de que era Capitão Mór D. Fernando Modeliar, que hoje he Capitão da Cidade de Goa, e Salvador Pereira da Silva, Capitão do campo. Os inimigos pera se fortificarem, escolhêram hum sitio muito alto, onde se assentáram, e fortificáram á sua vontade, como quem estava em sua terra, e tinha muitos gastadores, e fabrica. E assim alevantáram em breves dias huma tranqueira de madeira com seis baluartes, e cavas ao redor, e cercada de muitos estrepes, e impedimentos, cousa muito defensavel, mais pelo sitio que pela arte, ainda que esta lhe não faltou pera tudo, por-

porque não podia ser batida com artilhe-
ria, nem se podia levar assim, por haver
de passar por muitos alagadiços. E dalli
determináram de senhorear aquellas terras,
e fazellas rebellar contra os nossos por es-
tarem á nossa obediencia; e como homens
ardilosos tratáram de affugentar os Las-
carins do nosso arraial, com quem trouxe-
ram trato secreto, promettendo-lhes muitas
coufas, pera assim, effectuando isto, desbar-
atarem mais a seu salvo os nossos.

Destá expedição, e designio foi logo
avisado D. Jeronymo de Azevedo, pelo
que com muita pressa despedio Simão Pi-
nhão com seiscentos Lascarins de terra, e
alguns Portuguezes com ordem pera tomar
mais cem soldados da Fortaleza de Gallé,
com o que se perfariam cento e sincoenta
Portuguezes, e dous mil Lascarins, que
era gente que lhe bastava pera commetter
aquelle forte. D. Fernando Modeliar tanto
que se esta gente ajuntou a elle, logo foi
commetter os inimigos; e quando chegou
assim, já elles estavam sobre aviso, e re-
colhidos no forte com mil espingardeiros,
deixando emboscados nos matos dous mil
Lascarins com os Modeliares de mór con-
fiança, com ordem pera darem nas costas
aos nossos, quando mais embebidos esti-
vessem no assalto. D. Fernando não tratou
de

de dilatar o negocio, antes logo com muita determinação, commetteo os inimigos, pera o que levava já muitos pavezes, mantas, e cecadas; e ao abalroar das tranqueiras, deram nos estrepes em que se embarçaram, e pararam, ficando descobertos á espingardaria dos inimigos, que nelles fizeram arrazoado emprego, cahindo alguns Lascarins, e ferindo Portuguezes, em que entráram o Simão Pinhão, Pero de Abreu Modeliar, e outros. E todavia os nossos passáram avante, e commettêram o forte com grande animo, encostando-lhes as escadas por onde alguns começaram a subir. E estando neste fervor, arreventáram os da Cilada com grande estrondo, e deram pelas costas aos nossos, que em os sentindo, deixáram o combate, e voltáram aos inimigos com grande furia, e deram nelles de feição, que com morte de muitos os fizeram recolher pera os matos, donde sahiram.

Vendo D. Fernando Modeliar o successo, e entendendo como prudente que apartando-se dalli se perderiam as terras, fortificou-se no mesmo lugar o melhor que pode, e mandou avisar o Capitão Geral de tudo, e do modo em como os inimigos ficavam. Com este recado despedio elle logo seu irmão D. Manoel de Azevedo.

com algumas companhias de soldados, que mandou vir de Scitavaca, e dos presidios das fronteiras de Dinavaca, do que logo o tyranno D. João teve aviso: e com a mesma presteza despedio o Rey de Uva com três mil homens. pera soccorrer os seus, e com ordem que primeiro que o soccorro chegasse aos nossos, trabalhasse elle por se ajuntar, e salteallos, e desbaratallos, o que lhe seria facil, por lhe ficar o caminho mais perto. E assim chegou com muita presteza, e se alojou tres leguas do nosso arraial, donde mandou avisar do forte, e aos que estavam embrenhados em cilada, que estivessem prestes pera ao outro dia darem sobre os nossos por todas as partes.

D. Manoel de Azevedo tambem se deo tanta pressa, que chegou quasi no mesmo tempo: a noite que chegou o Rey de Uva, onvio o Modeliar D. Fernando muitas espingardadas; e parecendo-lhe o que era, despedio huia espia de recado, pera que fosse tomar falla do que achasse, que brevemente tornou, e disse ser o Rey de Uva, que ficava alojado pouco mais de legua; e dando conta de tudo a Salvador Pereira, e aos outros Capitães, foram todos de parecer que aquella mesma noite o fossem commetter em seu alojamento pri-

primeiro que se fosse ajuntar com os mais. E logo despedio Simão Pinhão, e D. Henrique Modeliar com todos os Lascarins da terra; e tanta pressa se derão, que no quarto d'alva deram sobre os inimigos, e os commettêram com grande determinação, e esforço; e como os tomáram des-cuidados, fizeram nelles grandes estragos; e não sabendo o que era, estiveram pera se desbaratar de todo; mas tornando sobre si, leváram as mãos ás armas, e começaram a menear com grande animo, com que os nossos Lascarins estiveram postos quasi em desbarato, senão fora o esforço de Simão Pinhão, que era mui temido dos Chingalas, que fez este dia tantas maravilhas, que poz o Rey de Uva em desbarato de todo, e lhe foi seguindo o alcance por grande espaço, em que lhe matáram muitos, e tomáram muitas armas, e despojos.

Com esta vitoria se recolhêram os nossos ao arraial, o que deo tanto animo aos mais, que logo foram commetter os da tranqueira, levando alguns cavalleiros de madeira, que pera isso tinham fabricado, pera de cima com a espingardaria os combaterem, como fizeram tão determinadamente, e com tanto damno seu, que os puzeram em desesperação, por verem que

os nossos não tratavam de os commetter por assalto, senão derriballos poucos, e poucos com sua arcabuzaria até que os tomassem ás mãos; e vendo-se tão apertados, determináram de fugir huma noite com todo o risco; e assim, no primeiro quarto sahiram da tranqueira com suas armas nas mãos, e como homens desesperados, commettêram os nossos pera ver se os podiam romper, e passar por entre elles, que não estavam tão descuidados, que logo os não sentissem; e tomando-os em meio, fizeram nelles tamanho estrago, e destruição, que não escapáram mais que os dous Principes aleyantados, que na revolta se tresmalháram, e com a escuridão da noite se foram embrenhando. Morreo aqui a flor da gente de Candea, e os principaes Modeliares, e que mais guerra faziam aos nossos que todos. Ficáram no forte todas as armas, e despojos dos inimigos, que foram muitos.

Neste feito se acháram Salvador Pereira da Silva, Capitão do campo, D. Manoel de Azevedo, Simão Pinhão, Antonio da Silva de Affonsca, João Teixeira de Mirelles, João Serrão da Cunha, Philippe de Oliveira, Simão Rabello, Gregorio da Costa de Sousa, hum Foão Pereira, Pero de Abreu Modeliar, D. Henrique Modeliar, e outros muitos que me não vieram á

noticia, e D. Fernando Modeliar por Capitão Mór, que todos fizeram grandes cavallarias. Succedeo isto no mez de Outubro passado de noventa e sete.

CAPITULO XIV.

De outra grande vitoria que os nossos alcançaram em Ceilão.

A Lcançadas estas vitorias deste tyranno, mandou D. Jeronymo de Azevedo recolher o arraial ao forte de Batugedere, nas fronteiras de Dinavaca, de que foi por cabeça Salvador Percita, e com elle Simão Pinhão, pera por aquellas partes fazerem toda a guerra que pudessem ao tyranno; assim nas sete, como nas quatro Corlas, por onde o inimigo tambem tratou de fazer guerra por divertir o Capitão Geral da que lhe os nossos faziam pelas partes de Maturé, onde ficou gente bastante pera isso, havendo que as partes por onde o Geral mandava fazer esta guerra estavam fracas, e com pouco poder. E deo-lhe animo pera isso humá vitoria, que alcançou da gente da terra da nossa parte, o que foi causa de se rebellarem alguns vassallos daquellas partes de Seitavaca, e Cota; e estas terras que assim se rebellaram,

ram, tratou o tyranno de sustentar, e defender, pera o que mandou fazer hum forte nos confins das quatro Corlas, em que poz muita, e boa guarnição de soldados, e Modeliares. Tanto que o Geral teve este aviso, mandou que toda a gente que trazia por aquellas partes se ajuntasse, e se fortificasse no lugar de Atanagale, em que estava por Capitão Francisco Pimentel, por ser lugar forte, e accommodado pera contrastar os inimigos, e pera fazerem tornar á obediencia as terras rebelladas. Este forte foi fazer Simão Pinhão. Isto sentio o tyranno muito, e mandou que se proseguisse naquella guerra com muito calor: e pera ella se ajuntou todo o poder no forte de Atanagale, donde os nossos fizeram alguns assaltos nas terras dos inimigos, em que mataram, e cativaram muitos, com o que parte das terras rebelladas tornaram á obediencia, e o tyranno se foi retirando, e os nossos passando adiante mais huma jornada por se avizinharem a elle, porque desejavam muito de o encontrar.

Vendo-se o tyranno tão perseguido, mandou fazer hum bom forte em cima de huma serra pegado á nossa gente, e dentro nas nossas terras, assim pera sustentar as que estavam á sua obediencia, como pera poder segurar melhor as suas, e o outro for-

forte, que tinha nos confins das quatro Corlas, que era o em que elles mais escoravam que todos. Sabendo os nossos do forte que se fazia pegado a elles em sima da serra, o assaltáram primeiro que se acabasse, e o entráram com tanta determinação, e esforço, que com mortes de muitos dos inimigos o ganháram, e arrazáram de todo; e porque os que estavam na tranqueira das quatro Corlas não se queriam retirar de todo das nossas terras, antes estavam confiados em as senhorearem dalli por algumas fortificações, que estavam feitas por elles nos passos, donde os nossos os podiam commetter; mandou o Geral que se passasse lá o arraial; e em algumas escaramuças que lá tiveram com os inimigos, os desbaratáram, e puzeram em fugida, e lhes ganháram todas as fortificações, com o que largáram as terras, e se recolhêram aos limites de Seitavaca, e os nossos fizeram notáveis cruezas nos moradores das Aldeas, que se rebelláram pera exemplo das outras.

Sabido isto pelo tyranno, temendo que os nossos lhes fossem commetter o seu forte, e as suas tranqueiras, quillos divertir disso: pera o que mandou a mór parte do seu poder aos dous Principes das Corlas, pera que elles com os outros alevantados

fos-

fossem commetter as nossas tranqueiras pela banda de Chilao na fralda do mar pera chamar lá os nossos, e com isso segurar as terras que desejava. Disto teve o Geral logo recado; e avisou de tudo aos do arraial; pera que estivessem prestes, e de sobreaviso, pera que fossem dar nos inimigos de supito, ou commettessem entrar-lhes por suas terras pera os obrigar a desistirem daquelle pensamento; e porque a paragem em que elles tinham o seu arraial era longe dos nossos, no caminho havia grandes impedimentos de rios, e alagadiços, os não poderiam tomar sem serem sentidos; pelo que pareceo melhor entrar-lhes por suas terras, e commetter-lhes a propria Cidade, cabeça das sete Corlas, onde os principaes allevantados residião; que áquelle tempo andavam fóra com todo o seu poder, fazendo guerra ás nossas terras, porque tinham naquella Cidade suas riquezas, mulheres, e filhos. E assim foram marchando apressadamente, sem descansar de dia, nem de noite, pelejando com os inimigos, que estavam em guarda de alguns passos; e chegando á Cidade que hiam buscar, posto que a acharam fortificada de tranqueiras, e cava, commettêram-na com tanta determinação, que a entraram com morte de hum Modeliar,

que

que alli ficou por Capitão, e de muita gente, e a Cidade foi logo mettida a fogo, e abrazada com todo o seu recheio, que era muito, por se não embarçarem os nossos com o sacco.

Feito isto, tornaram-se os nossos a recolher com muito boa ordem; e desviados do caminho por onde os Principes podiam ir soccorrer a sua Cidade; e ainda pelos que se recolhêram, não deixavam de ter grande trabalho, porque todo hum dia passáram pelejando com guarnições, que os inimigos tinham em diferentes passos, que sempre deixáram escalavrados.

Sabido este negocio pelos Principes, que estavam fazendo a guerra dentro nas nossas terras, deixáram tudo, e acudiram lá: e nesta jornada lhes sahiram os nossos, e deram-lhes nas guarnições que deixáram em suas tranqueiras, e com morte de huns, e fugida de outros os lançáram fóra das terras, e ainda entráram pelas dos inimigos, onde fizeram muitos damnos, e recolheram muitos despojos. Succedeo isto desde Novembro passado até fim de Abril deste anno, em que andamos de noventa e oito: o tyranno D. João sentio estas cousas muito em extremo, porque além da reputação que perdia com os Chingallas, ficava menos temido dos nossos, que lhe

tinham mortos os seus principaes Capitães, e Modeliares, de que os mais andavam tão affombrados, que já proseguiam naquella guerra lentamente, e contra suas vontades, que eram novas armas, com que os nossos ficáram pelejando com elles. E porque se temeo o tyranno, que com o soccorro que veio da India, lhe ganhassem os nossos o forte, que tinham nos confins das quatro Corlas, em que consistia toda sua força, e segurança daquellas comarcas, determinou de acudir em pessoa áquelle negocio, assim pera prover melhor aquelle forte, como pera com sua presença dar calor áquella guerra, e provocar, e animar aquelles povos, que estavam á nossa obediencia, a se rebelar, e passarem a elle, pera quebrantar os nossos, e divertir o Geral de lhe mandar fazer a guerra, que lhe fazia dentro em sua casa, e pera tambem livrar os seus dos males, de que andavam ameaçados com a affouteza, e vitorias que os nossos cada dia alcançavam: o que lhe não succedeo, como elle cuidava, porque trazia o Geral sobre elle tantas espias, que não dava passo, nem praticava cousa, de que logo não fosse avisado: ao que acudia com a presteza necessária, porque nella estiveram sempre as vitorias que alcançou; e pera o tyranno effei-

effeituara o que pertendia, se foi pera Cana-
dea, e ordenou dous exercitos: hum de
mil soldados escolhidos, que despedio pe-
ra as partes de Putalão, pera ajuntar toda
a gente daquelle comarca, e se irem con-
tra Chilão pelas fraldas do mar; e outro
de tres mil homens, que mandou que se
fossem fortificar na nossa fronteira das sete
Corlas: e assim o fizeram nas fraldas de
hum ferra, com desenho, que mandando
o Geral commetter qualquer destes, assal-
tarem os nossos pelas espaldas, com que
haviã teriam victoria certa delles.

Sendo o Geral avisado de tudo, refor-
mou o arraial com mandar acudir a elle
toda a soldadesca da terra, que seriam per-
to de dous mil e duzentos soldados Portu-
guezes, de que era cabeça Salvador Perei-
ra, e da gente da terra o Pinhão, e Fran-
cisco de Brito: e mandou que se fossem
fortificar em hum lugar chamado Tranquei-
ra Alanha, onde fizeram humã fortè tran-
queira de madeira com seus revêzes, gua-
rnitas, e cavas, por ficar alli no meio des-
tes dous exercitos dos inimigos em igual
distancia de hum, e do outro, pera com
isso enfrear os inimigos, e lhes fazer per-
der o orgulho, e as esperanças que tinham
de prevalecerem contra nós, porque assim
se não podiam soccorrer huns aos outros,
com

com o que as forças lhes ficavam divididas; e depois de bem fortificados, saíram os nossos muito ufanos, deixando a tranqueira bem provida, e com grande brio foram commetter o arraial da banda das sete Corlas, em que deram no quarto d'alva tão de sobresalto, que os tomaram sem terem ainda acabado o forte que alli faziam, que era nas raizes de hum a serra, de que tinham cortados os matos ao redor, não deixando mais entrada para o forte, que a de dous boqueirões, que também tinham fortificados com fortes tranqueiras, e nellas dous mil homens; e o resto do exercito tinha em cima da serra com ordem, que sendo commettidos dos nossos, lhe sahissem por hum a ilhargá, e lhe dessem nas espaldas.

Tanto que os nossos chegaram aos boqueirões, logo commettêram os inimigos com grande determinação; mas elles descarregaram sua munição, com que derribaram alguns Lascarins dos nossos, e os mais se foram retirando, ao que acudiram os Portuguezes, e se passaram á dianteira, e commettêram os inimigos com tanto esforço, que a pesar da grão resistencia que nellés acháram, os entraram com morte de hum dos Capitães, ou Modeliares, e muita gente sua; e estandoe embaraçados nel-

nesta vitoria ; lhes sahio o alevantado Si-
mão Correa , que era o que estava em fimá
da ferra , e deo nos noílos pelas costas ;
mas como todos andavam com a mão fol-
gada , viráram a elle com huma furia es-
pantosa , e depois de durar a batalha gran-
de espaço , puzeram os inimigos em des-
barato , e fugida , e no alcance foram ma-
tando muitos , e com tamanha mercê de
Deos se recolliêram carregados de armas ,
sem lhes custar mais que dous Portuguezes ,
e alguns Lascarins da terra.

Alcançada esta vitoria , despedio Sal-
vador Pereira da Silva , que era o Capitão
Mór desta jornada , mil espingardeiros da
gente da terra com alguns Portuguezes
pera irem dar no arraial de Putalão , antes
que tivesse o aviso do desbarato de estou-
tro ; e chegando ao forte , que alli tinham
feito , o commettêram com grandissima de-
terminação ; porque além do furor com que
andavam , leváram armas de vantagem ,
porque dobráram a espingardaria com a
que tomáram na vitoria passada , e com a
mesma facilidade entráram o forte com
morte de muitos dos inimigos , em que
entráram quinhentos Bagadás , gente da
outra costa , homens de feito , que tinham
ido de soccorro ao tyranno. O que causou
tamanho medo nos mais , que tinham pas-
sa-

110 ASIA DE DIOGO DE COUTO

fado áquella Ilha , e nos outros , quando lhes lá foi a nova da má hospedagem que os nossos lhes fizeram , que não quizeram mais provar ventura debaixo da bandeira do tyranno : com esta vitoria se tornáram os nossos a recolher ao seu forte.

Chegadas estas novas ao arraial que o tyranno tinha nas quarto Corlas , temendo-se que fossem logo saltcados dos nossos , largáram tudo , e se recolhêram a Candea , porque parece que foram avisados das intelligencias que o Geral trazia com aquelles póvos , pera se tornarem a reduzir á obediencia , de que se tinham rebelado por industria do tyranno D. João , sobre o que já tinham vindo algumas pessoas principaes a tratar este negocio com o Geral , que se effectuou , e os despedio em companhia de todo o exercito (por saber já das vitorias que os nossos alcançáram) pera irem dar naquelle forte , que elles já tinham despejado , onde não houve que rebiscar dos soldados , e todo o desfizeram , no que tiveram affás de trabalho , por ser força grande , e de muita fabrica. Com estas vitorias ficou o inimigo mui derribado , e os nossos com a mão folgada. Acháram-se nestes successos Philippe de Oliveira , João Serrão da Cunha , Gaspar de Azevedo , Francisco de Macedo , Francisco

co Gomes Leitão , filho do outro do mesmo nome , Antonio da Costa Monteiro , e outros Capitães de companhias , e estancias.

CAPITULO XV.

De como os Vereadores de Goa puzeram na Camara della o retrato do Conde Almirante D. Vasco da Gama , que descobrio a India : e da Oração que fez aquelle dia em seu louvor a rogo da Cidade.

PArecendo aos Vereadores da Cidade de Goa que se devia naquella Camara lugar ao Conde da Vidigueira D. Vasco da Gama , que descobrio a India , pois nella tinham os retratos de outros varões famosos , e benemeritos áquella Cidade , e a toda a India , como o do grande Affonso de Albuquerque , que ganhou a mesma Cidade , a de Malaca , e Ormuz ; e a do valeroso Capitão , Governador , e Viso-Rey D. João de Castro por Libertador da India , e a do insigne Capitão , e Viso-Rey D. Luiz de Taide , Conde da Touguia ; que governou duas vezes a India por defensor da mesma Cidade , e de todo este Estado : vendo que não merecia menos que todos o valeroso Capitão , e Viso-Rey D. Vasco da

da Gama, primeiro Conde da Vidigueira, e Almirante do mar da India, e por ser o primeiro descobridor della, cousa tão admiravel ao mundo, e que seu bisneto o Conde D. Francisco da Gama os começava a governar com tanta satisfação de todos, quizeram-lhe fazer este serviço, e favor. Pera o que o mandáram retratar pelo que já estava na casa dos Viso-Reys, e Governadores, que era feito muito ao natural; e porque a casa da Camara era pequena, e tinha huma parede de frontal nas costas da meza, em que os Vereadores se assentavam, a mandáram derribar, e estendêram a casa muito, ficando mui formosa, e muito mais depois que a ennobrecêram com outras casas que accrescentáram, cochêos, e portal, como era razão tivesse a Camara de huma Cidade tão famosa no mundo, e cabeça de todo este Imperio Oriental, tão rica, prospera, ennobrecida com todos os appellidos illustres de Portugal, e das mais gerações de Cavalleiros, que sempre estavam com as armas prestes, e os cofres abertos pera tudo se empregar no serviço do seu Rey, em que se pôde igualar com todas as do mundo.

E tendo tudo prestes, e preparado, me mandáram os Vereadores commetter quizesse celebrar aquêlle Auto com huma Ora-
ção

ção em louvor do mesmo D. Vasco da Gama; porque queriam festejar aquelle dia com toda a solemnidade devida; o que eu acceitei, por ver que pediam justiça, e que tudo aquillo se devia áquelle valeroso Capitão. E preparando tudo com o mór apparatus que podia ser, se ajuntáram todos os Vereadores, e Cidadãos na Camara dia de Natal deste anno de noventa e sete, e mandáram recado ao Conde D. Francisco, perá que se fosse achar presente áquelle Auto, a que elle logo veio acompanhado de todos os Capitães, e Fidalgos: e entre elles, e os Cidadãos houve muitos colares de ouro, medalhas, plumas, pontas de rica pedraria, trajos custosos, e galantes, formosos cavallos, e muito ricamente ajaczados. O Conde se assentou na Camara em huma cadeira de veludo á mão direita dos Vereadores a hum ilharga da meza, e os Cidadãos, Fidalgos, e Cavalleiros em escabellos cubertos de ricas alcatifas; estando o retrato do Conde D. Vasco da Gama em hum painel, feito a oleo, do seu tamanho, muito bem retratado ao natural, com suas molduras douradas, com columnas pelas ilhargas tambem douradas, posto em cima de hum bofete encostado á parede, onde o haviam de pôr, e alevantar; e posto tudo em silencio, alevantei-me do lugar em que

estava na meza , e no banco do Escrivão da Camara defronte do Conde , e em voz alta , e intelligivel , que se ouvisse por toda a casa , que era grande , fiz a Oração seguinte.

O R A Ç Ã O.

» **A** Coufa de que se mais prezavam
 » aquellas famosas Republicas Grega,
 » e Romana , Illustrissimo Senhor , e Viso-
 » Rey nosso , era de satisfazerem grandes
 » merecimentos com publicos , e geraes
 » galardões , dando a seus Famosos , titu-
 » los , e sobrenomes grandiosos , e alevan-
 » tados , a hum de Asiatico , a outro de
 » Mermidano , outro de Africano , outro
 » de Pai da Patria ; em fim , outros muitos
 » conformes aos feitos que commettêram ,
 » e acabáram : e não paravam aqui , mas
 » ainda lhes alevantáram estatuas em os
 » Senados , e lugares mais publicos de to-
 » dos , pera com isso incitarem aos mais
 » a obrarem coufas dignas de semelhantes
 » galardões. Assim esta Republica de Goa ,
 » não menos ordenada que todas as do
 » mundo , querendo imitallas em coufa tão
 » justa , tratou de remunerar , e em parte
 » satisfazer os grandes , e muito notaveis
 » merecimentos deste valeroso Capitão D.
 » Vasco da Gama , primeiro Conde da Vindi-
 » guei-

» gueira , e Almirante do mar da India
 » vosso Bisavô , pondo os olhos nos gran-
 » des , e muito proveitosos serviços que
 » fez á Coroa de Portugal , e ao muito
 » que este Estado lhe deve , por ser o pri-
 » meiro que nelle arvorou o real pendão
 » da Milicia de nosso Senhor Jesu Christo ,
 » debaixo de cuja sombra vemos hoje re-
 » colhida huma innumeravel copia , e mul-
 » tidão de Gentilidade: e o que por meio
 » de seu invencivel animo rompeo as diffi-
 » culdades que tantas centenas de annos
 » estavam na memoria dos homens postas
 » a esta navegação : havendo huns que o
 » mar não podia ser navegado ; outros ,
 » que por baixo da Equinoccial corriam
 » rios de fogo ; outros , que quem passasse
 » o Cabo , não poderia tornar ao nosso
 » Portugal , e que por lá acabaria , e se
 » consumiria : em fim , outros faziam ou-
 » tros medos , e carrancas tamanhas , que
 » faziam recuar os homens , e não ousar a
 » commetter esta tão difficullosa , e teme-
 » rosa navegação ; pois todos elles teve este
 » nosso Capitão em tão pouco , que passan-
 » do por todos , foi navegando por tão
 » varios , e apartados climas , que até en-
 » tão não tinham chegado á noticia dos
 » homens , vencendo nesta jornada não só
 » os furiosos ventos , e arrebatadas , e su-
 »

» pitas tempestades, e as medonhas, e car-
 » regadas ondas desse Oceano, mas ainda
 » os feros, e indomitos focas, e monstros
 » marinhos, de que o mar está cheio,
 » abrindo por meio de todos novos, e não
 » usados caminhos, pera que todos pudesse-
 » mos vir buscar as riquezas deste Orien-
 » te, com que não só o nosso Reino de
 » Portugal, mas ainda todos os da Europa
 » tanto se engrandecêram. E se hum caso
 » tão espantoso como este acontecêra em
 » tempo daquelles antigos poetas, com
 » muita mais razão puderam collocar entre
 » os signos, e planetas a famosa não S. Ra-
 » fael, em que este insigne Capitão nos
 » descobriu tantas maravilhas, do que o fi-
 » zeram áquella famosa Argos de Jasão,
 » de que tantas cousas fabuláram. E se
 » áquelle Americo Vesputio, que descobriu
 » essas Indias Occidentaes, que se tem
 » pela quarta parte do mundo, ficou nella
 » tão famoso, que tomou delle o nome de
 » America; com quanta mais razão esta
 » parte da Asia, que este nosso insigne
 » Capitão nos descobriu, se pudera chamar
 » a *Gama*, conservando tão illustre appel-
 » lido a memoria do mór feito que se
 » fez, nem fará, em quanto o mundo du-
 » rar; mas foi tal o descuido desta Cidade,
 » que ha tantos annos lhe tinha negado o
 » que

» que tanto merecia : o que não succedeo
 » em Portugal , onde se conserva sua me-
 » moria na amplissima geração que delle
 » procedeo , e na illustrissima Casa da Vi-
 » digueira , de que Vossa Senhoria he di-
 » gnissimo herdeiro , que tem lançado de
 » si varões tão famosos , que bem pudera
 » este Estado andar sempre em suas mãos
 » muito seguramente.

» E querendo agora estes Padres Conf-
 » criptos remediar o descuido passado ,
 » vendo que entre estes Illustres varões lhe
 » era a elle com razão devido o primeiro
 » lugar , ordenáram de lho dar , não só
 » neste Senado , mas ainda levantarem-lhe
 » estatua na principal porta desta Cidade ,
 » pera que todos os que por ella entrarem
 » se lembrem do muito que todos lhe de-
 » vemos. E ainda que este auto se não fa-
 » ça com as solemnidades que se devem a
 » tão valeroso Capitão , todavia he com
 » tanto gosto , e alvoroço de todos estes
 » Cidadãos , que não ha entre elles algum,
 » que não deseje de ser o author de serviço
 » tão devido como este. E certo , que se es-
 » te insigne Capitão pudera fallar pela boca
 » deste retrato que o representa , vendo o
 » descuido que até agora houve nesta Ci-
 » dade , pudera com muita razão dizer
 » aquillo do grande Catão , quando en-
 » tran-

» trando em o Senado , não vendo entre
 » tantas estatuas alguma sua , disse que
 » antes queria que perguntassem porque
 » não tinha alli Catão estatua , que não
 » porque puzeram alli estatua a Catão. Mas
 » porque este descuido não passe mais
 » avante , levante-se logo com grande al-
 » voroço de todos esse dignissimo retrato
 » no mais alto lugar desse capitolio , por-
 » que menor mal lie que seja esta Cidade
 » culpada de descuido , que de ingratição.
 » E por este serviço , e por todos os mais
 » que estes Cidadãos vassallos de sua Ma-
 » gestade pertendem de lhe fazer , assim a
 » elle , como a Vossa Senhoria , lhe pedem
 » todos ponha os olhos no amor , e alvo-
 » roço com que festejamos este Auto ; por-
 » que assim lembrando-lhe as obrigações
 » em que fica a esta Cidade , a queira hon-
 » rar com lhe guardar seus foros , privile-
 » gios , e liberdades , e com isso remune-
 » rar , e em parte satisfazer os serviços dos
 » Cavalleiros Cidadãos , que morrêram em
 » serviço do seu Rey , remediando-lhe , e
 » despachando-lhe suas filhas pobres , e or-
 » fans , pera que assim vejamos todos que
 » não foi este nosso serviço feito em vão :
 » e permittirá o Senhor por meio desta
 » obra tão santa dar a Vossa Senhoria tan-
 » tas , e tão insignes vitorias , que por ellas
 » me-

» mereça ser collocado á ilhãrga de seu
 » dignissimo Bisavô; e que me haja eu por
 » muito ditoso caber-me a sorte de escre-
 » ver a historia da India, que me he en-
 » commendada por sua Magestade, pera
 » que pelas grandezas que de Vossa Se-
 » nhoria espero escrever, venha a ser tão
 » conhecido, e celebrado no mundo, co-
 » mo foi Homero por escrever de Achi-
 » les. »

Acabada a falla, alevantou-se logo o retrato no lugar que lhe estava ordenado, que foi á mão direita, entrando na casa diante do de Afonso de Albuquerque, no que se não bolio, porque puzeram este do Conde Almirante na parede que se accrescentou: o que se fez ao som de muitos instrumentos. Posto em seu lugar, primeiro que se alevantassem da meza, apresentarão os Vereadores ao Conde Almirante algumas petições de orfãos pobres, filhas de Cavalleiros honrados, em que lhe pediam alguns cargos pera seus casamentos, que elle despachou com muito gosto, e dalli se recolherão pera os aposentos dos Viso-Reys, e lhe corrêrão ás carreiras no terceiro do passo com muito regozijo. E porque este Auto fosse de mór gosto, e mais celebrado, por não ser tudo temporal, fez o Conde outro espiritual nas melinas Oitavas,

vas , que foi fazer Christão o Principe de Pemba , e lhe poz nome D. Filippe da Gama , e ainda depois o casou com hum mulher Portugueza , que tinha vindo do Reino no numero das orfans , a quem dotou honestamente.

Este retrato do Conde D. Vasco da Gama , que assim se poz naquelle lugar com tanto alvoroço da Cidade , foi depois mudado não sei por cuja ordem ; porque os parentes de Afonso de Albuquerque allegavam que o primeiro lugar daquella Camara lhes pertencia por Conquistador daquella Cidade ; e porque se não fizesse agravo a algum , passaram estes Capitães ambos pera a fronteira da casa a de Afonso de Albuquerque á mão direita , donde se assentão os Vereadores , e a do Conde Almirante á esquerda ; e na parede em que estavam ficárão os retratos dos dous famosos varões D. João de Castro , e D. Luiz de Taide defronte hum do outro , o que se fez em tempo do Viso-Rey Aires de Saldanha,

CAPITULO XVI.

De como as náos Hollandezas, que andavam pela costa de Malaca, pelejáram com as náos que hião daquella Fortaleza pera a India: e do fim que estas náos tiveram, e de outras cousas.

E Stando ainda a armada de Lourenço de Brito na Sunda, não sabendo em Malaca das náos Hollandezas, que andavam já por aquella costa, preparou-se a frota, que havia de ir pera a India, que era esta: a náó de Miguel da Cunha, em que hia embarcado Francisco da Silva de Menezes, que acabára de ser Capitão daquella Fortaleza, que hia por Capitão Mór de todas aquellas náos: a náó da viagem da China, de que era Capitão Ruy Mendes de Figueiredo, e huma náó de Luiz de Mendoça, de que era Capitão hum seu cunhado: outra náó do mesmo Francisco da Silva de Menezes, que vinha da China, de que era Capitão Fernão de Almeida: dous juncos, e hum galeoto pequeno. E estando todas estas náos pera darem á véla dia de Reis, o dia dantes se fez João Gomes Fayó á véla, sem esperar pela mais frota, que ao outro dia se desamarrou; e quando foi aos nove; sendo trinta leguas de

de Malaca na altura das ilhas de Puluparcelar, houve João Gomes Fayo, que hia diante, vista das duas náos Hollandezas, que logo conheceo, pelo que voltou para trás, e houve vista da outra frota, e despedio hum balão a Francisco da Silva de Menezes com recado em que o avisava que eram as náos dos Hollandezes: estes tanto que víram a náó do João Gomes Fayo, foram-na demandar mui determinados.

Chegado o balão com o recado, ajuntou Francisco da Silva de Menezes na sua náó todos os Capitães, e as outras, e lhes deo as novas, e lhes perguntou o que se devia fazer. Foi a nova causa de grande alvoroço em alguns, e as náos se começaram a desordenar, e requererem algumas pessoas a Francisco da Silva de Menezes que tornassem a arribar a Malaca, que tinham pera lá vento que lhes servia, e que se não arriscassem a ir pera a India, porque os inimigos os haviam de ir seguindo, e perseguindo por todo o caminho; e seguindo os nossos eram desordenados, estava certo irem tomando aquellas náos huma e huma. No meio desta borbórinha, que era grande, não faltáram homens amigos de honra que acudíram áquillo, e que disseram a Francisco da Silva de Menezes, que não

não só se poderia pelejar com as náos, mas que com sós os batéis dellas as podiam tomar, e desbaratar: que passasse adiante, que Deos lhe daria vitoria. Com isto, e com deitarem bem suas contas, que os podiam os inimigos alcançar primeiro que chegassem a Malaca, se preparáram pera pelejar com os inimigos.

Estavam as nossas náos furtas, e diante de todas a de João Gomes Fayo, que se viera recolhendo já ás bombardadas com os inimigos, que vendo a nossa frota, entendêram que era toda de mercadores, em que podiam ter muito proveito, e pouco perigo: determináram-se a commettellos, como fizeram, indo muito embandeirados de bandeiras brancas, e de formosos estendartes, e assim á véla chegaram ás nossas náos, e lançaram ferro junto da de João Gomes Fayo, e de huma das nossas náos lhe atiraram com huma espora, que deo por huma das inimigas, que lhe fez bem de damno, com o que abatêram as bandeiras brancas, e deitáram outras de seda, como que se faziam louções pera aquella batalha: e logo começaram hum furioso jogo de bombardadas, de que a náó de João Gomes Fayo recebeo a mór parte, que tambem lhe respondeo com outra salva mui arrazoada, andando sempre no convéz
fa-

fazendo laborar a artilheria. Das outras náos também lhes respondêram mui bem, e assim se travou hum batalha mui creSPA, que durou desde pôr do Sol, em que começou, até ás oito da noite. E dalli até pela manhã gastáram os nossos em preparar suas cousas, porque determináram de pelear, e abordar as náos, por estarem já com mais animo; e assim se fizeram á vela mui ordenados, e os inimigos de envolta com elles pelas ilhargas, e oito dias continuos foram desta maneira pelejando furiosamente, desviando-se os inimigos por sua ligeireza de as nossas náos os poderem abordar. Em todas as náos houve algum damno, e feridos; e na de Francisco da Silva de Menezes entrou hum pelouro pela camara, onde levava sua mulher, e filhas, e lhe matou hum, que era a mais velha, e duas escravas. Os inimigos não hiam folgados, porque a artilheria das nossas náos os destroçou por muitas partes, e lhes abriu buracos, que lhes dêram bem de trabalho. Determináram de investir a náo de Luiz de Mendoça, que lhe ficava mais a geito, e vieram sobre ella; mas as nossas deixáram-se vir cahindo em favor sobre as dos inimigos, em quem fizeram algum não pequeno damno, fustigando-os com a artilheria, e arcabuzaria de maneira que os fizeram deter.

Nes-

Neste tempo aconteceu hum desastre; que foi tomar fogo a polvora que hia no convéz da Capitânia dos inimigos, que fez grandes estragos, queimando muitos, que foi causa de se retirarem quasi destroçados. João Gomes Fayo quiz avisar a Malaca daquelle negocio, e despedio hum soldado de recado, chamado Antonio Lopes de Almeida, com huma carta sua, e outra de Francisco da Silva de Menezes pera o Capitão, em que lhe davam conta de como hiam, e do que até então era passado. A nossa frota deixou-se ir seu caminho até Cochim. O Capitão de Malaca, tanto que chegou o Antonio Lopes de Almeida com estas cartas, de quem soube o que era passado, despachou logo dous balões mui ligeiros a saber das náos Hollandezas em que paragem ficavam. Estes balões foram até Pulobotum sem achar novas delles; e por não poderem ir até Nicubar, se tor-náram sem novas delles. Com o que despedio logo outra embarcação maior pera ir á ilha Polvoreira, e até Nicubar a saber delles; porque se lhes ficassem desta banda, os ir buscar com tres náos, que ainda estavam no porto bem negociadas; e despedio huma embarcação pera a Sunda, em que mandava aviso a Lourenço de Brito do que passava. A embarcação, que o Ca-

pitão mandou até Nicubar, tambem tornou sem nova alguma. Os inimigos se recolheram ao porto de Quedá com muita gente morta, e os mais tão feridos, e desbaratados, que gastáram muito tempo em se reformarem: e pela falta de gente, que lhe os nossos matáram, deixáram naquelle porto a náó de menos porte; e na outra, que era a Capitânia, embarcáram o que tinham, e sahiram-se com muita pressa, tanta, que deixáram em terra alguns feridos, porque os naturaes quizeram dar nelles por algumas sem-razões de que usáram com elles, e foram-se na volta de Bengalla; e pela paragem de Martavão na costa de Pegu se perdeu naquelle Macareo.

CAPITULO XVII.

Do que fez D. Luiz da Gama no Malavar o resto do verão: e de como D. Diogo Coutinho Capitão Mór do cabo Çamorim recolheo as náos da China, e levou a Goa: e dos Capitães que o Conde despachou pera fóra: e do que proveo sobre a feira de Cantão na China.

DEixamos atrás D. Luiz da Gama na costa do Malavar continuando na guerra contra o Çamorim até Abril, que se re-
co-

colheo a Goa, deixando providas as Fortalezas do Canará. Tanto que esta Armada chegou, vendo o Conde que a costa do Canará ficava desabrigada, e que aquelle era o tempo em que os Mouros do Cunhale se proviam de mantimentos por navios ligeiros, quiz-lhe defender isto, porque era a amor guerra que lhes podia fazer. Pera o que despedio logo D. Alvaro de Menezes com dezoito navios, e regimento que andasse por aquella costa até vinte de Maio, e partio de Goa a vinte e dous de Abril. Com esta Armada foi correndo aquella costa, e tomou nella hum galeota de Malavares, e outros dous navios mais, de maneira que não se provêram os Mouros desta vez como costumavam; porque o que governar o estado, não ha de poupar a fazenda de El Rey, porque nestas cousas he ella melhor despendida, que em todas as mais; porque se se gasta em hum Armada do Malavar sessenta, ou setenta mil pardaos pera sómente lhe tomar os portos, e defender os mantimentos, que razão darão pera depois deixarem a costa (donde se elles depois proviam á sua vontade) sem guarda alguma, porque só por este respeito se fizeram aquellas Fortalezas naquella costa pera nella ficarem navios da Armada do Malavar, guardando-a até entrar o in-

verno, e se recolherem a ellas: e assim ficaram dous gastos baldados, o das Armadas do Malavar, e o das ordinarias daquellas Fortalezas; e tudo isto acontece de quere-rem poupar o que os navios (que alli era razão ficassem) haviam de gastar; e fazem alguns tão pouco caso desta obrigação, como se não montára tanto, como algumas vezes tenho dito.

Partindo D. Alvaro de Menezes, logo o Conde despedio D. Fernando de Noronha por Capitão Mór de dez navios, por recear que depois do inverno entrado se movesse alguma guerra contra as Fortalezas de Barcelor, Mangalor, e Cananor pera as segurar, por não estarem providas como era razão estivessem, dando ordem a D. Fernando de Noronha pera deixar navios pelas Fortalezas do Canará, e elle invener em Cananor, pera dalli fahir entrada de Setembro a tomar as barras a Cunhale por se não prover de mantimentos, por que pertendia proseguir na guerra contra elle até o destruir de todo, por ser coisairo quasi da porta, e que todos os annos fazia grandes roubos nos navios dos vassallos de ElRey, e enxovallhava as nossas Armadas, cousa que além das perdas que dava, e reputação que tirava, enriquecia elle, e se fazia cada anno mais poderoso com da-

damno, e affronta nossa: e pera estas cou-
 sas tão necessarias nunca este Viso-Rey
 poupon a fazenda de ElRey, porque sabia
 que com a despender assim, crescia ella,
 e a dos vassallos: e assim todo o seu tem-
 po mandou invernar nestas Fortalezas, na-
 vios, e soldados que sahiam cedo a de-
 fender os provimentos aos Mouros, como
 se verá pelo discursô desta historia. Antes
 disso despachou o Conde alguns Capitães
 pera fóra, como foram, João Pinto de
 Morais no galeão S. João, pera ir fazer as
 viagens de Malaca com muitos provimen-
 tos, e munições pera elle, e nelle foi em-
 barcado Ruy Gonçalves de Siqueira, pro-
 vido da Capitania daquelle Fortaleza, por
 acabar seu tempo D. Julião de Noronha
 que nella estava.

Neste mesino tempo despachou tambem
 o Conde a D. Paulo de Portugal pera ir
 fazer tres viagens de Japão, que comprou,
 huma aos herdeitôs de seu Pai D. Francis-
 co de Portugal, e outra ao hospital de
 Goa, que ElRey lhe mandou pera se re-
 novar, e que precedesse a todas, e a ter-
 ceira a S. João de Goa: seguiam-se huma
 á outra: pera o que comprou huma for-
 mosa náó, em que partio mui bem petre-
 chado, e provido do necessario. Nestas
 náós passou o Conde Almirante huma Pro-
 conto. Tom. ULT. I vi-

visão a requerimento da Cidade , em que mandava que o Capitão Mór da China, e Japão não impedisse por alguma via, nem por si, nem por interpostas pessoas, nem os moradores da Cidade Macao, aos mercadores da India irem a Cantão fazer suas fazendas livremente: e que o Capitão Mór não pudesse pôr em conselho a ida de Cantão; porque por respeito de seus interesses, e dos moradores daquella Cidade tomavam nos ditos conselhos determinações, de que resultavam grandes damnos aos rendimentos das Alfandegas pelas poucas fazendas que vinham a ellas; porque se tinha entendido que pera vir á India humo náu, ou junco diante, que communmente trazia fazendas de pouco porte, se abria preço á seda, e se compravam fazendas do Lanquim, o que era em grande prejuizo pera a feira do tarde, que se vai fazer a Cantão, pera quem fica sempre a mór parte do cabedal da India: pelo que defendia que não houvesse mais de humo feira da India, pera onde se partíram os mercadores della em Setembro, pera que pudessem empregar seus cabedaes com menos oppressão, e a preços mais moderados pera se tornarem cedo pera a India, e chegarem em Março, como sempre antigamente chegavam: e que á dita feira, chamada da India,

dia, não pudesse ir nenhum morador da Cidade de Macao; porque como eram muito interessados na viagem do Japão, não hiam a Cantão a mais que fazer seda pera levarrem, ou mandarem, com o que a tiravam aos mercadores da India. Por este respeito havia dous annos que tinha vindo á India muito pouca seda, porque a levavam ao Japão, no que ElRey perdia muito em seus direitos, e com isso faziam a feira muito cara aos mercadores da India; e que os de Macao fossem áquella feira em Março pera fazerem as fazendas de Japão, e que a ella não iriam tambem Mercadores da India. Esta náó de D. Paulo de Portugal partio na entrada de Maio; e sendo tanto avante como Patane, lhe deo hum corisco no mastro, que lho quebrou, pelo que foi necessario fazer em Cochim alguma detença em se prover de outro.

D. Fernando de Noronha, que deixámos partido de Goa pera invernar em Cananor, foi seguindo sua jornada, e na costa Canará encontráram hum Parao de Malavares, que foi fugindo, e os nossos após elle até o fazerem varar em terra, donde o tiráram com todo o seu recheio: e assim encontrou por aquelles rios muitas embarcações pequenas, que estavam carregando de arroz, que logo largáram tudo, e se-

acolhêram; e nas Fortalezas de Barcellos, e Mangalor deixou dous navios, de que eram Capitães Manoel de Oliveira de Azevedo, e Lopo de Andrade de Gamboa, e elle passou a Cananor, onde invernou com os mais navios.

D. Diogo Coutinho, Capitão Mór do Cabo Camorim, recolheo as náos que difsemos de Malaca, que pelejaram com os Hollandezes, e as de Bengala, e navios da costa de Coromandel, e com huma grande cafila partio pera Goa, aonde chegou com toda a salvamento já depois de quinze de Maio.

C A P I T U L O XVIII.

Das razões que o Camorim teve pera fazer guerra ao Cunhale: e das preparações que pera isso fez: e das Armadas que o Conde ordenou: e do que succedeo a D. Fernando de Noronha, estando em Cananor: e das intelligencias que teve com o Camorim sobre o que queria fazer ao Cunhale: e da descripção da costa do Malavar de Cananor até Cochim: e do sitio da Fortaleza do Cunhale.

P Era melhor entendimento da guerra, de que logo tratarei, contra o Cunhale, será razão dizer primeiro as occasiões que

que o Çamorim teve pèra se mover a lha fazer em pessoa, que foram estas. Já ElRey seu tio, a quem o Çamorim succedeo, estava tão escandalizado das cousas do Cunhale, que antes que morresse lhe disse, que se queria reinar em paz, havia de fazer duas cousas: a primeira era ser sempre amigo dos Portuguezes; e a outra destruir o Cunhale, porque por tempos lhe não viesse a tomar o Reino, e a se fazer senhor de todo o Malavar. Isto teve elle guardado em seu peito sem o communicar a alguem, sómente em humas praticas que teve com o Padre Antonino da Companhia, Religioso de muito exemplo, bom Letrado, e Prégador, que hoje que isto escrevemos, he Preposito da Casa professa Bom Jesus desta Cidade de Goa, que então estava lá, e que mo contou a mim.

Succedêram este anno estas duas cousas: huma cortar este tyranno o rabo, ou a orelha a hum elefante, em que ElRey costumava a cavalgar, que foi tamanha affronta, como se o fizera ao mesmo Rey; a outra foi cortarem huns Mouros o membro genital a hum Naire, e metterem-lho na boca, que he a mór abominação que se podia fazer a esta casta, de que todos se queixáram ao Çamorim. E ajuntou-se mais a isto haver annos, que lhe não pagava os
quin-

quintos das prezas que suas Armadas faziam , e com isso pôr-lhes pensões novas aos Gentios seus vassallos a hum tanto por cabeça ; e sobre tudo ter tomado tamanho brio , que se intitulava Rey dos Mouros do Malavar , e Senhor de todo o mar da India , o que trazia o Çamorim em tantos cuidados , que em humas praticas que teve com o Padre Antonino , lhe deo conta desta sua tenção ; mas disse-lhe que não se atrevia a tomar a Fortaleza áquelle Mouro por estar poderoso. Ao que lhe o Padre respondeo , dizendo-lhe , que como dizia aquillo , que quem tomou a Fortaleza de Chale aos Portuguezes , mais facil lhe era tomar aquella daquelle tyranno. A isto respondeo o Çamorim : *Meu tio não lha tomou , tomou-lha a fome.* E assim lhe disse mais , que determinava de mandar chamar o Cunhale , e Cutimuça , e como os tivesse em casa , mandar-lhes cortar as cabeças , e que com isso escusava a guerra. Pedindo ao Padre que lhe dêsse sobre aquillo seu parecer , o Padre como o negocio era cousa de morte , não lhe respondeo : ao que o Çamorim acudio , dizendo , que já sabia o porque se calava ; e então lhe perguntou se podia matar os ladrões ? e dizendo-lhe o Padre que sim , tornou elle que por isso queria matar aquelles , porque o eram ; e
man-

mandando dahi a hum dia , ou dous chamma-
llos , não quizeram ir , cousa que nunca
fizeram ; porque sempre foram a seu cha-
mado , com o que o Çamorim se determi-
nou a lhe fazer guerra , e logo fez ajunta-
mento de suas gentes , e preparou as cou-
sas necessarias pera ella.

Estas novas chegarão a Cananor ; e
consultando-as D. Fernando de Menezes
Capitão daquella Fortaleza , e D. Fernan-
do de Noronha ; e vendo o tempo disposto
pera o que desejava , tratáram por cartas
com o Çamorim , e com os seus Regedo-
res sobre aquelle negocio , offerecendo por
parte do Viso-Rey toda a ajuda , e favor
por mar que lhe fosse necessario pera
destruir aquelle tyranno ; e avisáram logo
ao Conde do estado em que aquellas cou-
sas estavam , e mandáram prometter ao
Çamorim que se lhe confirmariam as pazes ,
que estavam feitas com D. Alvaro de
Abranches , indo sempre o D. Fernando
de Noronha sustentando o Çamorim com
esperanças , e promessas. O Conde andou
todo o inverno occupado em reformar as
Armadas , porque determinava de as deitar
muito cedo fóra , e visitou muitas vezes as
ribeiras dos navios , casa da polvora , e
armazens , porque sobre tudo trouxe sem-
pre grande vigilancia , e festejou os dias
de

de S. João , e Sant-Iago , como he costume , vestido á Mourisca , com carreiras , e regozijos , cousas que alegrão muito aos homens , e os exercita ; e como foi tempo , nomeou seu irmão D. Luiz da Gama por Capitão Mór do mar da India pera ir ao Malavar , e escreveo a Baçaim que se armassem seis Sanguiceis muito ligeiros pela ordem que dêsse Sebastião Botelho , que era muito experimentado naquelle mister , e que sahisse por Capitão Mór dellas em Setembro , o que elle fez muito bem feito , porque tudo vió com o olho , como soldado velho , e experimentado , e que tinha sido muitas vezes Capitão Mór dos navios. Isto mandou o Conde Almirante ordenar , por entender que as Armadas grandes não serviam de mais que de darem guarda ás cafilas , e que estes navios assim soltos eram os que podiam tomar Paraos , e navios de colfairos , que já com medo de nossas Armadas faziam outros navios pequenos , que eram os que roubavam toda aquella costa , porque fugiam a nossas Armadas , e chegavam aos navios de mercadores cada vez que queriam , e como Ginetes ligeiros entravam , e saham quando queriam , e contra elles mandou armar estes que dissemos , que os fizeram affugentar , como adiante veremos.

E porque desejava de dar fim á empreza de Cunhale , e lhe deram as cartas de Cananor do estado em que as cousas estavam, e de como o Çamorim se preparava pera o cercar, negociou com muita pressa alguns navios pera mandar a D. Fernando de Noronha, pera que com os outros que lá tinha se puzesse na barra de Cunhale, até chegar o Capitão Mór do Malavar. E pera isto começou em Agosto a pagar gente , e deitar navios ao mar, pera como o tempo désse lugar, os despedir com muita ordem, e presteza; e porque desejava de concluir o negocio de Cunhale, já que tinha o Çamorim tão disposto pera isso, por ser a mais importante jornada que então havia na India: e como as barras estiveram pera se poderem commetter em Agosto, despedio doze navios, de que foi por Capitão Mór, e cabeça delles Manoel de Barbuda, e dos mais foram Capitães D. Antonio Manoel, que neste verão em que escrevemos isto, acabou de servir a Capitania de Damão D. Alvaro da Costa, Gaspar de Mello, Vasco Gomes de Mello, Antonio Botelho, João de Seixas, Diogo Ortiz de Tavora, e hum navio pera Belchior Ferreira de Cananor, e seis Piriches mais de Malavares; e quando estes navios chegaram, já D. Fernando de Noronha tinha

nha sahido de Cananor em finco de Setem-
 bro com os navios que alli tinha, com que
 se passou á costa Canará, onde recolheo os
 que foram em Mangalor, e Barcelor, e alli
 se ajuntáram todos, com que se fizeram dez-
 oito navios, com que D. Fernando de No-
 ronha andou correndo aquella costa, porque
 os Mouros senão proovessem nella de manti-
 mentos: e dalli voltou pera Cunhale por ter
 recado do Camorim pera começar a dar
 principio á sua empreza, deixando sobre a
 barra do Canharoto cinco navios pera impe-
 direm a alguns Paraos que não sahissiem,
 que estavam dentro. Chegado á barra de
 Cunhale, poz por derredor muita vigia,
 porque lhe não entrasse cousa alguma, e
 mandou dous Capitães Malavares, bons Ca-
 valleiros, pera irem assistir com o Ariole,
 que ficava da outra parte do rio, fronteiro
 á Fortaleza, que estava da parte do Camo-
 rim, por ser seu vassallo, pera dalli fazerem
 toda a guerra que pudessem. Tanto que o
 Camorim vio D. Fernando de Noronha na
 barra, logo assentou seu exercito da parte
 de Leste, e da do Sul, pera assim ter o ty-
 ranno melhor cercado, e mais encurralado:
 e pera que se entenda melhor este nego-
 cio, farei huma breve descripção de todos
 os rios de Cananor até Cochim, que he
 a verdadeira costa do Malavar, pera se sa-
 ber

ber a parte em que este tyranno tinha a sua Fortaleza, e mostraremos o sitio, e forma de suas fortificações.

De Cananor ao ilheo de Tremapatão ha duas leguas, tem alli hum rio mui bom, delle ao rio do Sal ha meia legua, e legua e meia abaixo o rio de Maim; adiante hum legua a povoação de Chomamba, que tem defronte humas pedras; dahi a meia legua a povoação de Motangue, e outro tanto ao rio de Pudepatão, em espaço de meia legua, que he onde o Cunhale tem sua Fortaleza, sobre quem deixamos D. Fernando de Noronha com sua Armada, e na barra tem este rio hum ilheo; e entre a povoação de Motangue, e Pudepatão, em espaço de meia legua, ficam estas duas povoações, Coriare, e Baregare: adiante do rio de Cunhale duas leguas está a villa de Tiracole desta costa, e dos mais soberbos Mouros della: outras duas leguas adiante vai a villa Coulete, ou Couleche, e hum legua avante o rio Capocate, e adiante outra legua a povoação de Pudiangare. Nestes portos, rios, e povoações se armam todos os Paraos que sahem a roubar, e em todos ha verá hoje perto de setenta, pouco mais, ou menos, que se repartem pera diferentes partes á sua pilhagem, armados todos por diferentes armadores. E das prezas que
toe

todos fazem , tem o Camorim huma boa quantidade , sem elle metter cabedal algum ; e posto que estejam de paz connosco , não deixam estes collairos de sahir fóra , e de o consentir o Camorim pelo proveito que disso tem , sobre se ter obrigado em todas as pazes que tem feito com o estado , a não sahirem de seus portos collairos , e de cortar os esporões aos navios , e fazellos de carga. E os Viso-Reys quando lhe concedem estas pazes , bem entendem que as não hão de cumprir neste particular , mas dissimulam por respeitoos que tem pera isso , que eu não sei quaes sejam , porque com isso não poupam cousa alguma ao Estado , pois forçado por razão d'elle se lia de mandar áquella costa todos os annos Armadas , em que se gastam mais de sessenta mil pardaos , e arriscam os vassallos , porque á conta das pazes navegam , e os tomam , cativam , ou roubam.

E certo que neste passo me lembrou perguntar-me a mim qual he a causa , por que os Viso-Reys não tomam destes sessenta , ou setenta mil pardaos , que gastam todos os annos , vinte mil , e os repartem pelos Arioles , e Naires destes rios pera lhes queimarem todos os Paraos que nelles liouver , o que se fará com muita facilidade , e sem se saber ; e ainda digo mais , que

que os mesmos Camorins os mandariam queimar, dando-lhes este dinheiro, porque cuida que nem ametade desta quantia lhes cabe do quinhão das prezas; e segundo elles são miseraveis, e cubiçosos, e interesseiros, cuida que com isto folgáram mais. E assim sem risco dos vassallos, que he bem que se estimem, e lhes poupem as vidas, e sem tantas perdas, e despezas, farão a todo o Malavar dentro em sua casa a mór guerra do mundo, só por imitarem o muito prudente Rey, que está em gloria, que tudo o que podia fazer, e acabar com dinheiro, não perdoava os gastos, e despezas, porque entendia bem que o officio de bom Capitão era trabalhar mais por vencer com estratagemas, e artificios, que com armas; porque quando os inimigos se temem disto, andam mais precatados, e tímidos.

E tornando ao nosso fio, e ordem do que diziamos: de Pudiangare a Calecut ha huma legua, e duas dalli ao rio de Chale, e outras tantas á Cidade de Paranor, e as mesmas á de Tanor, e outras duas á de Paranora; e dahi a huma legua está o famoso rio de Panane, o maior daquella costa, e delle á barra de Paliporto nove leguas, e quatro ao rio de Cranganor, e delle a Cochim sinco. Eis-aqui toda a costa Mala-

var de Cananor até Cochim. Agora tornemos ao rio Pudepatão, onde Cunhale tem sua Fortaleza, e mostraremos o sitio, e fórma della. Pera o que se ha de saber, que o sitio em que está, he huma península quadrada de tiro de falcão de comprido, e outro tanto de largo; entrando pela boca da barra, logo volta pera o Sul hum esteiro, que deixa hum lingua de arêa sobre a barra, que corre de longo hum tiro de falcão: até o meio podem entrar fustas, e dahi por diante só almadias. O rio principal vai subindo quasi ao Nordeste outro tiro de falcão, e faz volta ao Sul, e deixa feita aquella península que disse, porque só se péga com a terra pela parte do Sul; e nesta volta que faz o rio está a Fortaleza principal, com que logo continuaremos. Aquella parte da terra, que não deixa fazer aquelle sitio ilha, fechou o Cunhale com hum grossa parede desde o esteiro debaixo até o rio grande; e ainda fez outra tranqueira por fóra de madeira muito grossa, e forte com suas guaritas, e revézes hum, e outra. O rio grande he de largura de tiro de espingarda, porque de hum parte, e de outra se ouve muito bem tudo; e cá em baixo perto da Fortaleza se aparta em dous ramos, deixando no meio aquella ilheta, que chamam do Chinalle, que

que era hum Mouro , de que logo daremos razão. Era esta ilheta de meia legua em roda , e logo se torna a ajuntar o rio , e se aparta d'elle hum braço , que vai até Calecut , e Chale , que são nove leguas , e até tres leguas poderão navegar catures , e dahi por diante almadias. A Fortaleza he quadrada , e cada quadra he de cincoenta passos , e em cada huma tem hum baluarte amadeirados de traves grossas , e debaixo delles casas pera armazens. As paredes da Fortaleza são de quatro passos de largura : em meio da Fortaleza está huma casa forte , que serve de masinorra , em que mettem os Portuguezes cativos , e por nossos peccados está poucas vezes vazia. Tem esta Fortaleza mais dous cavalleiros , que respondem de revéz hum ao outro , que descobrem todo o sitio , e povoação que fica dentro das tranqueiras. Os muros tinham seus parapeitos , bombardeiras , e setteiras com muita , e boa artilheria , e não tinha mais de huma só porta detrás de hum revéz de hum dos baluartes. A tranqueira de pedra , que fecha este sitio , tinha no cabo sobre a barra hum formoso baluarte com muita artilheria , que defendia a entrada com huma guarita pera a parte de Norte. Por todas estas fortificações tinha o Cunhale repartidos mil e

qui-

quinhentos Mouros escolhidos, a fóra quinhentos de serviço, e na Fortaleza tinha comsigo duzentos dos principaes, e de mór confiança. No baluarte de sobre a barra estava por Capitão Cutimuça, casado com humia tia do Cunhale, que foi o que tomou a galé de D. Fernando Lobo defronte de Coulaão: no baluarte da tranqueira de pedra estava Calvaca, valente Mouro: na tranqueira de madeira estava Canatale, sobrinho do outro, que foi grande coffeiro: nas guaritas estavam repartidos estes Capitães, Cunhimai, Nonomai, Cutimai, Cutimurça Marca, Bacca Mamede, Bacca Cutiali seu irmão, Canatale, Cana Acam, Tampocare, e outros, todos estes armadores de navios de seis, sete, e oito cada hum, que estavam mui ricos de prezas, e o Cunhale mais rico que todos, e tão soberbo, que tinha concebido em seu pensamento fazer-se Rey de todo o Malavar. E quando elle estava mais alevantado da fortuna, e cheio de vitorias contra nós, desandou ella sua roda, e deo com elle no pelourinho de Goa, onde lhe cortáram a cabeça, como em seu lugar diremos.

C A P I T U L O XIX.

De como o Bispo da China D. Luiz de Sirqueira da Companhia de Jesus, e o Padre Alexandre de Valignano foram a Japão: e de como aquelle Emperador falleceo: e do que lhe succedeo por sua morte.

N O fim da onzena Decada deixamos dito que tinha partido pera a China a não da viagem de Japão, de que era Capitão Mór Nuno de Mendça, onde foram embarcados o Bispo D. Luiz de Sirqueira, Religioso da Companhia de Jesus. Foi eleito pera a India pera Bispo do Japão pera por morte do Bispo D. Pero Martins, tambem da Companhia, lhe succeder no Bispado; porque como aquella Christandade era ainda nova, e muito tenra, atriscava-se muito se ficára alguns annos sem Bispo. E por isso ElRey de Portugal provêo nesta fórma, por ser em extremo zeloso do augmento da Santissima Fé Catholica. Hia tambem embarcado o Padre Alexandre de Valignano, Visitador da Companhia, que já o fora da India, e agora levava o mesmo cargo pera a Ilha de Japão; e fazendo sua viagem, tomáram Malaca, e dalli passáram á China, onde

Couto. Tom. ult. K se

se detiveram , esperando pela monção pera a Ilha de Japão , que he em Junho , depois de S. João , donde partíram já em noventa e oito , e chegaram entrada de Agosto , e os Padres da Companhia começaram a exercitar seu officio , e correr com suas obrigações no ministerio da conversão das almas.

Estava neste tempo muito mal o Taicozama , Emperador de todas aquellas Ilhas , e quasi no cabo ; e sobre aquella herança havia entre os senhores Japões grandes pertensões , e desavenças , porque pelas idolatrias , e peccados daquella Ilha nunca de quinhentos annos a esta parte succedeo filho a pai , nem neto a avô , nem ainda algum , a quem por linha direita succedesse naquella herança ; porque o derradeiro Emperador , em que aquella successão se acabou , foi reteudo , e foi prezo por hum Governador seu , que se lhe levantou com o Imperio , deixando-o na Cidade de Meaco em huns paços muito ricos , onde assim elle , como todos os que lhe succedêram por linha direita estiveram até hoje como estatuas , sem eleição de querer , nem com mando algum , sómente tinham authoridade pera confirmar os Reynos aos tyrannos , e a todos os mais daquella Ilha ; e com viverem assim privados
de

de seu Imperiõ , eram muito ricos por pensões que lhes davam, e na authoridade ; serviço , e riquezas eram outros Emperadores. E estes seus herdeiros, que assim lhe succediam por linha direita, não perdêram nunca o titulo de Daires, ou Voo, que he o mesmo que de Emperador ; e o que os tyrannos tomáram de Taicozama he mais humilde por encubrirem sua tyrannia, que tanto quer dizer como do Imperio.

Pelo alevantamento do primeiro tyranno, que desapossou o derradeiro Daire, se dividio aquelle Imperio em sessenta e seis Reynos distinctos, que são os seguintes:

Faremos primeiro huma descripção destas Ilhas por esta maneira. Tomada esta terra a vulto, affirmam que tem quatrocentas leguas de comprido ; mas o que he na realidade, não passa de duzentas, quanto á propria Ilha de Japão. Nasce isto de ser esta grande terra repartida em muitas Ilhas juntas, que fazem parecer hum grande continente. As maiores, e mais principaes Ilhas, são tres. A primeira se chama Chimo, e por outro nome Xaicocu, que tem estes nove Reynos, scilicet, Eígen, Bungo, Funga, Bonzumi, Cucuma, Fingo, Chicugen, Chicungo, Unigen.

A segunda Ilha se chama Xicocu, que quer dizer quatro Reynos, por outros tantos

que tem, que são estes, Tosa, Aba, Sanoqui, e Lijo.

A terceira, e mais principal, he a que propriamente chamamos Japão, que tem em si estes quarenta e sete Reynos, scilicet, Nangato, Inami, Sura, Juxomim, Aqui, Foqui, Bingo, Ineba, Bichum, Mima, Zaca, Farima, Tanquima, Viger, Tambá, Tango, Bacasa, Xama, Xiro, Xamalo, Inzuno, Quij, Liquigem, Bomi, Inga, Xima, Ixe, Mino, Canga, Noto, Jetchic, Fitachi, Ximano, Boari, Micava, Cai, Jenchingo, Devá, Lencuque, Totomi, Fugara, Ixu, Meaxi, Ximonu, Xicque, Sangami, Ximoneza, Findeaquí, Bonju, Bandou. A esta Ilha principal se ajuntam outras seis, que são estas. Sado, Voqui, Couxima, Iqua, Abangui, Iniunoxima, que são outros seis Reynos. Estes são os sessenta e seis Reynos do Japão. E entre quarenta e sete da Ilha principal ha cinco, que se chamam Tecão por hum nome só; e quem for senlior desses, he Emperador de toda a Ilha.

Já que temos visto a grandeza deste Imperio, tornemos a continuar com o discurso que levavamos da doença do Taicozama. Este vendo-se no cabo, andou discursando como poria na cadeira daquella Monarquia hum filho que tinha, de idade de

de cinco annos ; porque ainda que era tyranno , e tinha tomado o estado alheio , não deixava de ver , e entender que o que elle fez ao filho alheio , lhe podiam outros fazer ao seu ; e vendo que não tinha outro remedio senão fiar-se de alguém , quillo fazer antes do Rey de Bandou , chamado Yaya Su , por ser muito valeroso , de quem se receava mais que de todos os outros Reys , que por sua morte lançasse mão daquella Monarquia , e quillo levar por termos de muita confiança que d'elle fazia com lhe entregar seu filho ; porque pela ventura que com isso o quietaria , e sustentaria seu filho menino naquelle estado. Chegado este Rey a elle , tendo comfigo muitos dos seus Grandes , lhe fez esta breve falla :

» Bem sei que não posso escapar desta
 » enfermidade , porque vejo em mim sinaes
 » de ser chegado o meu termo : não sinto
 » morrer , porque sei mui bem quão certa
 » a morte he a todos , só sinto deixar
 » meu filho de tão pouca idade , que não
 » he capaz de lhe entregar este Reyno ; e
 » já que assim he , correndo pela memoria
 » a quem com mais confiança podia entregar este menino , e esta coroa , que tivesse valor , e posse pera o sustentar nella ,
 » e defender de seus inimigos ; e que co-

» mo

» mo chegar a idade de poder governar,
 » lho entregue, em todo este Imperio não
 » achei outro, senão vós, que tenha pera
 » isto as partes que quero, pelo que com
 » muita segurança vos entrego este filho, e
 » todo este Imperio; e pera que esta con-
 » fiança, que de vós tenho, se acabe de
 » mostrar a todos, vos rogo que caseis
 » este menino com vossa neta; pera que
 » assim sendo vós avô de sua mulher, se-
 » jais também pai deste meu filho. » E
 mandando vir o menino, lho entregou, e
 lho poz nos braços, onde elle o agaza-
 lhou com mostras de muito amor, e cor-
 tezia, e com isso respondeo a Taicozania
 estas palavras:

» Eu, Senhor, quando morreo o Empe-
 » rador Nabunango não possuia mais que
 » o Reyno de Micava; e como vós, Se-
 » nhor, succedestes nesta Monarquia, com
 » vossa ajuda, mercês, e favores conquisei
 » tei outros tres Reynos. E depois pera
 » me honrardes mais, e alevantardes, me
 » destes oito Reynos em o de Bandou a
 » troco dos quatro que possuia: pelo que
 » eu, e toda a minha geração estamos obri-
 » gados a servirmos, e amarmos ao Prin-
 » cipe vosso filho, e a todos os seus des-
 » cendentes com risco das fazendas, vidas,
 » e estados. E sem vós, Senhor, mostrar-
 » des

» des tanta confiança de mim , tinha eu
 » obrigação , e estava mui apostado a pôr
 » todas minhas forças , e industria , pera
 » que o Principe vosso filho ficasse seguro
 » em seu Imperio. Mas agora que sobre
 » tantas honras , e mercês , como são todas
 » as que me tendes feito , me fazeis esta
 » de novo , que passa por todas as outras ,
 » de me entregardes vossos Reynos , e
 » vosso filho por genro , fico tão cativo
 » de V. Alteza , e prezo com tão fortes
 » cadeias de amor , que determino de fa-
 » zer todo o possível pera cumprir tudo o
 » que me deixais encommendado. »

Acabado isto , mandou trazer sua neta ,
 que era de dous annos , e alli os desposá-
 ram logo com as ceremonias do Japão ;
 com muito gosto , e applauso de todos ; e o
 Taicozama deo juramento ao Rey do Ban-
 dou de governar seus Reynos em paz , e
 justiça , até seu filho ser de idade pera lhos
 entregar. E o mesmo fez a todos os Gran-
 des que estavam presentes , de serem fieis a
 seu filho , e procurarem conservallo em
 sua Monarquia. Acabado aquelle acto ,
 logo alli mandou trazer grande somma de
 joias , e riquezas , e as repartio por todos ,
 pera com isso os obrigar mais.

E porque naquelles Reynos de T'enca-
 não havia mais de quatro Governadores ,
 ac-

accrefcenção-lhe mais hum chamado Afo-
nodario, e este como Presidente dos outros,
e que estes todos ficassem subditos de El-
Rey tutor de seu filho, e lhe obedecessem
como a sua propria pessoa, se fora vivo;
e pera que estes cinco ficassem mais uni-
dos, e conformes, fez casar os filhos de
huns com as filhas dos outros.

Havia muitos annos que este barbaro
Taicozama andava com imaginação de se
fazer adorar por Deos, pera o que tinha
na sua Fortaleza de Fuximi (que era cou-
sa muito notavel) ordenado hum certo
lugar de grande recreação pera nelle ale-
vantar, e pôr sobre altar sua estatua; e
porque este peccado de quererem os ho-
mens usurpar, e tomar pera si o que a só
Deos he devido, he o que elle mais casti-
ga que todos, o quiz fazer a este tyranno-
logo, tanto que entrou naquella imagina-
ção, e mostrar-lhe grandes sinaes de sua
justa indignação, pera ver se com elles en-
trava em si, e se apartava de seu máo pro-
posito. E assim a vinte e dous de Julho
de noventa e seis, andando elle occupado
no lugar em que queria depositar sua esta-
tua, appareceo sobre a Cidade de Mea-
co hum grande Cometa que durou alguns
dias; e logo dahi a poucos choveo grande
quantidade de cinza, e na Cidade de Ofaca
tam-

tambem choveo arêa ; e depois disto na entrada de Dezembro seguinte foram tantos , e tão grandes os terremotos , e tremores da terra na mór parte do Japão , que cahio pelo chão toda a Fortaleza , e paços de Fuximi , onde aquelle tyranno queria pôr sua estatua , que elle tinha fabricados com excessivas despezas , e o tyranno escapou com o filhinho de tres annos nos braços , e na terra de Frenoxa cahíram grande quantidade de templos dos seus idolos , onde morreo muita gente ; e em outro mui grande templo de Meaco se fizeram todos os idolos que havia , em pedaços. Os mesmos damnos acontecêrão nas Cidades de Osaca , e Sacai , e dellas pera Meaco ficáram tão grandes aberturas na terra , que os tremores della abríram , que se não podia passar pera aquella Cidade sem grandes rodeios.

Além destes males da terra , fez o mar outros maiores , que foi sahir de seu curso com duas correntes caudalossísimas , huma que foi caminho da Cidade Meaco , alagando , e destruindo todos os lugares , e villas inteiras que havia , em que pereceo grande numero de gente , e outra que foi pera o Ximo , e Reyno de Bungo , que tambem assolou muitos povos inteiros , porque entrou vinte leguas pela terra dentro , coufa
nun-

nunca vista, nem ouvida no mundo depois do diluvio geral. E toda esta inundaçãõ procedeo de hum estreito que faz o mar entre duas Ilhas defronte do porto de Ximonoxeque; e foi este diluvio tamanho, que depois de passados alguns dias, ficou neste Reyno do Ximonoxeque sobre o mais alto monte delle perto de vinte braças de agua; e assim morreo naquella parte tanto numero de gente, que se não pode estimar, sem este barbaro se mover, nem tirar de seu máo proposito; e tanto foi perseverando nelle, que tornou logo a reedificar a Cidade de Fuximi com móres gastos, e despezas; e o lugar em que havia de alevantar sua estatua, ornou-o com mais riquezas; e aos dezeseis de Setembro felleceo este tyranno, e seu corpo foi mettido em huma caixa mui rica, e bem guardada, pelo elle assim mandar, sendo costume dos Japões queimarem-se: foi levado com grande magestade ao lugar que elle tinha ordenado, e logo lhe alevantaram a sua estatua, que tinha feita, com hum letreiro que dizia *Xinfaquiman*, que quer dizer Deos das guerras, como aquella antiga gentildade tinha alevantado outra a Deos Marte. E este lugar, em que foi depositado, era hum jardim de grandes recreações, e frescuras, e sua alma foi parar en-

entre grandes suspiros, tormentos, e fogo eterno, que dura em quanto Deos durar, que será pera sempre, que he o que só se ha de adorar. Com sua morte tomou o Rey de Bandou, tutor do filho do Taicozama, posse do Imperio sem contradicção alguma, porque nenhum dos outros Reys quiz contender com elle, por ser de grande valor; mas tambem usou o mesmo que o Taicozama, que tem hoje este Principe, com ser seu genro, como estatua, e pertende pôr naquella cadeira hum filho que tem; mas não faltará quem lhe faça outro tanto por sua morte.

Com estas cousas tornáram os Padres da Companhia a resfolegar, e tomar alento, e aquella grande Christandade a ir por diante, e reedificarem-se Templos, e Seminario: e tanto foi Deos nosso Senhor cumprindo os bons intentos destes Obreiros Evangelicos, que os mais dos Reys lhe offerecêram lugares pera Igrejas, chamando-os cada hum pera si, porque folgavam de communicar com homens de tanta virtude, e exemplo. E isto lhes succedeo sempre, depois de estarem nestas Ilhas, que com andarem muitos, e sós, e apartados no ministerio da conversão das almas entre moças muito formosas, que as ha naquellas Ilhas, tanto como as da Europa, até ho-

hoje , por misericordia de Deos , se não
 achou Padre nem de Missa , nem Leigo
 comprehendido em hum máo exemplo , nem
 escandalo : e assim por sua limpeza ferti-
 lizáram seus campos , e suas sementeiras ,
 como o grão do santo Evangelho.



DECADA DUODECIMA

Da Historia da India.

LIVRO II.

CAPITULO I.

De como este anno de noventa e oito não partiram ndos do Reyno: e do Forte que o Conde Almirante ordenou sobre a barra de Goa: e do que proveo sobre o governo do Reyno de Ormuz.

DEpois que o Conde Almirante despedio os navios pera D. Fernando de Noronha, ficou esperando pelas náos do Reyno pera saber novas do que lá hia, que não partíram este anno por estar a barra de Lisboa impedida com huma Armada de Inglaterra, que esteve sobre ella todo o mez de Março; e vendo o Conde Almirante que lhe tardavam até todo Setembro, parecendo-lhe que poderiam ir tomar Cochim, começou a entender nas cousas que havia de mandar pera fóra, e a primeira foi despedir o galeão dos provimentos pera Ceilão, e nelle D. Pedro Manoel, irmão do Conde da Atalaya, primo

mo com irmão do mesmó Conde , pera Capitão de Columbo , por acabar seu tempo Thomé de Souza de Arronches que nelle estava , que partio na entrada de Outubro ; e porque entre as instrucções que El-Rey mandou a este Estado o anno passado , achou hum Capitulo de huma que dizia assim : « E porque sou informado que será » de muito effeito pera guarda da barra » dessa Cidade , principalmente pera os » navios de remo , que por ella intentaf- » sem entrar , fazer-se outra Fortaleza na » ponta do palmar de Gaspar Dias , que » está fronteira á de Bardes , vos encommen- » do que ouvindo sobre isto o Engenheiro » que ficou , em lugar do que pera cá se » embarcou nas náos passadas , e as mais » pessoas que nessa materia possam dar vo- » to , deis ordem com que se faça. » E como o Conde desejava de cumprir todos os regimentos , e instrucções de El-Rey , em que consiste o bom governo deste Estado , ajuntou a Conselho os Fidalgos velhos , e as pessoas que mais lhe parecêram , e propoz aquelle negocio , e mandou ler a instrucção.

E examinadas entre todos as razões que havia pera se haver de fazer aquella Fortaleza , Não só pera contra os navios pequenos , mas ainda pera contra náos Hol-
lan-

landezas , e quaesquer outras que cá passassem , assentou-se que era mui necessaria ; porque como a entrada desta barra de Goa tem dous canaes , hum mais pequeno capaz só de Fustas , que passa ao longo da ponta de Bardes , onde está fundado o Mosteiro dos Reys Magos da Ordem do Padre S. Francisco , pera cuja defensão o Viso-Rey D. Affonso de Noronha mandou fazer aquella Fortaleza , que já dissemos ; e ao pé della , que está em hum alto , fundou o Governador Manoel de Sousa Coutinho hum Couraça ao longo da agua , que péga na Fortaleza com boa artilheria , que o Conde Almirante Viso-Rey acabou com mandar fazer casas pera gazalhado do Capitão , que não tinha , e não ficar acabada , que defende bem a entrada da barra , em especial o canal pequeno ; e por ficar de frente da ponta do palmar de Gaspar Dias , com o Forte que o Conde Almirante alli fundou , se assegurava o canal maior , e pela mesma razão ambas as entradas que ha da barra pera o rio de Goa , e por este canal maior entram as nossas náos do Reyno descarregadas , e a banda , por ser capaz de entrarem por elle náos de grande porte. Aqui onde agora está o Forte , que o Conde mandou fazer , poz o Viso-Rey D. Luiz de Talde , a primeira vez que o foi ,

foi , hum Alcaide das facas pera buscar todas as embarcações que alli surgissem, assim á ida, como á vinda, que não aproveitou mais que ao homem que alli poz. E esta entrada por esta parte não podia defender a artilheria da Fortaleza, e Couraça de Bardes, por ser a largura do rio de mais de tiro de camelete, era necessario haver alli alguma defensão, porque a India nunca se temeo, senão de Galés de Rumes, que nunca se imaginou que pudessem Armadas de inimigos da Europa passar a estas partes, como depois vimos, contra quem foi remedio muito principal esta Fortaleza, que o Conde aqui principiou; porque segundo os Hollandezes, que depois vieram a esta barra muitas vezes, se mostráram atrevidos, por sem dúvida tenho que se determinassem commetter a entrada por este canal, senão víram aquellas duas Fortalezas, porque as cousas da India foram sempre mais enca-minhadas por Deos, que pelos homens.

Em fim, tomando o parecer, e feito o assento delle, foi o Conde Almirante ver aquelle sitio com os Vereadores, levando consigo Julio Simões Engenheiro, que ficou em lugar de João Baptista Milanés, que ElRey mandou cá vir, e reformar todas as Fortalezas; e notado bem o sitio, fez o Engenheiro a traça

con-

conforme a elle , e ficou a obra á conta dos Vereadores , pera se fazer do dinheiro do hum por cento , que os moradores de Goa tinham applicado nos direitos de suas fazendas , pera a obra das fortificações de Goa ; e cuido que este dinheiro de hum por cento rende cada anno mais de vinte mil pardaos , e á obra deo o Conde logo principio , e depois foi correndo com tanto vagar , como vam todas as mais cousas da India ; porque não ha Governador , nem Viso-Rey que queira proseguir obra , que outro comece , por boa que seja , e ainda neste inverno de seiscentos e onze , em que escrevo isto , estará pouco mais de braça craveira de altura ; pois na guarda , e provimentos desta Fortaleza , e das mais da outra banda , e de todas as da India , não convem tratar dos grandes descuidos dos Viso-Reys , e Governadores , porque he bem se não saibam ; e passando daqui , vamos ás cousas de Ormuz , em que o Conde proveo.

D. Antonio de Lima , que , como atrás dissemos , foi entrar na Capitanía de Ormuz , achou as cousas daquelle Reyno mui arruinadas , e arriscadas a se perderem todas as Fortalezas , que aquelle Rey tinha , assim da banda da Persia , como da Arabia , em grande perjuizo do estado da India : a

Cauto. Tom. ULT. L ra-

razão era , porque aquelle Rey , que era Ferugoxa , estava já na idade decrepita , e determinava largar o governo ao filho segundo , chamado Mamedexa , que era filho de huma irmã do Guazil , e tirallo ao filho mais velho , chamado Feruxá , que era mais pera isso , e este negocio favorecia o Guazil , por ser o outro seu sobrinho ; sobre isto havia em Ormuz grandes revoltas.

Disto tinha D. Antonio de Lima avisado o Viso-Rey em Abril passado , que vendo agora que se vinha chegando a monção pera aquella Fortaleza , poz aquelle negocio em Conselho de Capitães velhos ; e debatidos os inconvenientes , assentou-se que o Capitão de Ormuz obrigasse aquelle Rey a ter suas Fortalezas mui bem providas , e guardadas , até sobre isso lhe socrestar sua fazenda , pera della se proverem , e correr com elle com todas as execuções necessarias ; mas que não fosse privado do Reyno , em quanto não houvesse mais causa pera isso ; e que o Viso-Rey o persuadisse por cartas , que deixasse governar seu filho mais velho por elle ; e que trabalhasse pelo casar com huma filha do Guazil , porque assim se comporiam as cousas melhor ; mas que ou se effeituasse este casamento , ou não , se todavia ElRey quizesse que seu filho mais velho governasse por el.

elle, pois tinha mais partes necessarias pera isso, que o fizesse; e que o Capitão o mettesse de posse do Reyno, mostrando primeiro instrumento público de renunciação, que seu pai fazia nelle. Assentado isto desta maneira, passou o Conde suas provisões ao Capitão, e o traslado do assento do Conselho, pera que o effectuasse, e escreveu a ElRey, e ao Guazil sobre aquelle negocio.

C A P I T U L O II.

Das Armadas que o Conde Almceirante despachou pera fóra: e do que succedeo a D. Fernando de Noronha na barra de Cunhale, e a Sebastião Botelho, Capitão dos Sanguiceis, na costa do Norte: e de como D. Alvaro de Abranches foi entrar nas Fortalezas de Cofala, e Moçambique.

JÁ démos conta de como o Conde Almceirante mandou ao Norte fazer seis Sanguiceis pera ir contra os navios ligeiros dos Malayares, e encommendou esta obra a Sebastião Botelho, que os foi fazer a Tana os melhores que se víram daquelle toque na India, que em Setembro poz no mar, e pagou soldados mui conhecidos, e

marinheiros escolhidos entre muitos , e a dez de Setembro sahio de Taná mui bem negociado , e petrechado de tudo , porque tudo vio com o olho , e só de si o fiou. Os Capitães que o acompanháram , foram D. Rodrigo Pereira , filho de D. Manoel Pereira , D. Manoel Mascarenhas , filho natural de D. Gilianes Mascarenhas , a que chamavam o Langará , Antonio Barbosa , D. Luiz de Menezes , e Gaspar Pacheco de Mesquita ; e todos juntos , e com grande desejo de acharem cossairos , foram mui conformes ; e delles trataremos depois , e continuaremos com a Armada de D. Luiz da Gama , a que o Conde deo a mór presfa que pode , e em Dezembro a fez á vella , a melhor provida de Fidalgos , Capitães , e soldados que se vio ha muitos annos.

Foi a Armada de tres galés , de que eram Capitães , a fóra elle , D. Francisco Pereira , irmão de D. João Pereira , Conde da Feira , e D. Vasco da Gama : as fustas eram perto de vinte , cujos Capitães eram D. Manoel de Noronha , filho de D. Thomaz de Noronha , D. Christovão de Noronha , Lourenço Guedes , filho de Pero Guedes , Diogo de Miranda , filho de Martim Affonso de Miranda , Ruy de Sousa de Larcão , D. João Tello de Menezes , filho do Alferes Mór D. Jorge de Menezes , D. Francisco de

de Soto-maior, Alvaro Velho, Gaspar de Abreu Mouzinho, Tristão de Taíde, filho de Nuno Fernandes de Taíde, Manoel de Bendanha, e outros a que não achámos os nomes; e em quanto esta Armada vai seu caminho, daremos conta das cousas que succedêram a D. Fernando de Noronha sobre a barra de Cunhale.

Este Capitão depois que se poz com sua Armada sobre Cunhale, deixou-se estar nella, dando calor ás cousas do Çamorim, pera com mais segurança assentar o cerco sobre aquella Fortaleza, como fez muito de vagar, tendo-lhe a nossa Armada seguro o mar, por onde se podia prover assim de mantimentos, como de soccorro, que esta he a guerra que elle mais sentio, que a que lhe o Çamorim fazia por terra, e assim o puzeram em estrema necessidade; e depois do Çamorim ter assentadas suas estancias, e se fortificar á sua vontade, e dar princípio á guerra, se levou D. Fernando de Noronha de sobre a barra com toda a Armada, e foi dar huma vista pela costa, em que encontrou huma galcota, e dous paráos, a que deo casta, até os fazer varar na costa brava, onde se fizeram em pedaços, e a gente se salvou em terra com bem grande trabalho; e por outra vez tomou dous paráos ligeiros ao mar, por não po-

poderem fugir pera a terra , e os Mouros delles foram todos mortos , e cativos , e assim tomou outras duas embarcações de mantimentos , e a outro parão fez varar em terra.

E por ter aviso que em alguns rios se faziam prestes colairos pera sahirem ás prezas , os foi tomar , e na barra do rio Canharoto achou quatro parãos ao mar, que estavam esperando que daquelles rios sahisse outros , pera todos juntos passarem ás prezas do Norte , que foi demandar ; e como estavam encevados de novo , e eram muito ligeiros , tanto que víram a nossa Armada , voltáram a terra perseguidos sempre dos nossos , até se recolherem naquelle rio , onde D. Fernando os teve de cerco até os fazer desarmar ; e depois de fazer isto , voltou outra vez pera a barra do Cunhale , pera favorecer o Çamorim , e alli esteve até chegar D. Luiz da Gama , correndo com o Çamorim sempre muito particularmente , segurando-lhe que aquella jornada teria muito bom fim , e aquelles inimigos de seu Estado se extinguiriam , e que o Conde lhe mandava conceder as pazes muito a seu gosto ; com o que foi entretenendo o Çamorim , e obrigando a proseguir o cerco , onde o deixaremos por contarmos o que acontenceo á Armada do Norte.

Dei-

Deixamos sahido Sebastião Botelho de Taná com os seis Sanguiceis que dissemos, com que se foi mettendo na enseada de Cambaia, onde os cossairos são mais continuos, e pelas muitas prezas que della levam, lhe chamam elles o rio do ouro, como já algumas vezes disse, e a foi atravessando até a Fortaleza de Dio, onde tomou falla, e achou por novas serem passados quatro, ou sinco navios pera a costa de Por, e Mangalor, e enseada de Jaquete, onde tambem achavam em que se empregassem com grandes proveitos; e passando em busca delles, foi correndo todos os portos, levando-os sempre diante de si, até haver vista delles huma tarde, a tempo que se hiam affastando da terra, e já muito emmarados, por serem avisados da nossa Armada. Sebastião Botelho os foi seguindo até anoitecer; e entendendo que haviam de ir na derrota da costa do Canará, por terem já feito algumas prezas, até onde determinou de os enfacar, como fez por espaço de sinco, ou seis dias, sem haver vista delles, senão já na outra costa; e como hiam muito adiantados, nunca os pode entrar. E vendo-se elles tão acoçados dos nossos, endireitaram com a terra, e recolhêram-se no rio Sanguicer, que he huma grande colheita destes cossairos, que com-

mum-

munmente se chamam do nome daquelle rio. Sobre elle se deixou ficar Sebastião Botelho alguns dias, com o que os obrigou a se desarmarem de todo, porque dos navios deste toque tem elles tão grande medo, como do diabo.

Dalli se fez Sebastião Botelho á véla na volta da costa do Norte, e defronte do rio Tambona acháram hum Parao de Malavares, que logo investiram, e rendêram, ficando todos os d'elle mortos á espada, tirados alguns, que os soldados cativáram por lhes parecerem bem; e como correo pela costa a fama da ligeireza destes navios, todos os cofiairos que por ella andavam, se affugentáram, e se recolhêram a seus portos, e assim andou esta Armada sem achar cousa em que se empregasse, até o Conde lhe mandar recado que se fosse ajuntar com D. Luiz da Gama pera se achar com elle na guerra do Cunhale, como logo fez. O Capitão Geral foi com sua Armada correndo a costa do Canará, visitando por ella todas aquellas Fortalezas, e provendo-as até chegar ao rio de Cunhale, aonde D. Fernando de Noronha lhe entregou a Armada, e lhe deo a informação do estado em que as cousas estavam: e pelo Capitão Mór mandou o Viso-Rey dizer a D. Fernando de Noronha que se ficava fazer-

zendo prestes huma galé, que lhe havia de mandar pera elle andar nella aquelle verão; e não se satisfazendo disto D. Fernando, sem pedir licença ao Capitão Mór, se foi pera Goa, e indo pera fallar ao Conde Viso-Rey, lhe mandou o Conde perguntar se vinha com licença do Capitão Mór; e respondendo que não, sem o ver, nem ouvir, o mandou pelo Ouvidor Geral levar prezo ao forte de Agaçaim, onde esteve mais de dous mezes; e a galé que mandou apparellhar pera elle deo o Conde Viso-Rey a D. Alvaro de Menezes. O Camorim mandou logo visitar ao Capitão Mór, e o Padre Francisco Rodrigues veio á galé a isso, e lhe deo relação do modo de como o inimigo estava cercado, e da constancia que o Camorim tinha de estar sobre elle até o destruir de todo. A' visita lhe mandou o Capitão Mór responder com grandes cumprimentos, e agradecimentos do seu procedimento: e que vinha alli com aquella Armada, e com muita gente, que logo chegaria pera o ajudar a destruir aquelle inimigo, que tanta posse queria tomar de seu Reyno: e aqui o deixaremos até tornar a elle.

Partido D. Luiz da Gama de Goa, entrou o Conde no despacho de D. Alvaro de Abranches pera ir entrar na Capitania de

de Çofala, e Moçambique, por acabar seu tempo Nuno da Cunha que lá estava. Partio este Fidalgo de Goa a quinze de Janeiro deste anno de noventa e nove, em que com o favor Divino entramos, e na mesma monção mandou dous navios de remo, Capitão Ambrosio Leitão, pera ir até Moçambique, e Antonio Colaço pera Melinde a saberem novas de náos Hollandezas, e pera outras cousas do serviço de ElRey, que levavam por regimento. É porque nesta viagem não houve cousas dignas de contar, concluiremos com estes navios aqui, com dizer só que foram, e tornáram em Maio a salvamento, e D. Alvaro de Abran-ches chegou a Moçambique, e tomou posse da Fortaleza; e Antonio Collaço, e Ambrosio Leitão em Setembro com as náos do Reyno.

CAPITULO III.

De como o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, da Ordem do Padre Santo Agostinho, partio de Goa pera ir visitar os Christãos das serras do Malavar: e do que fez na barra do Cunhale: e do assento que tomou com o Capitão Mór, e mais Capitães sobre o modo de como se commetteria aquella Fortaleza.

DEpois do Conde Almeirante despedir a Armada do Malavar, como desejava de dar fim áquella empreza do Cunhale, ficou tomando todas as informações que lhe parecêram de homens de experiencia pera avisar a seu irmão D. Luiz da Gama, como fez por muitas vezes. E porque o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes tratava de ir visitar a christandade das serras do Malavar, por ser morto o seu Bispo, e o Summo Pontifice lhe ter escrito que trabalhasse tudo o que pudesse por trazer todos aquelles Christãos á obediencia da Santa Igreja Catholica Romana, o negociou, e lhe deo pera sua embarcação huma galé, de que foi por Capitão D. Alvaro de Menezes, com ordem pera tanto que deixasse o Arcebispo em Cochim, voltasse logo pera o Cunhale pera se achar naquelle ne-
go-

gocio em companhia de seu irmão : e ao Arcebispo encommendou muito se detivesse sobre aquella barra, e tomasse informação do modo em que o Cunhale estava, e do em que o Camorim o tinha cercado, e por onde se poderia commetter a escala daquella Fortaleza, e de todas as mais cousas que entendesse convinha ao fim que se pertendia, e que de tudo o avisasse para mandar a seu irmão a resolução do que havia de fazer, porque entendia que o Arcebispo faria naquelle negocio tudo o que o mesmo Conde poderia fazer, se se achasse lá em negocios de Conselhos, e de advertencias.

Pelas Oitavas do Natal. se fez o Arcebispo á véla, e com vento prospero foi surgir sobre a barra do Cunhale, onde D. Luiz da Gama o esperou com toda sua Armada embandeirada, e posta em ordem, e o recebeu com grandes salvas de artilheria, e de arcabuzaria, e logo se foi ver com elle, e lhe deo conta do estado em que as cousas estavam, e de como o Camorim proseguia no cerco contra aquella Fortaleza, com muito rigor, aspereza, e firmeza, e que tinha mostrado de sua parte haver de cumprir o que tinha promettido. O Arcebispo lhe mostrou as instrucções do Conde Almeirante, e por virtude del-
las

las ajuntou logo Conselho geral de todos os Capitães , a quem o Arcebispo propoz a tenção do Conde Almeirante , principalmente sobre o modo que se teria na desembarcação daquella Fortaleza , pera primeiro que se effeituasse , o avisarem , pera no Conselho de Goa se verem as razões em que se fundavam , pera com isso mandar a seu irmão a ultima resolução sobre aquelle negocio ; e praticado o caso , e examinados os inconvenientes que se offereceram sobre a materia da desembarcação ; isto he , por qual das partes se faria , se entrando pela barra , se desembarcando na terra do Ariole , e depois de muito altercado tudo , vieram a concluir todos , ou os mais , que o melhor , e mais seguro seria entrar toda a Armada pela barra , tiradas as galés , e desembarcarem dos navios em terra , e pôrem suas estancias , allegando pera isso muitos proveitos que resultariam disso ; porque posto que na entrada houvesse algum risco , sem que se não fazia nunca guerra , todavia depois de estarem dentro os navios , ficariam os nossos mais seguros , e desembarcariam em terra com melhor ordem , e menos oppressão , porque os nossos navios varejariam a ribeira com sua artilheria , e fariam a desembarcação mais franca ; e que ficando os navios com as

proas

proas em terra , teriam os nossos mais à mão os proviimentos de munições , e de todas as mais cousas , porque ficariam sendo armazens de tudo o de que tivessem necessidade pera o escalar da Fortaleza , porque não era possível irem todos tão providos , que lhe não viessem a faltar as cousas ; e com isso serviriam de recolherem os feridos , e de costas aos nossos pera pelegarem mais affeitos , tendo-as seguras ; e que acontecendo hum desastre , teriam onde se recolher , e reparar ; e que vendo-se o inimigo cercado pelo rio , sem dúvida se entregaria logo , porque lhe não ficava outro remédio , porque só nelle tinha suas esperanças ; e debatidas todas estas , e outras cousas , vieram a concluir que entrasse no rio com toda a Armada , e que dos navios fizessem prestes pera desembarcarem os nossos a pé enxuto.

Disto se fez hum assento assignado por todos , que o Capitão Mór despedio , e mandou ao Conde por hum navio ligeiro , escrevendo-lhe elle , e o Arcebispo a disposição em que as cousas ficavam , affirmando-lhe que convinha ao Estado destruir aquelle inimigo ; porque segundo estava poderoso , se se dissimulasse com elle , viria em pouco tempo a ser senhor do mar , e os Portuguezes a ficarem encurralados em suas

suas Fortalezas ; e que ainda assim no estado em que estava , vivia tão poderoso , e soberbo , que suas Armadas já não estimavam as nossas ; nem os nossos navios tantos por tantos ousavam a se encontrar com os seus , e assim como senhor do mar da India estava muito rico de thesouros , pelas grandes prezas com que todos os annos suas Armadas se recolhiam , e por esse respeito dobrava todos elles a cópia de navios , e gente.

Despedido o recado , depois do Arcebispo fazer na barra de Cunhale todas as diligencias que lhe parecêram necessarias , se foi pera Cochim , e com elle continuaremos depois. O recado que o Capitão Mór despedio ao Conde Almeirante chegou a Goa em poucos dias ; e vendo elle o estado em que aquellas cousas estavam , por tão verdadeira informação , como era a do Arcebispo , e o assento que se lá tomou sobre a desembarcação , convocou Conselho geral , e nelle mostrou as cartas , e papeis que lhe vieram , e propoz os termos em que a guerra ficava , e a segurança com que o Camorim continuava no cerco contra o Cunhale , e o que se determinou sobre a desembarcação , e todas as mais cousas que lhe parecêram sobre o que se devia votar , o que tudo fez com muita clari-

clareza ; destreza , e sufficiencia , pera que não ficasse couza , que causasse dúvida aos que haviam de votar , nem de que lançassem mão , que lhe ficára por inadvertencia ; porque em todas as materias estava muito resoluto , e debatido tudo pelos do Conselho ; e vistos os proveitos que os Capitães , que estavam sobre Cunhale , apontavam , entrando pela barra , como homens que estavam com as mãos na massa , votaram que os navios entrassem pelo rio dentro , e que com as proas em terra ficassem sendo Fortaleza aos nossos , em quanto commettessem a Fortaleza ; e que se corresse com o Camorim tão pontualmente , e com tantos respeito , que não viesse a cahir em alguma desconfiança , que fosse occasião de se perder aquella jornada , e que se lhe promettessem , e fizessem as pazes que pediam com todos os favores possiveis. Sobre estas diligencias fez o Conde outras da sua parte , como quem desejava daquelle negocio ir muito bem encaminhado , e ter o fim que se desejava , assim pelo que cumpria ao serviço de Deos , de ElRey , e do bem commum , como pelo seu particular , pois commettêra aquella empreza a seu irmão , inquirindo de homens velhos , e que sabiam do negocio da guerra , e do Malavar o que lhe pareceo necessario pera o

avisar, porque lhe não ficasse cousa alguma por fazer; e eu cuido que sobre isso lhe dei hum papel com a descripção daquelle rio, assim como aqui a pinteí, e sitio daquella Fortaleza, e por onde se podia commetter, e escalar, que me deo hum Pero de Braga, que esteve muitos annos naquella Fortaleza feito Mouro, e tão valido do Cunhale, que era a segunda pessoa diante delle; e por esse respeito lhe chamavam Cunhale pequeno, que depois fugio com risco feu, como o eu conto na undecima Decada, no tempo do Governador Manoel de Sousa Coutinho.

Em fim, depois do Conde Almeirante fazer todos os bons officios que lhe pareceram sobre aquelle negocio, e resolutio em mandar assaltar aquella Fortaleza, elego a Luiz da Silva, irmão do Regedor, pera Capitão Mór da dianteira, que elle pedio, e solicitou, por ser hum Fidalgo de grande brio, e deseioso de ganhar honra, que logo se fez prestes com dous navios armados á sua custa, a quem acudiram muitos Fidaigos, e soldados, parentes, e amigos, e criados.

E parecendo que seriam necessarias algumas barcasas pera bater a Fortaleza, mandou aprestar duas, e huma dellas encarregou a Belchior Galaga, Capitão velho.

e de muita experiencia; a outra deo a Manoel Froes, homem do mar, mas de muita confiança, e experiencia. Diogo Moniz Barreto, que se quiz achar naquella empreza, foi n'um navio á sua custa, com quem se embarcaram muitos Fidalgos, e Cavalleiros, que continuamente tinha em sua casa, e assim se fizeram prestes alguns Fidalgos, em navios ás suas custas, pera irem de soccorro com muitos Fidalgos, e soldados; e só me lembra de D. Bernardo de Noronha, e de D. Manoel de Lacerda, que todos partiram em companhia.

Quasi no mesmo tempo chegou a Goa Sebastião Botelho, Capitão Mór dos Sangueiros da costa do Norte, que o Conde tinha mandado chamar pera o mandar de soccorro a seu irmão, em cuja companhia vieram muitos Capitães em navios seus ás suas custas, pera se acharem naquella occasião, que foram D. Luiz Lobo, D. Manoel, e D. Rodrigo de Castro, seu irmão, filhos de Baçaim; Salvador de Sampayo, filho de Heitor de Sampayo; Antonio Pereira Coelho de Damão, e outros que me não vieram á noticia; e estando todos embarcados esperando na barra recado do Conde pera se partirem pera Cunhale, foi D. Manoel Pereira visitar seu filho D. Rodrigo, que era hum dos Capitães da Armada de

de Sebastião Botelho ; e ao tempo de darem á vela , estando no navio do filho , se deixou ficar , dizendo-lhe que se calasse , que elle havia de ir achar-se naquella empreza , e assim se foi com elle com só o fato que levava vestido no corpo , e com que andava na Cidade , sendo de mais de sessenta annos , e tendo sido Capitão de Bagaim ; o que fez só por envergonhar alguns Fidalgos mancebos , que ficavam passeando em Goa. Estas novas chegaram ao Capitão Mór , que elle recebeu com muita honra , e alvoroço ; e quando vio D. Manoel Pereira , velho daquella maneira , e com aquelle zelo , levou-o pera a sua galilé , e lhe mandou dar fato , e armas , e tratou-o com muito respeito , como era razão : e aqui os deixaremos , por darmos conta do que o Arcebispo passou em Cochim , e do soccorro que aquella Cidade mandou.

C A P Í T U L O IV.

Do que o Arcebispo fez em Cochim com aquelle Rey : e do soccorro que aquella Cidade mandou a D. Luiz da Gama.

Chegado o Arcebispo a Cochim , foi recebido daquella Cidade com muitas festas , e alegrias , indo-o buscar ao caes o

Bispo, Cabido, Vereadores, e todo o mais poyo, como era razão se fizesse áquelle Prelado de tantas partes, e sangue: e logo tratou com a Cidade o soccorro, pera mandar a D. Luiz da Gama, que os Vereadores já tinham prestes; que eram tres navios mui cheios de soldados, e munições, de que elegêram por Capitão Mór Lourenço Correa da Franca, Fidalgo do habito de Christo, dos Francas de Tangere, que todos foram muito bons Cavalleiros, como o elle era, e os Capitães dos outros dous navios foram D. Gaspar de, e Francisco Botelho Cabral, filho de Manoel Botelho Cabral, hum Fidalgo velho, que fora Escrivão da Matricula geral, e Secretario do Estado, e o Arcebispo negociou a galé em que foi, em que tornou D. Alvaro de Menezes com muitos soldados, e outro catur, em que metteo criados seus, homens, e bons soldados: e porque havia pouco chegára de Ceilão André Pereira Coutinho, filho de Jorge Pereira Coutinho, Capitão que foi de Chaul, que se foi apresentar áquella Fortaleza, por hum degredo que tinha, e sabendo daquella occasião, fretou hum navio, e ajuntou muitos soldados pera irem com elle. D. Francisco de Sousa, filho de D. Pedro, tambem nesta occasião era chegado a Cochim de Ceilão,

onde se fora appresentar por ter certos annos de degredo pera aquella Ilha, e com licença do General della vinha buscar sua casa, tambem fretou outro navio com soldados, e se foi ao soccorro de Cunhale.

E juntos todos estes navios, deram á vela, e em poucos dias chegáram a Cunhale. Vendo ElRey de Cochim aquellas preparações, e o animo com que o Çamorim estava pera destruir aquelle inimigo, deram-lhe os ciumes, e liouve que ficando o Çamorim por esta via amigo do estado, ficava elle abatido, e acanhado; porque todo o seu poder, riqueza, e estado consistia na amizade dos Portuguezes: pelo que lhe vinha bem vellos travados em guerra com o Çamorim pelos bens que disso lhe resultavam; porque além do proveito em que sempre trazia o olho, tanto mais se hia alevantando em poder, quanto mais via o Çamorim (que era seu inimigo capital) abatido; porque havendo guerra entre elle, e os Portuguezes, sempre o estado o havia mister, e com pazes temia vir a menos, e perderem-lhe o respeito; e pera estorvar estas lianças, e que o negocio do Cunhale não fosse por diante, e se estorvasse aquella liga, usou destes ardís, de que estes Gentios são mestres. Mandou por João Pereira de Miranda dizer ao Arcebispo,

po, que elle como irmão em armas de El-Rey de Portugal, e como tão obrigado por quantas honras, e mercês, como tinha recebido dos Portuguezes, o mandava avisar debaixo de todo o segredo do mundo, que elle tivera cartas de pessoas de confiança, que assistiam no Conselho do Çamorim, em que lhe affirmavam, que aquella guerra do Cunhale tudo eram traças do Çamorim, ordenadas antre elle, e o Cunhale para ao tempo do assalto virarem todos as armas contra os Portuguezes, e matarem-nos em satisfação de quantos agravos, e damnos tinham delles recebido: que lhe mandava pedir escrevesse ao Capitão Mór que sobreestivesse naquella execução, e que por nenhum caso commettesse a desembarcação, e dissimulasse o melhor que pudesse ser com aquelle negocio.

E depois de sobre isto fazer grandes medos a João Pereira, e muitos espantos, lhe disse que daquelle recado, que mandava ao Arcebispo por elle, e da resposta que lhe dêsse, lhe passasse huma certidão para mandar a El-Rey seu irmão, porque depois se não queixasse o Viso-Rey, que não tivera quem o avisasse. João Pereira, como homem, que creio o que lhe El-Rey disse, representou ao Arcebispo o seu recado com exteriores de homem, que atalhava tanto da-

damno, quanto se apparelhava aos Portuguezes. O Arcebispo ficou algum tanto embaraçado, por ter muito conhecimento da pouca fé, verdade, e lealdade destes Reys Gentios, principalmente do Camorim, que nunca guardou juramento, nem contrato das pazes, cujo antiquissimo odio era tal, que se podia suspeitar aquillo d'elle; e sobre tudo ter tanto conhecimento de sua miseria, e cubiça que era sempre tal, que se o Cunhale lhe dêsse dinheiro, quebraria sua lei, quanto mais sua palavra.

E considerando aquellas cousas comsigo, que eram de qualidade que podiam dar muito em que cuidar por serem de tanta importancia, e fazendo sobre ellas muitos discursos, e praticando-as com D. Antonio de Noronha, Capitão daquella Cidade, com Manoel de Lacerda, e outros Fidalgos velhos, inspirou-lhe Deos no coração hum não sei que, com que se determinou a crer que tudo aquillo eram artificios, e invenções de ElRey de Cochim, cahindo no porque o faria, porque ao mesmo Camorim lhe convinha dar fim áquelle empreza, e destruir aquelle Mouro, contra quem tinha mettido tanto cabedal, e despendido tanto dinheiro, e dado claros sinais de sua fé, e mostrando tanto animo, e zelo pera ir com este negocio ávante; por-

porque ficando aquelle Mouro em pé, estava certo alevantar-se de todo, e tomar aquelle Reyno, porque bem sabia o Camorim quão falsos, enganosos, e traidores eram estes Mouros, de quem nunca já se havia de fiar, nem o Cunhale delle; e resolutos nisto, mandou o Arcebispo responder a ElRey de Cochim, que lhe agradecia muito aquelle aviso, que bem via proceder de sua muito antiga lealdade, e do muito que lhe os Portuguezes sempre mereceram; mas que naquelle negocio não havia pera que tomar outra determinação, porque estavam os Portuguezes resolutos em se fiarem do Camorim, porque pera isso havia causas mui licitas, e que convinha aquelle negocio muito ao mesmo Camorim; e que em penhor de sua fé offerecia as pessoas principaes, e de mór estimação do seu Reyno pera segurança dos nossos; e que quando houvesse algum engano, ou de huma parte, ou da outra, quaesquer que ficassem vivos dos nossos bastavam pera vingar tamanha traição, e as mortes dos parentes, amigos, e companheiros.

E certo que nisto se vio bem quanto Deos nosso Senhor queria que este tyranno se acabasse, e pagasse as mortes de tantos Portuguezes, quantos por seu mandado fo-

foram martyrizados, de cujo sangue aquellas praias estavam banhadas, pedindo a Deos vingança; porque se não acudira com sua misericordia em tirar da imaginação do Arcebispo, que tudo aquillo eram invenções, e estratagemas de ElRey de Cochim, e avisára disso ao Capitão Mór do Malavar, e se espalhára pela armada, sem dúvida que aquella empreza se não effectuára, e aquelle Mouro ficára em pé, porque já se não haviam de fiar do Çamorim.

Ouvindo ElRey de Cochim a resposta do Arcebispo, não deixou de entender que aquelle remoque do engano de huma parte, ou da outra dizia por elle, e dissimulou o melhor que pode; mas vendo que por alli não pegára sua pertença, discursou outro modo, por onde pudesse estorvar aquella jornada, e offereceo-lhe o diabo o melhor que podia ser, que foi fazer guerra ao Caimal da Carugueira, vassallo, e alliado do Çamorim, de quem tinha alguns aggravos, e metter-lhe muita gente por suas terras, porque estava certo deixar o Çamorim o cerco, e acudir ao soccorrer, porque lhe não entrasse pelas do mesmo Çamorim; e logo mandou pôr em campo sessenta mil Naires, pera com aquelle negocio poder atemorizar-se o Çamorim, e deixasse tudo por acudir ao seu. Disto foi logo

go avisado o Arcebispo ; e entendendo a malicia daquelle Rey , e o damno que faria , se sahisse com seu intento até o cabo , em humas vistas que com elle teve lhe pediu muito que dilataste aquella expedição , que queria fazer contra aquelle Caimal , pera depois do negocio de Cunhale concluido , e que alli lhe ficava tempo largo pera pôr por obra o que pretendia ; que ElRey de Portugal seu irmão o estimaria muito , e sentiria em extremo o contrario , porque sería aquillo occasião de se perder aquella empreza , em que tanto cabedal se tinha mettido : e por taes termos levou este negocio , que lho não pode ElRey negar , e assim cessou por então daquelle guerra.

CAPITULO V.

Do conselho que o Capitão Mór tomou sobre o modo de como se commetteria a Fortaleza : e das preparações que pera isso fez : e de como alguns Fidalgos seus amigos lhe fizeram mudar o parecer.

CHegados todos os soccorros , cartas , e advertencias , que o Conde Almeirante mandou a seu irmão , convocou elle a Conselho geral todos os Fidalgos , Capitães , e Cavalleiros principaes da Armada ,
e

e mostrou-lhes as cartas do Viso-Rey, e a determinação que se tomou no Conselho de Goa sobre o modo de como se commetteria a Fortaleza do Cunhale, e lhes pediu que por cima de tudo tornassem a votar livremente sobre aquelle negocio, porque estavam alli muitos, que se não acháram nos Conselhos passados, e era bem que pois viam com o olho o estado em que aquellas cousas estavam, que se ouvíssem tambem sobre ellas; e debatido de novo o caso, tornáram a votar que se commettesse a Fortaleza, entrando pela barra dentro todos os navios desemmastreados, como já estava assentado, porque era negocio mais seguro, e de menos risco, dando pera isso quasi as mesmas razões passadas.

Resumido o Conselho, mandou o Capitão Mór logo desemmastrear os navios, e fazer as preparações que lhe parecêram necessarias, e nomeou os navios, que haviam de acompanhar a Luiz da Silva na dianteira; e porque o rio estava impedido com mastros lançados no fundo, encommendou aquelle negocio a Sebastião Botelho, a André Rodrigues Palliota, Francisco Pays, e Pero Rodrigues o Malavar, que de noite no mór silencio della entráram o rio em almadias pequenas, levando consigo ma-
ri-

rinheiros, e mergulhadores, que andáram por baixo da agua trabalhando até arrancarem hum mastro grande, que estava prezo com hum cadeia de ferro, e a argola de cima, em que ficava prezo; acháram quebrada, que lhes pareceo que fora alguma bombardada que lhe deram, arrancando este mastro, que Francisco Pays tirou, e levou á barçaça onde o amarrou, ficando trabalhando tudo o que puderam por tirar os mais; mas não lhes foi possível, por estarem pregados com prégos mui grossos sobre cabeças de grandes estacas mettidas no lamarão dentro na vasa; mas todavia com aquelle mastro que tiráram lhe ficava hum canal pelo meio, por onde todos os navios podiam entrar largamente: neste canal acháram braça e meia de agua em baixa mar de todo.

Em fim, feitas todas estas diligencias, e preparadas as cousas pera aquella entrada, e assalto, que havia de ser de madrugada da terça feira que vinha, que eram tres de Março, mandou o Capitão Mór avisar o Camorim, e pedir-lhe os refens, que lhe elle logo mandou, que foram Uniaré Chararé, o Principe de Tanor, e outros Regedores, e Principes do sangue, que se mettêram na galé em lugar separado por serem Gentios, onde foram tratados muito hon-

honradamente; e como os lá revê, mandou á parte do Camorim Belchior Ferreira por Capitão Mór de trezentos homens, pera por lá assaltarem as tranqueiras, e ir-se ajuntar na povoação com a mais gente, que havia de desembarcar pelo rio, a quem o Camorim tinha promettido seis mil Naires com todos os machados, malavancas, escadadas, e mais cousas que lhe fossem necessarias.

Passada esta gente ao Camorim, deo o Capitão Mór ordem á desembarcação, como já estava assentado, que era levar Luiz da Silva a dianteira com seiscentos homens com os Capitães, que adiante nomearemos, na desembarcação; e com elle o Sargento Mór D. Antonio de Leiva, Portuguez, soldado velho, e muito experimentado, que se tinha achado na batalha naval na galé do Senhor D. João d' Austria; e pelo que nella lhe vio fazer, lhe deo o Dom, e o habito da cavalleria de Calatrava; e estando tudo preparado, mandou o Capitão Mór recado ao Camorim, que ao outro dia no quarto da alva lhe mandaria fazer hum sinal com huma lança de fogo no ar, pera que ao mesmo tempo commettessem por lá a Fortaleza, como os navios haviam de fazer por estoutra parte, e pera este negocio se gastou todo aquelle dia em

em se confessarem os soldados da Armada; porque ainda que antre elles ha muitas solturas, e devassidões de mancebõs, e gente que milita; neste negocio da christandade, e temor de Deos são extremados sobre todos, porque nunca tiram suas contas das mãos, nem deixam de ouvir todos os dias sua Missa; quando póde ser, com outras cousas deste toque muito pera estimar nelles; e á volta disto alimpáram suas armas; fizeram seus pelouros, e ordenáram suas espingardas.

Estando tudo prestes, parece que entenderam alguns Fidalgos que o entrar pela barra era de muito risco; e perigo, por causa do baluarte que estava sobre ella; porque delle poderiam muitos navios ser mettidos no fundo. Ajuntáram-se cinco, ou seis aquella noite, e foram-se á galé do Capitão Mór, e mettidos na sua camara, o começaram a persuadir que mudasse o Conselho, porque tinham todos assentado que o entrar pela barra, como estava determinado, seria perdição daquella Armada, porque lhe poderiam metter tantos navios no fundo, que lhe não ficasse poder pera darem o assalto; e que qualquer desastre que succedesse, quebraria os corações aos homens de manciça, que ficassem amedrentados; e que succedendo o que elles temiam,

quan-

quando os navios quizessem tornar a sahir
 pera fóra, correriam o mesmo perigo, e
 que pela informação que tinham, no ca-
 nal não havia agua pera poderem entrar
 os navios dentro, senão lançados á banda,
 no que diziam muitos, que se enganaram,
 ou se quizeram enganar por darem melho-
 res côres ás razões com que quizeram per-
 suadir ao Capitão Mór a mudar o assento,
 que se tinha tomado no Conselho, que en-
 trassem os navios pela barra dentro. Em
 fim, persuadiram ao Capitão Mór, que se
 se commettesse aquelle negocio pela banda
 do Ariole, seria de mais effeito, e de me-
 nos perigo, e risco, porque o rio não ti-
 nha mais largura que de hum tiro de fun-
 da; que em jangadas, que se podiam fa-
 zer muitas, se passaria toda a gente a ou-
 tra parte, e desembarcariam em terra á
 sua vontade, e sem o perigo de provarem
 primeiro a furia da artilheria do baluarte
 branco (que assim se chamava o de sobre
 a barra) e tantas razões lhe deram sobre
 aquelle negocio, que o rendêram a lhe pa-
 recer que o aconselhavam como amigos,
 e sem respeito algum, e assim tiveram de-
 pois alguns pera si, que parecia conselho
 acertado, e só se pôde reprehender o Capi-
 tão Mór de mudar o conselho, e ordem
 do Viso-Rey, no que elle não deixou de
 ca.

calir ; mas por lhe parecer que se aquil-
lo , que lhe facilitavam , succedesse bem ,
o desculpára de tudo , não lhe lembrando
que melhor he perder-se hum Capitão na
guerra por cumprir os mandados do seu
Rey , ou Viso-Rey , que ganhar-se de obe-
decendo ; e se não , vede quantos Consules
castigou o Senado Romano por vencerem
fora do seu regimento , e o outro , que man-
dou cortar a cabeça ao filho por acceitar
o desafio do Francez , com elle o matar no
campo , porque foi sem sua ordem ; por-
que aqui não se tem respeito á victoria , se-
não á desobediência , porque a obediencia
faz os exercitos poderosos , e os soldados
esforçados , e a boa disciplina na guerra
he princípio de victoria.

E tornando ao fio da historia , resolutos
o Capitão Mór em commetter o assalto pe-
la parte do Ariole , mandou recado a Luiz
da Silva , e mais Capitães que sobreesti-
vessem , e não bulissem consigo até o ou-
tro dia , que lhe daria razão de si. Esta mu-
dança correu logo pela Armada , que mui-
tos sentiram , por entenderem que se en-
caminhava tudo a hum grande desaventu-
ra , como aconteceu , e não deixaram mui-
tos de murmurar ; e ainda houve pessoas ,
que se desordenaram , e descompuzeram
em palavras contra os que metteram , e fo-
ram

ram causa de se não guardar o que se assentou em Conselho, e quem estes foram logo se soube: em fim elle ficou assentado pera o outro dia, em que se passaram pera a parte do Ariole pera se ordenarem as jangadas, pera que se tomáram muitas alinadias, que havia por aquelle rio, e juntas de duas em duas atravessáram por cima alguns barrotes bem amarrados, com o que ficáram capazes de poderem passar de dez homens, e algumas de vinte, porque as alinadias eram mais de sessenta, em que se orçou poderem passar seiscentos homens, que era a cópia que o Capitão Mór tinha nomeado a Luiz da Silva pera a dianteira.

CAPITULO VI.

De hum maravilhoso final que appareceo no Ceo: e de como os nossos commettêram a desembarcação: e de como Luiz da Silva foi morto ao chegar da terra.

Todo aquelle dia gastáram os nossos em fazerem jangadas, e em se prepararem pera o assalto: por esta ordem o fez Belchior Ferreira, que estava da parte de Camorim com trezentos homens, cujos Capitães eram D. Pedro de Noronha, Lopo de Andrade de Gamboa, Lourenço Cal-

deira, os dous irmãos Castros de Baçaim, Salvador de Sainpayo, Protasio Maioso, Antão Fernandes, que andava em hum navio de D. Fernando de Menezes, Capitão de Cananor, Manoel de Miranda de Torres, que tinha a Fortaleza de Maluco, e Antonio Coelho Malavar: estes com sua gente haviam de commetter as tranqueiras do Cunhale; e tanto que as entrassem, irem marchando até o terreiro da Fortaleza, onde achariam Luiz da Silva com toda a gente da dianteira pera commetterem a Fortaleza; e que todos a hum tempo commetteriam o seu cerco, tanto que vissem na barçaça fazer final com huma lança de fogo, que sería no quarto da alva.

E como este negocio de commetterem a desembarcação em jangadas era a total perdição dos nossos, parece que os quiz Deos avisar com hum final maravilhoso, que lhes mostrou aquella noite no Ceo, que os pudéra fazer tornar sobre si, e verem com o olho sua perdição; mas os peccados da India fechou os olhos aos que foram occasião de tão grande damno, e destruição: o final foi este: a noite da quarta feira quatro do mez de Março, no quarto da prima, víram correr da parte de Leste hum raio de fogo, como huma grande bomba, que parando sobre a nossa Armada,

da , se desfez entre estrellas , ou faíscas em breve espaço , com grande espanto , e admiração dos nossos , e não menor alegria do Cunhale , porque teve aquelle signal por bom prognostico pera elle , e pera os nossos por muito infelice , como foi. Não sei de que qualidade este sinal seja , senão se lhe chamarmos trave de fogo , a que os Gregos chamam Docci ; mas algumas se víram já destas , que não deitaram faíscas , como deita hum foguete , que se arremessa por esses ares. Ser estrella errante , tambem não póde ser , porque estas não mostram nunca tamanha claridade. Se lhe quizermos chamar cometa , será erro grande , porque estes tem outros effeitos muito differentes , e sempre apparecem á parte de Oeste , e durão muitos dias , e não tem mais que relampadejar , e lançar pera si uma espadana , ou huma coina , por onde me parece que foi raio ; porque muitas pessoas me affirmáram , que ao desfazer-se sentira André Rodrigues Palliota quebrar-se-lhe a espada , que tinha na cinta , em tres pedaços , que he o mesmo effeito de alguns raios , segundo se lê na materia delles.

Em fim , preparados todos , repousáram de noite pouco , e estiveram vigiando o signal que estava encommendado a Belchior Calça , que parece que se enganou nas es-

trellas, por onde se governão os quartos; que se vigiam nas Armadas; e parecendo-lhe que era o da alva, fez o final pouco mais de meia noite; e tanto que foi visto de Belchior Ferreira da parte do Çamorim, abalou logo com a sua gente, e quatro, ou cinco mil Naires do Çamorim, sem lhe elle dar as escadas, e mais petrechos, que tinha promettidas, e com grande determinação commettêram as tranqueiras de madeira, a que puzeram fogo por algumas partes; mas como os Mouros eram muitos, logo o apagáram, e sobre isto houve muitas espingardadas, settadas, e outros generos de morte, que cahíram sobre os nossos, de que perecêram Manoel de Miranda, Antonio Coelho Malavar, e vinte e seis soldados mais, que fizeram maravilhas por cavalgarem as tranqueiras, e ficaram; a fóra estes, feridos os nove Capitães de todos os navios, de espingardadas; e a Belchior Ferreira deram cinco nas armas, que por fortes o não matáram; mas de huma, que lhe deo por hum braço, ficou muito ferido, e do fogo que os Mouros lançáram de cima sobre os nossos, que era muito, foram alguns bem queimados; e por não particularizarmos isto, foram feridos de espingardadas cento e vinte e seis soldados, e nem com isso se affastáram das tran-

tranqueiras, antes trabalháram tudo o que puderam pelas entrar; e aqui os deixaremos, por continuarmos com Luiz da Silva.

Este Capitão teve tento nas horas; e posto que vio o final que se fez na barcaça, não se governou por elle pera se abalar, por ver que não era aquelle o tempo; em que ficou assentado que se fizesse; mas tanto que foi o quarto da alva, o fez, sem se saber da parte donde elle estava o que passavam os da companhia de Belchior Ferreira nas tranqueiras, e em sessenta jangadas atravessou Luiz da Silva o rio, indo elle n'uma embarcação pequena com alguns que escolheo, levando ordem pera desembarcar bem ao pé da Fortaleza, porque com o muro ficavam abrigados da artilheria d'elle, e com a escuridão da noite poderiam fazer a desembarcação mais a seu salvo; e que de longo do muro fossem demandar o terreiro da Fortaleza, aonde se lhe iria ajuntar Belchior Ferreira, e juntos commetteriam pela porta, que se arrombaria com vaivens, que haviam de levar pera este effeito.

Indo Luiz da Silva demandando a terra com alguns que hiam na sua embarcação, o primeiro que saltou nella foi Bento Correa, criado do Conde da Feira, que logo morreo abrazado da polvora; e a em-
bar-

barcação com a pancada que deo em terra, tornou a recuar pera trás : e quiz a desventura que no mesmo tempo dessem a Luiz da Silva hum mosquetada pela testa, de que logo cahio morto. Antonio Dias, o Tormenta, que levava a sua bandeira, vendo-o daquella maneira, tirou-a da hastea em que hia, e cubrio-o com ella; e tornando a embarcação a chegar a terra, Antonio Dias, e outros se mettêram nella com o corpo de Luiz da Silva, e o leváram á outra banda, de cuja morte se não soube, que foi bem grande mal; porque se se soubera, e fora á noticia do Capitão Mór, por sem dúvida se tem que todos se tornáram pera elle, e fora melhor, porque então passára elle em pessoa, e concluir-se o negocio; mas como todos os que hiam nas outras jangadas cuidavam que hia Luiz da Silva diante, e não souberam de sua morte, investíram com a terra, e pojáram na parte que cada hum podia tomar, por alcançar a gente da companhia de Luiz da Silva; e o primeiro que dellas saltou em terra foi Luiz Fragofo, que encontrou com hum cardume de Mouros, com que peleijou mui esforçadamente, e logo lhe deram hum espingardada por hum braço, e assim ferido foi seguin-

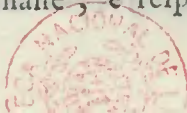
As mais jangadas puzeram as proas onde melhor pudéram, que tudo foi quasi ao mesmo tempo, e todas ao pé dos muros, onde os que estavam em cima os serviram com muitos generos de tiros, e coufas de fogo, de que muitos sahíram mui escavados; e como estas jangadas pojáram em differentes partes, não se pode averiguar quem fosse o primeiro de todos; ainda que alguns dizem, que a primeira que chegou a terra foi huma, em que hia Luiz de Almeida, soldado, e Capitão, muito bom Cavalleiro, a quem antes que puzesse os pés em terra deram huma espingardada no lado direito; e cuidando elle que era mortal, quiz ir acabar em terra entre os inimigos, a que se arremessou, dizendo aos companheiros, que já que havia de acabar, queria primeiro vingar sua morte.

As outras jangadas, em que hiam D. Fernando de Noronha, D. Christovão seu irmão, que ambos hiam juntos em huma, Ruy de Sousa de Larcão, Manoel de Bendanha, e outros, cada hum n'uma, foram varar pera a banda do baluarte do Cutimuca ao pé da Fortaleza, onde havia huma barranceira que os Mouros tapáram com huma estacada de tranqueira de pedra até o canto da Fortaleza, e os primeiros que sahíram em terra da jangada de D. Fernando

do de Noronha , foram Thomé Diniz , e apôs elle Simão Rabello de Castello-branco , e Francisco Borges ; e ao desembarcar achou o Thomé Diniz huns poucos de Mouros , que acudiram a lhe tolher a desembarcação , com quem se baralhou de feição , que veio a braços com hum que matou ajudado de Simão Rabello. Ruy de Sousa de Larcão , Manoel de Bendanha , D. Manoel Mascarenhas , André Rodrigues o Palhota , e outros desembarcaram todos quasi ao mesmo tempo , que acharam na borda da agua hum esquadrão de Mouros divididos em magotes , que chegaram a lhe defender a desembarcação , e afferráram das jangadas , com quem os nossos foram peleijando valerosamente : e na força desta briga , em que se assignalou muito Ruy de Sousa de Larcão , lhe cortáram a mão direita , ao que lhe acudio Simão Rabello ; e por ficar inhabilitado por falta da mão , que tinha cortada , o embarcáram os seus em huma almadia , e passáram-no á outra parte , onde chegou ao Capitão Mór com a mão dependurada , em cuja presença se destemperou em palavras contra os que não hiam soccorrer os que andavam peleijando. O Capitão Mór sentio muito ver aquelle Fidalgo daquela maneira ; e muito mais por não ter embarcações , em que po-

poder mandar soccorrer os nossos; porque como Luiz da Silva morreo, não houve quem governasse aquellas cousas. Porque D. Antonio de Leiva, que levava ordem do Capitão Mór pera succeder a Luiz da Silva, acontecendo-lhe algum defastre, desembarcou longe d'elle, soube tão tarde de sua morte, que tratando de pôr os soldados em ordem, foi logo morto; e sabendo-o o Capitão Mór, mandou passar D. Francisco Pereira, irmão do Conde da Feira, a quem tanto que poz os pés em terra, deram hum a espingardada na cabeça, de que ficou sem sentido; que vendo-o os seus soldados daquela maneira, mettêram-no na barquinha da sua galé, que por carregar muita gente se virou, e quasi todos os que hiam nella se affogáão.

Sabendo o Capitão Mór da morte de D. Francisco Pereira, mandou ordem a Belchior Calça, soldado velho, e Capitão experimentado, pera governar os soldados; mas tratando de os pôr em ordem, lhe deram hum a mosquetada pelo hombro direito, de que o derribáram; e ficou de modo, que os seus soldados o embarcáram, e passáram á outra banda; e por acontecerem estes defastres aos Capitães que o Capitão Mór foi nomeando, ficáram os soldados sem quem os governasse, e respeitassem, que



que foi a occasião principal da perdição dos nossos ; porque os que peleijaram o fizeram de modo , que os Mouros affirmaram depois que nunca os víram peleijar com mór esforço ; e bem se vio , porque em tão pequeno espaço matáram mais de quinhentos Mouros , e fizeram o estrago que he notorio na sua povoação ; e sem falta se alcançara a vitoria por nossa parte , se tornáram a mandar ao Capitão Mór as embarcações pera passar com o resto da gente que tinha consigo ; o que o desviou pela ordem que Luiz da Silva deo aos marinheiros dellas , e das jangadas , que não voltassem sem ordem sua , porque cuidava poder tomar a Fortaleza sem a ajuda do Capitão Mór ; e queria mandar-lhe as embarcações , e jangadas , depois que estivesse de posse da Fortaleza , parecendo-lhe que se antes passasse o Capitão Mór , lhe ficava toda a honra , e gloria do successo. Erro he este , que não aconteceo só a este Fidalgo , nem foi o primeiro que desta qualidade houve neste estado , porque as Chronicas estam cheias de muitos semelhantes , porque se deixáram de alcançar grandes , e importantes vitorias com perda de muita gente , e reputação , que se deve sentir sobre tudo : ser a inveja , e ambição tão poderosa , que sendo estes effeitos tão dignos

gnos de louvor, ficão escurecidos por acontecerem a animos nobres, e generosos.

O Capitão Mór estava a este tempo muito triste, e desconsolado pela morte de Luiz da Silva, cujo corpo mandou desembarcar com muito sentimento de todos; e fez embarcar na sua manchua Sebastião Botelho com os soldados que nella couberam pera ir soccorrer os nossos; e assim tanto que chegava alguma jangada, logo a enchia de gente, e a tornava a despedir, ao que os soldados hiam de má vontade; porque a morte de Luiz da Silva, e muitos que viam recolherem-se feridos da outra banda os amedrentou de feição, que não havia podellos fazer embarcar, nem ainda com o Capitão Mór se metter pela vasa pera os obrigar, e forçar a isso. Já a este tempo andavam pelo rio nadando muitos, huns affogados, e outros trabalhando por se salvarem; e pera acabar de os amedrentar a todos, se alevantou hum voz de *traição*, *traição*, que ferio as orelhas dos nossos, com que se houveram por perdidos, e não se soube donde ella sahio; mas eu presumo que foi artificio do Canhale pera defanimar nos nossos. Algumas pessoas me affirmáram, que quando o Capitão Mór víra aquelle desarranjo, e medo nos homens, fora a sua paixão tamanha,

nha, que foi necessário acudirem-lhe alguns amigos, e tirarem-no da vasa, onde estava mettido a fazer embarcar os soldados: e assim deixaremos isto por tornarmos aos que andavam em terra: o que faremos neste outro Capitulo por não enfadarinos a quem isto ler com tanta couza mettida em hum só.

CAPITULO VII.

Do que succedeo aos que desembarcaram em Cunchale: e de alguns casos notaveis que alli passaram até se desbaratarem por si mesmos.

OS nossos que desembarcaram em terra, em diferentes partes, em todas acharam Mouros, que os sabiam a receber, e a defender a desembarcação. D. Antonio de Leiva, Sargento Mór, andava como hum leão bravo em busca de Luiz da Silva, porque não sabia de sua morte, e foi por onde a ventura o guiou, peleijando valerosamente por ser muito animoso; e achando tudo desordenado, sem hum bandeira, a que os homens acudissem, e sem hum cabeça, por quem se governassem, trabalhou tudo o que pode pelos ajuntar a si, e fazer hum corpo de gente com que commettesse os inimigos, e se defendesse delles,

les , porque cada vez se hia o poder engrandecendo mais , e aqui o matáram de humma espingardada , como fica dito no Capitulo atrás. O que agora digo he , que este homem fez couças , que por muito que diga delle , e faça de suas couças muitos , e muy grandes Capitulos , em tudo ficarei atrás do que merece por ellas. Manoel de Mendanha , Fidalgo muito bom Cavalleiro , mostrou bem neste dia os quilates de seu esforço , peleijando com os inimigos com tanto valor , que ouvi dizer a muitos dos nossos , que se podia igualar com todos os esforçados , porque por onde passou , foi deixando grande rostalhada de Mouros mortos , e espedaçados ; mas como tinha já alli o termo da vida acabado , faltou-lhe primeiro que o esforço , porque foi morto de muitas feridas , deixando de si memoria , que se pudéra engrandecer muito mais do que o eu faço. Muitos outros Fidalgos , e Cavalleiros fizeram aqui grandes feitos nas armas : estes foram tantos , que se não podem particularizar , nem todos souberam dar razão delles , porque o negocio andava tão embrulhado , que fazia muito o que soubesse dar fé de si.

D. Fernando de Noronha , e seu irmão D. Christovão , o Palhota , Simão Rabello , Francisco Borges , e outros na parte em
que

que desembarcáram acháram a resistência que dissemos, e assim foram de longo do muro peleijando com muito valor, pera irem demandar o terreiro, onde cuidáram achar Luiz da Silva, de quem tambem não sabiam; e sahindo ao largo, deram a D. Christovão huma espingardada n'um braço, e huma lançada no rosto, e outra adiante na cabeça, de que cahio; mas acudio-lhe logo Thomé Diniz, que já hia bem ferido, porque sempre foi envolto com os Mouros, e se poz sobre elle pelo defender, que o não matastem; e tanto fez, que o tornou a alevantar, e o fez recolher a huma embarcação, e quasi no mesmo lugar deram huma fréchada pelas pernas a seu irmão D. Fernando de Noronha, de que foi necessario obrigarem-no a recolher-se; e André Rodrigues Palhota, que peleijou valerosamente, recebeu outra espingardada pelas pernas, que lhas passou ambas, que foi forçado recolherem-no, e passarem-nos todos á outra banda, que isto era o que mettia mór temor nos soldados, e em outros que o não eram. Hum foão do Amaral, muito bom soldado, ao desembarcar se metteo no meio de huns poucos de Mouros, com quem elle, e outros seus companheiros peleijáram com muito valor; e assim andava o Amaral furioso, que se liou
com

com hum Mouro, que lhe metteo os dentes em huma orelha que quasi lha cortou; e elle afferrou com os seus os narizes do Mouro de mancira, que lhos lavou em sangue; e neste conflito lhe acudiram alguns soldados por recrescerem os Mouros, e entre elles foi hum de alcunha o Troviscada, grande Cavalleiro, que fez bem de estrago nos inimigos; e chegando ao Mouro com que o Amaral estava liado, deo-lhe com hum gris que o passou, e derribou morto, e dizem que com a furia que levava, ferio tambem o Amaral, que já trazia outras feridas dos Mouros, como o Troviscada, que nunca se resguardou delles, antes sempre se achou nos lugares mais perigosos, onde as recebeo: esta arma gris he propriamente dos Jáos, he de dous palmos, ou dous e meio de comprido, tem quasi dous dedos de largura, tem os córtes de ambas as partes em voltas, como espada columbrina, e alguns são untados com peçonha.

Henrique da Silveira de Menezes, que não foi dos derradeiros ao desembarcar, peleijou muito bem: deram-lhe huma espingardada n'uma mão. André da Silveira andou entre os inimigos peleijando valerosamente, até que depois de fazer muitas, e grandes cavallerias, e escalavrar muitos Mou-

Mouros, o matáram. Balthazar Pereira, Capitão de hum navio, tambem se assignalou bem até lhe darem huma espingardada n'um hombro. Hum foão Borges Picoto, da obrigação de D. Theotonio de Bragança, Arcebispo de Evora, tambem fez muitas maravilhas até o matarem : hum foão Borralho, soldado valeroso, mostrou aqui bem que o era, até que o queimáram, e abrazáram. Belchior Calaga com ser de sessenta annos fez taes cousas, que pudéra envergonhar muitos mancebos, e todos os que o víram peleijar : hum foão Machado de Cochin fez cousas mui notaveis de esforço, e escandalizou bem aos inimigos, com quem sempre andou misturado, até que o matáram de huma espingardada. D. João Tello, filho do Alferes Mór, e D. Manoel de Noronha cumpríram aqui bem com a obrigação de filhos de seus pais, imitando-os no esforço, e cavalleria, que os inimigos sentíram bem em suas carnes até os matarem. Lourenço Guedes foi aqui morto, depois de ter bem cumprido com as obrigações de quem era. Diogo de Miranda tambem deo boas mostras de seu esforço até chegar a perder a vida no meio dos Mouros; e por não relatarmos tantas miudezas, baste saber-se que todos os que tinham sangue, e honra, foram sempre por diante fa-

zendo maravilhas, e todos apertáram com os Mouros de feição, que os obrigáram a se recolherem na mesquita, que estava de frente da Fortaleza, que estava entulhada de povo miúdo: e trabalháram os nossos tudo o que puderam pela entrar, mas não lhes foi possível por ser forte; e porque o tecto era cuberto de folhas de palma seccas, bradáram os que estavam á porta por lanças de fogo, e foi logo correndo por ellas ás embarcações hum soldado da obrigação de Luiz da Silva, chamado Simão Pereira; e tomando tres, tornou a voltar, e no caminho encontrou com Pero Fernandes de Carvalho, e Antonio de Magalhães, que neste feito fizeram muitas cavallerias, e cada hum lhe tomou a sua, e foram-se á mesquita, e deram fogo as lanças, e com ellas o puzeram ás olas: outros dizem que hum foão Pinto, natural de Bemfica, foi o primeiro que lhe poz o fogo. A este tempo chegou Sebastião Botelho, que tinha feito muito, e com elle huma companhia de seus soldados; e vendo o trabalho em que os nossos estavam de pôr o fogo ao tecto da mesquita, tomou humas lanças que levava consigo, que tinham nas pontas mui bem atadas huns cornos de bois com pontas pera baixo, e os váos pera cima, todos

cheios de polvora, de feição que sobejavam por fóra em cada hum hum palmo de ferro, pera tanto que o fogo se acabasse, pelejarem com ellas. Artificio foi este, que elle inventou pera trazer nos Cota-coulões, em que elle andava por Capitão. Eram estas lanças de tanta efficacia, que hum só bastava pera axorar, e desbaratar hum Parao; e dando-lhe fogo por cima, lançaram grandissimas labaredas com temerosos terremotos, e com ellas ajudou a pôr o fogo á mesquita: e tinham estas lanças outra cousa, que de mais de duas braças affastadas, lançavam as chammas de fogo aonde queriam. Os Mouros que estavam na mesquita, tanto que as olas tomaram fogo, que começou a cahir sobre elles, arrebutaram alguns pela porta fóra, e como desatinados arremettêram com os nossos, e quasi que os fizeram desmandar. Ao que acudio Domingos de Castilho, natural de Ceita, com outros companheiros, e se oppuzeram aos inimigos, e apertaram com elles de feição, que foram fugindo pera a Fortaleza, aonde se recolhêram por hum porta que se servia por baixo de hum arco de abobada, que alguns dos nossos quizeram commetter; mas deixaram de o fazer por se temerem de minas.

A este tempo sahio do baluarte de sobre a barra hum esquadrão de Mouros, que vinham em favor dos seus; e correndo a voz de *Mouros*, *Mouros*, foi tão grande o desmancho dos soldados communs, que andavam espalhados, que perto de cento e sincoenta delles se acolhêram pera debaixo das galeotas, que estavam varadas dos inimigos á borda do rio, sem verem, pelos não deixar o medo com que hiam, quão perigoso era o lugar que escolhiam; porque mais seguro lhes era fazerem-se em hum corpo, e pelejarem em defensão de suas vidas, quando por honra o não quizessem fazer, ou pela Fé de Christo, que eram respeitos que os engradeciam mais.

Os nossos que estavam derredor da mesquita, vendo recolherem-se aquelles fracos soldados pera os navios, bradaram que os fossem alguns fazer recolher, onde todos estavam, pera juntos resistirem aos inimigos: ao que foi Sebastião Botelho, e com elle hum Padre de S. Francisco, que se chamava Fr. Francisco Baptista da Re-coleta dos Descalços, que já fora cativo em Cunhale, e começaram a persuadillos que se fossem ajuntar com os que estavam na mesquita, lembrando-lhes que eram Portuguezes, e que não quizessem abater,

e affrontar sua nação, que tão temida fora sempre em todas as partes do mundo. A voltas d'isto alevantou o Padre no ar hum devoto Crucifixo, e lhe disse: *Eia, soldados de Christo, e esforçados cavalleiros, segui este Capitão, e esta sua bandeira, que certa está a vitoria em quem á sua sombra quizer pelejar.* Com esta exhortação se foram os soldados sahindo de debaixo dos navios, como homens que queriam seguir tão formoso estandarte; e cuidando o Sebastião Botelho, e o Padre Fr. Francisco Baptista, que vinham apòs elles, começaram a andar; e virando pera trás, os víram lançar todos ao mar pera se passarem á outra banda, não lhes deixando ver sua covardia, que se fugiam de huma morte, hiam dar em outra mais affrontosa, e de mór vituperio; e que já que haviam de morrer, fazendo-o com a espada na mão, ficavam vivendo no Ceo por gloria, e na terra pela fama que de si deixavam; e assim arriscaram todos as vidas, e não sei se as almas, por tomarem morte por suas proprias vontades, e destes se affogaram a mór parte. Os que pelejavam junto á mesquita defendêram-se dos inimigos com muito valor, e esforço com verem tudo perdido; e o que os acabou de desbaratar, foi a mesma voz de *trai-*

traição, *traição*, como da outra banda, que causou nos peitos dos que pelejavam grande terror.

Luiz de Almeida, que já tinha as duas feridas que disse, indo com hum matalote feu, chamado João da Cunha, e com alguns companheiros mais, foram pelejando valerosamente, fazendo sempre rosto aos inimigos, até que deram ao Luiz de Almeida outra lançada por baixo do braço direito, que o passou á outra parte, e humacutilada por huma perna, de que cahio, tendo a rodela, chuça, e morrião, com que sempre pelejou, tudo feito pedaços; porque daquella feita que recebeo estas feridas, teve o encontro a dous façanhosos Mouros rodeleiros, que derribou a seus pés mortos. O João da Cunha, que também tinha imitado ao companheiro, vendo-o cahido, alevantou-o com os outros, e foram-se recolhendo com elle pera as embarcações, indo perseguidos de alguns Mouros; mas soccorreo-os outro amigo, chamado André Simões com alguns soldados, que arremettendo com os Mouros, os escalavraram, e fizeram fugir, com o que tiveram tempo de pôr em salvo o Luiz de Almeida, e passaram-no á outra banda; e dahi foi levado á Galé Capitânia aonde foi curado, e viveo: e ainda se achou na to-
ma-

mada daquella Fortaleza em companhia de André Furtado, onde fez outros feitos, que em seu lugar se contarão.

Já neste tempo era tudo perdido, e no mar havia alguns corpos mortos; e alguns dos nossos, que ainda estavam em terra por primor, se não quizeram lançar ao mar, como foi D. Antonio de Leiva, Sargento Mór, que vendo aquelle negocio concluido, e de má maneira, foi-se recolhendo pera as embarcações; e não achando alguma em que se metter, não se quiz lançar ao mar, assim pela affronta que nisso recebera, se o fizera, como por fugir á morte, que lançando-se ao mar, tinha certa, por ir todo armado de armas inteiras, tanto que até grevas levava nas pernas. Pelo que tornou a voltar aos inimigos, que já não eram tantos, e arremessou-se entre elles, como hum leão, fazendo nelles bem grande estrago; e depois de andar já muito cansado, e não poder bracejar, cahio morto de muitas espingardadas. Simão Rabello, em quem já fallei, pelejou este dia valerosamente; e depois de tudo perdido, vendo-se ferido de muitas feridas, se foi recolhendo pera a praia, pelejando sempre de rosto com os inimigos até chegar á borda da agua; e não achando embarcação em que se recolhesse, passando-lhe

pe-

pela memoria a affronta que seria morrer affogado , disse a alguns companheiros, que o seguiam, que trataassem de se salvar, porque elle não havia de morrer affogado no mar, senão entre Mouros na terra; e lançando-se em meio delles, que o seguiam, fez tantas maravilhas até que cahio morto.

O Padre Fr. Francisco Baptista andou sempre com o Crucifixo alevantado no meio da briga animando aos nossos, e pedindo a Deos misericordia; e vindo hum pelouro de espingarda encaminhado por vontade de Deos, deo em hum braço do Crucifixo, e quebrou-lho, ficando dependurado pelo outro. O que visto pelo Padre, alevantou avoz, dizendo: *Ab cavalleiros de Christo, vingai esta offensa feita a vosso Deos pelos mores inimigos que tem, e ha do seu Santo Nome*; e abraçando-se com o Crucifixo, dizendo muitas lastimas, e derramando muitas lagrimas pelo ver assim tão mal tratado, e abraçado com elle, o matáram: e de crer he que iria sua alma directamente á gloria a receber a coroa do martyrio.

Os que puderam alcançar jangadas salvaram-se nellas. D. Francisco Pereira, irmão do Conde da Feira, de quem ha pouco fallámos, vindo ao longo da praia com al-

alguns companheiros, lhe deram huma espingardada na cabeça, de que ficou sem sentido; e achando os companheiros a barquinha da sua galé, o mettêram dentro: foi tanta a gente que se metteo na bateira, que se virou, e morreo affogado aquelle mancebo, que tinha dado de si muitas, e mui grandes esperanças do que ao diante houvera de ser; mas atalhou-lho a fortuna invejosa do seu valor, porém não lhe tirára a fama que de seu esforço lhe dará esta nossa escriptura; e ao virar da bateira acudíram alguns Mouros em embarcações pequenas, depois de verem tudo perdido, pera andarem á pescaria dos nossos que andavam no mar, e físgavam-nos como se foram peixes, e os alanceavam com tanta crueldade, como he a que os Mouros costumam ter contra Christãos. Mas hum Luiz Cardoso, bom soldado, que alli hia, acertou de haver huma lança ás mãos; e calvalgado na quilha da bateira, defendeo com muito esforço, ainda que com grande trabalho, quantos estavam afferrados na bateira até se salvarem. Eis-aqui tudo perdido, e desbaratado; mas todavia não foi tanto a salvo dos Mouros, que não ficasse o campo sem haver quem nelle pelejasse, porque a mór parte dos seus aventureiros, que sahíram aos nossos, foram mortos, e feridos,

Bel-

Belchior Ferreira , que deixamos com a tranqueira pelejando com os inimigos valerosamente , bem sentio o desbarate dos nossos nos gritos , e alaridos que ouvio ; e porque já era perto do meio dia , e tinha a mór parte dos seus soldados feridos , foi-se recolhendo com muito boa ordem pera o Camorim , que lhe pezou bem do desbarate dos nossos ; e alguns que se acolhêrão pera aquella parte , mandou curar , e agazalhar. D. Luiz da Gama sentio em extremo aquella desaventura , e muito mais ver que o enganáram os que o aconselháram que mudasse a ordem que tinha do Viso-Rey , em que não póde ter desculpa. E arrebentava de pezar , e mágoa de não poder mandar soccorrer os nossos ; porque se já no cabo passáram quatrocentos homens , sem dúvida a Fortaleza se perdêra , porque não ficou ao Cunhale gente com que a poder defender : o que se deixou de fazer , assim pelos homens estarem quebrantados , como por não haver embarcações ; e quando chegaram os derradeiros dos nossos , já o acháram quasi só , porque muitos o desamparáram : por lhe dizerem alguns dos que hiam do desbarate que se recolhesse que já não havia que fazer , o fez logo , que até nesta hora de tanta importância lhe faltáram amigos. E como

es-

este Fidalgo não estava muito bem quisto, alevantáram-lhe aleives, porque a soldadesca da India he nisto muito livre, e pouco escrupulosa. E não era muito que este Fidalgo se recolhesse daquella maneira, porque aquella desventura bastava pera derribar o animo de hum homem que estivesse muito folgado, quanto mais o de hum Capitão, que toda aquella noite, e dia gastou em governar, lidar com tantas cousas, e gritar; porque em hum conflicto, e transe destes, e tal qual este foi, mais se peleja com o espirito, que com as armas.

CAPITULO VIII.

Da gente que de ambas as partes morreo nesta desembarcação: e de como o Capitão Mór se foi pera Cochim, e deixou D. Francisco do Sousa sobre a barra de Cunhale.

ESta foi huma das móres desaventuras, e affrontas que os Portuguezes passaram na India, porque nella se desbarataram quasi por vontade, e por si mesmos. Esta miseria ha entre esta nossa nação, que assim como no commetter excede no primeiro impeto a todas as outras, assim no def-

desordenar, e recolher tem o mesmo extremo. Dissemos que succedeo isto quasi por vontade, deixando o que he mais certo; que he ser por peccados, porque por vontade podemos dizer que foi não verem com os olhos da razão quantos damnos nascêram de não entrar a Armada pela barra, como estava assentado no Conselho, e mandado pelo Viso-Rey. E já que pareceo aos que inquietáram este Capitão; melhor o seu conselho, que o que estava tomado, não sei que razão houve pera depois de toda a gente estar da banda do Ariole, não mandar entrar a Armada no rio; porque ainda que nisso corrêram alguns navios risco, pouco damno era; porque se se isso fizera, muito poucos dos nossos se perdêram, antes posso afirmar que se ganhára a jornada, porque não vejo nenhuma razão de se poder perder, estando os navios com as proas em terra; e depois de Luiz da Silva ser da outra parte, puderá tornar a metade delles a passar a gente com mais segurança, e os homens pelejaram com mór animo, sabendo que tinham os navios á mão, pera se valerem delles se se víram em algum grande aperto. E quando não leváram a Fortaleza nas mãos do primeiro commettimento, levará-se do segundo, ou do terceiro, porque
nos

nos navios tinham onde se recolher, e refazer do que lhes fosse necessario pera tornarem ao assalto. Nisto se vio bem claro quanto importa hum bom conselho, pois he causa de se alcançar huma grande vitoria; e o máo de se perder, e de muitos outros damnos que acontecem, quando se não alcança.

Perdêram-se neste negocio duzentos e trinta homens dos nossos; e alguns que dizem que mais, enganáram-se; porque eu tive o rol dos que morrêram, que não passáram dos que tenho dito, e deste numero morrêram alguns affogados no rio. Perda foi esta muito grande pera o Estado, e digna de grande sentimento, não porque não houvesse já nelle outras em alguns recontros, em que se perdêram môres quantias de homens; mas esta foi de dobrado sentimento, por se ter por mui certa a vitoria, que nos Deos tirou das mãos; por se não entrar nos navios pela barra, e por não voltarem as jangadas, e embarcações a buscar o Capitão Mór, como elle tinha mandado, por morrerem Luiz da Silva, e os mais que o Capitão Mór nomeou pera acaudilharem a gente, o que tudo pende de segredos, que só a Deos são manifestos, e elle sabe o porque dilatou esta vitoria, havendo-se pelos antecedentes por

por tão certa, que ninguém duvidava della: e assim o fora, se a nação Portugueza obedecêra ás ordens dos Generaes, como o fazem as outras.

As pessoas conhecidas que se aqui perdêram, posto que já tenho nomeado algumas, tornarei a fazer outra matricula dellas, as quaes foram D. Francisco Pereira, irmão do Conde da Feira: D. João Tello de Menezes, filho do Alferes Mór: Manoel de Mendanha: Diogo de Miranda: Lourenço Guedes: D. Antonio de Leiva, Sargento Mór: D. Manoel de Noronha: Manoel de Barbuda: Paulo Leitão: Gaspar de Mello: Nuno Fernandes Cabral: Gotterre de Monroy, sobrinho do outro Gotterre de Monroy de Béja, filho de seu irmão Simão Rangel de Castello-Branco, filho de hum irmão de Fernão Rodrigues de Castello-Branco: Gomes, Miguel, e Gaspar Freire, todos tres irmãos, e do mesmo appellido: Ruy Brandão: D. Manoel de Azevedo: Manoel de Souza Chichorro: Alvaro Teixeira Lobo, Fidalgo filho de Manoel Lobo Teixeira, casado em Goa: Pero Borges de Castello-Branco: Antonio d' Affonseca: hum Foão Ortis: Luiz Sardinha de Santarem: Mathias de Abreu de Abrantes, e outros. Houve desta parte quasi sincoenta feridos, e da de Belchior

Fer-

Ferreira cento e vinte e seis , a fóra os mortos , que já nomeámos em outra parte. Dos Mouros morreram ás mãos dos nossos mais de quinhentos escolhidos , e aventureiros. Os Capitães Móres de Armadas , e pessoas principaes , foram estes. Cutimai , Cutimuça , Marca Cacá , Cotife Marca , Bava Mamede , Bava Cutiale seu irmão , Canatale , Cunhimais : Connas Nonomai , Tampocara , e outros , que o mesmo Cunhale , e Clinale me deram a rol , estando prezos no tronco , onde os fui ver. O Capitão Mór mandou o corpo de Luiz da Silva pera Cananor , aonde o enterráram com a mór pompa que a terra podia fazer-lhe ; e depois o mandou o Regedor seu irmão levar pera o Reyno ; e das primeiras cousas que o Capitão Mór também fez , foi mandar D. Luiz Lobo pera Goa em hum catur ligeiro com cartas ao Conde Almirante pera , como testemunha de vista , lhe dar relação daquella jornada ; e em sua companhia se foram em outros navios alguns Fidalgos sem lho fazer a saber.

E depois de despedir isto , tratou de se ir pera Cochim com todos os feridos pera lá se curarem , porque em Cananor não havia pera isso commodo ; e querendo deixar huma galé com alguns navios naqu-

quella barra pera com elles entreter o Camorim, que havia de ficar sobre o Cunhale, sem se affastar d'elle, e pera defender que lhe não entrassem provimentos, pera o que commetteo alguns Capitães que se lhe escusáram. O que elle sentio muito por se ver desamparado de todos, sómente D. Francisco de Sousa lhe accitou a empreza: do que deo conta a Belchior Ferreira, que mandou chamar á sua galé, e lhe disse de como determinava ir a Cochim a cousas que importavam. Ao que Belchior Ferreira lhe atalhou, dizendo, que cuidára que o mandava chamar pera se fazer outra vez prestes pera tornarem a commetter a Fortaleza de Cunhale: ao que o Capitão Mór lhe disse, que mal poderia aquillo ser, pois todos os homens estavam taes do trabalho passado, que não podiam comfigo; e outros tão amedrontados, que aquella noite se lhe foram alguns pera Goa sem o elle saber, pelo que não podia, nem tinha com que tornar a provar ventura. O Belchior Ferreira lhe respondeo, que não havia que fazer naquillo, que se houvesse por desgracado, pois até os homens que lhe tinham mais obrigação o deixavam, e desamparavam naquelle tempo, que visse o que queria d'elle, porque pera tudo estava prestes. Então lhe disse o

Capitão Mór , que deixava sobre aquella barra D. Francisco de Sousa na galé de D. Francisco Pereira , que lhe pedia quizesse ficar com elle até tornar de Cochim : o que Belchior Ferreira acceitou : e ainda fez mais , que se offereceo a ficar só , quando outros Capitães dos navios se escusassem. E todavia acceitáram tambem a ficar alli Gaspar Tibao , Gaspar de Abreu Mouzinho , D. Alvaro da Costa , Gaspar de Mello , Alvaro Velho , e tres Piriches de Malavares.

E porque os homens estavam cansados , e quebrantados da guerra , vendo que o Capitão Mór se hia pera Cochim , muitos dos soldados se lançáram ao mar , e se passáram aos navios que hiam com elle : o que tambem quizeram fazer alguns da galé de D. Francisco , do que elle foi avisado ; e chamando pelo Patrão , lhe disse muito alto , que lhe fizesse prestes a bateira ; e que todo o soldado que se quizesse passar pera os navios , que hiam pera Cochim , os levasse nella , porque elle não queria que o acompanhasssem por força na galé , que com quaesquer que lhe ficassem defenderia aquella barra. Estas palavras ditas assim em público fizeram tal impressão nos que se queriam lançar a nado , que desistiram de sua determinação , e se deixáram ficar tão corridos daquelle negocio ,

cio ; que todo o mais tempo estiveram sobre as mantas da galé, sem ousarem de ver o rosto a D. Francisco de Sousa.

O Capitão Mór se fez á véla pera Cochim, e chegou áquella Cidade, onde já se sabia o caso; os Vereadores acudiram á Armada com muitas embarcações, e visitaram o Capitão Mór, e o consolaram, e desembarcaram todos os feridos; e os Fidalgos, e Capitães se repartiram pelas casas dos moradores, onde foram servidos com muitos regalos, e curados com muito cuidado, e todos os mais foram levados ao Hospital, onde foram muito bem curados. Sabendo o Capitão Mór que o Arcebispo estava em Vaipim, sem aguardar por sua visita, o foi buscar, e lhe deu conta do successo, e lhe pediu conselho sobre o que faria. O Arcebispo, que já tinha bem sentido, e chorado tamanho desastre, consolou-o, e mandou recado a D. Antonio de Noronha Capitão de Cochim, ao Bispo, e aos Fidalgos velhos, e diante delles deu o Capitão Mór outra vez relação de suas cousas: certificou-lhe que sempre o Camorim usaria de muita verdade, e fidelidade naquelle negocio, pelo que lhe nisso hia, e que com a mesina ficava com todo o seu poder sobre o Cunnhale, affirmando-lhe que se não alevantaria

dalli até o destruir de todo, que lhes pedia o aconselhassem no que devia fazer. E praticado o caso entre todos, vieram a concluir, que era muito licito que se concedessem as pazes que o Çamorim pedia, pois tinha tambem satisfeito com sua obrigação, e pera com isso o terem mais obrigado pera o verão seguinte, em que o Conde Almirante forçado havia de ir, ou mandar concluir aquelle negocio; porque o tyranno estava em estado que facilmente se desbarataria, por lhe ficar morta a frol da sua soldadesca, e de seus Capitães.

Assentado isto, capituláram as pazes, e despediram hum catur ligeiro com cartas ao Conde Almirante, e que o Capitão Mór fosse esperar a resposta dellas á barra de Cunhale pera dalli assentar, e jurar as pazes com o Çamorim. Feito isto, partio-se o Capitão Mór pera lá, e despedio de Cochim a D. Vasco da Gama com a sua galé, e oito, ou dez navios mais pera ir ao cabo Çomorim recolher as náos da China, Malaca, e outras partes, como fez em Abril, e as trouxe a Cochim, onde ficaram invernando dous galeões de Maluco carregados de cravo, por não terem tempo pera passar a Goa; e em quanto D. Luiz da Gama não chega a Cunhale, contaremos o que alli aconteeço a D. Fran-

Francisco de Sousa , que ficou sobre sua barra.

CAPITULO IX.

Do que aconteceu à D. Francisco de Sousa sobre Cunhale: e de como chegaram a Goa as novas desta perdição: e do que fez o Conde Almirante.

DEpois de D. Luiz da Gama partir pera Cochim , vendo o Cunhale aquella Armada que lhe ficava sobre sua barra, o sentio em extremo pela grande necessidade, e falta que tinha de mantimentos , e lhe era necessario mandallos buscar , primeiro que o Capitão Mór tornasse. E pera isto buscou todos os meios que pode , ainda que fosse com grande risco : pera o que assentou com os seus Capitães lançar todas as suas galeotas ao mar , que eram treze , e provellas muito bem de artilheria , e soldados pera mandar pelejar com a nossa Armada. Estes apercebimentos fez com grande estrondo , pera que chegando as novas á nossa Armada , que havia que não esperaria , se fosse logo pera Cananor , e lhe ficasse lugar pera mandar navios a Mangalor a buscar provimentos; e que quando a Armada se não quizesse re-

colher , então a commettessem , porque havia que tinham certa a vitoria. D. Francisco de Sousa foi logo avisado pelo Camorim da pressa que se dava áquellas galeotas , e do grande cabedal que o Cunhale mettia nellas ; e vendo que tinha pouca Armada , e pouca gente pera esperar tantas , e tão possantes galeotas , usou de hum ardil de bom Capitão pera embaraçar o Cunhale , que lhe succedeo bem. Este foi mandar de noite a Pero Luiz com os Piriches , e duas fustas mais que se affastasse ao mar , e que no quarto d'alva viesse demandar a barra , como que era foccorro que vinha de fóra , e que na chegada fizesse grande estrondo com a artilheria , disparando-a muitas vezes , e com se tocarem os tambores com grandes carrancas , e som de guerra , e toda a gente pelas perchias dos navios com armas , e seus barretes vermelhos : pera o que lhe deram todos os que havia na Armada , pera de mais longe os divisarem melhor , e avultassem mais ; e que depois de darem esta mostra , pera que se ouvissem na Fortaleza , se tornasse a affastar ao mar , e se puzesse em parte donde os vissem da Fortaleza , o que elle fez muito bem ; e ouvindo o Cunhale aquelle estrondo no quarto d'alva , e descobrindo a manhã , vendo a-

àquelles navios furtos ao mar com tantos barretes vermelhos , e tanta soldadesca posta em armas , porque se puzeram, como disse , em parte donde da Fortaleza os divisavam mui bem , embarçou-se o Cunhale. E o Camorim mandou perguntar a D. Francisco que estrondo de artilleria era a que ouvio , e que navios eram aquelles que appareciam? A isto lhe respondeo D. Francisco de Sousa , que vinham de soccorro , e que surgiram alli por esperarem por outros que vinham atrás.

Estas novas corrêram logo pelo arraial , e foram ter a Cunhale ; e pera mór ajuda desta invenção , succedeo virem no mesmo tempo alguns navios de mercadores de Cochim com fazendas das náos da China , e Malaca , que D. Francisco fez surgir junto da Armada , com que representava mór poder. Estas novas chegaram a Cunhale , que tambem vio tudo ; e não querendo arriscar sua Armada , que era todo o seu remedio , porque perdida ella , não lhe ficava cousa em que pudesse ter esperança de se salvar , levou mão do negocio , e tornou a varar as galeotas. Do que D. Francisco de Sousa teve logo aviso , e ficou desalivado ; e quando lhe era necessario prover-se de agua , a mandava de noite buscar a Coriche pelos navios que hiam de

de dous em dous a trazella : e assim foi entretendo o tempo , e ao Cunhale o melhor que pode. O Çamorim estava muito maguado da perda dos nossos , mais pelo que lhe relevava a elle , que pelo que nos hia a nós.

E porque não podia já levar mão daquelle guerra pelo risco , e perigo em que se punha daquelle tyranno se alevantar , e lhe tomar o Reyno , sabendo a miseria em que estava , e a muita gente que os nossos lhe matáram , determinou de commetter a Fortaleza com todo o seu poder , e trabalhar pela levar nas mãos : e pôde muito bem ser que tivesse o olho nas grandes riquezas que cuidava achar , de que se queria lograr só , e que não tivessem os nossos nenhuma parte nellas , porque entendo que havia o Conde Almirante de metter todo o resto do poder da India contra aquelle inimigo , e que ficaria elle com menos quinhão. E disto que tinha determinado mandou dar conta a D. Francisco de Sousa , e pedir-lhe que o dia que lhe fizesse final , se chegasse com toda sua Armada á boca da barra , e esbombardeasse os Fortes dos inimigos com grande terror pera com isso os divertir , e elle ter tempo de dar por lá na Fortaleza mais folgadamente. O que D. Francisco fez ao final que lhe fizeram , che-

chegando-se quasi ao rolo do mar, e dalli bateo as fortificações com grande terror. O Camorim ao mesmo tempo commetteo a Fortaleza com mais de vinte mil homens, e trabalhou por entrar as paredes, sobre o que houve huma grande batalha, em que os Mouros se defendêram valerosamente; e depois de gastada toda huma manhã nesta referta, se affastou a gente do Camorim com algum damno, não ficando os Mouros com pouco. E com isto pararam as cousas, e o Camorim se deixou estar no lugar em que sempre esteve com todo o seu poder, e assim os deixaremos, por darmos conta das novas que chegaram a Goa.

Não deixava o Conde Almirante de estar com grandes sobressaltos esperando o successo do Cunhale, quando começou a correr huma nova furda, que D. Luiz da Gama era perdido com todos os seus, que o Conde engulio, e calou com muita dor sua, sem se mostrar triste, nem melanconizado aos homens, porque as não houvessem por certas; e porque as más pela mór parte, ou quasi sempre o são, quando foram quinze de Março chegou a certeza dellas por cartas do Capitão Mór, que D. Luiz Lobo levou, que fizeram tão grande abalo na Cidade, que sahiram os homens de
suas

suas casas, como desatinados, a saber dellas, e as mulheres pelas janellas com grandes prantos a esperar as novas dos maridos humas, outras dos filhos, e irmãos que lá tinham. O Conde Almirante, como a quem lhe hia mais que a todos naquelle negocio, sentio-o mais que todos; mas porque lhe era necessario mostrar grande animo pelos homens se não desanimarem, mostrou-se-lhes com menos tristeza, da que tinha em seu coração; e ao outro dia mandou chamar a Conselho todos os Fidalgos velhos, e nelle lhes disse que havia tres dias que tinha aquellas tristes novas, e que não havia mais que fazer por então, que dar graças a Deos, a quem se não podia perguntar pela razão das cousas que permittia, e ordenava, e que aquelles eram os successos da guerra, que muitas vezes não aconteciam as cousas como se desejavam: e que o que por agora era necessario, era prover-se naquelle negocio com prudencia, e bom conselho, que esse lhes pedia pera saber o que devia de fazer. E logo mandou ler a carta de seu irmão pelo Secretario; e porque nella se reportava a D. Luiz Lobo, foi logo chamado, pera que referisse todo o successo, e os votantes conforme a elle dessem seus pareceres, o que D. Luiz Lobo fez como lhe

lhe pareceo. Depois de ouvida a relação, que deo do successo, pedio o Conde a todos que votassem sobre se seria licito ir elle logo em pessoa a Cunhale, porque segundo aquelle tyranno ficava quebrado, e desbaratado, facilmente lhe tomaria a Fortaleza, e restauraria o credito do Estado, porque estava mui prestes pera aquella jornada, pera que tinha tudo de sobejo.

Sobre esta proposta votáram todos os do Conselho, que não era bem que a Pessoa do Viso-Rey da India se abalasse com aquella pressa, porque primeiro havia de pedir ajudas a todas as Fortalezas, pera o que já não havia tempo, ainda tendo tudo prestes, por ser mais de meiado Março, quanto mais a perceber-se de novo, que lá vinha o verão seguinte, em que se podiam fazer aquellas cousas muito bem feitas: que se o Cunhale ficava quebrado, tambem o tinha o Camorim tão rodeado, e cercado com seu exercito, que se não podia prover nem de gente, nem de mantimentos. E que pera aquelle Rey continuar no cerco que lhe tinha posto, lhe concedessem pazes, e lhe fizessem todos os mimos, e vantagens que pedisse, e que o que restava do verão, ficasse huma Armada sobre aquella barra; e que como fosse tempo, se recolhesse a invernar a Cana-

nanor, pera no veranico de Agosto se tornar a pôr sobre a mesma barra; porque segundo aquelle Mouro estava falto de mantimentos, não tinham dúvida a se entregar logo a qualquer Capitão que fosse no verão acabar aquella empreza.

Assentado isto, despedio o Conde recado a seu irmão, e ao Arcebispo, que em Cochim com D. Antonio de Noronha, Capitão daquella Fortaleza, capitulassem as pazes que se haviam de fazer ao Camorim; e que o Capitão Mór D. Luiz da Gama as fosse jurar com aquelle Rey, e se recolhesse a Goa como fosse tempo, deixando sobre Cunhale a Armada que lhe parecesse bem, pelo modo que se assentou no Conselho, cujo traslado lhe mandou pera se reger, e governar por elle.

Este recado tomou a D. Luiz da Gama sobre a barra de Cunhale, e logo despedio hum navio ligeiro com as cartas do Conde pera o Arcebispo, e D. Antonio de Noronha, que tomáram o Arcebispo no lugar de Molandur dos Christãos de S. Thomé, que logo se foi pera Cochim, onde com o Capitão, e Bispo fez os capitulos das pazes conforme ao tempo, e as occasiões delle, e as tornáram a enviar a D. Luiz da Gama, que por via do Padre Francisco Rodrigues se deo conta daquelle negocio

cio ao Camorim , e lhe mandou os capitulos das pazes , que elle estimou muito , por serem á sua vontade , e tratou logo de se jurarem : e por inconvenientes que houve , não foi a isso o Capitão Mór , e em seu lugar mandou D. Fernando de Noronha mui bem acompanhado de Fidalgos , e Cavalleiros. E o Camorim diante de seus Regedores , e Pessoas principaes jurou as pazes , e ficou de mandar seu sobrinho Uniare Chararé , e outras pessoas a Goa no verão seguinte a vellas jurar pelo Viso-Rey.

Feito isto , se recolheo o Capitão Mór a Goa , e deixou sobre aquella barra o mesmo D. Fernando de Noronha com doze navios mui bem providos , e com a melhor soldadesca da Armada , cujos Capitães eram , D. Lourenço da Cunha , Lourenço de Aguiar Coutinho , D. Antonio Manoel , Gaspar de Mello , Diogo Ortiz de Tavora , Antonio Botelho , Lançarote de Seixas , Lopo de Andrade de Gamboa , e outros , de que me não lembram os nomes. E pera a paga desta Armada , assim de soldados , como de marinheiros , pera mantimentos , e outras despesas , mandou o Conde muito dinheiro ; porque lhe não faltou nunca pera estas cousas , porque o buscava sobre seu credito quando faltava , e isto fez muitas vezes.

CAPITULO X.

Do contrato das pazes que se fizeram com o Çamorim: e do que succedeo a D. Fernando de Noronha sobre Cunhale, e D. Luiz da Gama chegou a Goa: e dos provimentos que o Conde mandou a Maluco, e Embaixadores do Achem que despachou.

PRometteo o Çamorim licença pera em todos os seus Reinos, e senhórios, e nos de seus vassallos deixar prégár o santo Evangelho, e se fazerem Christãos todos os que quizessem, de qualquer sorte, e casta que fossem, sem por isso perderem seus officios, dignidades, honras, e preeminencias que antes tiveram, nem cousa alguma de suas fazendas, que poderiam deixar livremente a seus herdeiros, ou a quem lhes parecesse, assim como se costuma entre Christãos, sem nisso se poder entremetter El-Rey, ou Regedor algum, nem entrar El-Rey alguma hora em parte de sua herança.

Obrigou-se a dar chão necessario pera edificação de todas as Igrejas em todos seus Reinos, e senhórios, e nos de seus vassallos nas partes que lhe pedissem os Ministros da Christandade: e que estas Igrejas seriam couto, e valeriam a todos os homisiados nas cousas, e delictos em que el-

ellas costumam a fello áquelles que a ellas se acolheſſem , como ſe guarda entre os Chriſtãos. E os Padres que nellas reſidem , teriam poder ſobre os Chriſtãos pera fazerem juſtiça conforme á Ley da Chriſtandade , ſem niſſo lhes irem á mão , nem lhes pôrem impedimento algum El-Rey , ou ſeus Regedores , ou peſſoa alguma.

Prometteo mais que eſtes meſmos privilegios , e iſenções teriam as Igrejas dos Chriſtãos de S. Thomé que eſtiweſſem em ſuas terras , e nas de ſeus vaſſallos , e nas que de novo ſe edificafſem , pera o que dava livremente licença. E os Caſſanares , e Vigairos que nellas reſidem , teriam a meſma juridiſcção ſobre ſeus Chriſtãos , que os Padres Portuguezes tem nas outras Igrejas , e nas mais couſas que os Chriſtãos de S. Thomé costumavam ter nas terras dos outros Reys Malavares.

Obrigou-se mais a não conſentir em tempo algum ſer recebido entre os Chriſtãos de S. Thomé , que morão em ſuas terras , e de ſeus vaſſallos , Biſpo , ou Prelado algum , ſenão o que vieſſe por ordem do Papa , e de El-Rey de Portugal deſte Eſtado , e do Arcebiſpo de Goa : e que entrando outro algum nellas , o prenderiam , e entregariam ao Feitor de Calecut , ou em qualquer das

For-

Fortalezas do Estado pera se mandar ao Arcebispo de Goa.

Prometteo mais que todos os Portuguezes, e Christãos que a suas terras fossem ter cativos por qualquer caso que fosse, de os entregar ao Capitão; ou Feitor de ElRey de Portugal, que com elle estivesse.

Prometteo de entregar ao Feitor que estivesse em Calecut cinco peças de artillheria, que foram da Fortaleza de Chale; a saber, dous Camelletes, hum Falcão, e dous Berços, que estariam depositadas na feitoria até haver Fortaleza em que se mettessem. E em nenhum tempo o Camorim, ou seus descendentes as poderiam tirar, nem servirem-se dellas pera outro effeito.

Prometteo que não desistiria do cerco de Cunhale até o verão seguinte vir a Armada.

Isto que se agora segue he o que o Estado prometteo ao Camorim.

O Brigou-se o Estado a haver sempre Igrejas, e Padres em Calecut. E assim de fazer alli a Fortaleza, e ter alli Officias, e feitoria: e de favorecer a todos os Portuguezes, e Christãos, que alli quizerem

rem morar, e fazer alli a povoação: pera o que dará o Çamorim lugar particular junto da feitoria.

Obriga-se mais a dar cada anno sinco cartazes pera sinco náos de Méca. Quatro que estavam promettidos nas pazes que fez D. Alvaro de Abranches, e hum mais que agora se lhe accrescenta, por se não fallar em algum tempo, nem pedir que o Estado não dê cartazes a outra alguma pessoa no Malavar, como se lhe prometteo nas pazes que lhe fez o Viso-Rey Mathias de Albuquerque: e destas náos as duas poderám ser de porte de até seiscientos candis; e as outras tres de até quinhentos, e pagará por cada hum destes cartazes trezentos fanões; e pedindo algum cartaz pera Bengala, ou pera o Achem, se lhe dará, não trazendo, nem levando cousas de fezas: e pera Barcelor, Mangalor, e mais partes, onde costumavam navegar, se lhe dariam os cartazes costumados, que se houverem de passar aos vassallos do Çamorim, e moradores de suas terras, que contém de Paliporto até Pudepatão, se lhe entregariam a elle na sua mão, ou a seus Regedores pera elles os repartirem, excepto os do Reyno de Tanór: e estes cartazes serem passados pelo Capitão, ou Feitor que estiver em Calecut na fórma, e ordem em
que

que o Estado os costuma passar, e conforme ao Regimento que o Viso-Rey lhe der, sem se nisto entremetterem os Capitães de Cochim, e Cananor: e por cada hum destes cartazes pagará o Çamorim treze fanões, que he o preço antigo, e costumado.

Os cartazes que se houverem de dar aos Arioles, dallos ao Feitor de Calecut, ou nas suas proprias mãos, ou ao Çamorim, conforme aos contratos que entre si tiverem feito, em quanto elles estiverem concertados com o Çamorim.

A pimenta que se comprar pera as náos do Reyno, se pagará pelos preços ordinarios da terra, e se receberá pela ordem de Cochim, sem por isso se alterar cousa alguma.

Da fazenda que comprarem, e venderem os Portuguezes, e Christãos nas terras do Çamorim não lhe pagarão direitos alguns, salvo os costumados nas terras de El-Rey de Cochim.

Havendo algumas brigas entre os Portuguezes, e Naires, cada hum castigará os seus: nem o Çamorim, e seus Regedores se entremetterão em cousa tocante á justiça dos Portuguezes, ou Christãos, e seus familiares, porque isso pertencerá ao Feitor, que estiver em Calecut, ou a quem o Viso-Rey ordenar.

Obri.

Obrigou-se o Estado, que fazendo algum dos inimigos guerra ao Camorim pera lhe entrar por suas terras, e jurdição, ou de seus vassallos, não dar favor, nem ajuda alguma, nem tão pouco favorecer ao dito Camorim, querendo entrar pelas terras dos outros Reys amigos do Estado.

Tendo o Camorim guerra com os Ario-les, e estando elles em amizade com o Estado, não favorecerá, nem ajudará alguma das partes, mas a todos tratará como amigos, trabalhando pelos compôr, sem se agravar das ditas guerras.

Obrigou-se o Estado a não tirar de Calecut as peças de artilheria, que foram tomadas na Fortaleza de Chale; mas sempre estarão na feitoria até se pôrem na Fortaleza, que se fizesse nas terras do Camorim, que o Estado deseje que se faça em Calecut, havendo commodidade pera isso, e podendo ser; mas não se obriga a fazella, senão onde for mais accommodada no tempo que lhe parecer mais conveniente.

Juradas estas pazes, partio-se D. Luiz da Gama pera Goa, deixando D. Fernando de Noronha; como dissemos, sobre aquella barra; e chegando a Goa, deo razão de si ao Conde Viso-Rey, que o despachou logo pera ir entrar de serventia na capitania da Fortaleza de Ormuz, que estava vaga

por falecimento de D. Antonio de Lima, Capitão della, e não hia entrar nella por virtude da sua Patente, por ter ainda por cumprir algum tempo.

Partido D. Luiz da Gama pera Ormuz, ficou o Conde despachando hums Embaixadores, que lhe tinham vindo do Achem, que elle recebeo mui honradamente em sala paramentada com todos os Fidalgos, e Capitães, que se acháram naquelle tempo em Goaz, e os aposentou muito bem, mandando-os prover de todo o necessario até fer tempo de se tornarem, em que os despachou com satisfação. E os pontos principaes que vieram tratar, deu os não soube, porque os não achei na Secretaria, onde era razão que se isto achasse; mas sei que foram satisfeitos: e o Conde Almeida os mandou embarcar no galeão da carreira de Maluco, de que Luiz Machado Boto era Capitão, e os mandou prover muito bem do necessario pera a viagem: e mandou ao Achem hum arrezoado presente em retorno de outro, que os seus Embaixadores trouxeram, e deram á vela aos tres de Maio deste anno de 99. e de sua viagem adiante daremos razão.

CAPITULO XI.

De huma fragata de Hespanhoes de Manila, que foi ter á China pera assentar pazes com os Chins, e fazer feitoria em hum de seus portos: e do que D. Paulo de Portugal sobre isso fez.

JÁ démos conta no Capitulo XVI. do primeiro livro de como D. Paulo de Portugal partio pera a China, agora continuaremos com elle. Chegou este Capitão ao porto de Macao em Outubro passado, e logo dahi a quinze dias aportou á Cidade de Cantão humã fragata das Manilhas, de que vinha por Capitão hum D. João de Samudco, e com elle dous Religiosos da Ordem de S. Francisco, que elle logo despedio pera a Cidade de Macáo com duas cartas pera o Capitão que alli estivesse. Huma dellas de D. Francisco Tello, Governador da Manilha, e outra sua; e o Governador dizia na sua, que elle mandava aquella embarcação a buscar chumbo, ferro, e munições pera o serviço das Armadas, que ElRey D. Philippe trazia naquellas partes Filippinas: que lhe pedia dêsse ordem com que pudesse haver aquellas coufas, e favorecelle o Capitão que hia a isso, pois todos eram vassallos de hum Rey,

Q ii

e

e a voltas disſo muitos cumprimentos, de que os Caſtelhanos não ſão nada avaros. A carta de D. João de Samudeo continha o meſmo, e pedia-lhe licença pera fazer o negocio a que hia, e que o favoreceſſe naquellas couſas como era razão, e com iſto tambem ſeus offerecimentos.

Vendo D. Paulo de Portugal as cartas, e que a fragata paſſára logo a Cantão ſem tocar naquella Cidade, logo lhe pareceo artificio, e respondeo ao Samudeo que ſe elle trazia Proviſões de ElRey de Portugal, que aquelle porto, ſua caſa, ſua fazenda, e tudo o daquella Cidade eſtavam muito preſtes pera ſeu ſerviço; e ſe as não trazia, que entendeffe que lhe não havia de conſentir couſa alguma daquellas, antes lhas havia de eſtorvar por todos os modos, e meios que pudeffe, por ElRey lhe ter defendido que os Caſtelhanos das Filippinas não foſſem perturbar aquella terra, nem o commercio que os Portuguezes alli tinham; e o meſmo diſſe de palavra aos Padres, que lhe leváram as cartas, e com iſto os deſpedio. E logo os moradores da terra entendêram que aquella fragata vinha negociar algum porto novo naquelle Reyno, pera nelle fazerem ſeu negocio, como logo antes de muitos dias ſe declaráram; e que vinham com intenção de á força de di-

dinheiro fazereim o que pertendiam ; porque este Castelhana começou a tratar seu negocio com os Mandarins , fazendo-lhes grandes promessas de muitos , e mui grossos proveitos , concedendo-lhes porto , em que elles estivessem , pera o que lhes deo muitas peças ricas , e curiosas que pera isso já levava , que estas sam as chaves mestras , com que se abrem todas as portas do mundo.

D. Paulo de Portugal teve logo aviso daquelle negocio ; e entendendo que sería de grande perjuizo assim do serviço de El-Rey , como do mencio , e proveito daquelles moradores , e ainda dos mercadores de toda a India , despedio hum Tabellião com hum protesto , e notificação ao Castelhana Samudeo , em que lhe dizia , que se trazia Provisões de El-Rey pera poder vir áquelle porto , em contrario de outras , porque o defendia com graves penas , que as molestasse pera se trasladarem ; e não sendo assim , que soubesse que lho havia de defender : e com isso lhe escreveu huma carta muito cortez , que mandou que se lhe desse primeiro que o protesto ; e que se não desfuisse a ella , então fizesse as diligencias que levava a cargo. E o que dizia na carta era pedir-lhe assim da parte de El-Rey , como da sua , que não quizesse ir perturbar aquel-

aquelle commercio , nem inquietar aquella terra , apontando-lhe todos os inconvenientes que havia , e as perdas , e damnos que as alfandegas da India receberiam , e o trato dos vassallos de ElRey D. Philippe , que era Senhor de ambas aquellas Coroas : e com isto despedio tambem hum Mathias Pinella , homem velho , e antigo naquelle porto , e muito conhecido dos Mandarins , pera que os persuadisse a lhe entregarem aquella fragata , ou lhe dessem licença pera elle a ir tomar ; e que lhe fizesse muitos cumprimentos , e promettesse grandes dadivas. Quando este homem chegou , já os Castelhanos tinham feito seu negocio , e alcançado a licença que queriam á força de dinheiro ; porque de Cantão mandou o D. João de Samudeo dous Castelhanos com humna petição ao Aitão , que era Governador daquella Próvincia , em que lhe dizia que elle chegára alli com tempo fortuito , que pedia lhe dêsse licença pera no porto do Pinhal , que era leguas de Macáo , pudesse fazer feitoria , e pagar direitos a ElRey da China de suas fazendas. Disto avisou logo Mathias Pinella a D. Paulo de Portugal , que fez junta de todos os moradores , e lhes pedio que lhe dessem seus pareceres sobre o que faria naquelle negocio , e todos affirmáram que não era pos-

possivel darem os Chins porto aos Castelhanos, por ser cousa que encontrava suas leis, de que elles se mostravam, e eram tão observantes; mas que por lhe estorvarem carregarem fóra, como já acontecêra outra vez, estando alli D. Francisco d'Eça, fazendo a viagem de Japão, á outra embarcação, como aquella que foi alli ter das Manilhas, que se mandassem dous homens a Cantão com credito, e dinheiro pera alcançarem daquelle Governador que lhe mandasse entregar os Castelhanos, ou os deitarem fóra do seu porto. Pera este negocio escolhêram por eleição hum Domingos Carvalho, e Antonio Carvalho de Araujo, que acharam em Cantão tão trastornado, tudo da parte dos Castelhanos, que lhes não respondêram a proposito, porque já os Castelhanos estavam de posse do porto do Pinhal. No que se vê claramente quão grande he a força da cubiça, e interesse, que faz que estes tão inteiros na guarda de suas leis, as quebrem com tanta facilidade pelo interesse que esperavam dos Castelhanos.

Com esta certeza que D. Paulo de Portugal teve, assentou de ir áquellê porto em busca dos Castelhanos, e trazellos ao de Macáo, e mandallos prezos á India, pera que o Conde Viso-Rey os mandasse pre-

prezos ao Reyno , com os autos de suas culpas , e protestos que primeiro lhe fizeram ; porque se senão fizesse isso assim , perder-se-hia aquelle commercio , e não tinham os Portuguezes pera que morar naquella Cidade , nem os mercadores da India a que ir lá com suas fazendas ; e assim se começou a preparar , e negociar os batéis das náos , que alli estavam pera ir sobre elles.

Isto se soube logo em Cantão , e os Mandarins despediram com muita brevidade hum protesto a D. Paulo de Portugal , em que lhe requeriam que não fosse inquietar os estrangeiros , que estavam nos portos de ElRey da China , que lhe pagavam direitos de suas fazendas : o que mandaram fazer com grandes ameaças , e logo se começaram de enxergar sombras dellas , porque começaram de ir faltando os mantimentos , e outras cousas que havia ordinariamente na terra : pelo que foram os moradores que alli havia com grandes requerimentos a D. Paulo de Portugal , pedindo-lhe que desistisse daquella jornada ; porque se o não fizesse , estavam arriscados a lhe acontecerem grandes males , pois viviam n'uma terra toda aberta , e sem defensão alguma ; e todas as vezes que os Chins quizessem , os tomariam ás mãos sem

lho

lho poderem defender , nem contradizer ; e que aquelles homens eram muito ciosos de sua liberdade , e de lhe quebrarem os mandados do seu Rey ; e que indo a seus portos fazer guerra aos estrangeiros que nelles estavam , além da desobediencia em que incorriam , estavam arriscados a outro não menor perigo : era este virem as Armadas da China em favor dos Castelhanos , contra quem fora caso gravissimo pelejar os Portuguezes. Com isto que os moradores Portuguezes daquella Cidade disseram a D. Paulo de Portugal , cessou dos apercebimentos que hia fazendo , e desistio da jornada que queria fazer contra os Castelhanos. Elles ficaram por então carregando á sua vontade ; e como levavam muitos reales , e gastavam largo , compraram a seda , peças , e mais cousas de brincos , e fazendas com tanta largueza , que subiram os preços de maneira , que não ousaram os mercadores da India a empregar seus cabedaes ; e assim partiram as náos esta monção pera a India quasi vazias destas cousas que costumavam levar.

Por estas mesmas náos avisou D. Paulo de Portugal de tudo isto ao Conde Viso-Rey , que chegaram a Goa no fim de Abril , e o Conde propoz em Conselho o aviso que D. Paulo lhe mandou dos Cast-

telhanos ; e assentou-se nelle que se escrevesse a D. Paulo , que conforme as ordens que tinha de Sua Magestade , em que prohibia passarem Castelhanos á China , lho impedisse , e os lançasse fóra , se ainda lá estivessem. E por virtude desta ordem foi D. Paulo de Portugal no anno seguinte contra os Castelhanos , que estavam no porto do Pinhal , e os lançou delle á força de armas , e não tornáram lá mais.



DECADA DUODECIMA

Da Historia da India.

L I V R O III.

C A P I T U L O I.

Do que neste verão aconteeço na conquista da Ilha Ceilão : e das vitorias que os nossos alcançaram do Tyranno de Candea: e da fermosa tranqueira que D. Jeronymo mandou fazer no lugar de Manicravaré.

A Lcançadas as vitorias que dissemos nas sete Corlas, e desfeitas as tranqueiras dos inimigos, determinou o Geral D. Jeronymo de Azevedo de mandar fazer huma tranqueira em Manicravaré, por ficar mais vizinha ao Reyno de Candea, pera dalli o poder conquistar, e fazer naquella tranqueira armazem, e assento de guerra, e ficar dalli como presidio, e castello contra as quatro Corlas. Esta tranqueira determinou que fosse de pedra pera mór fortificação, e segurança da gente, que nella havia de estar: pera o que ajuntou grande número de gastadores, e

of-

officiaes, e todas as achegás, e materiaes necessarios pera aquella fábrika, que encarregou a Salvador Pereira da Silva, que partio com grande cópia de Lascarins, e os mais soldados Portuguezes que se puderam ajuntar; e humna legua antes de chegar ao forte de Manicavaré, em Setembro passado de noventa e oito, alojou seu campo, em que esteve alguns dias, em que se recolhiam as cousas necessarias pera a obra que hia fazer, pera no mesmo dia que chegassem fazer tudo; porque suspeitava que tratava o tyranno de saltar os nossos a noite que chegassem, primeiro que se fizessem fortes, por impedir aquella obra, que lhe ficava sendo de grande damno, e perjuizo, por lhe taparem com ella as portas do Reyno de Candea, onde ficaria encurralado. Juntas as achegas, partiram os nossos pera o lugar, onde a Fortaleza se havia de fazer; e em chegando a elle, logo se fortificáram; e quando foi a noite seguinte, em que os inimigos tinham determinado de os assaltar, estava já feito hum forte de madeira defensavel, e os nossos dentro nelle mui seguros, e os inimigos frustrados em seu desenhossem ousarem a bulir comfigo.

Os nossos foram logo pondo as mãos á obra da Fortaleza de pedra, em que gastá-

táram espaço de quatro mezes com grande custo ; e trábálho ; e com terem esta , não deixáram de fazer algumas entradas nas terras do tyranno , de que sempre se recolhêram vitoriosos.

Vendo o tyranno que não podia estorvar aquella obra , determinou de divertir o Geral , pera o que se passou com seu exercito ás fronteiras de Dinavaca , por onde começou a fazer muita guerra por aquellas terras , que eram nossas ; ao que o Geral acudio com outro exercito , que formou de soldados que tirou dos presidios , que tinham por partes , deixando-os sempre com guardas , de quem mandou por Capitão Salvador Pereira da Silva pera contrastar os inimigos , como fez , tendo com elles alguns recontros , em que os desbaratou. A Fortaleza de Manicravaré foi-se continuando até de todo se acabar com seus muros , baluartes , e huma torre no meio de dous sobrados , obra tão bem acabada , e forte , que se teve por inexpugnavel pera aquella Ilha , pera onde se passou o mesmo Geral com o resto do exercito em principio de Janeiro passado de noventa e nove , e alli fez apercebimentos pera mandar entrar pelas Corlas.

Isto entendeu logo o tyranno ; e vendo quanto lhe importava sustentar aquellas Corlas,

las, assim as quatro, como as sete; porque se se perdessem, ficava o Reyno de Candea aberto, defabrigado, e diminuido nas forças: passou-se áquellas partes com todo seu poder, e do de ElRey de Huva, em que havia perto de cinco mil homens, e foi-se assentar nas sete Corlas, e dellas despedio hum Capitão com parte da gente, pera que se fosse vizinhar ás nossas Fortalezas fronteiras. Ao que o Geral acudio com mandar Salvador Pereira da Silva com duzentos Portuguezes, e dous mil Lascarins, que foi marchando ao longo de hum rio, que divide as sete Corlas do Reyno da Costa, e Ceitavaca; e ao outro dia passou parte da gente á outra banda, pera que fosse reconhecer o sitio mais accoinmodado, pera formar nelle alojamento pera todo o arraial; em quanto se alimpava, e roçava o mato pera elle. Andando os nossos nesta obra, os commettêram os inimigos por muitas partes; mas como os nossos estavam em contínua vigia, e andavam sempre com as armas nas mãos, resistiram-lhe valerosamente; e depois de terem hum arrezoada batalha, puzeram os inimigos em desbarato com morte, e cativoiro de muitos, de quem souberam como o Rey de Huva se avizinhára com o nosso arraial, e ficava d'elle menos de meia legua, com

ten-

tenção de defender aos nossos a passagem do rio , pera que não fossem assentar seu exercito no lugar de Adegalitota , donde podiam fazer muito damno. Os nossos avisaram logo destas cousas ao Gerál , que mandou com muita pressa abalar toda a mais gente , e por Capitão della que foi caminhando , e de passagem ganhou tres tranqueiras , que os inimigos tinham feitas em partes estreitas , e nellas mataram muitos dos inimigos. E os que escaparam , foram dar rebate ao Rey de Huva , que logo se abalou do lugar em que estava , e formou seu exercito , e se poz em campo aberto pera esperar os nossos , que cuidaram achallo descuidado. E quando appareceram , viram-se sobressaltados , e embaraçados , porque o inimigo logo os commetteo com grande furia ; e como os nossos hiam já com as armas nas mãos , resistiram-lhe com tanto valor , e esforço , que em pouco espaço lhe desbarataram a vanguarda , e os arrancaram do campo com bem de damno. E conhecendo a vitoria , que lhe Deos dava , foram dando nelles , e fazendo tão grande destruição , que mataram mais de duzentos , e neste alcance chegaram ao corpo do exercito , onde estava o Rey de Huva ; e investindo huns , e outros , fez a nossa espingardaria bem seu of-

officio, com que os inimigos paráram até se tornarem a ajuntar a seu corpo. Os da vanguarda, que foram fugindo juntos, voltaram com tão espantosa furia, que se viram os nossos perdidos; mas entendendo que o remedio de suas vidas estava no valor, e esforço de seus braços, mostráram o ultimo de seu esforço, e como desesperados se mettêram entre os inimigos, em quem fizeram tantas cruezas, que lhes voltaram as costas postos em desbarato, e nelas lhe foram os nossos dando, como quem já os levavam de vencida, fazendo nelles muito grande estrago. Neste encontro se perdêram duzentos dos inimigos, e muitos Modeliares, e ganháram os nossos muitas armas, e outros despojos, e se recolhiêram ao sitio de Adegalitota, onde alevantáram suas tranqueiras, e fortificações á sua vontade, e sem impedimento. Succedeo isto no fim de Janeiro passado de noventa e nove.

CA-

CAPITULO II.

De huma alteração que houve entre os soldados da conquista sobre suas pagas : e do soccorro que o Conde lhe mandou por D. Francisco de Noronha : e do que lhe succedeo na viagem.

PAssadas as vitorias, que atrás contámos, com tanto risco dos soldados, entráram em outro maior, e mais pera temer, e arreçar, que foi a fome, e falta de pagas, porque os soldados que militam, e andam nesta conquista (que eu tenho pelos mais exercitados, e affoutos que ha na India) como estão fartos, commetterám sem temor todos os perigos do mundo, e pelearám com elefantes bravos. E esta falta de pagas, por que o Geral esperava da India, soffrêram tão mal, que muitos delles se alvoraçáram, e se foram pera as serras, onde se fizeram fortes, e sahiam em magotes a buscar de comer pelas Aldeas. Disto teve logo aviso o Conde Viso-Rey por cartas de Ceilão; e vendo que lhe era necessario acudir áquelle negocio, sabendo que no porto de Goa estava hum náo de Thomé de Sousa de Arronches, Capitão de Columbo, mandou logo embarcar nella cento e sincoenta soldados, vinte mil

Conto. Tom. ULT. R par-

pardãos em dinheiro, muitos mantimentos, munições, lanças, e espingardas, e elego por Capitão della pera fazer esta jornada D. Francisco de Noronha, que se fez á vêla já quasi aos vinte de Abril deste anno de 99. em que andamos. E além dos soldados que se pagáram, mandou o Conde embarcar muitos, que estavam no tronco sentenceados a degredo; e assim se embarcáram alguns Fidalgos: huns que hiam a servir, e outros a cumprir seus degredos, e apresentar-se. E dos que pude saber foram André Pereira Coutinho, Luiz de Lacerda, D. Manoel, e D. Rodrigo de Castro, ambos irmãos, e filhos de Baçaim, a que na India chamam os Mangaritos, Ruy Quadrado de Almadão, e outros.

E seguindo este Capitão sua derrota, estando tanto ávante como Cananor, tiveram os degradados tomado o batel pera se acolherem. No que se vê quanta força tem a perda da liberdade, que no que estes queriam fazer em fugir, tinham por menor mal arriscarem-se a tão conhecido perigo, como era metterem-se n'um batel em tempo tão perigoso do inverno, que irem a Ceilão contra sua vontade, que humia terra pera onde tantos folgavam de ir servir ElRey por seu gosto pela prosperidade, frescura, e abundancia que tem, e em

em que muitas vezes ha occasiões, em que os homens enriquecem.

Desta alteração, e determinação destes homens teve D. Francisco de Noronha rebate, a que logo acudio, mandando metter homens de sua obrigação no batel, que levou sempre grande resguardo. E passado o Cabo Camorim, atravessou aquelle golfo com tempo muito rijo, que lhe durou até haver vista da terra de Gale, e alli surgiram duas leguas ao mar, sem saberein onde estavam. E por se arreçar de dar á costa por razão de andar o mar muito grosso, e o vento tezo, e o tempo tão carregado, que hia mostrando, e dando sinaes do inverno, que he alli mui perigoso, esteve D. Francisco de Noronha mui indeterminado no que faria, porque havia hum reboliço nos soldados, que desejavam de arribar a Tutocori; ao que elle acudio, e atalhou, dizendo-lhes, e affirmando a todos que ainda que se perdesse, havia de ir a Ceilão pela grande necessidade, em que aquella conquista estava daquelle soccorro; porque entendia mui bem que se fosse a Tutocori, nenhum daquelles soldados que levava lhe havia de ficar, e que todos os provimentos, e munições se haviam de dar a perder, e consumir. E que pela confiança que o Viso-Rey delle tinha, o elegêra pera

aquella jornada , que elle por nenhum caso havia de deixar de fazer , e levar aquelle soccorro a Columbo , ainda que se arriscasse a todos os perigos até perder a vida , porque com elles ficava ElRey melhor servido , e elle satisfazendo a sua obrigação. E tão resolutos estavam nisto , que mandou metter o dinheiro , as espingardas , e munições em pipas , e quartos , e aboar tudo com viradores grossos , e fortes pera o tempo da necessidade. E disse aos Officiaes , que quando não houvesse outro nenhum remedio , varassem com a náó naquella terra que apparecia , em parte que se pudesse salvar a gente , e o cabedal ; que elle se obrigava a pagar de sua fazenda a náó a seu dono. E por lhe não ficar cousa nenhuma por fazer , vendo que apparecia humma fermosa praia de arêa , mandou chegar o batel a bordo , e o esquipou mui bem de remos , e marinheiros , e pediu a hum daquelles Fidalgos que com elle hiam , que se embarcasse nelle , e fosse demandar a praia que apparecia , e trabalhasse por haver ás mãos algum Piloto , que os guiasse a porto seguro , do que o Fidalgo se escusou ; e havendo entre elle , e o Capitão algumas razões , se offereceo hum Alvaro de Barros , soldado velho , bom cavalleiro , que hia provído da Capitanía do porto de Ca-

Caleturé, e disse a D. Francisco de Noronha, que elle iria no batel a fazer aquella diligencia, e que esperava em Deos que a havia de fazer muito bem, o que lhe o Capitão acceitou, e mandou embarcar com elle alguns companheiros, dando-lhe por regimento que fosse demandar aquella praia; e que se achasse alli alguma povoação, trabalhasse por negociar hum Piloto, ou dous, pera o que lhe deo dinheiro; e como os Chingalas por elle venderám mulher, e filhos, se os alli houvera, não deixáram de vir.

Depois de partido este batel, appareceo hum a almadia, que tinha sahido de Gale, e capeando-lhe veio á náó, e dos que vinham nella souberam a paragem em que estavam, que era entre Gale, e Beligão. E por não vir nella quem os soubesse guiar, e encaminhar, despedíram a almadia com hum carta pera o Capitão de Gale, em que o Capitão da náó lhe dava conta do estado em que ficava, e lhe pedia o mandasse soccorrer com Pilotos, que os recolhessem em algum porto seguro.

Tal diligencia poz Alvaro de Barros naquelle negocio, que lhe encommendaram, que chegou á terra, e nella negociou logo dous Pilotos, que mandou no batel, que D. Francisco de Noronha festejou bem,

e lhe perguntou onde sería melhor recolhêrem-se, se em Gale, ou Beligão, e se se atreviam a metter aquella não em qualquer daquelles portos? e ambos disseram que em Beligão era melhor, porque a sua barra tinha de maré cheia de quatro pera sinco braças de agua, e que elles trabalhariam pela metter dentro; mas que se não obrigavam a cousa alguma.

Fazendo D. Francisco de Noronha seus discursos, assentou de commetter a barra de Beligão, ainda que a não se arriscasse; por que como salvassem a gente, dinheiro, e munições, de tudo mais lhe dava pouco. E determinado nisto, mandou aos Pilotos que fossem a Beligão, que Deos, em quem confiava, os ajudaria. E assim deram a vella, e chegaram defronte da barra a tempo que estava a maré meia cheia, com que commettêram a entrada, e foram por sete braças; e logo mais dentro deram em quatro, e mais adiante em tres e meia, com o que D. Francisco se houve por perdido. E como levava todas as cousas aboiadas, e postas no convés pera as baldear no bastei, mandou-o levar a bordo, e deixou-se ir. E quiz Deos por sua misericordia, que das tres braças e meia deram logo em sinco, e depois lhe foi crescendo mais o fundo, e os da não alegrando-se, e feste-
jan-

jando muito , e assim foram surgir perto da terra. E esta foi a primeira não que entrou neste porto , e ficou dalli adiante facil. a todos.

D. Francisco de Noronha mandou desembarcar tudo o que levava , e em terra fez suas estancias , e se fortificou mui bem , e despedio recado a Gale , pera que lhe mandassem servidores que acarretassem aquella fabrica. Ao que acudio D. Fernando Modeliar com muita gente da terra , com que D. Francisco de Noronha começou logo a marchar com muito boa ordem , e recado. E nos lugares , em que se haviam de alojar pera jantarem , ou dormirem , em breve espaço se fortificáram á roda ; porque como os servidores eram muitos , e os matos grandes , e espessos , facilmente se fazia tudo. E por esta razão alguns alevantados que encontrou , não ousáram aos commetter. Nesta ordem chegou a Columbo a salvamento , onde foram muito festejados , e o Geral teve já com que pagar , e quietar os soldados , com que tornou a proseguir na guerra , como logo diremos.

BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ

CAPITULO III.

De outras vitorias que os nossos alcançaram em Ceilão em diferentes partes.

ENvergonhado o Rey de Huva de ser tantas vezes desbaratado , temendo-se do tyranno D. João , deixou-se ficar nas fete Corlas bem alongado das estancias , em que os nossos ficavam , e da terra de Galitota , e alli tornou a recolher a mór parte da gente , que lhe escapou daquelle desbarato. O tyranno D. João tanto que vio perdida aquella jornada , em que elle tinha grande confiança , determinou de ajuntar suas gentes , e tornar a proseguir a guerra por aquella parte , o que não pode fazer ; porque andavam os seus tão medrosos daquelles successos , e tão enfadados daquelle guerra , que não quizeram acudir , sobre o que o tyranno usou grandes crueldades com elles , mandando descabeçar muitos , e mandou chamar o Rey de Huva que acudio , e andou em pessoa por suas terras ajuntando gente até formar hum arreoado exercito , com que tornou a despedir aquelle Rey com ordem que se affastasse dos nossos , e fosse impedir os desenhos de D. Jeronymo , que eram obrigar os naturaes das Corlas a se reduzirem á obediencia ,

cia, em que lhe dantes estavam, pera com isso poder mais facilmente commetter a conquista do Reyno de Candea, e metter-lhe a guerra dentro em casa, pera assim o encurralar de feição, que ou deixasse as terras, ou o perseguisse tanto até o matar, ou haver ás mãos; o que o tyranno entendeo bem, e trabalhou tudo o que pode pelo divertir. E pera isso teve intelligencias secretas com os Lascarins do nosso exercito, que estava nas fronteiras de Dinavaca, e a poder de peitas os fez passar a si, com o que aquellas terras fizeram mudança.

Tanto que os nossos víram os Lascarins passados pera o inimigo, recolhêram-se aos fortes de Corvite, e Batugedere, aonde ficáram cercados por terem tudo contra si. Estava o Geral neste tempo nas fronteiras de Candea penhorado com a conquista, que queria fazer por aquelle Reyno; com o que os inimigos tiveram lugar de cobrar animo, e fazerem alguns damnos em nossas terras, e entrarem por ellas até defronte da tranqueira Malvana. Do que sendo D. Jeronymo avisado, proveo a tranqueira de Manicravaré, em que estava, de tres companhias de soldados, de que eram Capitães Thomé Coelho, que era cabeça de todos, João Serrão da Cunha, e Diogo

go de Araujo, e de mantimentos, e munições pera muitos dias. E elle com huma companhia de soldados, e oitocentos Lascarins se passou á Cidade de Seitavaca por estar no meio de todo o Reyno, e mais vizinha á fronteira de Dinavaca, onde os inimigos andavam; contra quem despedio Simão Pinhão com outra companhia de soldados, e oitocentos Lascarins, que os encontráram no lugar de Sofragão; e depois de terem com elles hum bem porfiado recontro, os arrancáram os nossos do campo, deixando muitos mortos, que por elle ficáram: e assim teve o Simão Pinhão tempo de visitar as Fortalezas de Corvite, e Batugedere, em que se tinham recolhido os que andavam nas partes de Dinavaca, como dissemos, que proveo muito bem de tudo.

Daqui mandou o Geral que passasse o Pinhão pera as terras vizinhas da Malvana, onde já estavam os rebellados, e principaes cabeças daquelle alevantamento. E o mesmo Geral tambem se abalou por outra parte, de maneira que os collhêram em meio, e os cercáram em fôrma, que por não terem remedio se entregáram, e vieram á obediencia, e o Geral mandou cortar as cabeças aos que o foram daquelle alevantamento: e depois foi pouco, e pouco

co justigando os mais culpados, com o que apagou de todo aquella labareda, que lhe abrazava a terra. O tyranno foi mettendo todo seu cabedal pelas Corlas, pera dar em que entender ao Geral, e divertillo de seu intento; pelo que lhe foi necessario mandar outra vez o arraial contra aquelle inimigo, e em muitos recontros que lá tiveram com suas gentes, sempre os nossos ficáram com vitoria, e se recolhêram com muitos cativos, e prezas. O nosso arraial, que estava na tranqueira de Balitote, tambem não esteve neste tempo ocioso, porque o mandou o Rey de Huva commetter com mais de seis mil homens; mas o Capitão Salvador Pereira, que já estava avisado daquillo, primeiro que chegasse, lançou os Lascarins da terra fóra das tranqueiras em cilada nos matos, pera ao tempo que o commettessem, lhe darem pelas costas, e os desbaratarem, do que se elles temêram, e por isso não quizeram invellir a tranqueira, antes estiveram dez dias sobre ella commettendo-a por escaramuças, de que sempre se recolhêram escalavrados.

E por não ficar ao tyranno de Candea cousa que não commettesse por divertir, e embaraçar ao Geral, mandou ao mesmo tempo commetter a tranqueira de Manicravare com hum Capitão de quatro mil homens,

mens, como fizeram com grande determinação ; e por espaço de meio dia tiveram com os nossos huma grossa escaramuça de arcabuzaria, de que lhe ficaram muitos retirados no campo ; e tão mal os hospedaram os nossos, que no mesmo dia se recolhêram, ficando o campo semeado de muitos corpos espedaçados.

O Rey de Huva, que estava sobre o nosso forte de Balitote, vendo que gastava o tempo sem proveito, e que estava arriscado a ser salteado, e desbaratado dos nossos, retirou-se; porque tambem soube que o Geral mandava soccorrer aquella tranqueira, e dalli se passou ás terras de Chilao, deixando huma legua daquela tranqueira de Balitote hum corpo de mil homens, os mais delles de espingardas, em huma tranqueira que fez n'um passo, pera que ajuntando-se alli a gente das aldeas vizinhas, impedissem as entradas aos nossos por aquellas partes, porque de todas se arreceavam. Do que avisado o Geral, mandou dar nelles hum Capitão com sincoenta Portuguezes, e trezentos Lascarins, que os puzeram em desbarato, entrando-lhes a tranqueira com mortes de muitos. Com este successo se retirou logo o Rey de Huva das partes de Chilao, pera onde se passou, assim porque tambem lá foi mal agazalhado

do dos nossos , como por se recear que mandasse o Geral outro poder sobre elle.

Vendo o tyranno de Candea quão mal lhe succediam todos os seus ardís, e quantos , attribuiu tudo á covardia do Rey de Huva , pelo que o mandou recolher a Candea ; e o seu cargo , que era de Capitão geral do campo , deo a hum Principe do sangue dos antigos Reys , mancebo havido por atrevido , que querendo mostrar ao tyranno que não ficava enganado naquella eleição , se abalou logo com todo o arrial , e gente que trazia o de Huva contra a Fortaleza de Balitote , que já o Geral tinha soccorrido com gente , e munições , que accommetteo com algumas escaramuças de espingardaria. E vendo Salvador Pereira , Capitão della , que o inimigo não ousava a investir , lhe sahio com hum corpo de gente , e remetteo a elle com tanta furia , que em breve espaço o poz em desbarato , com morte de mais de cento , ficando este Principe no primeiro assalto que commetteo , tão mal affortunado , como o Rey de Huva , porque se metteo pelos matos tão atemorizado como o outro : e os seus que escapáram , foi tal o seu medo , que não paráram senão dentro em Candea. Com isto ficáram as Corlas despejadas , fi-

cando só o Principe nos confins dellas, duas leguas do nosso arraial, sem ousar de ir diante do tyranno. O que sabido pelos da tranqueira da Balitote, sahiram de noite em boa ordem, e no quarto da alva deram nelle com tanto estrondo, que o puzeram em fugida, e o tornáram a metter pelos matos, e o foram seguindo, e queimando muitas aldeas, povoações, e pagodes: com o que defenganados os povos das Corlas de o tyranno os poder defender, sujeitáram-se á obediencia.

CAPITULO IV.

Das razões que movêram ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes a ir visitar os Christãos de S. Thomé: e de hum breve relação das cousas deste Santo Apostolo.

Agora que he tempo do inverno, que estão paradas as cousas do Governo, daremos razão do que moveo ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes pera ir visitar a Christandade das serras do Malavar, pera onde o deixámos partido: o que trabalharemos pelo fazer brevemente, porque a historia não soffre tanto, e são cousas essenciaes deste tempo do Conde Almeirante, pois nellas trabalhou com ajuda, e fa-

favor; e he bem que de quando em quando passemos da terra ao Ceo, e do politico ao Divino: e começaremos pela entrada do Santo Apostolo na India, conforme ao que se achá escripto nos livros Caldeos desta Christandade, onde ha muitas cousas, de que a sua lenda não trata.

Pelo que se ha de saber que estes Christãos tem por tradição desde o tempo deste Santo Apostolo até agora, que por morte do Filho de Deos Christo Jesus Senhor, e Redemptor nosso se repartiram os seus doze Discipulos pelo mundo a prégar a Lei da Graça. E que andando este Santo Apostolo em companhia de S. Judas Thaddeo, pelas partes de Mesopotamia, sabendo que passavam huns mercadores pera a India, desejando de se embarcar pera aquellas partes, onde havia tamanha fama daquella Gentilidade, apartou-se do Apostolo S. Thaddeo seu companheiro, segundo sua lenda, na Cidade de Edessa. E os livros Caldeos da Serra dizem, que vendeo seu corpo a hum daquelles mercadores, ou se concertou com elle pera o servir naquella jornada, e assim se embarcou com elle sem dizer pera onde; e a náó em que hia tomou a Ilha C,acotorá, onde ficou prégando á gente daquella Ilha, pelo que tenho dúvida na venda, que de si fez o Santo Aposto-

tolo ; porque se tal fora , não havia de deixar o dono de seu corpo , antes houvera de seguir seu amo , como seu cativo ; senão se o mercador vendo sua muita virtude , e doutrina , de sua livre vontade lhe dêsse licença pera ficar alli. Em fim , como quer que fosse , o Santo Apostolo converteo a mór parte dos moradores daquella Ilha , e lhes fez hum Templo , em que adorasssem a hum só Deos , em que havia de deixar alguma Cruz , porque então não tinha outro retabolo , e com isso lhes deo ordem , e regimento de vida , e lhes deixaria escritos os mandamentos ; porque os Santos Apostolos assim como entendiam , e fallavam todas as linguas , verosimil he que tambem as soubessem escrever , e conhecessem seus caracteres. Em fim , ordenando alli as cousas , que lhe parecêram necessarias pera bem , e conservação daquella Christandade , se embarcou pera a costa de Melinde , e Cafraria , onde havia fama haver tamanho numero de idólatras. E dizem os livros Caldeos , que chegou ao Reyno de Paces , que parece ser de Ampaza , pela semelhança do nome : e dalli á outra Provincia chamada Zarique , que não sei qual seja , senão se for Moçambique , que sempre foi escala daquella costa toda , que era mais conhecida , e sabida pelas Armadas de Salamão , que

que andáram por alli commerceando o ouro, e madeira preta pera o Templo.

Dalli se passou o Santo á Provincia Marhozaya, que o Bispo da Serra D. Francisco Rodrigues, com quem communiquei isto, affirma ser Malaca. O que fallando com toda a modestia, me parece que não pôde ser pelo apartamento destas Provincias, e nunca navegarem os mercadores de Moçambique, nem da costa de Melinde pera aquella parte, e assim o tenho por certeza; porque o Santo tornou a visitar aquella Christandade primeiro que passasse á India, e de Malaca não podia tornar a Sacotora. E faz esta minha opinião mais verdadeira escreverem muitos Authores graves, e cuido que tambem o dizem os livros da Serra, que passou o Santo Apostolo á Persia, e de lá á Provincia Camaracant, que hoje he a Usbequia, por ser caminho mais ordinario de casillas, e mercadores de todas aquellas partes, donde parece que tornou a Sacotora, e se embarcou naquella embarcação, que trata sua lenda, que n'uma noite fora aportar á terra do Malavar. E sobre qual foi a primeira parte que tomasse, ha entre aquelles povos grandes contendas; porque os Christãos chamados *Cortali*, da provincia Paruru, junto de Coulão, affirmam que a primeira.

meira terra que o Santo tomou, foi hum lugar chamado Mogodover Patana, que quer dizer cidade grande Idolo, que então tinha hum porto mui continuado de mercadores Persas, e Arabios, onde, conforme ao que se escreve nos Actos dos Apostolos, Abdias Discipulo deste Santo Apostolo converteo hum filho do Rey do Malavar, que deve de ser o de Paru, aonde aportou, e aonde ainda hoje ha muita Christandade. Ou pela ventura que a primeira Cidade que tomasse, fosse Calcut, aonde dizem os livros Caldeos, que converteo o Christão Perimal, Emperador de todo o Malavar. E entre os Reys que o Santo deixou escritos naquella pedra mi-lagrosa, que elle converteo, he elle hum destes, e que depois em Meliapor convertêra hum filho seu. No que se vê claramente que aquella dignidade dos Perimaes, de que no Capitulo X. do X. Livro da minha setima Decada dei larga relação, he tão antiga, que já havia muito antes da vinda de Christo. Mas não he este o derradeiro Perimal, que eu alli digo, que se foi fazer Christão a Meliapor, e o que os Mouros Arabios affirmam que não foi senão pera Meca a se fazer Mouro por acreditarem sua abominavel, e maldita seita, succedendo isto muito antes que Mafame-
de

de nascesse, como o tenho provado claramente na mesma Decada assima allegada. E o que affirmam os do lugar de Paru, que o Santo aportou primeiro a elle, e que deixára Igreja alli feita pera os Christãos que converteo, não tira esta opinião; porque o Apostolo correio todo o Malavar, e cada hum quer a honra de aportar primeiro a seu porto. Ora que elle deixasse alli Igreja, se prova por hum campo que alli mostram, chamado Paripalamba, que quer dizer o Campo da Igreja; e por outro lugar chamado Palimoe, que em lingua antiga quer dizer o Canto da Igreja. Mas o mais averiguado he aportar á Cidade Mogodover Patana, por sua muita antiguidade; que he tanta, que se tem perdido as escrituras; que tratam de sua fundação. E só da de Coulão tem memoriaes de setecentos annos a esta parte, porque em todo o Malavar contam suas eras, como os Romanos pela fundação de Roma; e antes disso contavam estes Malavares a era pelo curso do Planeta Jupiter, que he de doze em doze annos; como os Gregos pelas Olympiadas de quatro: e os Christãos de S. Thome em suas escrituras põem primeiro a era de Patana, e depois a de Coulão, como antes da vinda de Christo contavam nas suas

suas escrituras pela era da criação do mundo, e de Cesar.

Aqui em Mogodover Patana, onde o Santo primeiro aportou, que he o mais certo, e não em Cranganor, como outros affirmam, succedeo aquelle milagre da mão, por esta maneira. Celebrava aquelle Rey humas bodas a hum filho seu, a que concorria infinita gente, e entre esta foi hum a moça, que era Judia de nação, que dançava, e cantava em lingua Hebreá coufas da Lei de Deos, e das maravilhas que fizera com os filhos de Israel, milagres de seus Profetas, e outras coufas desta sorte, com que o Santo Apostolo (que foi convidado pera aquellas vodas) se enlevou tanto na contemplação daquellas coufas, que ficou em extase: e vendo-o hum daquelles ministros que serviam, assim arrebatado, e como fóra de si, deo-lhe hum a bofetada diante de El Rey, o que o dos Ceos permittio, pera que o seu Santo Apostolo se parecesse com elle n'outra, que lhe deram em casa de Caifás. Ao que o Santo levantou as mãos, e disse ao que lhe fizera aquella affronta: *Filho, pera que no outro mundo não pagues com penas eternas isto que aqui me fizeste, neste te castigará Deos com a brandura, e misericordia que sua condição lhe pede.* E assim aconteceo, que pri-

primeiro que o banquete se acabasse , sahio este homem a buscar agua a huma fonte , que devia este banquete de dar-se em alguma quinta , e encontrou com hum tigre , que ou viesse á fonte a beber , ou fosse ordenado por Deos aquelle encontro , pera mostrar a virtude do seu Servo no soffrimento da affronta que se lhe fez ; e arremettendo o tigre com o pobre homem , lhe levou na boca aquella sacrilega mão com que deo a bofetada , e lha cortou pelo pulso , e deixou-a cahir no chão. Vendo-se o triste homem sem mão , foi-se muito de pressa pera onde as bodas se celebravam , todo ensanguentado ; e estando dando conta da sua desventura , entrou hum cão com a sua mão na boca ; e com padecido o Santo Apostolo do pobre homem , levantou-se , e tomando a mão , que estava ainda fresca , applicou-a ao braço , e no mesmo instante se lhe soldou como d'antes era. O que visto pelos convidados , admiráram-se do caso , que foi occasião de muitos se converterem á Fé de Christo.

Este milagre he ainda hoje mui celebrado entre os Gentios de Meliapor , e trazem-no pintado em seus paineis , como o eu vi em alguns. E não sei qual he a razão , por que os Escritores modernos tem por apocryfos estes milagres , pois não re-
pu-

pugnão á razão; nem o Santo pedio a Deos castigasse aquelle homem, nem lhe desejou ver aquelle mal, e ainda que o pedira a Deos que por honra sua o castigasse. Porque do Profeta Eliseu lemos, que amaldiçoára os meninos, que lhe chamáram calvo por vituperio, a quem logo sahiram huns urfos do íntimo do mato, e os fizeram em pedaços. Da casta destes Judeos, e destas moças Judias, que se acháram nestas bodas, ha ainda hoje muitos por todo o Malavar; e affirmam alguns ficarem nelas daquelles, que vieram nas Armadas de Salamão, que vinham a estas partes buscar cousas pera o Santo Templo: e em Cochim ha humia Judiaria delles, e conservam ainda a sua antiga linguagem. E tambem eu cuido que procedêram dos que escapáram da destruição de Jerusaleem, e que foram cativos pera a Persia, donde se passariam á India.

Estes, e outros milagres obrou o Santo por todas estas partes, e converteo grande número de idólatras á lei de Christo. E suas escrituras affirmam que o Santo se passára dalli ás terras do Mogor, e á Provincia Industan, onde reinava aquelle Rey chamado Chsetrigal, que tambem está nomeado na pedra do milagre entre os que elle converteo. Tambem dizem passou á Chi-

China, e China grande, onde fizera muita Christandade. Estas partes entendo eu pela Provincia da China, e Catayo, que he a China grande, por estar mais alevantada pera o Norte que a outra da China, assim como os Cosmografos fazem differença da India menor, e India maior. E posto que desta Provincia do Catayo tenho já fallado no Capitulo . . . do . . . Livro da minha quarta Decada, adiante com o favor Divino, quando tratar do Principe de Badaxa, que se fez Christão em Ormuz, darei melhor relação della pelo muito que hoje está mais descuberto pelos Padres da Companhia, que penetram até o ultimo da China, e Catayo, aonde Portuguez algum já mais chegou, senão aquelle Embaixadør, que Fernão Peres de Andrade mandou ao Rey da China, que foi até á sua Corte, sem saber dar razão daquella Provincia, nem de outra alguma; porque os Chins que o levavam o divertiram por diferentes jornadas, em que lhe fizeram gastar muitos mezes, assim por não saber dar razão de cousa alguma, como pera lhe mostrarem a grandeza daquelle imperio.

E tornando ao Santo, depois de ter visitado todas estas Provincias, voltou pera a India; parece que veio visitando a Provincia Tebet, onde fez muitos Christãos,
de

de que ainda hoje ha nella, e se veio descendo até o Reyno Canará, até parar na Cidade Meliapor, onde fez aquelle grande milagre daquelle façanhoso madeiro, de que fabricou a sua Igreja, que ainda hoje está parte della em pé. E estando nesta Cidade orando em hum oratorio, que tinha naquelle monte, de que já fallei no Capitulo V. do X. Livro da minha Decada, foi morto pelos Bragmenes Gentios de huma lançada, que lhe deram por huma fresta, que foi aos 27. annos depois da morte de Christo, parecendo-se até nisto com seu Mestre, e nosso Redemptor, que tambem foi ferido com aquella cruel lançada, que lhe os Judeos deram, com que lhe atravessáram o coração. E conforme a computação dos mesmos Canarás, conformação com esta conta; e dizem mais que foi morto aos trinta annos do reinado de ElRey Xaga, que o Santo Apostolo tinha convertido. Foi seu corpo enterrado na sua Ermita, onde se acháram suas reliquias em tempo do Governador D. Duarte de Meneses, Senhor da casa de Tarouca, que por mandado de ElRey D. Manoel as mandou buscar. E posto que seu Discipulo Abdias diga que seus companheiros lhe leváram suas reliquias pera a Cidade de Edessa, isto não tira ficarem muita parte dellas na sua

sua propria sepultura , porque forçado haviam de deixar nella sua memoria. Esta Cidade de Edeffa he Metropoli da Mesopotamia ; e alguns tem que he a antiga Raquis , donde Tobias o velho mandou a seu filho a buscar os dez talentos de prata , que Gabello seu parente lhe devia. Esta Cidade se converteo á Fé de Christo pela pregação do Apostolo S. Thaddeo seu companheiro , e sempre nella houve Bispos , cujos suffraganeos foram os Bispos da Serra de Meliapor , que dalli se proviam até entrarem os da maldita feita de Nestor.

CAPITULO V.

Das cousas que mais acontecêram a estes Christãos : e dos Prelados que tiveram até este tempo : e dos Reynos em que hoje moram.

POr morte do Apostolo S. Thomé ficou toda aquella Christandade destas partes do Malavar , e Meliapor sustentando-se com os Prelados , que lhe mandavam os Bispos de Edeffa até lhe virem os de Babylonía Nestorianos , que como peste conhermináram todas aquellas partes com suas heresias , e perversa doutrina. Succedeo depois da morte do Santo ha mais de tre-

zentos annos haver no Reyno de Bisnaga grandes guerras, e fomes, e tantos terremotos, e sinaes do Ceo, que affirmam suas escripturas que junto de Meliapor choveo terra, e assolou huma povoação, com o que se despovoáram muitas terras daquellas, e os Christãos se espalháram pera diferentes partes, e muitos por falta de doutrina tornáram á Gentilidade de seus passados. E ainda hoje em Bipor na costa da Pescaria ha muitos que procedem destes a que chamam Taridasfal Naique mór, que quer dizer, os da casta dos antigos Reys; porque muitos dos que alli paráram eram do sangue dos Reys, que o Santo Apostolo fez Christãos; mas a mór parte delles se acolhêram aos matos, e serras, que sam os que passáram em Jodamalla, a que os naturaes chamam Xaber, que quer dizer gente antiga, e outros se espalháram por esta costa Malavar, onde fundáram Templos; e ainda daqui se acolhêram pera as serras, depois que os Mouros entráram na India, por muitas avexações que lhes faziam, cuja cabeça foi sempre a Cidade Patana, onde o Santo Apostolo aportou a primeira vez áquella Cidade: esta depois por tempos se destruiu de todo por guerra.

Depois dahi a muitos annos aportou áquelle porto de Patana huma náó, em que

que vinha hum Armenio Christão, chamado Thomé Cananeo, homem muito rico; e vendo-se com aquelle Rey, lhe deo conta de si, e elle deo o lugar de Patana para se aposentar com os seus, que traziam suas mulheres, e depois lhe deo o mesmo Rey o chão de Cranganor, onde agora está a nossa Fortaleza, onde o Thomé Cananeo mandou fazer a Igreja no lugar, em que hoje está da invocação do mesmo Apostolo; e depois fez outras duas: huma do Orago de nossa Senhora, e outra de S. Cyriaco Martyr. E porque a doação destes chãos, que lhe ElRey mandou passar, he notavel, e declara muitas cousas dignas de se sabermos, me pareceo bem pollas aqui de *verbo ad verbum*, segundo se acháram em humas pastas de cobre, que eu refiro na minha setima Decada, que desappareceram da Feitoria de Cochim, e dellas infiro que este Rey era Christão, e chamava-se Cocurangon.

Cópia da doação que ElRey do Malavar fez a Thomé Cananeo.

Cocurangon seja prosperado, e tenha longa vida, e viva cem mil annos, divino servo de Deos, forte, verdadeiro, cheio de boas obras, racionavel, poderoso

fo sobre toda a terra , ditofo , vencedor , gloriofo , próspero no minifterio de Deos directamente. No Malavar na Cidade do grande idolo , reinando elle em tempo de Mercurio , no dia fetimo do mez de Março antes da Lua cheia , o mefmo Rey Cocurangon , eftando em Cornelur , chegou Thomé Cananeo , homem principal , em huma não com determinação de ver a derradeira terra do Oriente ; e vendo-o chegar alli , deram recado ao Rey , que o mandou ir perante fi , fallou com elle amigavelmente , e lhe deo o feu proprio nome , chamando-fe dalli por diante Cocurangon Cananco , a quem ElRey deo a Cidade Patana pera todo fempore. E eftando efte Rey em fua grande prosperidade , foi hum dia á caça , e mandou cercar o mato , tendo comfigo o Thomé Cananeo , e fallou ElRey com hum grande Aftrólogo , que lhe aconselhou que déffe todo aquelle mato , que era grande , ao Cananco , como fez , que elle mandou logo roçar , e alimpar. Foi ifto no mefmo anno , em que alli aportou aos onze dias do mez de Abril. E nefte mato mandou logo o Cananeo fabricar huma Igreja , em que ElRey lançou a primeira pedra , e afim fundou alli huma mui arrezoadá Cidade , e deo a ElRey muitos , e mui ricos presentes ; pelo que o Rey lhe con-

concedeo mais sete modos de instrumentos musicos , e todas as honras que se faziam ao mesmo Rey. E concedeo-lhe mais poder pera em suas bodas poderem as mulheres fazer certo sinal com o dedo na boca , que só as mulheres dos Reys podem fazer. Concedeo-lhe mais pezo distincto sobre seu real , e todas as mais , como a sua propria pessoa , e que pudesse pôr tributos a seu povo. As testemunhas que estavam assignadas nestas pastas sam as seguintes: Cadaxericandi, Cheracarú, Putanchate, Comese, porteiro mór de ElRey, Arcunden Coundem, do seu Conselho, Amenate, Condem, Gerulem, Capitão do campo, Chiranmala Portati Resvoramem, Regedor da banda do Oriente no Malavar, e outros muitos que deixo por fugir prolixidade.

Foi a vinda deste homem quasi nos annos do Senhor de 811. segundo se acham nos livros Caldeos destes Christãos; e por muitas conjecturas me parece que este he o regulo, que Santo Antonino escreve na sua historia, que mandava todos os annos hum presente de pimenta ao Summo Pontifice; porque naquelle tempo era mui continuado dos Christãos da Europa o sepulcro do Santo Apostolo, e por elles lhe mandaria o Thomé Cananeo aquelle pre-

sente; de maneira que a primeira Igreja, que o Santo Apostolo fez, foi no lugar de Patana, que depois se destruiu pelas muitas, e grandes guerras que houve naquele tempo, e depois o Thomé Cananeo a tornou a reedificar, como dissemos, e dahi a muitos tempos se mudou pera Paru. E a segunda Igreja que se fez no Malavar, este Cananeo a fez (como já dissemos) e foi em Cranganor; e por esta obra o puzeram aquelles Christãos no catalogo dos seus Santos, e rezáram delle.

Das gentes que com elle vieram, procedem os Christãos de Diamper, Cortate, e Cartute, que sem dúvida sam de casta Armenios, e o mesmo seus filhos, porque trouxeram suas mulheres; e depois os que procedêram delles se casáram na terra, e vieram a ser por tempo todos Malavares. Os Reynos, em que hoje se conservam estes Christãos de S. Thomé, sam os seguintes: No Reyno dos Maleas vinte e seis leguas das terras de Madure. No Reyno de Turubuli seu vizinho. No Reyno de Maota. No Reyno de Batimena. No Reyno de Porca. No Reyno de Travancor. No Reyno de Diamper. No Reyno da Pimenta. No Reyno dos Tetancutes. No Reyno de Paru; e ultimamente no Reyno de Cortu-
te.

Todos estes Christãos , depois que se lhes acabáram os Prelados Catholicos , que lhes vinham da Cidade de Edessa , vivêram muitas centenas de annos naquella fé que lhes seus pais , e avós ensináram até quasi os annos do Senhor de 730. antes que o Thomé Cananeo alli aportasse. E poucos annos depois da fundação da Cidade de Cou-lão , deste fundamento , como já disse , contam os Malavares suas eras ; e nesta de 1611. em que escrevo isto , sam de sua fundação a de 722. por onde vai a nossa conta diante 889. annos , em que foram ter áquella Cidade dous Caldeos de Babylonia , chamados Mar Xabio , e Mar Prod , sequezes da seita Nestoriana , que foram bem recebidos daquelles Christãos , e estimados daquelle Rey , por mostrarem muita santidade , que governáram aquella Christandade , que não sei se com nome de Bispos , ainda que cuido que isto he o mais certo , e que repartíram toda aquella Christandade em dous Bispados , em que alevantáram muitos Templos ; e vivêram com tanto exemplo entre elles , que por suas mortes foram havidos por santos ; e postos nos seus catalogos , rezavam delles em seus breviarios. Donde o Arcebispo Primaz D. Fr. Aleixo de Menezes , visitando aquellas Igrejas , os mandou borrar pelos ter por hereges scis-

scismaticos, por virem de Babylonia por ordem do Patriarca Grego.

Com estes homens cresceu esta Christandade tanto, e vieram a ter tanta posse, que alevantaram entre si Reys, por quem foram muitos annos regidos, e governados, sem se quebrar a direita successão, e veio aquelle Reyno ao Rey de Diamper. Com elle passou ao de Cochim por perfilhação que tinha feito com aquelle Rey, como temos bem mostrado no nosso Epilogo das cousas da India: e esta he a razão, por que estes Reys de Cochim pretendem ter mais poder, e senhorio que os outros Reys sobre estes Christãos.

Depois de falecidos estes Caldeos, mandaram a Babylonia pedir Bispos, por não terem conimodo pera mandarem a Roma, porque por morte destes lhes ficou só hum Diacono, que tomou por si o officio de Sacerdote, sem ser ordenado, e o exercitou, cuidando que o podia fazer, que tão ignorantes estavam todos. Com este recado os proveo o Patriarca Grego de hum Arcebispo, chamado Mar Joanna, e de dous Bispos suffraganeos seus Coadjuutores, e futuros successores. Este Arcebispo ordenou o Breviario Caldeo, de que até agora usava esta Igreja, e fez seu assento em Cranganor. Por morte destes Arcebispo, e Bis-

Bispos succedco outro chamado Mar Jacob, que tinha vindo tambem de Babylonia, que governou muitos annos, e faleceo quasi no de mil e quinhentos. E logo no de mil quinhentos e dous, chegando á India a segunda vez D. Vasco da Gama, primeiro Almirante, e Conde da Vidigueira, e indo a nova a estes Christãos da grande Armada com que este Capitão estava em Cochim, lhe mandáram Embaixadores a lhe fazer a saber como eram Christãos, e que estavam mui avexados daquelles Reys vizinhos: que lhe pediam os ampárasse, e defendesse delles: que daquelle dia em diante se faziam vassallos de ElRey de Portugal: e em final desta vassallagem lhe mandavam o Sceptro de que seus Reys usáram, que era humo vara vermelha guarnecida de prata nas pontas, e na cabeça tres campainhas, que o Conde Almirante recebeo com grande apparato, e náos embandeiradas, e a mais lustrosa gente na sua, e os mandou salvar com toda a artilheria, de que elles ficaram assombrados, por não terem ouvido nunca aquelle estrondo. E á Embaixada respondeo aos Christãos com grandes offegas da parte de ElRey de Portugal, em cujo nome lhes disse, que acceitava aquelle Sceptro, assegurando-os que elle

mandaria Armadas mais possantes, e mais poderosas que aquella com que os libertasse das sujeições dos vizinhos; e aos Embaixadores mandou dar peças ricas, e curiosas, com que foram muito satisfeitos. E não acho se mandou o Almirante com elles alguns Religiosos dos que hiam na Armada pera os doutrinar, e ensinar nos costumes Romanos; porque nestas, e outras cousas de tanta importancia foram os nossos Escritores mui remissos, e descuidados.

E tornando aos Prelados: por morte do Arcebispo Mar Jacob veio outro chamado Mar Joanna, segundo deste nome, que está enterrado na Igreja de Diamper, e a este lhe veio de Babylonia outro chamado Mar Janabo, e assim foram succedendo outros Arcebispos até quasi os annos de 1556. em que o Papa Paulo IV. succedeo na Cadeira de S. Pedro; que confirmou em Patriarca da Abassia a D. João Bermudes, como na minha quinta Decada fica dito, em cujo tempo foram a Roma Simão Sulaca Bispo de Caeremit, Cidade cabeça da Mesopotamia, e com elle outros dous Bispos, hum que se chamava Mar Elias, e outro Mar Josef, que ambos deram obediencia ao Summo Pontifice por si, e por seus subditos, e elle os confirmou, e ao Simão Sulaca em Patriarca de Mu-

Musal, e aos outros em seus Bispados suffraganeos a elle: e ao Mar Josef, que tinha o titulo de Bispo de Ninive, mandou que fosse governar os Christãos das serras do Malavar, e com elle o Bispo D. Ambrosio Monte-coeli, Frade Dominico, por seu Coadjutor, e futuro successor, e assim ficou aquelle Patriarcado dividido em dous, hum Catholico, e outro herege; o Catholico na Cidade de Musal, e o outro em Antioquia; mas o Catholico viveo pouco; porque logo foi morto por ordem do herege. E os Bispos Mar Josef, e D. Ambrosio, que ainda estavam com elle, tiveram modo pera fugirem por se arrecearem doutro tanto, e foram ter a Ormuz, e nas náos que partíram pera a India se embarcaram, e não acho se tomáram Goa, ou aonde fossem aportar. Basta que passáram ás serras do Malavar, onde aquelles Christãos os recebêram muito bem, e o Mar Josef tomou posse do Bispado, em que ordenou muitas cousas mui boas. O D. Ambrosio parece que não vio aquella terra conforme a sua vontade, foi-se pera Cochim, e dalli pera Goa, e no Convento de S. Domingos leu a Sagrada Theologia aos seus Frades com muita satisfação por ser muito douto; e indo-se embarcar a Cochim pera o Reino no anno de 1557. fale-

leceo naquella Cidade, e jaz nella enterrado no Mosteiro de S. Domingos, como já temos dito no Capitulo I. do 1. Livro da setima Decada.

E tornando ao Mar Josef, como elle vinha inficionado, e contaminado da peste Nestoriana, começou a semealla pelo seu Bispado, e ainda por alguns moços que tomou em Cochim pera seus pagens. O que sabido pelo Bispo daquella Cidade D. Jorge Temudo da Ordem de S. Domingos, deo conta disso ao Viso-Rey, e ao Arcebispo de Goa, que escrevêram ao Capitão de Cochim que prendesse logo ao Mar Josef, e o embarcasse pera o Reino nas náos que lá estavam tomando a carga pera partir; o que elles fizeram, porque o houveram ás mãos por manha. Por sua ida mandáram os Christãos a Babylonia a pedir Bispo, donde lhe mandáram hum Mar Abrahão, que em trajos de marinheiro entrou naquella serra, onde foi muito bem recebido; e logo na volta das náos, em que embarcáram a Mar Josef, tornou elle a vir muito favorecido do Cardeal D. Henrique, e da Rainha que então governavam, porque assim soube attrahir os corações destes Principes, que lhe concedêram tudo o que pedio, com prometter de reduzir todos aquelles Christãos á obediencia da San-

Santa Igreja Catholica Romana; e chegando a seu Bispado, foi recebido de alguns povos, e de outros não, por estarem afieitados a Mar Abrahão, e assim houve entre elles scisina. Ao que acudiram o Viso-Rey, e o Arcebispo; e tal manha tiveram, que houveram ás mãos o Mar Abrahão, e embarcaram-no pera o Reyno por ser herege refinado; e a náó em que foi arribou a Moçambique, donde em hum pangaio se passou a Ormuz, e dalli á Babilonia a dar razão de si áquelle Patriarca, e a pedir-lhe Breves pera tornar a seu Bispado. Mas entendendo bem que se não fosse por ordem do Papa, não poderia ser admittido a elle, mudou o conselho, e passou a Roma, e deo relação de suas couzas ao Papa, que era então Pio IV. e diante d'elle anathematizou seus erros, e fez profissão da Fé Catholica Apostolica Romana, e prometteo de reduzir aquella Christandade á Santissima Fé Catholica da Igreja Romana: pelo que o Santo Pontifice lhe passou Breves Apostolicos, em que o confirmava em Bispo daquelles povos Christãos. E porque até então não era legitimamente ordenado, nem tinha Ordens algumas, o mandou ordenar desda primeira Tonsura até ás Ordens de Missa: e passou Breves ao Patriarca de Veneza pera o

sa-

sagrar em Bispo ; e deo-lhe cartas pera o Viso-Rey da India, Arcebispo de Goa, e Bispo de Cochim, em que lhe pedia o deixassem passar a seu Bispado de Veneza, onde se sagrou, passou por terra a Ormuz, e dahi a Goa, e apresentou seus Breves ao Arcebispo D. Gaspar, que examinando-os bem, achou que eram subrepticios, e passados com falsas informações, pelo que o fez deter em hum dos Mosteiros de Goa até informar a Sua Santidade da verdade, e foi posto em S. Domingos, onde eu fallei com elle muitas vezes: dalli teve taes intelligencias, que quinta feira de Endoenças, estando os Religiosos occupados naquelles piedosos, e devotos Officios, cheios dos Mysterios que nelles se celebrão, fugio, e se passou pera as terras do Idalxa, e dahi ao seu Bispado, onde já não estava o Mar Josef, porque o tinham embarcado nas náos passadas pera o Reino por Breves da Sé Apostolica, e cartas de ElRey, e Cardeal, por serem informados que era herege pertinaz, e não cumprio o que prometteo ao Papa. Entrando o Mar Abrahão na serra, e achando seu competidor ausente, foi logo recebido de todos por seu Prelado ; e por se recear que o Arcebispo de Goa, e Bispo de Cochim o tornassem a haver ás mãos, se

se metteo muito pelo certão. O que sabido pelos nossos Prelados, trabalháram pelo colher, e avisáram de tudo ao Summo Pontifice, que passou Breves o anno 78. dirigidos ao mesmo Bispo Mar Abrahão, em que lhe mandava deixasse prégar a Lei de Christo em todo o seu Bispado: e que dalli em diante se achasse em todos os Concilios que em Goa se celebrassem: e que guardasse seus decretos, e se sujeitasse a elles: e que pera ir a Goa lhe dava seguro Apostolico. E assim se achou no Concilio que celebrou D. Fr. Vicente da Fonseca; o que fez por não ser de todo reprovado, e havido por herege. E depois de acabado o Concilio, se foi pera seu Bispado, e nada cumprio do que prometteo, e jurou no Concilio.

Estando assim as cousas destes Christãos neste bem ruim, e desaventurado estado com a falsa, e perversa doutrina, que este herege semeava, chegou áquella serra hum Mar Simeão, que disse ser mandado pelo Patriarca de Babylonia pera succeder naquella Bispado, que a Rainha da Pimenta agazalhou, e favoreceo, e se fez cabeça de todos os Christãos daquella Reino, e poz outros que tambem lhe obedecêram, onde começou a exercitar o officio de Bispo,

ordenar, crismar, e outras cousas, de que informados os Prelados da India, o houveram ás mãos, e o embarcáram pera o Reino, e d'elle se passou a Roma, onde foi examinado por mandado do Papa Xisto V. e foi achado hum fino herege Nestoriano, e que não só não era Bispo, mas nem ainda Sacerdote: pelo que foi sentenceado que não usasse mais da dignidade, nem da Ordem.

Com esta ida de Mar Simcão pera o Reyno ficou o Mar Abrahão quieto em seu Bispado, onde não teve emenda, antes foi por diante com seus erros, e costumes Nestorianos. E sendo chamado a Goa no anno de 1590. pelo Arcebispo D. Fr. Matheus pera Concilio que queria celebrar, não quiz acudir, por se temer que o prendessem, como já fizeram da outra vez. Pelo que o Arcebispo escreveu ao Summo Pontifice dos máos costumes deste homem, que mandou passar hum Breve dirigido ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, quando veio pera a India no anno de 95. em que lhe mandava que inquiresse das culpas deste homem; e que achando ser Nestoriano, o prendesse, e provesse aquelle Bispado de Governador; e não consentisse mais entrar nelle Bispos de Babylonia, senão os que fossem por ordem da Igreja Romana. E

E tirando o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes inquirição deste Bispo, achou ser herege, e culpado em gravíssimos erros; e porque estava já em idade tão decrepita, que se não alevantava de hum cama. E sabendo que tinha mandado a Babylonia pedir successor, dissimulou com elle, e mandou em Ormuz ter tantas intelligencias, e nos portos da India, pera que não passasse áquella Christandade nenhum Bispo de Babylonia, que vindo hum a succeder ao Mar Abrahão, parece que foi avisado deste negocio: pelo que houve por mais acertado conselho tornar-se pera Babylonia. O Mar Abrahão faleceo logo envolto em seus pestilenciaes, e abominaveis erros, e ficou aquelle Bispado entregue ao Arcediago, que tambem era tocado da mesma lepra. E o Arcebispo com muita prudencia o mandou confirmar até que elle fosse pessoalmente tomar posse daquella Igreja, conforme aos Breves que pera isso tinha do Papa, e escreveo ao Arcediago fizesse Profissão da Fé, e reconhecesse a Igreja Catholica. E esta foi a causa que moveo ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes a fazer esta jornada com tantas despezas de sua fazenda, e tão grande risco, e perigo de sua vida, só pelo aproveitamento das almas de tantos fideis, quantos

tos os malditos Bispos hereges tinlião apartado da Igreja Romana.

CAPITULO VI.

Dos erros em que viviam estes Christãos: e de como o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes os reduzio á obediencia da Santa Igreja Romana: e do Synodo Diocesano que celebrou, em que tirou muitos erros, e abusos.

JA' que démos relação desta Christandade, pareceo-me que convinha tratar tambem dos erros em que viviam, pera se saber o damno que lhe tinham feito os Bispos Babylonicos, e o fruto que o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes fez em os visitar. Pelo que se ha de saber, que aquelle maldito herege Nestorio concorreo quasi nos annos do Senhor de 440. e depois nos de quatrocentos e sincoenta e hum, que sua peçonha hia já lavrando pelo mundo, foi necessario ao Summo Pontifice Celestino I. ajuntar em Efeso Concilio contra elle, em que se acháram duzentos Bispos, onde condemnáram este perverso heresiarca, e se queimáram todos os livros dos Maniqueos; e naquella envolta foi tambem condemnado por herege Dioscoro Bis-

Bispo de Alexandria, que seguia a Euthi-
chio.

Condemnado Nestorio por herege, não deixou de ir com sua protervia, e pertinacia por diante, com que fez tantos males no mundo, e levou apôs si caminho do inferno tantos mil milhares de almas dos malditos que os seguiram. E de maneira se estendeo, e dilatou sua falsa doutrina, que chegou a peçonhentar estes pobres Christãos lá mettidos nas mais escondidas matas, e nas mais fragosas serras do Malavar, ensinando-lhes seus Bispos a sua falsa doutrina, com que destruíam a verdade da Encarnação do Verbo Divino, e ficavam particulares offensores da sacratissima Virgem Maria sua Mãi, e Senhora nossa, negando-lhe a principal honra que tinha, que era ser verdadeira, e natural Mãi do Filho de Deos, com outras heresias contra a limpeza, e pureza do parto virginal da mesma Senhora. Não admittiam nas Igrejas Imagens nenhuma mais que a Cruz. Affirmavam que as almas dos Santos não haviam de ver a Deos, senão depois do juizo Universal. Dos Sacramentos não tinham estes Christãos mais que os do Baptismo, da Ordem, e da Eucharistia. E ainda no do Baptismo tinham tanta confusão na fórma d'elle, que cada Cassanar,

ou

ou Clerigo baptizava como lhe parecia, e usavam nelle diversas fórmãs com que não ficava verdadeiro Sacramento. Não usavam de Oleos santos, nem os conheciam; mas porque ouviam fallar nelles, untavam os baptizados com azeite de coco, e gergilim, sem benção alguma; o que geralmente se usa neste Malavar, porque os alimpa, e lhe dá forças, e saúde corporal. Tinham particular odio, e aborrecimento ao Sacramento da Confissão: só em algumas Igrejas, que estavam perto das nossas, se confessavam poucos, porque o viam fazer aos Portuguezes; e todos os mais em lugar de confissão de peccados, punham huns grandes brazeiros no meio das Igrejas aos Domingos, onde lançavam muito incenso, e os rodeavam, e tomavam aquelle fumo, lançando-o com as mãos pera os peitos, havendo que com aquelle fumo se hiam seus peccados, e frequentavam o Sacramento da Comunhão sem outro apparelho mais que irem em jejum. As Missas que diziam, tinham muitos erros que accrescentou Nestorio. E antes de lhes lá ir vinho de Portugal, consagravam em vinho de palma deitado em passas seccas, e as Hostias eram bolos feitos com azeite, e sal até o tempo de Arcebispo Mar Josef, que por se accommodar aos nossos costumes

con-

consagravam em Hostias como as nossas, e vinho de Portugal.

No Sacramento da Ordem eram muito dados, tanto que havia poucas casas, onde não houvesse algum ordenado; porque como nada impedia antre elles os exercicios seculares, muitos se ordenavam pera usarem de huns, e outros, e assim o faziam de dezefete, dezoito, e vinte annos, e os mais delles casavam depois de Sacerdotes, e muitos viuvos já com mulheres viuvias; e tantas quantas vezes viuvavão, tantas tornavam a casar, sem se conhecer antre elles a irregularidade da bigamia, nem terem algum apartamento das mulheres, quando haviam de celebrar. E acontecia muitas vezes haver n'uma mesma Igreja pais, filhos, e netos todos Sacerdotes, e todos ministravam nellas. Estas suas mulheres se chamavam Catatiaras, ou Cassaneiras, que quer dizer, mulheres dos Cassanares, que são os Sacerdotes, e assim por isso eram as mais honradas do povo, e traziam pera isto hum certo final, porque eram conhecidas. E em todos estes Sacramentos eram publicos simoniacos, porque os não davam senão por preço certo. No do matrimonio tinham muitos abusos, porque bastava darem-se por casados pera o serem, e alguns o ficavam com lançarem hum fio do

do feu pescçoço ao da noiva. Quando as mulheres pariam, guardavam o costume da lei velha, que sendo macho não entravam na Igreja, senão aos quarenta dias; e se era femca, aos oitenta. A sua agua benta não tinha mais ceremonias, que lançarem-lhe huma pequena de terra dos lugares por onde o Santo Apostolo andou, e huns grãos de incenso. Usavam muito de sortes, e feitiços, porque tinham hum livro chamado Paresinão, que quer dizer medicina Persica, donde tiravam os dias faustos, ou infastos pera fazerem suas cousas. Finalmente outros cem mil abusos; erros, heresias, e ritos gentilicos que deixo, porque a historia não soffre tanto.

Todos estes abusos, e outros muitos que tinham, tirou o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, e emendou todos aquelles povos, e os reduzio a huma vida politica christã, e lhes fez fazer Profissão da Fé Catholica, e dar obediencia ao Summo Pontifice; e mandou baptizar de novo muitos povos, que não eram canonicamente baptizados. E em todas estas cousas foi muito ajudado de Francisco Rodrigues Padre da Companhia, que hoje he Arcebispo daquella serra, e Christandade, e de outros Padres da mesma Companhia, que antes, e então trabalháram, e rossáram aquelles

matos bravios , e os foram dispondo , e habilitando pera receberem com facilidade a semente do santo Evangelho. E tendo já o Arcebispo este fruto aseasonado pera acabar de cumprir de todo esta tão grande obra , celebrou Concilio Provincial no lugar de Diamper com a mór cerimonia , e magestade que pode , que se começou na terceira Dominga depois do Pentecoste , que cahio a vinte de Junho desta era em que andamos. Acháram-se nelle o Capitão da Cidade de Cochim, Vereadores, e outras pessoas principaes , e os Padres Francisco Rodrigues , e Jorge de Castro da Companhia de Jesu , e o Confessor do Arcebispo , que era Religioso da Ordem do glorioso Padre Santo Agostinho , que se chamava Fr. Braz. Nelle se ordenáram cousas muito santas , e boas ; e os Procuradores dos povos , Parocos , e Vigairos fizeram Profissão da Fé Catholica. Com o que aquella Christandade tornou a renascer por graça : o que Deos nosso Senhor confirmou com alguns milagres , que sua misericordia quiz obrar pera mostrar quanto aquella obra lhe agradava , e era acceita.

Depois de acabado o Concilio , visitou o Arcebispo as terras dos Christãos , e todas suas Igrejas com grande despeza da fazenda , e risco de sua vida ; porque algumas

vezes tratáram de o matar; mas de todas o livrou Deos quasi milagrosamente. Os Decretos do Synodo se enviáram depois ao Summo Pontifice Romano, que os approvou, e estimou muito aquella obra, havendo-a por cousa a que o Espirito Santo assistira, e proveo logo aquelle Bispedo de Bispo Catholico, que foi o Padre Francisco Rodrigues da Companhia, em quem corriam muitas partes pera o cargo que lhe davam; porque além de o merecer naquella jornada, em que sempre acompanhou ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, sabia muito bem a lingua Malavar, e Caldea: e agora ao presente que escrevemos isto governa este Arcebispado com muita satisfação, e tem aquelles Christãos tão differentes do que eram antigamente, que parece que foram creados de meninos com o leite da Santa Fé Catholica. Demos relação destas cousas, assim por serem da gloria de Deos nosso Senhor, como por succederem neste tempo do governo do Conde Almirante, de quem escrevemos, que deo tres mil pardaos pera ajuda de custo ao Arcebispo pera esta jornada, e hum galé, pera irem, e tornar.

CAPITULO VII.

De como ElRey de Portugal mandou passar Carta de Irmão em Armas a ElRey da Gundra, que lhe o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes passou, conforme á ordem que lhe deo o Conde Almirante Viso-Rey: e das obrigações que lhe poz: e de como renunciou seus Reynos nas mãos do Arcebispo, que lha acceitou em nome do Conde Viso-Rey.

HAvia muitos annos que ElRey da Gundra no sertão de Coulão andava em requerimento com ElRey nosso Senhor, que Deos tem na gloria, acceitallo por seu irmão em Armas, que he a mór honra, e mercê que os Reys de Portugal sempre fizeram aos Reys da India, que por obras lho merecêram: ao que ElRey o quiz satisfazer. E nas náos passadas, de que veio por Capitão Mór D. Affonso de Noronha, lhe mandava ElRey que passasse Carta de Irmãdade com as clausulas, e condições acostumadas, e áquelle Rey escreveo cartas de honras, e mimos. E querendo o Conde cumprir a vontade de ElRey, quando o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes se embarcou pera ir visitar os Christãos de

S. Thomé, como já dissemos, entre muitas cousas que lhe encommendou, foi esta deste Rey da Gundra, a quem escreveo, e lhe mandou a carta de ElRey. E estando o Arcebispo nas terras da Rainha de Chagarnate visitando a Igreja de Talevacare, que he das mais antigas daquella Christandade, onde lhe mostráram tres laminas de cobre de dous palmos de comprido, e quatro dedos de largo, em que estavam abertas ao boril differentes letras, e caracteres, que continham os privilegios, doações, e rendas que o Rey de Coulaõ concedeo áquella Igreja, quando alli edificáram os dous Babylonicos Mar Xabro, e Mar Podde que atrás tratámos. Estas tres laminas tinham estes Christãos dalli em grande veneração, e estima. Assim que estando o Arcebispo visitando esta Igreja, mandou recado ao Rey da Gundra, pera que se vissem onde elle ordenasse, porque importava assim ao serviço de ElRey de Portugal, e honra sua. A este recado mandou ElRey responder que seria com elle, mandando-lhe nomear o lugar, que era dalli perto em hum campo raso entre grandes matas de arvores carregadas de pimenta. E ao dia assinalado partio o Arcebispo muito bem acompanhado de todos os que o seguiam, que era gente graúda, e muito lustrosa,

e achou aquelle Rey esperando-o naquellê
 lugar acompanhado do Principe Herdeiro,
 e de seus Régedores, e Naires Principaes,
 e da gente miuda muito grande copia; e
 depois das palavras geraes daquella pri-
 meira vista, que foram asentados em cadei-
 ras de veludo, que o Arcebispo pera isso
 mandou levar, lhe disse, que ElRey de
 Portugal lhe tinha concedido a mercê que
 havia tantos annos pertendia, que era re-
 cebello por irmão seu em armas, mercê
 que os Reys de Portugal concediam a pou-
 cos, por ser a maior, e de mór estima que
 todas as que faziam aos que lho bem me-
 reciam, como o elle sempre fez nos favo-
 res que deo ás Igrejas do seu Reyno, e
 Christãos d'elle; e a pimenta que de suas
 terras passava pera a Feitoria de Coulão,
 que tudo isto eram merecimentos pera lhos
 ElRey de Portugal agradecer, como o fa-
 zia naquella honra que lhe dava. E logo
 lhe entregou a Carta de ElRey, e lhe
 passou alli a de irmão em armas, ou a le-
 vou feita de Cochim; e porque me não
 lembra que João de Barros escrevesse a
 fôrma dellas, me pareceo bem polla aqui
 de verbo *ad verbum*, assim como está na
 Torre do Tombo de Goa no livro das Pa-
 zes, e Contratos folh. 146.

» ElRey de Portugal, &c. Faço saber
 V ii » aos

» aos que esta minha Carta virem, que
 » considerando eu a grande obrigação que
 » tenho de trabalhar muito, porque se di-
 » late a nossa Santa Fé Catholica, ensina-
 » da por Jesu Christo nosso Senhor, o que
 » com seu favor tenho feito nos Reynos,
 » e Estados de minha Coroa, á imitação
 » dos Senhores Reys de Portugal meus
 » predecessores; e tendo respeito a que pera
 » este meu intento convem muito a paz, e
 » união dos Reys das partes da India, pera
 » que os Ministros do Santo Evangelho
 » obrigados com esta paz a possam melhor
 » prégar, chamando por este caminho aos
 » infieis ao gremio da Santa Madre Igreja
 » por meio do santo baptismo. E porque
 » sou informado de pessoas zelosas do ser-
 » viço de Deos, e meu, que ElRey da
 » Gundra Topa Muta Pandara pretende
 » ha muitos annos que eu, por lhe fazer
 » mercê o acceite por meu irmão em ar-
 » mas a elle, e a seus successores, a que
 » me tem obrigado com muitos serviços;
 » e pedindo-me o mesmo por suas cartas
 » escritas, assim a mim, como aos meus
 » Viso-Reys do meu Estado da India. Pelo
 » que eu por folgar de lhe fazer mercê,
 » respeitando a instancia com que me faz
 » este requerimento, hei por bem, e me
 » praz de o tomar a elle, e a seus succes-
 » so-

fores , que forem Reys do dito Reyno ;
 por meus Irmãos em armas , e quero
 que gozem de todos os privilegios ,
 liberdades , franquezas , e mais mercês
 de que gozão semelhantes Reys meus ir-
 mãos em armas : pera o que lhe faço
 mercê de huma bandeira Real , pera que
 por ella seja conhecido por tal , e meus
 Capitães o seguirem em suas guerras ,
 em que fêram ajudados com as armas
 da India , e por terra com meus vassal-
 los todas as vezes que disso estiverem
 necessitados , e pedirem. E mando aos
 Capitães de Coução que da publicação
 desta por diante façam muitos favores
 aos vassallos do dito Rey da Gundra ,
 não consentindo fer-lhes feito aggravo
 algum. Pera que em nenhum tempo se
 ponha em esquecimento a obrigação que
 fica ao dito Rey , e seus successores pera
 effeito da conservação desta paz , e ir-
 mandade , mandei ajuntar a esta Carta as
 cousas que prometteo , e fica obrigado
 a cumprir , que são as seguintes.

Primeiramente dará licença , pera
 que em suas terras se façam Igrejas , e
 se alevantem Cruzes naquellas partes
 que aos Ministros que andarem na Chri-
 standade , parecerem mais accommodadas
 pera haver Christandade , não impedindo

» fa-

» fazerem Christã toda a sorte de pessoa,
 » de qualquer estado, e condição que seja;
 » e o que se fizer Christão, não perderá
 » por isso o officio, ou dignidade que ti-
 » ver, nem sua fazenda, ou alguma parte
 » della, e por sua morte a poderão testar
 » em seus herdeiros; e não nos tendo, a
 » deixarão a quem quizerem, conforme ao
 » que usam os Christãos, que se contém
 » em minhas Ordenações. E deste favor
 » gozarão também os Christãos de S.
 » Thomé, que morarem em suas terras,
 » sendo em tudo ajudados, e favorecidos
 » dos ditos Reys.

» Mandará o dito Rey, que junto ás
 » ditas Igrejas se não façam de novo Mes-
 » quitas de Mouros, nem Esmogás de Ju-
 » deos, nem Pagodes de Gentios, nem
 » ainda consentirá habitem nenhuma
 » das ditas gentes perto das Igrejas, pelo
 » que se deve á veneração dellas, e pera
 » nada ser estorvo ao conteúdo no Capitu-
 » lo precedente: e assim que as ditas Igre-
 » jas sejam couto aos que se a ellas aco-
 » lherem, como he costume entre os Chri-
 » stãos; e os Padres que andarem no mi-
 » nisterio da Christandade poderão entrar
 » seguramente pelas terras do dito Rey,
 » posto que esteja com outro de guerra,
 » levando consigo a companhia que lhe
 » for

» for necessaria com a guarda devida, sem
 » serem obrigados a pagarem pensões, ou
 » outro algum tributo; e terem jurdição
 » nas Igrejas pera poderem constringer aos
 » Christãos com os castigos que lhes pare-
 » cer, a guardar as cousas de sua Lei, sem
 » lhes a isso ser posto impedimento algum.

» Será o dito Rey, e seus successores
 » amigo dos amigos do Estado da India,
 » e inimigo de seus inimigos, pelejando
 » todas as vezes que for necessario em
 » defensão da Fortaleza de Coulão contra
 » quem com ella tiver guerra, achando-se
 » nisso com sua pessoa, e vassallos: e da
 » mesma maneira pelejarem contra os
 » Reys, que tiverem guerra com Estado nas
 » partes em que puder, entregando os
 » inimigos que se acolherem a suas terras
 » pera se fazer delles justiça. E assim mais
 » será obrigado a não dar mantimentos,
 » nem consentir que passem por suas ter-
 » ras pera os inimigos do Estado, ou os
 » que com elle tiverem guerra.

» Serão obrigados a fazer que pelos
 » portos seccos de seu Reyno não passe
 » pimenta alguma, obrigando a seus vas-
 » sallos que tragam a que tiverem ao pezo
 » de Coulão, onde se lhes comprará pelo
 » preço ordinario, sendo-lhes isto pedido
 » pelos Portuguezes. »

Neste contrato, e obrigação se assignou ElRey da Gundra com o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, e o traslado deram áquelle Rey pera sua guarda, e se publicou na Fortaleza de Coulão pera ser notorio a todos.

Acabado aquelle Auto da bandeira das Armas de Portugal ao Rey da Gundra, mandou ElRey affastar a gente toda, tirar do o Principe, e Regedores, e então deo ao Arcebispo particular conta das cousas de seu Reyno, representando-lhe a idade tão decrepita em que estava, e que cada dia esperava pela morte, e que depois della ficava seu Reyno arriscado a se perder, senão tivesse quem o defendesse dos Reys vizinhos, que eram mais poderosos que elle. E vendo o Arcebispo aquella porta que se lhe abria pera tratar do que mais convinha ao Estado, respondeo áquelle Rey: » Que já que elle era irmão em » armas de ElRey de Portugal, não podia deixar de lhe dizer o que lhe convinha. » E lhe disse mais: » Que elle estava informado que o Rey de Travancor não esperava mais que falecer elle » pera logo se senhorear do seu Reyno, » por dizer que pertencia á Rainha de » Changarnate sua sobrinha, que o tinha » perfilhado: e que soubesse que se este » vi-

» vizinho mettia o pé em seu Reyno, ha-
 » via de roubar, maltratar, e avexar seus
 » vassallos, e governallo por seus Naires.»
 Este discurso do Arcebispo tinha o Rey
 já concebido, porque receava muito que
 fazendo-se o Travancor Rey daquelle Rey-
 no, ficava a Fortaleza de Coulaõ cercada
 por todas as partes, cousa muito perjudi-
 cial ao Estado; porque estava certo tolher-
 lhe os mantimentos; e o trato da pimen-
 ta: e por isso fez ao Rey sobre isto aquel-
 las carrancas, que o amedrontarão tanto;
 que respondeo ao Arcebispo que todas as
 cousas que lhe tinha dito sabia elle mui-
 to bem. Ao que lhe o Arcebispo replicou
 com lhe dizer, que se quizesse tomar seu
 conselho, que lhe daria ordem pera com
 muita facilidade se livrar daquelles males,
 que tanto temiam. Ao que ElRey, e to-
 dos os do seu Conselho respondêram, que
 de muito boa vontade o tomariam. Então
 se declarou o Arcebispo, e lhe disse, que
 renunciasse o Reyno nas mãos de ElRey
 de Portugal seu irmão, que elle o entregas-
 ria da sua mão a Rey que o defendesse
 com a ajuda dos Portuguezes do poder
 do Rey de Travancor, e de todos seus
 inimigos. A isto deo o Rey da Gundra, e
 todos os do seu Conselho a orelha, e disse
 que já elle discursára em seu pensamento
 en-

entregar aquelle Reyno a ElRey de Cochim, pera que o defendesse, por ser Rey poderoso, e ter sempre ajuda dos Portuguezes, e que elle o não quizera acceitar, por estar o seu Reyno muito desviado. E já que assim era, que elle entregaria o Reyno nas mãos d'elle Arcebispo em nome de ElRey de Portugal seu irmão, pera que elle o dêsse a quem o defendesse, com tal condição que jurasse primeiro na Cruz, e livro dos Christãos, que o não entregaria senão a quem elle, o Principe, e seus Regedores lhe parecesse bem, e que elles todos jurariam de entregar o Reyno a quem elle com seu consentimento nomeasse. O que o Arcebispo logo fez sobre hum Missal com hum Crucifixo posto em cima, na maneira seguinte.

» D. Fr. Aleixo de Menezes, Arcebispo
 » Metropolitano de Goa, Primaz da India,
 » e partes Orientaes, do Conselho de S.
 » Magestade, &c. Por este me obrigo em
 » nome de S. Magestade, e do Estado da
 » India de entregando-me ElRey da Gun-
 » dra o Reyno de S. Magestade pera pôr
 » nelle a pessoa que mais conveniente for
 » ao serviço do dito Senhor, bem do Es-
 » tado da India, e do mesmo Reyno da
 » Gundra, Principe do Reyno, e seus Re-
 » gedores; e em especial tratarei de o
 » en-

» entregar a ElRey grande de Cochim, ou
 » ao Principe grande do dito Reyno, ou
 » a ElRey Nambiarí de Porcá, qual me-
 » lhor parecer ao Estado, com obrigação
 » de defenderem o dito Reyno de seus
 » inimigos, e o manterem em paz, justiça,
 » amizade, e sujeição dos Portuguezes, e
 » da Magestade de ElRey de Portugal nosso
 » Senhor, e mais condições que o Estado
 » lhe puzer. O que tudo juro de cumprir,
 » e guardar quanto em mim for, aos Santos
 » Evangelhos de Jesu Christo nosso Se-
 » nhor, em que ponho minhas mãos, e
 » por minha consagração; e por me o dito
 » Rey da Gundra pedir este, o fiz, e affig-
 » nei presente o dito Rey, Principe, e
 » mais Regedores. » Este juramento está
 no Livro dos Contratos que tenho na Torre
 do Tombo a folh. 146.

E logo o Rey, Principe, e Regedores
 fizeram juramento conforme a seu costume,
 na maneira seguinte. » Nós ElRey de Guin-
 » dra com a Rainha Herdeira, Príncipes
 » Herdeiros Brama, e Ramorma, com to-
 » dos os do nosso Conselho, e Governo;
 » confiados na Magestade de ElRey de
 » Portugal, lhe entregamos o Governo, e
 » as terras, e vassallos, e tudo o mais por
 » meio de D. Aleixo de Menezes, Arcebis-
 » po Metro politano, Primaz da India, pera

» o governar com justiça , e defender os
 » nossos Reynos , e Senhorios ; e porque
 » nunca haja quebra , e defunição entre El-
 » Rey de Portugal , e nós , poderá pôr
 » hum a pessoa daquellas que o Arcebispo ,
 » e nós temos praticado. » Este juramen-
 to , e obrigação está no mesmo Livro dos
 Contratos a folh. 149.

Feitos estes juramentos , disse o Arce-
 bispo a ElRey , que bem sabia que os
 Reys , que no Malavar eram amigos dos
 Portuguezes , que tivessem terras mais perto
 daquelle Reyno da Gundra , eram o de
 Cochim , Porcá , e o de Cale Coulão , que
 destes tres escolhessem hum a que aquelle
 Reyno se entregasse. E logo alli assentou
 ElRey com seus Regedores que commet-
 tessem primeiro com elle a ElRey de Co-
 chim ; e que não nõ querendo elle , o en-
 tregassem ao de Porcá. E deste seu consen-
 timento se fez outro Auto assignado pelo
 Rey da Gundra , Principe , e Regedores ,
 e assentaram que o Regedor Mór fosse
 com o Arcebispo a Cochim a se achar
 presente á acceitação do Reyno a hum
 daquelles dous Reys nomeados. E com
 isto se despediram , dando o Arcebispo
 peças , brincos curiosos áquelle Rey , Prin-
 cipe , e Regedores , porque todos estes
 Reys do Oriente em todos negocios que
 te-

temos com elles, estão com o olho no que esperam daquelles com quem negoceam.

CAPITULO VIII.

Da Fortaleza que o Rey de Travancor foi alevantando com dissimulação : e do que passou em humas vistas que teve com o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes.

EL Rey de Travancor, cujo Estado jaz de Coulão até o Cabo de Comorim, que antigamente foi cabeça de todo o Malabar, e ainda da Ilha de Ceilão (como já em outra parte mostrei) sempre, depois que tivemos aquella Fortaleza em Coulão, lançou mão de pequenos bicos pera quebrar a amizade com o Estado, e fazer guerra áquella Fortaleza, como pelo discurso das minhas Decadas tenho escrito, por ser natureza de todos estes Reys gentios não terem Lei, nem Fé; e neste tempo em que agora andamos, andava quasi alterado, e com elle a Rainha de Changarnate, Senhora das terras de Coulão sua vizinha, e vassalla, e com pensamentos de maldades, como logo mostrou; porque começou com grande dissimulação a fazer hum arrezoadá Fortaleza junto á Igreja dos Christãos de S. Thomé, que está affastada da Fortale-

za distancia de duzentos passos, donde lhe ficava em bateria; e lançou fama que era hum pagode que alevantava á honra dos seus idolos, que era o peor, e mais máo de soffrer; porque se o fizera com nome, e titulo de Fortaleza, só ficava sendo affronta do Estado soffrer-lha; mas com nome de pagode, como elle dizia, e tão perto do Templo dos Christãos, era odio da nossa Religião, porque Deos, e Baal não podem caber em hum Altar; e assim por todas as razões era o Estado obrigado a acudir logo a isso, como o Conde Almirante pertendeo fazer; porque o anno em que aconteceu o desastre do Cunhale tinha mandado a seu irmão D. Luiz da Gama, que dando-lhe Deos vitoria, passasse a Coullão a desfazer aquella Fortaleza: o que não teve effeito, por chegar a Chocim quebrado, e com muita gente morta, e ferida; e depois que André Furtado de Mendoça acabou aquella empreza do Cunhale, lhe escreveu o Conde a Cananor, como adiante veremos, que com toda sua Armada passasse a Coullão, e desfizesse aquella Fortaleza, o que deixou de fazer por ser já tarde.

E assim trazia o Conde isto na imaginação, que quando o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes foi pera Cochim, o
que

que mais lhe encommendou, e encarregou foi este negocio : e que visse, e notasse o sitio daquella Fortaleza, e que avisasse a seu irmão D. Luiz da Gama a Cunhalepera se lhe Deos dêsse vitoria, passar a concluir aquillo : e como o Arcebispo levava isto tão encommendado do Viso-Rey, andando visitando as Igrejas de Coulão, chegou áquella dos Christãos junto donde aquelle Rey tinha feito aquella Fortaleza, e com dissimulação a andou notando, e mandou medir o espaço della.

Tinha neste tempo a Fortaleza fechada hum grande quadra com sete Baluartes mui bem ordenados, e o que ficava sobre o mar era o maior, e mais forte de todos. Porque como logo se temeo de nossas Armadas, prevenio-se contra ellas de maior defensão ; e depois de tudo muito bem notado, e entendido o prejuizo que fazia á nossa Fortaleza, avisou a do Luiz da Gama, estando sobre a barra de Cunhale, como lhe o Conde Viso-Rey encommendou, pera que se pudesse acudir lá, o fizesse. Mas não pode ser pela razão que já disse assim, que não foi pequena perda, por que em nenhum tempo se pudéra aquillo fazer melhor, e a menos custo do Estado, que naquelle, por andar aquelle Rey embaraçado, e travado em guerras com os

vizinhos , e na Fortaleza não havia mais que os officiaes , e poucos olheiros , e menos defensores : e assim o escreveu ao Conde Almirante , que logo tratou de reformar a nossa Fortaleza , de que a mór parte estava no chão : o que o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes fez com muita prudencia , e dissimulação.

E porque se receava da Rainha de Changarnate vizinha da casa , que lhe quizesse impedir a obra , deo em muito segredo dinheiro aos moradores , de quem se fiou , pera que comprassem pedra , e cal com fama de reformarem suas casas , como sempre faziam todos os verões : e desta maneira recolhêram huma grande quantidade destes materiaes , com que se começou a pôr as mãos á obra , pera que o Conde Viso-Rey lhe tinha mandado dar dinheiro em abastança : e primeiro que tudo se fez hum formoso baluarte na parte principal da defensão daquella Fortaleza , e corrêram juntamente com hum panno de muro de boa grossura até outro baluarte que já estava feito ; e ao que se fez de novo , puzeram os moradores o nome do Arcebispo em sua memoria.

E o mesmo descuido que havia com esta Fortaleza (como já disse em outras partes da minha historia , e não deixarei de

de dizer até que me oução) ha em todas as mais da India; porque he muito antigo nella não acudirem ás cousas, senão quando não tem remedio: e ainda então o fazem, porque mais não podem, e despendem em seu concerto dez vezes dobrado do que se houvera de gastar, acudindo a tempo; porque os mais dos Viso-Reys estão com o intento em se irem pera o Reino, e deixam os trabalhos disto ao que lhe succede, que tambem o fez como elle, e assim de descuido em descuido se virão a perder as mais das Fortalezas, como se perdêram as de Tidoro, e Amboino, que des que se fizeram até gora não houve Viso-Rey que de proposito as mandasse reformar, e renovar. Mas que he de espantar nestas que estão tão apartadas da India, se as de Diu, e Ormuz, que são as mais importantes della, estão arriscadas a se vir ao chão; e se ainda estas estão apartadas; as de Onor, e Barcelor, e Mangalor, e Cananor, estando tanto á porta, estão quasi derribadas por muitas partes, sem lhes acudirem, e tudo por pouparem a fazenda Real, que nunca he melhor gastada, que na reedificação, e provimentos de suas Fortalezas; e se se perder huma destas quatro, que quasi são curraes, corre a fama pelo mundo, que tomaram na India huma Fortaleza a El Rey;

e quando me dizem o estado em que estão, certo que cuido que as sustenta Deos nosso Senhor pelas orações que ha nos Templos, e Mosteiros dos Religiosos que nellas ha. E tornando a nosso fio, este Rey de Travancor, depois que fez esta Fortaleza pera nos ter com ella enfreados, parece que andava neste tempo com imaginação de lhe pôr cerco no inverno; e temendo-se dos soccorros que lhe podiam vir de Cochim por dentro dos rios, determinou de os impedir com mandar fazer outra Fortaleza defronte de huma boca que alli faz o rio, que vem de Cochim sahir ao mar huma legua abaixo de Coulão, e a esta Fortaleza poz nome *Manuge*; ou porque se chamasse assim aquella parte em que a fez, ou porque tivesse aquelle nome alguma significação. Desta se resentiram mais os moradores dalli, que da outra tão vizinha, porque totalmente lhe tolhia a passagem daquelle rio, que era o mór serviço que tinham pera Cochim.

Tanto que o Arcebispo soube desta Fortaleza, e lhe deram relação della, mandou-se queixar a ElRey, que mandou ter com elle algumas satisfações, e por fim dellas determinou de se ir ver com elle dentro na nossa Fortaleza, confiado que do Arcebispo podia mui bem confiar sua pessoa,

foa , e assim partio pera lá acompanhado de alguns seus Grandes ; e chegando á Fortaleza , quando se vio da porta pera dentro , parou hum pouco , e ficou muito pensativo sem dizer cousa alguma , e logo disse : *Nenhum homem se aventurará ao que meu boje aventureiro* ; e movendo o passo pera diante , disse : *Ora sigamos a ventura* ; e assim muito inteiro , e seguro foi entrando , e o Arcebispo o foi tomar hum pouco já de dentro , e ambos se abraçaram com mostras de amizade , e subidos assim se assentaram : e depois das palavras geraes daquella visita , lhe disse ElRey que naquella demonstração que fizera em se vir metter naquella Fortaleza , veria quanto confiava delle , e dos Portuguezes , de quem sempre fora muito bom vizinho , e grande amigo ; e que isso mostrára sempre no favor que dera ás Igrejas , e Christãos , que estavam em seu Reyno , como elles diriam ; e que as duas Fortalezas , de que se lhe mandára queixar , elle as não fizera com tenção de molestar o Estado , senão pera se defender de alguns inimigos : a de Mamuge pera contra o Naique de Maduré , e que a outra , que alli estava mais perto , pera contra o Rey de Cale Coulão ; e que se esta Fortaleza dava algum pezadumbre ao Estado , que mandasse metter nella soldados Portu-

guezes , e que se apossassem de hum dos baluartes pera sua segurança ; e que jurava por sua lei , que quando a fizera não tivera intento algum de offender a nossa Fortaleza , nem aos Portuguezes com quem sempre desejava de ter paz , e amizade ; e que não tivesse outra cousa pera si ; que elle estava prestes pera fazer todas as demonstrações do que dizia , como elle quizesse , pera segurança de sua verdade. O Arcebispo teve com elle muitos cumprimentos , e lhe agradeceo aquella vontade que lhe mostrava , e que se iria pera Goa confiado em sua fé , e palavra , porque os Reys não podiam enganar ninguem : e assim se despediram muito satisfeitos , e o Arcebispo mandou dar pressa á obra da Fortaleza , que logo se acabou.

CAPITULO IX.

De como o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes se passou a Cochim , e entregou o governo do Reyno da Gundra a ElRey de Porcá : e dos contratos que com elle fez.

DEpois do Arcebispo concluir com as cousas de Coulão , e acabar de visitar suas Igrejas , e deixar nellas ordem , e regi-

gimento a seus Curas pera se governarem em politica christã, e bons costumes, tirando-lhe alguns, que tinham elcios de abusões, logo se passou á Cidade de Cochim, onde entre muitos negocios que alli tratou, conforme as lembranças que tinha do Conde Almirante, o principal foi na entrega do Reyno da Gundra a El-Rey de Porcá, porque em nenhum tempo fosse á mão do Rey de Travancor, de quem se não fiava por mais cumprimentos, e satisfações que com elle tivera: porque bem entendia quanto havia de trabalhar por se fazer senhor daquelle Estado, pera ficar sopeando todos os Reys vizinhos: e assim mandou primeiro offerecer aquelle Reyno a El-Rey de Cochim, mandando-lhe dar razões pera o haver de acceitar, de que se elle por fim de todas ellas escusou daquella obrigação. Pelo que o Arcebispo com conselho do Capitão, Vereadores, e Cidadãos principaes fez entrega daquelle Reyno a El-Rey de Porcá na Cidade de Cochim, e disso lhe passou carta patente em nome de El-Rey de Portugal, cujo theor he o seguinte:

» El-Rey de Portugal, &c. Faço saber a
 » quantos esta minha Carta de entrega do
 » Reyno da Gundra virem, que tomando
 » eu por meu irmão em Armas a Muta
 » Pan-

» Pandará Rey da Gundra por muitos ser-
 » viços que me tinha feitos , e de outros
 » que d'elle esperava me fizesse : e man-
 » dando fazer as Capitulações das pazes,
 » e irmandade por D. Fr. Aleixo de Me-
 » nezes , Primaz da India , e do meu Con-
 » selho , o dito Rey Muta Pandará com
 » seu Principe , Regedores , e Pessoas do
 » seu Conselho me entregáram o dito Rey-
 » no da Gundra , de que passáram Ola ao
 » dito Arcebispo Primaz , pera que elle em
 » meu nome entregasse o dito Reyno , e
 » mettesse de posse d'elle a pessoa que mais
 » conveniente fosse a meu serviço , bem do
 » Estado da India , e do dito Reyno da
 » Gundra , pera que o defendesse de seus
 » inimigos , e o mantivesse em paz , e jus-
 » tiça , e bem dos vassallos do dito Rey-
 » no. E considerando eu os serviços que
 » me tem feitos Cheba Cherida Bearidem ,
 » Rey de Porcá , e aos que espero ao dian-
 » te me faça ; e havendo outro si respeito
 » ao ter tomado por meu irmão em Armas ,
 » por lhe fazer mercê , e confiar d'elle que
 » cumprirá com todas estas obrigações , e
 » se não apartará nunca de meu serviço ,
 » lhe entrego por esta minha Carta a posse
 » do dito Reyno , pera que elle seja Rey ,
 » reservando pera mim o senhorio do dito
 » Reyno. E pera reconhecimento desta.
 » vas-

» vassallagem , será o dito Rey obrigado
 » a me pagar de pareas oitenta bares de
 » pimenta postos á sua custa no meu pezo
 » de Coulão em cada hum anno no tempo
 » que se costuma pezar a pimenta no dito
 » pezo. E assim mais será obrigado acudir
 » com sua pessoa , e vassallos á Fortaleza
 » de Coulão todas as vezes que disão tiver
 » necessidade , ou estiver de guerra , e lhe
 » mandar todos os mantimentos necessarios
 » pelos preços convenientes. E todas as
 » mais capitulações assim tocantes á Chri-
 » standade , como ao Estado da India , que
 » com o dito Rey da Gundra tinha capi-
 » tulado , que todas elle dito Rey , e seus
 » successores seriam obrigados a guardar ,
 » e cumprir , assim como se nelles contém.
 » E mando aos meus Viso-Reys , e Gover-
 » nadores do Estado da India , e aos Ca-
 » pitães das minhas Fortalezas de Cochim ,
 » e Coulão dem todo o favor , e ajuda , pe-
 » ra que o dito Rey de Porcá pacifica , e
 » livremente possua o dito Reyno da Gun-
 » dra com as condições , e pareas assima
 » declaradas. »

E logo o dito Rey fez hum assento de
 como tomava posse daquelle Reyno com
 as condições declaradas na Carta patente
 assima , em que confessa a dita vassallagem ,
 e pareas a que se obrigou. Esta entrega do
 di-

dito Reyno ao dito Rey fez o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes por ordem de D. Francisco da Gama, Conde Almirante, e Viso-Rey da India, que lhe concedeo poderes pera em todas aquellas cousas em seu nome assignar nellas: e juntamente no mesmo dia, que foram aos cinco de Outubro de noventa e nove, passou o Arcebispo Carta de irmandade em nome de El-Rey de Portugal ao mesmo Rey de Porcá na fórma da que passou ao Rey da Gundra com as obrigações, e clausulas, que todas tenho em meu poder no livro dos Contratos folhi. 151. e 152. E aos Capitulos feitos com o Rey da Gundra se accrescentaram mais ao Rey de Porcá os que se seguem.

» Que será obrigado a não dar mantimentos, nem consentir que se façam em suas terras, nem passem por ellas pera os inimigos do Estado que com elle tiverem guerra.

» Quando houver guerra com algumas das Fortalezas do Malavar, de Cananor até Coulaõ, as ajudará, e socorrerá todas as vezes que for requerido pelos Capitães de El-Rey de Portugal, dando por terra ao menos vinte mil homens, e pelos rios cento e sincoenta embarcações com sua artilheria, e munições.

» Não

» Não consentirá nos portos do mar
 » de seu Reyno morarem Mouros, por se-
 » rem publicos inimigos do Estado, nem
 » se poderão recolher nelle embarcações
 » algumas dos inimigos do Estado; e aco-
 » lhendo-se, os mandará entregar.

» Estando alguma das nossas Fortalezas
 » do Malavar de cerco, as soccorrerá com
 » os mantimentos que houver nas suas ter-
 » ras pelo preço conveniente.

» Não deixará passar por suas terras
 » Mouros, nem esquipações pera navios
 » pera as terras, onde fizerem guerra ao
 » Estado. » E porque este auto, e contra-
 » to foi feito em Outubro que vem, depois
 » das náos do Reyno serem chegadas a Goa,
 » por não largar das mãos as cousas que o
 » Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes fez
 » em Cochim, me pareceo bem mettellas
 » aqui todas juntas pelas não dividir: e não
 » me arguão de contar assim algumas cousas
 » antes, e fóra do tempo em que succedê-
 » ram, porque o discurso da historia me dá
 » lugar a isso, e ser cousa que alguns histo-
 » riadores graves usão.

CAPITULO X.

Das Armadas que partíram do Reyno este anno de 1599: dos Capitães que o Conde despachou pera fóra: e de outras cousas em que proveo.

PElas novas que houve em Portugal, que em Hollanda se aprestavam dez náos pera passarem a estas partes da India, como fizeram, de que trataremos em seu lugar mais largamente, ordenou o Conselho de mandar este anno a ella huma boa Armada, a qual foi de sete náos, de que elegeo por Capitão Mór D. Jeronymo Coutinho. E quando foi entrada de Fevereiro de 99. deo o Capitão Mór á véla com quatro náos, porque se não puderam aviar todas pera partirem no mesmo tempo. Na náao S. Roque hia embarcado o Capitão Mór: Diogo de Sousa, a que cá chamavam o Gallego, hia na náao S. Simão: Sebastião da Costa na Conceição: e João Pais Freire na náao Paz. Com o Capitão Mór se embarcou João Rodrigues de Torres, que havia de servir o cargo de Veador da fazenda de Goa, a quem ElRey fez muitas honras, e mercês por isso.

Depois de partida esta Armada, logo no Março seguinte de 99. se fizeram á véla as

as outras tres náos da companhia de D. Jeronymo Coutinho. Destas tres náos hia por Capitão Mór Simão de Mendoça, hum Fidalgo casado na India, que foi embarcado na náo Castello. Nas outras duas hia João Soares Anriques em S. Martinho, e na náo S. Mattheus hia Gaspar Tenreiro, que hia despachado com a Fortaleza de Mascate. Estas tres náos haviam de ficar na India. Ambas estas Armadas se ajuntáram em Moçambique, e todas estas náos surgiram juntas na barra de Goa, tirando a náo Castello, que se perdeu no parcel de Cofalla junto de Quilimane defronte do rio Licumbo sessenta leguas de Moçambique. Depois de Simão de Mendoça, que era o Capitão, estar em terra com toda a gente, morreo elle, e outros muitos.

Nesta Armada vieram novas ao Conde Viso-Rey da morte de seu filho D. Vasco, que não tinha outro, que elle sentio muito. Tambem vieram novas do falecimento de ElRey D. Filippe o Prudente, cujas exequias celebrou o Conde Almirante com grande ostentação, e ceremonias.

E acabadas ellas, entrou logo o Conde no aviamento das Armadas que havia de mandar pera fóra. E porque os soldados que vieram do Reyno, andavam desgahados, lhes mandou o Conde dartses, ou

ou quatro mezas até se embarcarem nas Armadas, que he hum dos mores serviços que se faz a Deos, e ao Rey; porque muitas vezes os vi andarem pedindo esmolas pelas portas com grande escandalo, e affronta nossa, por chegarem a pedillas pelos dos Mouros, e Gentios, de que a alguns Viso-Reys dava bem pouco. E despachou o Conde a D. Francisco de Noronha pera ir entrar na Capitanía de Baçaim, e a Garcia de Mello pera Capitão, e Veador da fazenda de Cochim, por ser falecido D. Antonio de Noronha. E despedio tambem no mesmo tempo o Galeão dos provimentos pera Ceilão, de que foi por Capitão Manoel Rodrigues Genões, e mandou nelle duzentos homens de soccorro: e por Capitão mór delles D. Bernardo de Noronha, e repartida a gente por quatro Capitães, que foram Simão Ferreira do Valle, Pero Peixoto da Silva, Luiz de Antas Lobo, e Balthazar Pereira de Castel-branco. E porque D. Pedro Coutinho tinha vindo do Reyno despachado com Capitanía de Ormuz pera logo entrar, sabendo que estava naquella Fortaleza D. Luiz da Gama de serventia, por não poder entrar nella por virtude da sua Patente, por ter por obrigação servir mais, pedio licença ao Conde pera o mandar citar, que lhe elle deo,

deo , por não negar justiça até contra seu proprio irmão. Alcançada ella , despedio logo D. Pedro Coutinho hum navio ligeiro com as provisões que pera isso foram necessarias , que lle o Conde deo , e mandou passar.

E porque o Conde andava com hum desejo mui vivo de pessoalmente ir tomar satisfação da quebra que o anno atrás teve no Cunhale , com que não quietava , nem descançava em solicitar o modo de como isto se faria , sobre o que teve alguns conselhos ; e pera este negocio convocou a ajuda de todas as Cidades da India , e pediu com cartas que cõcreveo a pessoas particulares , que tinham posse pera o acompanhar em navios a suas custas , e começou a preparar a Armada pera o Malavar , pera o que tinha feito eleição de André Furtado de Mendoça , e pera a do Norte de Goterre de Monroy de Béja ; e primeiro que tudo despedio hum Galé , e alguns navios mui bem providos de tudo , pera se irem ajuntar a D. Fernando de Noronha , que havia de sair de Cananor , onde internára em principio de Setembro , pera tomar a barra ao Cunhale , pera que se não proveesse de cousa alguma. E logo o Conde começou a pagar gente , e lançar navios ao mar , assistindo elle pessoalmente a

todas estas cousas ; e andando nesta occupação , lhe deram novas que pera a costa do Norte eram passados dezeseis navios de coffairos , em que entravam algumas galeotas de traquete ; e como o Conde tinha hum animo affervorado pera estas cousas , e entendeu bem que se tomasse aquelles navios , ficaria o Cunhale tão quebrado , que houvesse muito pouco que fazer com elle , e que começaria nelles a tomar satisfação da nossa gente que pereceo em Cunhale , foi-se logo pôr na ribeira das Armadas , e em espaço de vinte e quatro horas poz no mar outros dezeseis navios dos melhores , que se negoceavam pera ambas as Armadas , e elegeo pera Capitão Mór delles a André Furtado de Mendoza , por lhe pertencer aquella jornada , por ser contra Malavares , e Mouros de Cunhale , de cuja empreza estava nomeado por Capitão , do que se queixou Goterre de Monroy , que estava nomeado pera o Norte , havendo-se por aggravado do Conde , e offendido de André Furtado por acceitar entrar na sua jurdição , o que o Conde temperou.

Esta Armada sahio de Goa na entrada de Outubro ; e não nomeio os Capitães dos navios , porque os mais delles eram da Armada do Malavar , o que ao diante se fará. André Furtado foi correndo a costa até

até ás Ilhas das Vacas na costa de Salfete de Baçaim , onde foi avisado que sós seis Coutacoulões do rio Canharoto eram até então passados pera aquella costa , e que da outra Armada não havia novas se havia tal , porque não estava o Cunhale em estado de tirar de si navios , e gente em tempo que elle esperava que os Portuguezes fossem tomar satisfação dos damnos que alli recebêram , porque bem sabia elle delles , que não dissimulavam com affrontas. E não ha dúvida, senão que estas novas se alevantaram em Goa por quebrantarem o Conde , porque nunca faltão homens que usam destas invenções , quando andam queixosos ; mas todavia he bom acudir , como o Conde fez a isto , porque vejam os inimigos que a todo o tempo que houver novas delles , os hão de ir buscar. E isto de que estes usam por quebrantar os Viso-Reys , he muito em perjuizo do serviço de ElRey , porque lhe fazem despender sua fazenda mal , e sem razão.

E tornando a André Furtado , tanto que soube o que era , e que os Cotacoulões em sabendo d'elle , se recolhêram , foi visitar as Fortalezas , e nellas solicitou com os Capitães , Cidade , e moradores ajuda pera aquella jornada , sobre o que o Con-

Conde já tinha feito suas diligencias ; e ajuntando os navios que haviam de ir para Goa , levou-os consigo até áquella Cidade ; e quando chegou a ella , já o Conde tinha negoceado a Armada do Norte , e despedio logo Goterre de Monroy com doze navios , em que entravam cinco Sanguiceis , de que , a fóra elle , eram Capitães D. Alvaro da Costa , filho de D. Fernando da Costa , D. Francisco de Soto-Maior , Martim da Cunha d'Eça , Tristão de Ataíde , Gaspar Tibao , e Francisco Homem. Dos Sanguiceis foram por Capitães Heitor de Valladares , Francisco de Chaves , Giraldo Pinto de Siqueira , Maximiliano de Mendocça , e Pero Fernandes de Carvalho , e no mesmo tempo despedio o Conde a Armada de D. Jeronymo Coutinho , para ir tomar a carga a Cochim , onde estava prestes , e ficou dando pressa á Armada do Malavar , que foi fazer á véla a tres de Dezembro , que era de duas Galés , vinte e dous navios , e cinco Manchuas , que em Goa chamam muito ligeiras , com arrombadas para entrarem pelo rio de Cunhale dentro , e lançarem gente em terra. E assim levou mais oito Periches para o mesmo effeito , e a elle se havia de ajuntar a Armada de D. Fernando de Noronha , que era hum Galé , e dezenove navios. Os

Os Capitães que acompanháram André Furtado, a fóra elle, que hia n'uma galé, foram D. Francisco de Sousa na outra, D. Philippe de Sousa, D. Pedro de Noronha, Francisco de Macedo, D. Lopo de Almeida, Pero de Goës, Nicoláo Pereira de Miranda, Antonio Furtado de Mendoça, Pero de Mendanha, Jeronymo Botelho, D. Rodrigo Pereira, D. Luiz de Menezes, D. Luiz Lobo, e outros que no cerco nomearemos. Partida esta Armada, ficou o Conde despachando as náos do Reyno pera irem a Cochim a tomar a carga. E porque Gaspar Tenreiro, Capitão da náao S. Matheus, ficava na India, deo o Conde a Capitanía della a D. Vasco da Gama, seu primo com irmão; e depois destas cinco náos partirem pera Cochim, ficou o Conde Almeirante escrevendo pera o Reyno, e dando despachos ás listas, papeis, e mais cousas que pertenciam á informação do governo da India. E depois de tudo feito, despachou hum galé pera Cochim, de que foi por Capitão D. Christovão de Noronha com regimento, que como entregasse os sacco das vias aos Capitães das náos, assistiria com André Furtado de Mendoça na guerra contra o Cunhale.

CAPITULO XI.

Do que aconteceu a D. Fernando de Noronha sobre Cunhale: e de como o Arcebispo se vio com o Camorim: e das cousas que passáram.

PRimeiro que continuemos com André Furtado de Mendoga, conveniarmos relação de D. Fernando de Noronha, que deixámos invernando em Cananor, donde reformou os seus navios o melhor que pôde, e em Agosto fez paga aos soldados. E no primeiro dia de Setembro se foi pôr sobre a barra de Cunhale; porque teve aviso no inverno, que nos primeiros dias do verão esperava aquelle tyranno por socorro de gente, e mantimentos; e logo tratou com o Camorim por via do Padre Francisco Rodrigues, da Companhia de Jesus (que todo aquelle inverno tinha feito com o Camorim todos os bons officios, que pode pelo sustentar naquella guerra) pera que o fosse conservando naquelle proposito que tinha; e por apertarem o tyranno por todas as partes, mandou D. Fernando de Noronha a Pero Luiz Malavar com a gente do seu Periche, e de outros pera assistirem da banda do Oriole, e defende-rem que se não proveesse pela parte de terra,

ra , com o que puzeram aquelle tyranno em extrema necessidade. D. Fernando de Noronha ficou tendo tantas intelligencias na terra , que não dava nella passo que não soubesse ; e sendo avisado que o Cunhale esperava por hum paráo carregado de mantimentos , teve nelle tal vigia , que o tomou com todo o recheio , com o que alguns Mouros , que eram fóra a buscar provimentos , se recolheram a outros portos. Isto poz o Cunhale em tanta desesperação , que determinou de mandar peleijar com a nossa Armada : pera o que deitou ao mar as galeotas que tinha varadas , e outras embarcações , que todas proveo da melhor soldadesca que tinha. Desta sua determinação foi D. Fernando de Noronha avisado por via do Camorim , e do Padre Francisco Rodrigues , e daquelle negocio deo conta aos Capitães , pera que estivessem sobre aviso , e lhes pedio parecer sobre o que faria ; a que todos responderam conformes , que fizesse querena de commetter a entrada do rio , e ir dentro peleijar com os seus navios ; o que D. Fernando de Noronha fez.

Tanto que o Cunhale vio esta determinação nos nossos , tornou a recolher as galeotas , e varallas , porque nellas tinha todo o seu remedio , como já disse. E tão apertado se vio este Mouro dos nossos , que

constrangido da necessidade , mandou quinhentos Mouros dar hum assalto nos nossos , estando fazendo aguada no lugar de Coriché , hum quarto de legua do rio de Cunhale , do que D. Fernando não teve aviso pela má vigia que os Naires do Camorim tiveram. Os quinhentos Mouros , que o Cunhale mandou pera darem o assalto , se emboscáram de noite alli perto ; e tanto que os nossos marinheiros foram fazer agua , lhes sahíram da emboscada com tanta pressa , que não foram vistos senão pegados ás proas dos nossos Sanguiceis , que eram os que tinham os esporões em terra : e assim se determináram , que dizem alguns que entráram em hum periche , e leváram delle hum berço de metal. Vendo D. Fernando de Noronha a revolta , acudiu a recolher alguns soldados , que andavam em terra , e com a artilheria , e arcabuzaria fez nos Mouros tal emprego , que lhes matáram o Capitão , e cem Mouros dos mais atrevidos ; com o que houveram por seu partido recolherem-se á Fortaleza com aquelle damno , e tão pouco nosso , que só houve tres mortos , e alguns feridos.

Passado este negocio , deixou-se D. Fernando de Noronha ficar sobre a barra com os navios estendidos pela praia do seu districto , pera que nem huma almadia lhe

pu-

pudesse passar. Com todas estas diligencias não deixáram seis paráos carregados de mantimentos de vir commetter a terra pera os lançarem nella , tendo já aviso do Cunhale que acharia gente , que em breve espaço despejasssem tudo. Mas foi tal a vigia dos nossos , que logo houveram vista delles ; e indo a elles , não pudéram tomar mais que hum , e fazer varar outro em terra , perdendo-se tudo o que levava ; e os quatro sentindo a revolta , foram-se acolhendó , o que pudéram fazer por ser noite escura : com isto ficou o inimigo defengandó de poder ser soccorrido de nenhuma parte.

E porque a necessidade o apertou muito , foi-lhe necessario arriscar algumas almadias , pera irem buscar algum arroz , porque por pequenas podiam chegar a toda a parte , e lançar em terra os fardos de arroz , que trouxessem pera serem logo recolhidos. Disto tambem foi D. Fernando de Noronha avisado , e armou-lhe com outras almadias , em que metteo pessoas de recado : e assim tomáram duas almadias dos Mouros com todo o arroz que traziam , e as mais varáram em terra em parte que tudo se perdeu , com o que o Cunhale acabou de desesperar.

Acabado isto , houve D. Fernando de No-

Noronha duas espías, de quem soube que estavam muitos Mouros, pera se sahirem da Fortaleza por pura necessidade, e falta de mantimentos. Pera o que poz hum Capitão em terra com sua gente, e alguns Naires do Camorim, a quem peitou, por quem mandou seguro a todos os que se quizessem sahir da Fortaleza pera qualquer parte que quizessem. O que foi de muito effeito; porque os mais dos que estavam dentro se abaláram a isso, e se senão sahiram, foi pela grande vigia que o Cunhale tinha nelles.

Estando as cousas neste estado, lhe chegou a dous de Novembro a galé, e os navios que o Conde Almeirante lhe mandou, e elle se passou á galé, e ficou com maior posse pera tudo o que se lhe offerecesse; e ficou continuando na guarda daquelle rio, em que consistia a vitoria, que se esperava alcançar daquelle cossairo, e grande tyranno. Neste tempo appareceo a galé, em que o Arcebispo vinha de Cochim, que hia de largo com determinação de passar adiante. Disto teve o Camorim logo aviso, e com muita pressa despedio hum manchua ligeira, em que hia o Padre Francisco Rodrigues, e hum sobrinho do Camorim, chamado Uniaré Cheraré, e pedia-lhe que se visse com elle, que importava as-

assim ao serviço de ElRey. Era este sobrinho do Camorim Christão, que o baptizou secretamente o Padre Francisco Rodrigues, depois de o ter catequizado, e assim favorecia muito a parte dos Portuguezes: e na galé o crismou o Arcebispo na sua camara, e a esse fim quiz ir com o Padre Francisco Rodrigues.

Com este recado voltou o Arcebispo pera a terra, e foi surgir na barra de Cunhale, onde D. Fernando de Noronha lhe fez suas fainas, e abateo sua bandeira; e alli concertáram verem-se na praia de Coriché, pera onde o Arcebispo foi, e desembarcou em terra acompanhado de muita gente da Armada; e ao pôr os pés em terra, desparou toda a Armada sua artilheria, e os soldados deram sua salva de arcabuzaria. E antes de chegar a huma tenda de brocado, que o Camorim tinha no lugar, em que se haviam de ver, sahio elle fóra, e na porta o esperou mui cheio de joias riquissimas, e o recebeu com muita honra, e levou pera dentro, onde estavam duas cadeiras de veludo, em que se assentáram, e fez assentar o Padre Francisco Rodrigues nas alcatafas, e mandou ao Principe herdeiro que fosse fazer sua reverencia ao Arcebispo, que elle fez ao nosso modo, por saber mui bem a lingua Portu-

rugueza. Depois disto o mandou o Camorim com todos os Regedores, que fosse vigiar os Naires, e soldados Portuguezes, pera que não houvesse entre elles algumas destemperas, ficando elies sós com o Padre Francisco Rodrigues, que havia de ser o Interprete.

E alli depois de passados seus cumprimentos, lhe disse o Camorim, que elle estava apostado, e resolutto em ser muito grande amigo dos Portuguezes, esquecido de todos os damnos que elle, e seus antecessores tinham delles recebido. E que pera lhes mostrar aquella verdade, sustentava aquelle cerco contra aquelle alevantado com muito grandes despezas de sua fazenda: e que não no abalava pera o deixar de fazer terem-lhe dito algumas pessoas, que depois daquella Fortaleza ganhada, se haviam os Portuguezes de ficarem nella, e dalli lhe fazerem toda a guerra que pudessem; porque bem sabia elle que a verdade, e fé dos Portuguezes se não havia de quebrar por trezentas Fortalezas. Posto que o Rey de Cochim lhe tinha sobre isso escrito algumas vezes, fazendo-lhe muitas carrancas, e lembranças que se não fiasse dos Portuguezes, bem entendia que lhe nascia tudo aquillo de inveja de o ver amigo delles; e que alguma cousa o pu-

dera mover a crer algumas daquellas cou-
 fas aquelle dia que os Portuguezes com-
 mettêram a Fortaleza, antes do final que
 lhe tinham dado ; querendo-lhe persuadir
 muitos que pertendêram tomar aquella For-
 taleza sem sua ajuda pera a pertençaõ, que
 já lhe tinham dito de se fortificarem nella.
 E que o ruim successo , que elles tiveram
 naquelle negocio , lhe diziam alguns fora
 querellos Deos castigar por aquella tenção
 com que commettêram aquella Fortaleza,
 tão longe da sua verdade , e obrigação ;
 mas que sempre elle estivera firme na ver-
 dade dos Portuguezes , em que não podia
 haver engano : e que posto que não foi
 sua a vitoria , todavia bem víram todos o
 animo com que os mais delles peleijáram,
 tomando tanta satisfação dos Mouros , que
 bem mostráram o seu antigo valor , e es-
 forço.

Espantou-se muito o Arcebispo daquel-
 les termos , com que ElRey de Cochim
 queria divertir, e estorvar aquelle negocio :
 e disse áquelle Rey , que os Portuguezes
 costumavam fazer guerra a seus inimigos ,
 quando lho mereciam , com armas , e não
 com enganos , porque os não sabiam usar :
 que aquellas invenções de ElRey de Co-
 chim eram muito conhecidas de todos , pe-
 lo muito que sentia verem-no amigo com

o Estado; e que do mesmo artificio usára com elle Arcebispo, quando fallando ambos nestas materias lhe dissera, que nos não fiassemos do Camorim; porque fora avisado de pessoas do seu Conselho, que estava elle Camorim determinado de dar nos Portuguezes, como os vissem desembarcados em terra, e vingar-se desta maneira das injurias que delles tinha recebido; e que como elle entendêra aquellas meadas, e artificios, dissimulára com elle por entender a causa donde nasciam.

Mas que porque elle Camorim entendesse o bom animo, e lealdade dos Portuguezes, e que nunca tal (como lhe tinha dito) lhe entrára no pensamento, lhe jurava por aquelle livro, em que estava toda a Lei dos Christãos (pondo a mão sobre o Breviario) que nunca entrára no pensamento aos Portuguezes tal cousa, como a que lhe tinham dito. Este juramento fez diante do Principe, e Regedores, que pera isso se chamáram. E acabando o Arcebispo de jurar, lhe disse o Camorim, que com aquillo lhe tirára hum grande pezo, e nuvem que trazia no coração, e que por amor d'elle hia com aquella guerra tanto a medo; mas que dalli por diante, confiado naquelle juramento, apertaria mais o cerco. E então tratáram do modo que se havia de

de ter nelle, e do poder que esperava de Goa, pera se concluir com aquelle negocio: e assim proseguio dalli por diante na guerra com differente calor, e animo; e despedido delle, fez o Arcebispo véla pera Goa, ficando o Camorim muito quieto, e satisfeito em seu animo; no que o Padre Francisco Rodrigues, que foi o Interprete, foi muita parte pera se ordenarem aquellas cousas, como adiante veremos; e com isto damos fim a este terceiro Livro.



DECADA DUODECIMA

Da Historia da India.

L I V R O IV.

CAPITULO I.

De como André Furtado de Mendoça chegou á barra de Cunhale, e se vio com o Camorim: e das cousas em que assentáram.

DEixámos partido de Goa André Furtado de Mendoça com a sua Armada, que chegando a Mangalor, se vio com o Rey de Bangel grande amigo do Estado, e jangada daquella Fortaleza, a quem o Capitão Mór fez grandes gaza-lhados ; e depois de brevemente tratarem algumas cousas do serviço de ElRey, e bem do Estado, se despedio delle, dando-lhe algumas peças, que pera isso levava. E a Rainha de Olala o mandou visitar por hum Embaixador, por quem lhe mandou dar conta de algumas differenças que tinha com o Rey de Bangel seu vizinho, dando-lhe dellas satisfações, por ser amigo do Estado. Ao que lhe o Capitão Mór mandou

dou responder com offerecimentos , e que da torna-viagem os comporia ; e tambem lhe mandou peças , que he o com que se negoceia com todos os Reys do Oriente ; e dando á véla , chegou á barra de Cunha-le , aonde D. Fernando de Noronha lhe fez hum grande recebimento , e entregou aquella Armada , e deo relação do estado em que aquellas cousas estavam.

No mesmo dia fez André Furtado de Mendoça huma junta dos Capitães , e tratou com elles sobre o modo que teria naquella guerra ; e entre todos se assentou que até virem os soccorros , fossem continuando na guarda daquelle rio , porque lhe não entrassem provimentos alguns , que era a mais crua guerra que por então se lhe podia fazer. E logo repartio toda a Armada , e fez tres esquadras , que poz ao longo daquella ribeira com que a cingio toda ; e quasi no rolo do mar surgiram as fustas , e as galés hum pouco affastadas ; e a Pero Luiz , que estava na banda do Ariole , mandou mais Lascarins Malavares dos que andavam nos periches , e elle em pessoa andavam nos periches , e elle em pessoa na manchua , que levava pera seu serviço , roldava todas as noites a Armada , pera ver a vigia que tinham. E assim em Cananor , onde deixou muitos festeiros , como nas terras do Camorim , mandou fazer mui-

muitos fustões fortes de bambús pera as estancias que determinava plantar em terra; e que se cortassem muitas palmeiras pera se serrarem, e fazerem escadas; e tambem mandou serrar todo o taboado, que lhe pareceo necessario pera tilhas sobre que a artilheria havia de jogar.

O Camorim mandou logo visitar o Capitão Mór pelo Padre Francisco Rodrigues, da Companhia de Jesus, e seus Regedores; em cuja companhia foi tambem Antonio Matoso, casado em Cananor, que o Conde tinha mandado em fôrma de Embaixador ao Camorim, em cuja companhia andava, pera o fazer proseguir na guerra, por ser muito seu amigo, e conhecido, e prático nas cousas do Malavar. A estes Embaixadores recebeo André Furtado de Mendoga honradamente, e respondeo á visita com palavras de muita satisfação, e os despedio com lhes dar peças ricas, e curiosas. E nesta visita tratáram sobre as vistas, que o Capitão Mór havia de ter com o Camorim; e ficou assentado o dia, e o lugar em que havia de ser. E em sua companhia mandou Sebastião Tibao (cuido que Framengo de nação) grande Engenheiro, pera da parte do Camorim reconhecer a disposição da Fortaleza, do sitio, e tranqueiras, com quem tambem foi Bernardo Soares, sol-

soldado destre , de experiencia , e que sabia bem notar as cousas , o que elles fizeram muito de vagar , e á sua vontade , e de tudo deram distincta relação ao Capitão Mór , com o que se houve por satisfeito da que já tinha. E porque se receou que pelo rio de Tremapatão em algumas almadias pequenas , como já algumas vezes commettêram , se proveesse , mandou a Belchior Rodrigues , casado em Chaul , bom cavalleiro , e de muita experiencia , pera que com quatro navios se fosse pôr sobre aquella barra , pera que por ella não sahisse cousa alguma , o que elle fez com muito cuidado ; de maneira que proveo em tudo com muita ordem , sem lhe ficar cousa por fazer , e todas endereçadas , e encaminhadas ao fim que determinava , e pertendia levar naquelle cerco.

Chegado o dia das vistas , que foi aos dezeseis de Dezembro , abalou-se o Capitão Mór com toda a Armada mui fermosamente embandeirada , e tocando muitos instrumentos alegres , e bellicosos , foi de mandar a praia de Coriché , aonde já estava o Camorim ; e chegando ao posto com toda a Armada , ordenou que em quanto estivesse em terra , ficasse estendida de longo daquella praia com as proas em terra , e a artilheria muito lestes pera poder

la-

laborar, se fosse necessario, e elle se met-
teo em huma manchua, e saltou na praia
muito galantemente vestido ao inodo mili-
tar, em corpo, com seu bastão na mão,
rodeado de lincoenta espingardeiros, sol-
dados velhos, e escolhidos entre todos,
de que tinha mór confiança, muito bem tra-
jados, e por baixo mui bem armados de
boas armas: e ao pôr os pés em terra,
disparou toda a Armada sua artilheria, e
os soldados todos estendidos pelas perchas
dos navios, deram tambem sua salva de
arcabuzaria, estando todos postos em armas:
e causou isto hum mui grande terror, e
espanto não só nos inimigos, mas ainda
nos amigos.

Tanto que o Camorim teve recado que
o Capitão Mór partia da galé, abalou-se
donde estava, e foi tomar o Capitão Mór
quasi á borda de agua, onde se abraçaram
com grandes mostras de cortezia. Era este
Rei homem grande de corpo, bem dispo-
sto, de pouco mais de trinta annos, e bem
parecia Rey entre os mais. Trazia sobre
si muitas riquezas, nos braços tanta copia
de manilhas de pedraria, que lhos enchia
desde cima dos cotovellos até os pulsos,
com o que lhe ficavam tão pezados, que
era forçado virem dous pagens sustentando
cada hum o seu. Do pescoço pendia hum
co-

colar de inestimavel valor. E nas orelhas, orilheiras do mesmo toque de fermosos rubins, e diamantes, cujo pezo lhas estendia até os hombros, de maneira que trazia sobre si huma grande riqueza. Vinha nú da cinta pera cima, e derredor della cingido com hum panno de ouro, e seda, que lhe dava algumas voltas por derredor, que chegava até meia perna; e por cima huma cinta de pedraria de largura de quatro dedos, riquissima, e de grande valor. Detrás d'elle vinha o Principe herdeiro, moço gentil-homem, e bem arraiado, que lhe levava a sua espada alevantada com a ponta pera cima; e detrás d'elle todos os seus Regedores principaes, e Punicas; e quasi pegado a elle hia o Padre Francisco Rodrigues, e Antonio Matoso.

Ao assomar do Camorim disparou outra vez toda a Armada a sua artilheria, e os soldados a arcabuzaria, e apôs isso começaram a tocar os instrumentos de alegria; e os Naires do Camorim tambem fizeram suas fainas, e deram sua salva a seu modo. ElRey tomou o Capitão Mór pela mão, e levou-o a huma tenda, que allí tinha armada, a cuja vista estava toda a sua gente estendida em fórma de Lua, que cingia todo aquelle campo. Allí se assentáram em cadeiras; e depois das palavras formaes da

visitação, e cumprimentos de parte a parte, praticáram sobre o modo que se teria naquella guerra, em que o Camorim prometteo de proseguir com dobrado animo, e calor. E disse ao Capitão Mór, que tanto que o Cunhale víra sobre seu rio a potencia daquella Armada, e que soube ser elle o Capitão Mór della, e General tão conhecido, e temido dos Mouros, logo lhe mandára commetter que se queria entregar, com condição que lhe dêsse a vida a elle, e a todos os Mouros, que tinha comigo; e que fosse elle Camorim á porta da Fortaleza a tomar entrega d'elle, pera o segurar dos seus Naires, o que lhe elle tinha concedido com tenção de o matar como o colheffe á mão; porque com traidores este he o primor de que se ha de usar, principalmente quando sam taes, que se não póde esperar delles deixarem de o fer todas as vezes que tiverem occasião pera o fer. E que ao tempo, em que se havia de entregar, mandára hum seu mestre de esgrima com alguns Naires pera o receberem; e que vendo o Cunhale que elle Camorim não hia em pessoa, tendo-o a máo final, mandára sair os Mouros aos Naires, e entre todos se ateára hum grande briga, e travára huma aspera batalha, em que houve feridos de ambas as partes,

e que já se não havia de fiar hum do outro : pelo que era necessario continuar na guerra contra aquelle tyranno, e que pera ella offerecia todas as cousas necessarias, que houvesse em seu Reyno : e que em penhor desta vontade, e sua fé, daria os re-fens que elle Capitão Mór quizesse, por-que tudo havia de fazer a seu gosto, e von-tade. André Furtado de Mendoça lhe agra-deceo aquelles offerecimentos, e lhe fez outros conforme ao tempo, e com isto se despediram, dizendo-lhe o Camorim que elle mandaria á sua galé o Padre Francis-co Rodrigues, e seus Regedores pera com elles fazerem as capitulações que elle mais quizesse; e ao apartarem-se hum do outro, lançou o Capitão Mór ao pescoço do Ca-morim hum muito fermoso colar de ouro, e ao Principe, e Regedores deo peças, que pera isso já levava, que o Conde Viso-Rey lhe mandou dar da fazenda Real em muita abundancia, porque em nenhuma parte do mundo, e muito mais no Oriente, se ne-gocea sem os presentes irem diante.

Ao outro dia que isto passou se veio hum Mouro, Veador da fazenda do Cunha-le, entregar ao Capitão Mór por ordem de Braz Coelho, Capitão de hum Sanguicer, que estava na parte do Ariole, que lhe pe-dio seguro pera levar sua mulher, familia,

e alguns amigos , que lhe elle não concedeo pela pouca fé , e verdade que estes Mouros tem , antes o mandou pôr na galé a bom recado ; affirmando-lhe que como se acabasse a guerra, elle o poria em sua liberdade. Deste Mouro soube André Furtado de Mendoça das cousas de Cunhale muito particularmente , e de como estava fortificado da gente que tinha, e dos poucos provimentos que havia , o que tudo achou depois ser verdade. Os Mouros vendo fugido este , que era o principal diante do Cunhale , foram-se tambem saliendo da Fortaleza os que pudéram com suas mulheres , e familias ; e sempre se sahiram todos , se o Cunhale não trouxera sobre elles tantas vigias.

Isto foi sabido do Camorim , e do Capitão Mór ; pelo que mandáram por via dos Arioles lançar na Fortaleza seguros reaes pera os que se quizessem sahir , pera que qualquer delles o pudesse fazer livremente. E porque era tempo de pôr em execução o cerco da Fortaleza , mandou o Capitão Mór pelo engenheiro Tibao alevantar alguns castellos de madeira levadiços em roda da parte do Camorim , capazes de jogarem a artilheria pera se igualarem ás tranqueiras , pera por elles as entrarem os nossos ; que depois de feitos , não foram

ram necessarios , como logo diremos ; e dando recado ao Capitão Mór que o Cunhale esperava por huma galeota , que tinha mandado ás Ilhas de Maldiva arrecadar certas pareas , que os Mouros lhe pagavam , e que apparecêra ao mar , despedio João de Seixas com quatro navios para a irem buscar ; mas sentindo ella o negocio , logo se fez na volta das mesmas Ilhas , e desappareceo.

CAPÍTULO II.

Das capitulações que o Capitão Mór fez com o Camorim: e dos refens que lhe entregou: e dos soccorros que lhe chegaram de Goa.

Depois de passadas as vistas que o Camorim, e Capitão Mór tiveram, dahi a tres dias foram á galé do Capitão Mór o Principe de Tanor, General do exercito do Camorim, e Carneves seu Regedor Mór com outros Principes , e Regedores , que André Furtado de Mendoça recebeo com muitas honras , e com elles hia tambem o Padre Francisco Rodrigues , que era o Interprete , e por quem todas aquellas couzas corrêram , e mostráram Provisões , ou Ollas dos poderes que traziam para assen-

tarem as pazes , e fazer os contratos que lhe parecessem bem , pera effeito daquella guerra , e pera os refens que de ambas as partes se haviam de dar pera segurança della. Pera o que André Furtado de Mendoça chamou os Capitães velhos , e de experiencia , e assim todos juntos fizeram as capitulações seguintes.

Capitulações do que o Çamorim prometteo.

» **O** Brigou-se a dar em refens da gente
 » que se puzesse com elle da sua ban-
 » da , pera assaltar a Fortaleza do Cunhale ,
 » os Principes de Tanor , e Chale , e Car-
 » neves seu Regedor Mór , Varer , e Coi-
 » lo , Principes , e Senhores das terras
 » além de Panane , Pudure , e Talape ,
 » Naires seus Regedores , Menas , e Mena
 » Cherare , irmão de Uniare Cherare , am-
 » bos sobrinhos do Çamorim , e Unire Ga-
 » se , Ithe Arachea , e Com Gaachem , Ire
 » Proferare , e Nambandre , todos Principes ,
 » e Senhores de terras. Estes refens , em
 » quanto o cerco durasse , e o nosso arraial
 » estivesse nas terras do Çamorim , e Ario-
 » les , estariam na Cidade de Cochin ,
 » donde não sahiriam até de todo se re-
 » colher o nosso arraial , e Armada.
 » Obrigou-se mais pelos ditos refens ,
 » que

» que segurava toda a gente, artilheria, e
 » mais cousas que se puzessem em suas ter-
 » ras, e dos Arioles pera o effeito daquella
 » guerra.

» Que daria a todo o tempo que se
 » houvessem mister, mil trabalhadores pa-
 » gos á sua custa pera trabalharem no ser-
 » viço do campo, e cerco.

» Que traria á sua custa quinze elefan-
 » tes no dito serviço, em quanto o cerco
 » durasse.

» Que daria á sua custa toda a sorte
 » de madeira que fosse necessaria pera o ef-
 » feito da guerra, pagando o Capitão Mór
 » os carpinteiros, e ferradores.

» Que daria todos os carpinteiros, fer-
 » radores, e ferreiros que fossem necessa-
 » rios, pagando-lhes o Capitão Mór seu
 » jornal.

» Que teria de assistencia no nosso ar-
 » raial, e cerco do inimigo sinco mil
 » Naires de armas; e deste número esta-
 » riam dous mil sujeitos ao que lhes o
 » Capitão Mór mandasse, e pera assistirem
 » na parte que lhes ordenasse, e que obe-
 » deceriam aos Capitães a que fossem en-
 » tregues.

» Que daria quatro Manchuas esquipa-
 » das de marinheiros, e Lascarins pera
 » andarem no rio vigiando, e inquietando
 » os

» os inimigos , ou onde parecesse melhor
 » ao Capitão Mór. E que assim daria mais
 » trinta jangadas de Almadias esquipadas
 » de marinheiros pera o mesmo effeito.

» Que daria duzentas enxadas , e mil
 » cestos pera o serviço do cerco.

» Que se senão dêsse fim ao inimigo
 » até vinte de Janeiro , que era o tempo
 » em que elle Çamorim havia de ir á sua
 » festa da Mamanga , mandaria vir de Co-
 » chim , Principe de Tanor , e Carneves
 » seu Regedor Mór pera os deixar com
 » todo o poder em seu lugar , assistindo no
 » Governo do seu exercito ; e que em lugar
 » dos sobreditos , mandaria seus sobrinhos
 » Uniare Cherare , e outro herdeiro de
 » Talapuchem senhor de sinco mil Naires. »

*Ao que se obrigou André Furtado de Mendo-
 ça ao Çamorim , he o seguinte.*

» **Q**ue lhe daria por refens estes tres
 » Capitães , D. Pedro de Noronha ,
 » Jeronymo Botelho , e outro Capi-
 » tão , Antonio Matoso Embaixador , e
 » dous Padres da Companhia de Jesus , que
 » assistiriam sempre com o Çamorim.

» Que daria em Cochim aposentos aos
 » refens d'elle Çamorim , e todo o necessa-
 » rio a seus proprios gastos , e de seus ser-
 » vi- »

» vidores , em quanto residissem naquella
 » Cidade , e que estes seriam capazes de
 » poderem fazer nelles suas ceremonias ,
 » que fariam diante dos guardas que lhe
 » puzessem ; e que do dito aposento , e si-
 » tio não sahiriam sem a mesma guarda , e
 » que as ceremonias se entenderia no co-
 » mer , e lavar o corpo , e outras não.

» Que tomando-se a Fortaleza de Cu-
 » nhale , se derribaria logo , e não querer
 » nada daquelle sitio : e de dar ao C,amo-
 » rim ametade de todo o dinheiro , peças ,
 » fazendas , artilheria , e navios que se
 » achassem , e que as mais armas seriam
 » de quem as tomasse.

» Que havendo alguma briga , ou des-
 » concerto entre os soldados , e Naires ,
 » cada hum castigaria os seus subditos con-
 » forme as culpas que tivessem ; e que os
 » do número dos dous mil , que não obe-
 » decessem aos mandados do Capitão Mór ,
 » e Capitães que lhe propuzessem , seriam
 » pela mesma maneira castigados.

» Prometteo o Capitão Mór de se fa-
 » zer Igreja em Calecut , e de se assentar
 » alli Feitoria , e de ter com elle o Estado
 » o commercio que tem os mais Reys ami-
 » gos ; e que inteiramente se cumpririam
 » os capitulos das pazes , que D. Luiz da
 » Gama tinha feitos com elle , e que esta-
 » » vam

» vam confirmados pelo Conde Almeiran-
» te. »

Estes apontamentos juráram assim o Camorim, como o Capitão Mór com os Capitães, e Regedores que se acháram presentes, e todos se assignáram nelle: e logo se fizeram de parte a parte a entrega dos refens promettidos; e os da nossa se passaram á parte do Camorim, e os seus se embarcáram na galé muito a seu gosto, e se leváram a Cochim. E o Carnaves ao despedir-se do Capitão Mór lhe deo alguns avisos, e ardís de como havia de proseguir naquella guerra; o que fez por cobrar crédito com o Capitão Mór, sendo certo ser elle o que mais favorecia o Cunhale que todos. No recolhimento destes refens usou a Cidade de Cochim de muitos primores, e liberalidades, porque em pouco mais de dous mezes despendeo, e gastou com elles mil e quinhentos pardãos, conforme a huma lembrança, e lista que tenho em meu poder.

Os navios que foram acompanhando estes refens voltáram de Cochim com huma barçaça, que o Capitão Mór tinha lá mandado concertar, e reformar de artilheria, e munições, e entregou-a a Luiz Fragoso, e Pero Rodrigues Botelho, e deo-lhe soldados, e servidores pera seu mencio. Nesta

ta companhia mandou a Cidade de Cochim cinco navios de soccorro com duzentos soldados armados, e pagos á sua custa; e delles elegeo por Capitão Mór Antonio de Brito Fogaça, Cidadão daquella Cidade, soldado muito velho, e prático nas cousas da guerra: e assim levou em sua companhia dous navios cheios de soldados Christãos de S. Thomé, tambem pagos á sua custa, que deixou ordenado o Arcebispo pera isso, primeiro que se partisse daquella Cidade.

C A P I T U L O III.

Do conselho que o Conde tomou sobre ir a Cunchale, em que foi contrariado: e do soccorro que mandou, e mais cousas que passaram.

DEpois que o Conde Almeirante despachou as vias pera Cochim, despachou Lourenço de Brito pera ir entrar na Fortaleza de Cofala, por ser já livre, com muita honra das culpas, que lhe puzeram sobre a jornada da Sunda. Passado isto, em princípio de Novembro deste anno de noventa e nove, em que estamos, chamou o Conde Viso-Rey a Conselho as pessoas que nelle costumavam achar-se, e lhes propoz que

que lembrados estariam do successo que o anno passado tiveram no assalto do Cunhale, e a continuação do cerco pelo Camorim, e pelos nossos Capitães; e o muito que convinha á reputação, e quietação do Estado não se levantar mão daquella empreza sem se concluir a destruição d'aquelle inimigo, em que os mais do Estado tinham postos os olhos, pera o que estava prestes com muito dinheiro, e as mais prevenções necessarias; e por não lhe ficar nada por fazer, estava resolutos em ir visitar as Fortalezas do Canará, e Malavar, e provellas como convinha, porque hia no cabo do seu governo, em que tinha obrigação de visitar todas as do Estado. E por se livrar das murmurações que padeceram os Viso-Reys, que foram ao Norte, determinava fazer a jornada pera o Sul, e pararia em Cananor até ver o estado das cousas. E que tinha nomeado André Furtado de Mendoça por Capitão Mór da costa do Malavar, que partiria brevemente com a Armada de quatro galés, e quarenta fustas bem providas das cousas necessarias. E que o mór gosto que teria, era achar-se presente pessoalmente na guerra, que queria fazer áquelle cossairo, que tanto trabalho tinha dado ao Estado; mas que não queria fazer nada sem conselho, e pa-

recer dos que estavam naquelle Conselho, que livremente votassem o que fosse mais serviço de Deos, e de ElRey, e bem do Estado, porque isso era o que elle havia de fazer, ainda que fosse contra seu gosto. Sobre isto votáram todos, e debatêram, e se deram muitas razões por huma, e outra parte; e praticados todos os inconvenientes que se lles offerecêram, vieram os mais a concluir que não era licito, nem convinha ao Conde Almeirante abalar-se, nem sair-se de Goa, assim pela necessidade que havia de sua presença pelas cousas que estavam movidas no Grão Mogor sobre a conquista dos Reynos do Decan que pertendia fazer, no que tinha nelle o Viso-Rey grande inconveniente; porque bem sabia que tudo o que pudesse estorvar seus desenhos, e favorecer aos Reys vizinhos, havia de fazer: como porque não era licito que a pessoa do Viso-Rey se movesse, e abalasse pera haver de ir contra hum Mouro cossairo, que não era Rey, nem senhor de terras: que bastava pera concluir aquelle negocio André Furtado de Mendoça, que estava nomeado pera Capitão Mór do Malavar, que o proveessem de tudo o que o Estado pudesse dar; porque conforme aos termos em que a guerra estava, e o inimigo desbaratado com a perda

da passada , e com a falta de tudo , sem falta , nem dúvida se acabaria tudo com bem.

Não faltáram pessoas das que estavam fóra do Conselho a que parecesse o contrario , entendendo que a ninguem convinha mais achar-se naquella guerra em pessoa , que ao Viso-Rey , assim pera remediar o damno passado , tomando d'elle satisfação , como porque com sua presença daria mais calor á guerra ; e teria mão no Camorim que não fizesse de si alguma mudança , porque tudo se podia temer deste Rey Gentio , que tantas vezes tinha faltado com sua fé. E que posto que este tyranno não era Rey , dava mór trabalho , e oppressão ao Estado , que todos os Reys vizinhos , porque todos os annos recolhia de roubos , que fazia nos vassallos Portuguezes , mais de quatrocentos mil cruzados. E assim nenhum Rey tinha mais affrontado aos Portuguezes que este tyranno , porque andava quasi senhor do mar , e do commercio da India com suas Armadas , e se intitulava *Rey dos Mouros* ; e ficava desta maneira usurpando hum dos titulos da Coroa de Portugal , que era senhor do mar , e do commercio da India. E já algumas vezes disse pelo discurso das minhas Decadas , que sempre , ou as mais das vezes que os Viso-Reys puzessem em conselho haver-se de

de embarcar, havia de achar nos mais dos votantes contradicção pela obrigação que lhes ficava de os acompanhar com risco de suas pessoas, e despeza das fazendas. Não digo isto, porque neste Conselho houvesse estes respeitos; antes cuido verdadeiramente que entendêram que não convinha ao Conde embarcar-se; mas digo, pelas razões que aponte, que foi muito acertado o conselho que ElRey nosso Senhor tomou do tempo de Aires de Saldanha por diante de mandar, que por fim do que se votasse no Conselho da India, fizessem os Viso-Reys o que lhes parecesse mais serviço de ElRey, e bem do Estado.

E deixando isto, tornemos ao Conde, que se mostrou muito sentido de não poder effectuar o que elle tanto desejava; e a Cidade de Goa, e o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes lhe falláram nesta conformidade. Assentado isto, mandou logo o Viso-Rey ordenar hum galeão, em que mandou embarcar muitos provimentos, munições, pelouros, e peças de artilheria de bater, de que fez Capitão Francisco de Barros de Sousa, hum cavalleiro velho já despachado, que logo despedio com muita brevidade. E apôs elle mandou Diogo Moniz Barreto na galé, em que o Arcebispo tinha vindo de Cochim, e onze navios

vios mais , em que embarcou trezentos e quarenta soldados. E assim mais outros vinte e hum navios , em que vinham quatrocentos e sincoenta , que as Cidades do Norte mandavam de soccorro , de que vinha por Capitão Mór Antonio Colaço Lobo , Capitão velho , e antigo ; e nos navios vieram muitos Fidalgos , e cavalleiros armados á sua custa. Este soccorro do Norte chegou a Cunchale a seis de Fevereiro , e Diogo Moniz Barreto com sua Armada a doze , e aos quatorze o galeão dos providimentos , com o que aquelle mar ficou coberto de Armadas , e o inimigo tão assombrado , que se houve por perdido. A estes Capitães recebeo André Furtado de Mendoça com muita honra , e os repartio pelos lugares que logo diremos.

Pertendia o Capitão Mór cercar aquella Fortaleza , e continuar naquella guerra por termos militares , e de prudencia ; por que esta muitas vezes , ou as mais dellas , vence mais de pressa que as armas. E por isso dizia Annibal , que mais se temia de Scipião , quando não pelejava , que de Marco Varro seu companheiro , quando o fazia ; porque as cousas acceleradas , as mais das vezes damnão ; e as que se fazem de vagar , e com conselho maduro , sempre nos dam a vitoria. Foi André Furtado com-

pondo as cousas , e ajuntando o que lhe era necessario pera sitiar , e bater aquella Fortaleza , porque desejava de a ganhar , e levar com pouco custo dos homens , porque as vitorias de pouco sangue sam as que fazem o seu Capitão mais glorioso. Em Tito Livio lemos que o Consul Marco Fabio não quiz acceitar o triunfo , que o Senado lhe offerecia , porque naquella guerra lhe matáram seus companheiros o Consul Manlio , e Quincio Fabio.

O Cunhale , posto que estava apertado , e desconfiado , como disse , não deixou de usar de seus estratagemas , e mandou hum daquelles seus Capitães , que se fosse lançar em cilada com hum companhia de Mouros em hum pontão de arêa da banda do Ariole , pera ver se podia fazer algum bom feito. Depois de emboscar sua gente , chegou o Capitão com outro Mouro á borda d'agua , e capeou a hum pe-riche , de que era Capitão Braz Coelho , pera que chegasse ao rolo do mar , aonde este Mouro costumava chegar algumas vezes a fallar com o Veador da fazenda do Cunhale , que estava na galé , pera o que André Furtado lhe dava licença. E desta vez quiz ver se podia fazer chegar bem á terra o Braz Coelho , pera ver se o podia colher ás mãos , pera que a troco delle lhe

dessem o Veador da fazenda do Cunhale. Bem entendeu o Braz Coelho o animo, e intenção do Mouro, e mandou armar os seus foldados, e pollos encubertos com as arrombadas que trazia feitas; e na proa poz dous muito certos espingardeiros, e poz-se a si no meio delles, e foi remando pera a praia até se pôr no rolo de agua, donde se poz ás práticas com os Mouros, que trabalháram bem com elle pera que chegasse mais, porque tinham cousas de segredo que praticar, e tratar. O Braz Coelho fez que se hia chegando; e dando sinal aos dous, que tinha a par de si, disparáram logo suas espingardas, que foram tão bem empregadas, e encaminhadas, que o Capitão ficou estirado, e o companheiro se recolheu mal ferido. A isto se descobriram os da cilada, e começaram a servir os do periche com muitos tiros, que também lhe respondêram com outros, de que alguns se recolhêram bem escalavrados.

Entendendo o Capitão Mór que a victoria estava mais segura em lhe tirar alguns Mouros da Fortaleza, lá teve manei-ra com que por via dos Naires do Camorim mandava visitar alguns mais principaes, e a voltas disso peças ricas, e curio-sas (que estas sam as chaves inestras com que se abrem todas as portas) e estes sem-pre

pre lhe respondiam, mas não aos presentes, e com isto foi moderando alguns, e fazendo o negocio que pertendia. Andava o Capitão Mór acabando de ajuntar as coufas pera o cerco, que havia de pôr á Fortaleza. E porque desejou de ver por si o sitio, e disposição della á sua vontade, tomou por achaque ir ver o Camorim, e visitallo ao seu arraial, pera o que lhe mandou pedir licença; e elle lhe mandou seus Regedores pera o acompanharem, e partito com elles a par de si, levando por derredor quatrocentos espingardeiros Portuguezes escolhidos entre todos, e estes muito bem armados, e bem trajados, e passou todo aquelle caminho, que era de tres leguas, a pé em corpo com hum bastão na mão, assim á ida, como á vinda, sem mostrar cansaço algum. Nas vistas com o Camorim houve muitos cumprimentos, e praticáram sobre as cousas daquella guerra; e depois reconheceo o Capitão Mór o sitio da Fortaleza, e tranqueiras muito a seu gosto, com o que se tornou muito satisfeito de ter visto o que tanto desejava.

E sendo informado que as mais das noites passavam daquella ponta da arêa algumas embarcações pequenas de Mouros a inquietar a nossa Armada, mandou a Pedro Luiz com a gente dos periches, e al-

guns soldados, pera que se fossem embrenhar naquella parte, que era da do Ariole, pera ver se podia tomar ás mãos alguns delles. E estando alli, chegaram da outra parte algumas embarcações dos Mouros, com o que os nossos Lascarins Malavares se inquietáram; e houve entre elles tão grande reboliço, que foram sentidos, e os Mouros se recolheram, sem mais tornarem alli, e as mais das noites continuáram os nossos com a mesma vigia. E porque não acontecesse naquella parte mais alguma alteração, mandou o Capitão Mór fazer na ponta de arêa daquella parte sobre a barra do inimigo huma tranqueira, que encommendou a André Rodrigues Palhota com quatrocentos soldados, levando consigo o Engenheiro mór, que a traçou, e acabou muito de pressa, que ficava quinhentos passos do baluarte do inimigo, que ficava da outra parte, e nella se poz a artilheria que pareceo necessaria, ficando nella o mesmo André Rodrigues com trezentos homens; e de huma parte, e da outra se ficáram varejando mui arrezoadamente. Tanto que esta tranqueira se acabou, mandou o Capitão Mór passar oito navios ligeiros ao rio por cima da ponta da arêa, com o que ficou senhor do rio; o que os inimigos sentíram muito, porque até

até o peixe , e marisco delle , de que se sustentavam , lhes tolhiam , e entendeo que aquillo era o caminho de sua perdição.

CAPITULO IV.

De como o Camorim tratou de ir a buma festa chamada Mamanga: e donde esta festa teve origem.

ANdando o Capitão Mór preparando as cousas pera pôr cerco á Fortaleza , ainda antes de chegarem os soccorros que dissemos , chegou o tempo em que o Camorim lhe era necessario ir á sua festa de Mamanga , de que nos apontamentos atrás se fez menção , a que por nenhum caso podia faltar ; pera o que mandou recado ao Capitão Mór , e a desculpar-se de ser forçado faltar alli com sua pessoa os dias que durasse ; mas que alli ficava todo o seu poder pera continuar naquella guerra , como estava contratado ; e que em quanto durasse a festa , elle se não descuidaria de mandar dar calor ao cerco ; e com isto lhe mandou pedir o Principe de Tanor , e o seu Regedor Mór Carnaves , que estavam em Cochim postos em refens , como lhe estavam promettidos nos contratos pera os deixar no exercito ; e que em seu lugar daria

ria outrás duas pessoas principaes de seu Reyno. O Capitão Mór se lhe mandou escusar com palavras de muita cortezia, e brandura, assim porque o Çamorim lhe hia faltando com a palavra em muitas cousas concedidas nas capitulações, como porque soube que o Regedor Mór era o que mais sustentava as cousas de Cunhale que todos, por serem grandes amigos; e que quanto mais alongado o tivesse, tanto lhe era melhor pera concluir aquelle negocio. O Çamorim não ficou satisfeito de se lhe negarem aquelles homens; mas dissimulou, como o Capitão Mór o fazia tambem ás suas cousas. E querendo ultimamente partir-se, foi-se despedir do Capitão Mór em quatorze de Janeiro deste anno de seiscentos, em que com o divino favor entramos; e entre elles não houve mais que palavras de cumprimentos, e cortezia; e só lhe disse o Çamorim, que em quanto estivesse ausente lhe entregava o seu exercito, e que nelle podia dispôr, e mandar como sua propria pessoa, porque assim o deixava por ordem a seus Capitães, e que esperava de em sua boa fortuna achar tudo concludo, quando tornasse; e com isto se despedio. E porque nenhum Escriitor nosso tratou desta festa, que he tão antiga, que passa de quinhentos annos que se celebra, pareceo-nos

nos bem fazer huma breve relação de seu princípio , e origem pera maior gosto da historia , e passatempo dos que a lerem.

Esta festa de Mamanga ; que quer dizer festa de desafio , cahe no Malavar de doze em doze annos , e cahio nesta entrada do anno de seiscentos : sua origem foi esta. Morava nos confins do Reyno de Tanor hum Bramene , a quem alevantáram hum falso testemunho , que redundava em detrimento de sua honra , e descredito de sua reigião , de que se houve por tão affrontado , que se partio pera o rio Ganges , que elles tem por santas suas agúas , pera nelle se purificar. Alli jejuou , e fez outras asperissimas penitencias alguns annos , commendando-se a seus idolos , pera que mostrassem por alguma via a pureza de sua innocencia. E assim lhe appareceo hum delles , e lhe disse , que se não entristecesse que elle teria cuidado de sua honra , que se fosse pera sua terra , e que por fim do mez de Fevereiro ajuntasse todas as gentes daquelles Reynos derredor do rio de Tanor , pera diante de todos se mostrar sem culpa : e que pera final disso em tal dia , quando a maré vassasse , deitasse elle na força da corrente o seu livro , e o seu escabello , e que logo entraria o rio Ganges por aquelle rio de Tanor dentro , e contra o curso da

da maré faria tornar o livro, e o escabelo por elle assima á vista de todos, como fingem que o fez, e que foi aquelle espectáculo visto de todos com grande admiração, e o Bramene foi julgado por sem culpa, e foi dalli por diante tido em grande veneração. E este he o dia, que se chama de Mamanga, e que se festeja de então pera cá de doze em doze annos, como dissemos, com o mór concurso de gente, e despezas de ElRey, que todas as mais que Malavares tem, porque pera ella se ajuntam todos os Reys, Senhores, Camais, e infinitos póvos, e duram estas festas vinte e oito dias, em que o Camorim tem sempre muita gente de armas com seus Capitães, que de continuo andam roldando, pera que não haja algum defarranjo, nem brigas, que he cousa ordinaria em grandes ajuntamentos de gente, entre tão grande multidão de póvos, tão differentes como alli se ajuntam; e tambem porque todos estes dias costumam entrar alguns Amoucos por meio deste cardume, e matão os que podem alcançar. O que acontece em satisfação de hum Rey vizinho do Camorim, que o que então governava (que haverá noventa annos) mandou matar; pelo que todos os da obrigação daquelle Rey morto, e de seu pai, e avós se offerecem a morrer

rer por tomarem aquella satisfação, matando alguns vassallos do Çamorim contra quem tem o odio, que os obriga a usarem desta brutalidade: e pera atalhar a isto, tem o Çamorim sempre, em quanto esta festa dura, alli gente de guarnição, que acode a estes Amoucos, como fazem; e todos os annos, que ha esta festa, ficam espedaçados todos aquelles, que commettem esta brutalidade; e este anno, de que agora escrevemos, entráram trinta Amoucos, que logo foram mortos.

Tres dias destes vinte e oito, que estas festas duram, se põe o Çamorim em hum lugar alto á vista de todo o povo com muitos alampadairos de ouro, e prata accezos ao redor de si, e todos os da sua Corte acodem alli vestidos o mais ricamente que podem; e em ElRey apparecendo diante do povo, disparam muita artilheria, e dão grandes salvas, a que elles em sua lingua chamam Cuquiadas, e a ellas lá em cima donde ElRey está se prostra pelo chão diante do povo, e depois se levanta, e em pé faz tres vezes reverencia ao povo, e todos elles lha fazem, e depois d'elle, todos os Reys que se alli acham, fazem a mesma cerimonia ao povo; e acabada ella, entram os Panicaes esgrimidores de ElRey, e jogão das armas com muita

ta destreza, e apòs isto vem todos os vassallos de todas as terras do Camorim, e de dous em dous vam passando, e fazendo sua cortezia a seu Rey, e os maiores, e grandes do Reyno se debruçam todos diante d'elle, e depois passam os alifantes ensinados dos seus Cornacas, que sam os Naires, que tem cuidado delles, e fazem tambem reverencia a ElRey com o joelho no chão. Gasta o Camorim nesta festa duzentos mil fanões em dadas, que sam vinte mil cruzados.

Eis-aqui esta brutalidade sem nenhum fundamento, que lhe seus Bramenes metêram em cabeça, fazendo-lhes crer huma cousa tanto contra a natureza, como he vir o rio Ganges dos Reynos de Bengala mais de trezentas leguas de Tanor, e atravessar todo aquelle Oceano Oriental, e vir entrar por hum rio tanto mais pequeno que elle, que póde sumir-se diante d'elle; e que sahia do mar com a pureza de suas aguas, sem lhas elle mudar, sendo certo que todos os rios do mundo perdem sua natureza em chegando ao mar; e de estas, e de outras abusões semelhantes está cheio todo este Oriente, e assim crê toda esta gentildade nellas, como se as víram passar, porque pera isso não ha outra nenhuma razão, e experiencia mais que dizerem-lho os seus Bramenes.

CAPITULO V.

Das cousas , em que o Capitão Mór proveo pera dar principio ao siti ar aquella Fortaleza.

PArtido o Çamorim pera a sua festa de Mamanga , tratou o Capitão Mór de desimpedir a barra , pela ter o inimigo de novo atravessada com grossos mastos surtos com cadeias de ferro , e grandes ancoras , e alguns pregados sobre estacas mui grossas mettidas com vaivens no fundo da vassa , ou arêa , e nas cabeças assentados aquellos mastos grossos , e pregados com grandes prégos , que tudo ficava mais de hum covado escondido debaixo d'agua. Este negocio encommendou a Luiz Fragofo , e a Luiz de Almeida , e com elles Pero Luiz , e Braz Coelho com seus Lascarins , e marinheiros , que leváram ferradores , e officiaes , que mettidos na agua ferráram os mastos com grande trabalho , e risco de todos pelas muitas bombardadas que sobre elles chovêram , e os leváram á nossa tranqueira , que estava da outra parte na ponta da arêa. Com isto ficou a barra desimpedida , e por ella entrou ao outro dia de noite huma manchua ligeira , de que era Capitão hum João Rodrigues Fialho ,
na-

natural de Cananor, que ao passar de longo do baluarte do inimigo, por onde era o canal, fallou com os Mouros d'elle em lingua Malavar, dizendo que lhe levava alguns provimentos, com o que passou seguro sem lhe atirarem bombardadas. E por se recear o Capitão Mór que pela parte do Camorim lhe entrassem alguns provimentos ao inimigo por via dos Naires, que por dinheiro vendêram suas mulheres, e filhos, mandou a Belchior Ferreira com cem soldados, pera que daquella parte, de que se temia assistisse em guarda, e vigia bem junto ás tranqueiras do inimigo, pera que lhe não entrasse, nem sahisse cousa alguma: e juntamente mandou Antonio de Brito Fogaça, Capitão Mór do soccorro de Cochim, com trezentos homens em segredo, e o Engenheiro Mór fossem pelo rio dentro nas manchuias a fazer huma tranqueira na banda do Ariole, que em breves dias acabou mui bem traçada, que ficou a tiro de falcão fronteira á Fortaleza do inimigo, em que o mesmo Antonio de Brito Fogaça ficou por Capitão com duzentos homens, e lhe prantou algumas peças de artilheria com que fez notavel damno aos inimigos, por lhes descobrir dalli as suas praças, e bazares, e as mais das ruas, e muita parte da povoação. Esta tran-

quei-

queira foi o Capitão Mór ver de longo do rio, e della esteve de novo reconhecendo todas as fortificações daquella parte, e ao voltar visitou o Ariole de Bargare pelo ter propicio, o que elle estimou muito; porque destas visitas que fazia a estes, sempre lhe ficavam em casa algumas peças, no em que elles só trazem os olhos. Vindo delá, mandou a D. Francisco de Sousa com trezentos soldados, e ao Engenheiro Mór com todos os petrechos necessarios pera fazer outra tranqueira junto á de Antonio de Brito Fogaça, mais á borda d'agua, pela outra estar sobre hum tezo, que se fez muito bem ordenada a tiro de espingarda do inimigo, e nella ficou assistindo por Capitão, e dalli fazia grande damno aos Mouros, porque cada dia lhe matava, e feria alguns.

Vendo o Cunhale entrado o rio, e as nossas tranqueiras tão senhoras das suas, mandou fazer outra muito forte na ponta da arêa sobre a barra da sua parte; porque algumas almadias, que tinha despedidas a buscar mantimentos, vindo com elles, esperariam alguns noroestes rijos com que os nossos navios se affastassem da terra, e ellas tivessem lugar pera na escuridão da noite, passando por meio da Armada, irem encalhar naquella parte, como al-

algumas fizeram ; e como os Mouros esperavam por ellas , logo os mantimentos eram levados nos ares , e recolhidos , e as mesmas almadias varadas ao pé do baluarte : e além disto varejavam dalli a nossa tranqueira , que estava da outra parte , e lhes faziam bem de damno. O que visto pelo Capitão Mór , determinou de lha ganhar , e fortificar nella , e encarregou este negocio a André Rodrigues o Palhota , com seiscentos homens divididos em duas partes , e esquadras : huma pera commetter a tranqueira ; e a outra pera ter o soccorro que lhe viesse , mandando ordem a Belchior Ferreira , que assistia da banda do Camorim , pera que com os seus soldados , e os Naires do Camorim commettesse por lá as tranqueiras do inimigo , ao mesmo tempo que por cá dessem , que havia de ser a meio quarto da modorra , noite que era de luar muito claro , porque áquella hora enchia a maré , e os passos por onde os inimigos haviam de acudir , e soccorrer o seu baluarte , estavam cheios de agua , e não se podiam vadear : e ás horas determinadas mandou o Capitão Mór fazer o sinal aos navios , que estavam de fóra , que remettêram com a terra , onde puzeram as proas , e desembarcáram todos , e nos dias seguintes foram D. Fernando de Noronha , e seu

seu irmão D. Christovão de Noronha, e com furor espantoso commettêram as guaritas, e com muita facilidade as ganharam, sendo o primeiro que nellas entrou Luiz de Almeida, e com muito valor foram levando os inimigos de vencida até á tranqueira de madeira, onde já estava Belchior Ferreira com a gente do Camorim, e com a sua a que tinha posto o fogo, e sobre ella pelejaram os nossos muito esforçadamente.

Ouvindo o Cunhale a revolta, sabendo que era de todo entrado dos nossos, acudio em pessoa, e fez voltar os Mouros, que hiam fugindo; e ajuntando outros de outras estancias, os fez passar os alagadiços, assim em almadias, como a nado; e ajuntando-se mais de quinhentos, tornaram a remetter com as guaritas, onde os nossos estavam; e com tanta determinação os commettêram, que houvera da nossa parte grandes desarranjos, se D. Fernando, e D. Christovão de Noronha seu irmão com alguns mais não tiveram o pezo. Aqui esteve o negocio suspenso, e muitos dos nossos mostraram bem todos os quilates de seu valor, obrando grandes cavallerias. E quando os Mouros commettêram da primeira vez os nossos, que os fizeram recolher ás guaritas, Luiz de Almeida se atravessou na porta

ta com huma chuiça nas mãos , e teve o encontro aos inimigos , que commettêram a porta , ficando descoberto , e por barreira ás espingardadas , e frechadas que os inimigos lhe atiravam , de que o Deos nosso Senhor guardou. Em fim , desta feita ficaram os nossos senhores daquellas guaritas , que custaram a vida a João de Seixas Cabreira , valente Capitão , e a Pero de Gois Capitães de navios , e a nove soldados , a fóra quarenta , que ficaram feridos , e dos Mouros morreram mais de seiscientos , além dos feridos , que foram muitos , conforme a huma lembrança que achei de hum curioso , que foi pondo em lembrança todos os successos deste cerco.

Nestas guaritas , ou tranqueiras , que se ganharam , ficou por Capitão D. Fernando de Noronha com trezentos soldados. Belchior Rodrigues com a sua gente , e a do Camorim commettêram (como já dissemos) a tranqueira de madeira , que cortava aquella ponta de arêa da costa brava até ir em fima a fechar no rio , que tinha tres guaritas , em que de ordinario estavam perto de trezentos Mouros , que Belchior Rodrigues logo achou despejadas , porque a gente dellas acudio ao soccorro da tranqueira , que lhe os nossos ganharam : pelo que tiveram tempo de pôr o fogo a huma parte

te della, a que os Mouros acudíram, e a tornáram a renovar, sobre o que tiveram huma grande batalha, como já disse, e com este feito se recolheu o Belchior Rodrigues a suas estancias cheio de venturosos successos. Com isto, e com a falta, que havia na Fortaleza de mantimentos, se abaláram alguns Mouros principaes a se sahirem della com suas familias; o que fizeram a seu salvo da nossa parte, pelo seguro que o Capitão Mór lhes tinha dado a todos os que se quizessem sahir della.

CAPITULO VI.

Do que mais succedeo nas tranqueiras: e dos fortes que o Capitão Mór mandou fazer: e de como ganhou as tranqueiras, e povoação.

SAbendo o Capitão Mór que o inimigo tornára a renovar a tranqueira de madeira, determinou de lha ganhar de todo, porque determinava de entrar naquelle sitio pela tranqueira grande de pedra: e este negocio encommendou a Belchior Rodrigues, e a André Rodrigues Palhota com todos os Lascarins, e gente do Camorim, que commettêram a tranqueira com muita determinação; mas acháram tal resistencia.

cia nos Mouros , que a não pudéram entrar , e foi-lhes forçado recolherem-se com alguns feridos , em que entrou André Rodrigues Palhota , de hum espingardada pela boca , que lhe levou todo hum queixo com nove dentes : e nas mais das cousas , em que este cavalleiro se achou , sempre sahio escalavrado , porque em todas foi dos primeiros , e dos que mais se arriscáram , e melhor pelejáram ; e se houvera de gastar o tempo em seus louvores , pudéra gastar muito , porque sempre mereceo muitos. Deste passo , em que Belchior Rodrigues estava , o mandou o Capitão Mór passar pera outro entre o arraial do Camorim , e tranqueira dos inimigos , onde já da primeira vez esteve ; e no passo que deixou , mandou que ficasse Antonio Pereira Coutinho , que tinha vindo do Norte de socorro elle , e seu irmão André Pereira , cada hum delles em seu navio ás suas custas. E porque determinava de passar a artilheria á parte do Ariole , pera de lá bater a Fortaleza , mandou fazer duas tranquircas : hum a bem defronte do baluarte , que estava em guarda da barra ; e outra no direito desta mais á borda da agua na costa brava pera reparo , e abrigo dos que haviam de desembarcar a artilheria naquella parte , onde logo desembarcou tres peças grossas.

grossas , com que em cinco dias continuos bateo o baluarte do inimigo , e lhe deram com toda a fronteria no chão , deixando caminho largo , e capaz de entrarem por alli os nossos ; e nesta tranqueira , e bateria assistio Antonio Collaço.

Estando as cousas nestes termos , deram ao Capitão Mór cartas do Conde Almirante , em que o advertia que visse o como hia com aquella guerra , e que não ariscasse os homens por assaltos , e que fosse estreitando o cerco até o inimigo se lhe entregar , porque assim ficaria a vitoria mais fermosa ; e com isso outros avisos necessarios , e de Capitão prudente. Com esta carta convocou o Capitão Mór conselho , e lhe mostrou , e pediu lhe dessem todos seus pareceres sobre o que faria , tendo consideração ao tempo , que se hia acabando o verão , e chegando o inverno , e ao estado , em que o inimigo estava ; e que se daquella feita se não concluísse aquelle negocio , temia que ficasse depois o Cunhale com a gloria de se defender dous annos dos nossos ; e que passando dalli , quem seguraria que tornasse o Camorim a ella , e que o Cunhale a poder de muito dinheiro o não trastornasse , e assim ficaria o Estado tendo os inimigos dobrados ; e que por muito cabedal , que depois mettesse , sem ter de sua

parte o Çamórim, não poderia effectuar outra alguma. Sobre estas proposições votaram todos; e depois de muitas altercações, foram os mais de parecer que convinha ao Estado concluir-se aquella guerra o mais depressa que pudesse ser, e que se commettesse o inimigo por assalto, porque a guerra não se fazia sem risco; e que menos mal era morrerem cem homens, que ficar aquelle tyranno em pé, que custaria depois as vidas, e as fazendas a muitos. Que se commettesse o inimigo com todo o poder que alli havia, repartido em tres esquadrões, e por tres partes, porque na Fortaleza não havia poder pera acudir a tanto, e que assim facilmente se levaria nas mãos. Este assento assignáram todos, e se mandou ao Conde Almeirante, que o não approvou, e mandou que se guardasse o que elle tinha mandado, e pelos Mosteiros dos Religiosos que encommendassem aquelle negocio muito a Deos, porque as cousas, que se não registam primeiro com elle, nunca tem bom fim.

Assentado este conselho, determinou o Capitão Mór André Furtado de Mendoça de o pôr em effecto, e pera isso foi visitar todas as tranqueiras da banda do Ariole, e deo ordem a todos os Capitães dellas do como se haviam de haver no dia do assalto.

salto; e assim repartio toda a gente, que seriam dous mil Portuguezes, em tres batalhas: huma tomou pera si; e as duas deo huma a D. Francisco de Sousa, e outra a Antonio de Brito Fogaça; e encommendou a todos que se confessassem, e commungassem, como o fizeram, occupando-se naquella ministerio os Padres Francisco Rodrigues, e Manoel Gaspar, da Companhia de Jesus; e outros Padres de S. Francisco, e S. Domingos, que todos differam Missa, a que todos os soldados, e Capitães commungáram. Andando-se o Capitão Mór preparando pera dar o assalto, chegou o Camorim da sua festa de Mamanga na entrada de Março, e logo o Capitão Mór o foi visitar, e lhe deo conta do estado em que as cousas estavam; e a voltas disso lhe fez muitas queixas de seus Regedores, e Naires, de quem em quanto elle Camorim esteve ausente não recebeu ajuda, nem favor, nem algumas das cousas das que se capituláram, e que elle Camorim lhe deixou a todos tão encommendadas, de que o Camorim mostrou no exterior grande sentimento, que póde ser que o não tivesse no interior, porque era, e sempre fora falso, e fementido, e até então não tinha prosseguido naquella guerra senão pelo que lhe elle relevava, e assim disse muitas cousas

fas ao Capitão Mór, que o entendia muito bem; e assim se despediram hum do outro com muitos cumprimentos.

Tanto que o Camorim veio da sua festa, logo ao outro dia o mandou o Cunhale visitar com muito dinheiro, e peças ricas, e a voltas disso lhe mandou pedir seguro, porque se lhe queria ir entregar; mas com condição que lhe havia de dar a vida a elle, e a todos os que com elle estavam. E isto tratáram com elle os Mouros, que a isso mandou de feição, que lho concedeo o Camorim, e lhe mandou o seguro que lhe pedio; e com elle se sahiram logo da Fortaleza duzentos e sincoenta Mouros, que os Naires do Camorim, e Belchior Rodrigues foram receber, pelo mandar assim ElRey, o que fizeram junto á tranqueira de madeira; e vendo Belchior Rodrigues tão boa occasião, entrou-a, e a queimou toda. E ainda passáram os nossos tanto adiante, que puzeram fogo a todos os navios, e casas, que havia entre huma tranqueira, e outra; e chegando á tranqueira de pedra, acudíram os Mouros, a cuja conta estava a guarda della, e traváram com os nossos huma muito aspera batallia.

Desta revolta se deo recado ao Capitão Mór, que logo com muita pressa acudio a recolher os seus, porque lhe não aconte-

cesse algum defastre; e nesta revolta foi ferido em hum pé de hum estrepe dos muitos que havia ao longo do muro pela banda de fóra. O Camorim não ficou muito gostoso daquelle caso, por ver quanto os nossos queriam levar a couza pelo rigor das armas, desejando elle concluillo pelo modo que tinha concertado com o mesmo Cunhale, pelo muito que lhe tinha dado, e pelo que ainda esperava lhe dêsse. Vendendo o Cunhale aquelle negocio, e a queima da sua tranqueira, navios, e casas, houve que o Camorim o enganava, pelo que tratou de se defender até perder a vida, e pera isso se recolheo na Fortaleza com os Mouros, que lhe pareceo bastavam, pelos poucos mantimentos que tinha.

Aquella noite, que isto aconteece, entraram pela barra dentro dous navios, de que d'hum delles vinha por Capitão D. Manoel de Lacerda, e do outro D. Pedro Coutinho, que se quiz achar naquella guerra, por virtude de huma Provisão, que o Conde Almeirante passou, com parecer da Relação, porque perdoava até certos annos de degredo, que lhe deram por humas brigas que teve em mancebo, por cuja causa ficava inhabilitado pera ir entrar na Fortaleza de Ormuz, com que estava despachado. Quiz-se remir delle com
se

se achar presente naquella guerra, pera que negociou aquelle navio á sua custa, com muitos soldados com que gastou muito: e logo apôs elle começáram a entrar os navios que quizeram, como foram os de Gaspar de Mello, Gonfalo Mendes de Macedo, e Francisco de Macedo, que recebêram muitas bombardadas do baluarte da barra, de que matáram hum soldado ao Gonfalo Mendes.

O Capitão Mór nas dilações do Camorim foi entendendo que hia naquella guerra tão lentamente pelas muitas dadivas que lhe o Cunhale dava, assim a elle, como aos seus Regedores: pelo que se determinou de concluir aquelle negocio, por que se hia gastando o tempo; e desta sua determinação avisou a todos os Capitães, e lhes disse, que havia de commetter o muro de pedra pera por elle entrar no sitio, e plantar suas estancias sobre a Fortaleza, e deo-lhes a ordem, que todos haviam de ter, e repartio suas gentes por esta maneira. A dianteira deo a D. Francisco de Sousa com quatrocentos soldados escolhidos, pera commetter o muro pela parte do levante. André Rodrigues, o Palhota, que não estava bem são, com seiscentos homens pera entrar pela barra, e commetter o baluarte, que estava sobre ella, a que chamam

mam o Branco; e o Capitão Mór com mil e duzentos homens, em que havia a flor da Fidalguia, e soldadesca da Armada, pera commetter o muro pela parte do C,amorim, e logo repartio munições, e fez todas as preparações necessarias.

E aos sete de Março se passou o Capitão Mór á parte do C,amorim, com quem se vio, e lhe deo conta de como estava resolutto em commetter as tranqueiras do Cunnale, e lhe pedio que elle com os seus Naires o seguissem, conforme as capitulações que estavam feitas, e elle por obrigação tinha. O C,amorim vendo aquella determinação do Capitão Mór, respondeo-lhe com muita frieza, que deixasse aquelle negocio pera outro dia, que então faria tudo. André Furtado, sem lhe responder cousa alguma, foi marchando pera as tranqueiras, e chegou á de madeira, que estava queimada. Vendo o C,amorim a sua determinação, foi-o seguindo com seis mil Naires; e chegando a elle, lhe disse, que elle estava alli muito prestes pera cumprir tudo o que lhe tinha promettido; do que o Capitão Mór lhe deo os agradecimentos, e despedio a Pero de Bendanha com alguns soldados, e o Engenheiro Mór a reconhecer a tranqueira de pedra pela parte, por onde a elle queria commetter, o que elle fez.

fez com muito cuidado, e lhe deo particular relação de como estava.

Com isto mandou fazer o final, que tinha dado aos mais Capitães dos outros terços, e a elle arremettêram todos com aquella parede, que não teria mais de oito palmos de altura, mas muito larga: puzeram-lhe os peitos com muita determinação; e o primeiro que subio assim ajudado dos seus, foi o Capitão Mór, e com alguns se poz no releixo; porque hum pouco antes que o muro subisse, se foi estreitando, e fazendo hum parapeito com seteiras, pera dellas jogar a sua arcabuzaria. Tanto que o Capitão Mór se vio em cima, logo o muro se encheo de soldados, e foram demandar os baluartes, e guaritas, que os Mouros despejaram de pressa, e se foram recolhendo pera a Fortaleza com tanta revolta, e desattento, que ao entrar tomou fogo huma pouca de polvora, que alli tinham, que abrazou hum grande número de Mouros. D. Francisco de Sousa, e André Rodrigues Palhota commettêram os baluartes, que lhes foram encomendados, e com a mesma facilidade os entraram, e ganharam. Com o que os nossos foram senhores de tudo o que havia da Fortaleza pera fóra, e logo deram fogo á povoação, e bazares, donde já os Mouros tinham recolhido tudo o que havia.

Tan-

Tanto que o Camorim vio tudo ganhado, deixou-se ficar em hum dos baluartes do muro, e com muita pressa mandou derribar todo o muro pelo chão, o que se fez em brevissimo espaço, por ter mais de quarenta mil Naires. E quando André Furtado se foi recolhendo do baluarte de sobre a barra, achou feita aquella ruina até os alicerces; e bem entendeu que se fizera por se elle não fortificar alli, com o que ficaria tendo pouca necessidade d'elle, e de sua gente; e elle queria que sempre o Capitão Mór dependesse de sua ajuda, e favor. Os nossos soldados ordinarios, e os Naires começaram a cavar as casas, em que acháram cousas de pouco momento; e sobre ellas começou a haver algumas desordens entre huns, e outros; ao que mandou acudir o Capitão Mór com grandes penas, que nenhum Portuguez cavasse as casas, e que deixassem aos Naires rabiscar essa pouquidade que havia.

CAPITULO VII.

De como o Capitão Mór prantou sua artilheria sobre a Fortaleza: e das desconfianças que houve da parte do Camorim.

VENDO-se o Capitão Mór senhor da povoação, tomou pera sua estancia o baluarte da barra; e a André Rodrigues Palhota mandou que assistisse com quinhentos homens na Mesquita junto da Fortaleza, que o anno passado se tinha queimado, onde fez huma tranqueira pera sua segurança, e de dia, e de noite estavam com as armas nas mãos; porque foi o Capitão Mór avisado que os Mouros desesperados determinavam sair da Fortaleza, e darem nos nossos, e morrerem como amoucos. Aqui nesta tranqueira houve sempre trabalho, por ser muito perseguida da artilheria, e arcabuzaria da Fortaleza, de que lhes feriram alguns soldados. A D. Francisco de Sousa com o seu terço encommendou, que fizesse sua estancia no baluarte, que estava na guarda da porta da Fortaleza de pedra, que só ficou em pé; e em todos os mais lugares necessarios poz presidios, do que o Camorim se tomou muito, porque lhe disseram os Naires que senhorear-se

se o Capitão Mór de tudo era final que se queria apossar da Fortaleza, e não cumprir o que estava capitulado entre elles. E tantas cousas lhe disseram sobre isto, que foi logo ao Capitão Mór ao baluarte de sobre a barra, que tinha já rodeado de hum valo forte, por lhe ficar mais capaz: e nas práticas que tiveram, lhe disse o Camorim, que lhe não parecia bem ver a diligencia com que se fortificava em todas as partes, porque dava a entender ser aquella prevenção mais a respeito d'elle Camorim, que não do Cunhale, que já estava encurralado na Fortaleza, donde não podia sair, que lhe affirmava que não havia de consentir tal: e logo os Naires começaram a derrubar os valos, e querem-no fazer ao mesmo baluarte.

André Furtado ficou hum pouco suspenso naquella materia; mas logo tomou as armas com a soldadesca que tinha, e acudio a affastar os Naires da obra em que estavam, como fez: e acudindo tambem o Camorim, lhe disse o Capitão Mór pelo Padre Francisco Rodrigues, que fortificar-se elle era obrigação de todo o Capitão, que o não fazia senão por ter os seus soldados recolhidos em seus presidios, assim porque os inimigos se lhe não pudessem sair por alguma parte vasia, como por se não des-

desmandarem, e terem algumas differenças com os seus Naires, que elle sentiria muito, porque sua tenção era servillo em tudo, e não enojallo. O Camorim já mais brando lhe disse, que lhe parecia bem; mas que lhe dêsse hum daquelles baluartes pera se elle fortificar nelle. Do que se o Capitão Mór escusou com lhe dizer, que sem licença do Conde da Vidigueira Viso-Rey lho não podia consentir; porque tanto que ganhára aquelles fortes, já ficava obrigado a elles como por menagem: que se fiasse elle Camorim delle, que em tudo o que nas capitulações lhe tinha promettido, lhe havia de cumprir muito a seu gosto.

O Camorim ficou daquillo muito apaixonado; e sem replicar, voltou, e se foi metter no baluarte, em que estava D. Francisco de Sousa, e disse-lhe que queria estar alli como seu soldado; do que D. Francisco avisou o Capitão Mór, que o mandou recolher, e que deixasse nelle o Camorim, que mandou dizer a André Furta-do, que os Naires do seu Reyno tinham mais de quatrocentos Mouros pera fazerem outro Cunhale, e lançar de suas terras quem lhe parecesse, que havia de estar em alguma parte dellas contra sua vontade, e gosto. Vendo o Capitão Mór aquelle despropósito de ElRey, lhe mandou re-
spon-

sponder, que elle em vinte e quatro horas conquistára, e senhoreára com menos gente da que então tinha, Reynos, e Reys, e que depuzera huns, e alevantára outros; e que lhe sería muito facil fazer-lhe outro tanto a elle, pois se queria alterar, e mostrar defarrazado sem causa. O Padre Francisco Rodrigues, que era o Interprete destas cousas, me disseram os Padres da Companhia, que não quizera dizellas ao Camorim tão cruas, e seccas, como lho elle mandava dizer, e assim com sua prudencia foi temperando o Camorim, e tendo mão nas cousas, porque via que se se desconcertassem, se perderia aquella jornada. E todavia o Camorim mandou chamar os Mouros, que tinha em Panane, e toda a mais gente, que trazia em campo contra ElRey de Cochim, em favor do Caimal da Curugeira, a quem aquelle Rey fazia crua guerra, só a fim de divertir o Camorim das cousas do Cunhale contra o que tinha promettido ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes.

Desta tenção do Camorim foi André Furtado avisado, e despedio hum catur ligeiro com cartas a ElRey de Cochim, em que o avisava da determinação do Camorim, pedindo-lhe que se a gente, que lá trazia, fizesse mudança de si, lhe mandasse dar

dar nas costas, e os desbarataſſe, e ſenhorealle a Curugeira como deſejava, porque elle iria tambem dando no Camorim, e o desbarataria.

Parecia certo neſtes deſconcertos, que andava o demonio deſenfreadamente mettido neſtas couſas, pera eſtorvar hum negocio de tanta importancia ao Eſtado da India; porque o Camorim, que foi ſabedor da carta de André Furtado, eſteve pera romper de todo com elle; mas o Padre Francisco Rodrigues o foi ſempre moderando, e tendo mão em ſua paixão, e divertindo-o della, fazendo niſſo todos os officios, que lhe parecêram neceſſarios, pera que ſe não levaſſe mão daquelle negocio, que eſtava em muito bom eſtado.

O Capitão Mór como conhecia a variedade deſte Rey, e ſabia que o Cunhale havia de trabalhar por ſe remir com todo o dinheiro que tiveſſe, não quiz ficar nas mãos da mudança daquelles homens, mandou logo fabricar huma forte tranqueira ao redor daquelle baluarte, em que eſtava, onde não deixou entrar Naire algum, e o meſmo mandou fazer nas mais eſtancias, que tinha na meſquita pera ſegurar aquella jornada, porque mais ſe ficou receando do Camorim, que do Cunhale, e todos os mais preſidios recolheu a ſi; dando-lhe or-

ordem que em sentindo alguma alteração, dessem nos Naires como em inimigos. O Camorim tanto que vio recolher o Capitão Mór a si toda a soldadesca, que estava no baluarte da tranqueira de pedra, o mandou logo derrubar, porque os nossos se não tornassem a fortificar nelle.

Neste mesmo dia que isto succedeo, que foi aos dez de Março, entrou pela barra a barcaça, e foi surgir cento e sincoenta passos da Fortaleza, que começou a bater com dous basiliscos, que lhe derribáram hum lanço do muro: e delle lhe responderam tambem com tiros tão certos, que pelos escotilhões lhe entráram pelouros, que com as rachas que fizeram na barcaça, feríram o Capitão della Luiz Fragofo, e matárão dous soldados.

E tornando ao Padre Francisco Rodrigues, lá moderou o Camorim de feição, que mandou dizer a André Furtado de Mendoga, que o queria ir ver, o que elle estimou muito; e tendo vigia em quando se abalava, se sahio do forte com toda a soldadesca posta em armas, em fôrma de Lua, ficando elle em pé na porta. O Camorim chegou a elle com hum a alegria fingida, e se deram as mãos em final de amizade; e mandou-lhe dizer que fizesse o que quizesse, e o que lhe melhor parecesse, pera
se

se dar fim áquella empreza, que delle fiava tudo, e que cessassem as paixões. André Furtado lhe respondeo com palavras mui brandas, e cortezes, que elle não havia de fazer mais que o que sua Alteza lhe mandasse, e que seguiria sua ordem, por que assim lho tinha mandado o Conde Viso-Rey. Com isto se despedio o Camorim mais leve, e defassombrado; e ao apartar-se, lhe deram os nossos a mais fermosa salva de arcabuzaria, que alli se vio, de que elle, e os Naires se foram bem atemorizados.

Esta noite seguinte se foi dando bateria á Fortaleza, assim da barçaça, como das estancias, que estavam em terra com muito terror, e na força della se foram offerecer ao Capitão Mór Luiz de Almeida, João Aranha, André Coelho, André Simões, Salvador Mendes, Pero Jaques, hum João Teixeira de Vasconcellos, e outros pera irem queimar hum vela de Cotonia com que foram tapando hum pedaço do muro, que lhe foi cahindo, que lhe elle deo. E indo-se chegando ao muro com lanças de fogo, começou de cima a chover sobre elles cardumes de pedradas, fréchadas, e espingardadas, a pezar do que chegaram estes valerosos soldados ás vélas, por quem o Luiz de Almeida metteo hum lança de fo-

fogo, que toda se desfez dentro, e accendeo huma grande labareda, que metteo a todos os da Fortaleza em revolta; e com muitos gritos, e alaridos acudíram áquella parte, cuidando que eram entrados, ficando alguns Mouros abrazados; e os nossos se recolhêram a seu salvo, tirando sómente Luiz de Almeida, que ficou queimado na mão esquerda.

CAPITULO VIII.

De como o Cunhale se entregou ao Camorim: e de outras cousas que succedêram.

A Bateria se foi continuando sem cessar hum momento de modo, que não dava lugar aos inimigos reformarem as ruínas. E o Cunhale estava em tal estado, que por de todo lhe faltarem mantimentos, se veio a valer de grande montaria de ratos mui grandes, que salgou em jarras, com que se hia entretendo: e apertou a necessidade tanto com todos, que se affirma que chegaram a estado de comerem os mortos. Em fim, chegaram a tão extrema necessidade de mantimentos, que mandáram os principaes pedir seguro ao Camorim para se passarem a elle, que lhe mandou; e apresentados diante d'elle, lhe disseram da

parte do Cunhale , que lhe pedia muito houvesse delle misericordia , que se lhe queria entregar , promettendo-lhe a vida a elle , e aos que com elle estavam ; o que lhe elle concedeo , e lhe passou pera isso suas Ollas. Este negocio mandou o Camorim communicar com o Capitão Mór , pedindo-lhe que o houvesse assim por bem , que elle lhe promettia de lhe entregar Cunhale vivo , e alguns de seus Capitães. Elle lhe mandou dizer , que fizesse Sua Alteza o que quizesse , que elle era de tudo muito contente. Com esta resposta do Capitão Mór concedeo o Camorim treguas ao Cunhale por dous dias , pera nelles tratar de sua entrega. E temendo o Capitão Mór que nos dias das treguas se sumisse o Cunhale , e seus Capitães , por ordem do Camorim mandou Diogo Moniz Barreto com trezentos soldados , pera que fosse fazer hum tranqueira da banda do Norte perto da Fortaleza , e á borda do rio , e ficasse nella com grandes vigias , pera que por aquella parte não sahisse alguém da Fortaleza. Os dias das treguas hiam-se acabando , e o Cunhale não se entregava , do que o Capitão Mór teve má suspeita , porque reccava que o Camorim a poder de dinheiro dêsse desvio a todos os que estavam na Fortaleza , pera não virem a mãos do Capitão Mór.

Pe-

Pelo que mandou dizer ao Camorim, que concluisse com aquelle negocio, que era já tempo, senão que commetteria a Fortaleza, e a escalaria, e passaria todos os que nella achasse á espada. A isto lhe mandou o Camorim responder, que não tinha concluido aquelle negocio, porque via os seus soldados tão inquietos, que temia que houvesse na entrega alguma desordem com os seus Naires.

Mas logo assentou o Camorim com o Cunhale, que ao outro dia se entregasse, que eram dezeseis de Março; e mandou pera isso recado ao Capitão Mór, que se foi chegando com toda a sua soldadesca pera a tranqueira, em que estava Antonio Pereira Coutinho junto da Fortaleza na mesquita, onde primeiro esteve D. Francisco de Sousa, aonde o Camorim tambem se foi com todo o seu poder; e o Capitão Mór deitou os seus soldados mui bem ordenados da parte do Ponente, e o Camorim ficou da do Levante, deixando entre hum, e outro exercito hum caminho largo, pera o que se derribou hum pedaço daquelle tranqueira; e ao tempo que o Cunhale havia de sair da Fortaleza, mandou o Capitão Mór a Antonio Pereira Coutinho com quarenta soldados, e o Camorim hum Regedor com outros tantos Naires pera irem

re-

receber o Cunhale á porta da Fortaleza. O Camorim estava de todo desconfiado, porque temia que ao sair o Cunhale entrassem os nossos na Fortaleza (que era o em que elle tinha o olho) e a saqueassem, que era o porque dilaton alguma cousa aquelle negocio. André Furtado de Mendouça, que o entendeo bem, lhe mandou dizer que acabasse já com suas dilações, senão que entraria a Fortaleza por força, e tomaria o Cunhale. Vendo o Camorim esta resolução, mandou-lhe dizer que se não apaixonasse, que logo se faria tudo.

Dalli a pouco começaram a sair da Fortaleza os Mouros, que seriam quatrocentos, muitos delles feridos, e queimados, e logo as mulheres, e meninos tão debilitados todos, que pareciam defuntos, a quem o Camorim disse que se fossem pera onde quizessem. Por derradeiro sahio o Cunhale com huma touca preta, e a espada na mão com a ponta pera baixo. Seria a este tempo homem de sincoenta annos, meão de corpo, refeito, e espadado: vinha no meio de tres Mouros principaes. Hum delles era Chinale, casta China, que fora creado em Malaca, e dizem que cativo de hum Portuguez, que em moço foi cativo em huma fusta, e levado a Cunhale, que se affeiçoou tanto a elle, que se

se lhe entregou todo. Foi o mór professor da feita dos Mouros, e inimigo dos Chri-
stãos que todos os do Malavar; porque pe-
ra os que cativavam no mar, que logo eram
levados alli, inventava os mais exquisitos
generos de tormentos que se víram, com
que os martyrizava.

O Cunhale foi-se direito ao Camorim,
e lhe entregou a espada em sinal de ren-
dido, e se lhe debruçou aos pés com mui-
ta humildade. Dizem alguns que pelo que
lhe tinha promettido de lhe dar a vida,
tinha mandado dizer em segredo ao Capi-
tão Mór, que ao tempo que o Cunhale se
lhe entregasse, lançasse mão d'elle, como
que lhe fazia força pera sua satisfação; o
que o Capitão Mór fez. Porque tendo-o
o Camorim comfigo, se chegou André Fur-
tado de Mendoça, e o tomou por hum
braço, e puxou por elle pera fóra, e a es-
te ferrar d'elle deo hum solavanco muy gran-
de por se soltar; e como isto era á borda
de hum cava, esteve o Capitão Mór ar-
riscado a cahir nella, se o não tivera por
hum braço o Padre Fr. Diogo Homem,
Religioso da Ordem do Glorioso Padre S.
Francisco, que estava junto d'elle de hum
parte, e da outra Diogo Moniz Barreto,
que foi cahindo na cava, e esfolou toda
hum perna. A isto se alevantou hum re-
bo-

bolicho entre os Naires com que muitos dos nossos se desordenáram , ficando o Capitão Mór com poucos , que se puzeram diante dos Naires , e lhe tiveram o encontro. Mas logo o Camorim mandou que cessasse o rebolicho , e não bullissem comfigo. E nesta revolta hia já o Chinale fugindo , e com elle Cotiale , sobrinho do Cunhale , se os nossos soldados os não víram , que lançáram mão delles , e os leváram ao Capitão Mór , que estava afferrado no Cunhale , que entregou a Antonio Pereira Coutinho , pera com os outros os levar á sua estancia , que era o baluarte de sobre a barra , que o levou por hum braço , e Luiz de Almeida por outro , e com huma boa companhia de soldados de guarda.

Feito isto , tomou o Capitão Mór o Camorim pela mão , e entrou com elle na Fortaleza , e lhe disse , que elle em nome de ElRey de Portugal , e do Conde Almirante Viso-Rey lhe concedia tudo o que havia dalli pera dentro , tirando a artilheria , que se havia de partir pelo meio , como estava assentado : que elle o deixava de posse de tudo ; e chamando os Capitães com seus soldados , sahio-se pera fóra. E no terreiro vio estar hum Padre com hum Crucifixo levantado ; e em o vendo , se prostrou pelo chão diante delle com os olhos arrazados ,
e

e banhados em lagrimas , e lhe deo muitas graças por aquella mercê que lhe fizera , com palavras de muito bom , e catholico Christão , e reconhecido de tamanhos beneficios , como tinha recebido daquelle Senhor. E porque os soldados eltavam alterados por lhes não darem quinhão no sacco da Fortaleza , os foi o Capitão Mór quietando com muitas promessas que lhes fez. E deixando o Camorim no seu sacco , e despojo , se foi recolhendo pera o baluarte , onde achou o Cunhale tão triste , como homem que de esperanças de Rey o puzera a fortuna na miseria , e desventura de cativo. Elle em vendo o Capitão Mór se lhe humilhou , e elle o alevantou , e consolou com palavras muito honradas , e lhe mandou alli lançar duas pontas de cadeia em hum pé ; e ao sobrinho , e Chinale outras duas , e os mandou pera a galé , mandando a seus criados que o servissem como a sua propria pessoa.

Aquelle dia gastou o Capitão Mór em armar muitos cavalleiros , e o Camorim em despejar a Fortaleza de tudo o que nella achou , que ainda montou huma muito arrazoada quantidade de fazenda , posto que não houve dinheiro , nem pedraria. E presumio-se que passára seu thesouro , que era grande , ao rio de Tremapatão a mãos de

de parentes que alli tinha, em que todo se fumio. A artilheria se tirou da Fortaleza, e se partio pelo meio, e a que coube ao Estado mandou o Capitão Mór embarcar nas galés.

Vendo o Camorim a liberalidade de que o Capitão Mór usou com elle em lhe dar todo o recheio da Fortaleza, por se lhe mostrar agradecido, mandou-lhe entregar quarenta Mouros dos mais honrados de Cunhale, que depois morreram todos em Goa no tronco por ordem do Conde Viso-Rey; e porque se fazia tempo de se partir pera Goa, mandou o Capitão Mór derribar toda a Fortaleza, sem lhe ficar pedra sobre pedra; e á povoação, bazares, e mesquitas mandou pôr fogo, deixando tudo o que alli foi escondido debaixo das cinzas. Tudo isto aconteceu aos vinte e dous de Março.

Certo que não sei qual foi a razão, por que estando concedido no contrato das pazes, que daria o Camorim lugar pera se fazer Fortaleza no porto de Calecut, se não pedio antes neste rio do Cunhale, e esta que estava já feita, e mui bem acabada, pera onde, segundo o parecer de alguns, se havia de mudar a fábrica da de Cananor; porque não sei que fundamento se teve em se fazer, onde não ha porto,
nem

nem recolhimento , mais que huma bahia
 somente , e esta desabrigada , e sem couza ,
 onde se possam recolher nossas Armadas
 em huma tormenta , nem lugar pera pode-
 rem invernar , varadas sem risco de as quei-
 marem , como fizeram algumas vezes a al-
 guns navios. E neste rio de Cunhale ha tu-
 do isto , por ser capaz de entrarem nelle
 vinte galés , e onde póde invernar toda hu-
 ma Armada do Malavar mui bem accom-
 modada ; e aqui o ficariam melhor os ca-
 sados , por terem lugar mais estendido que
 em Cananor , pera fazerem seus palmares ,
 e suas hortas. E o Viso-Rey Ruy Louren-
 ço de Tavora me disse ha poucos dias ,
 que ElRey mandava que se fizesse huma
 Fortaleza no Malavar , pedindo-me que lhe
 dissesse onde sería melhor , lhe disse isto
 mesmo que neste rio ; mas que se havia de
 desfazer a de Cananor. O respeito por que
 se fez , foi pela carga , que se dava ás pri-
 meiras Armadas de gengivre , e de algu-
 ma pimenta. Isto cessou ; porque ha já tan-
 to disto pelos portos do Canará , que po-
 dem carregar nelles todas as náos que vem
 do Reyno. Mas pera estarem tão mal pro-
 vidas , como as do Canará , e Cananor , me-
 lhor , e mais honrado estado será não nas
 haver , que terem-nas a risco de as toma-
 rem os vizinhos cada vez que quizerem ,
 que

que será huma affronta muito grande. Toquei isto assim de passagem, por me cahir a proposito; e bem he praticar de tudo pera se lançar mão do que melhor parecer, e pera se advertir no que tanto convem, como he a reformação das Fortalezas da India.

CAPITULO IX.

Do que mais passou o Capitão Mór André Furtado de Mendoça com o Çamorim, e se partio pera Goa: e do que lhe succedeo com o Conde Almeirante Viso-Rey.

CONcluido aquelle negocio do Cunha-le, os Capitães das Armadas, que alli foram de soccorro, pedíram licença a André Furtado pera se irem, pois não havia já que fazer, e elles estarem faltos de tudo, que lhe elle deo, tendo com todos grandes cumprimentos, e palavras de agradecimentos. E ás Cidades, e Capitães dellas escreveo cartas do mesino, e assim se partíram huns pera o Norte, e outros pera o Sul. E despedio D. Fernando de Noronha com huma galé, e seis navios pera ir dar guarda a tudo o que hia até Cochim, e ás barçaças que já não podiam ir pera Goa, e de lá passar ao Cabo do Çamorim a recolher as náos da China, Malaca, Ma-

luco , e Bengala , e as cafilas da costa de Choromandel ; o que tudo fez com muito cuidado , e diligencia de modo , que tudo poz em Cochim a seu tempo seguramente. E pera a costa do Canará despedio por Capitão Mór a D. Francisco de Sousa com a sua galé , e outros sinco , ou seis navios , pera recolher aquellas cafilas de mantimentos , e levalllos a Goa , o que tudo fez muito bem. E querendo ultimamente partir-se pera Goa , foi-se ver com o Çamorim , e a despedir-se delle , e entre ambos elles se passaram grandes cumprimentos , e offerecimentos , e o Çamorim lhe mandou passar em huma lamina de ouro algumas coufas que lhe prometteo , que eram as seguintes.

Obrigou-se por si , e seus successores , que em quanto o Sol , e a Lua allumiassem o mundo , teriam sempre paz , e amizade firme com o Estado da India.

Obrigou-se mais , que por espaço de vinte annos se não tornaria a povoar aquelle sitio de nação alguma ; e de Mouros nunca , e que nunca mais se tornaria a levantar Fortaleza.

Obrigou-se mais , que a todo o tempo que naquelle rio entrassem navios de cofairos , sería o Ariole obrigado aos entregar a qualquer Capitão de ElRey de Portugal , que andasse por aquella costa. Com
is-

isto se despediram, e o Camorim mandou embarcar em sua companhia seus Embaixadores, com os capitulos das pazes pera o Conde Viso-Rey as jurar. E aos vinte e cinco de Março a hum sabbado se fez o Capitão Mór á véla, e ao outro dia chegou a Cananor, determinado em não passar dalli, por ser semana de Endoenças; e ao desembarcar foi recebido do Capitão, e povo, e lhe fizeram as festas que a Fortaleza podia dar de si; e allí se confessou elle, e todos os mais da Armada.

Aqui lhe deram cartas do Conde Almeida, em que lhe mandava os agradecimentos da vitoria, que o Conde festejou muito em Goa: e tambem lhe pedia que com toda a Armada que tinha voltasse a Coulão, e desfizesse huma Fortaleza, que o Rey de Travancor lha fazendo vizinha á nossa, por ser affronta do Estado dissimular com ella. André Furtado de Mendoga ajuntou os Capitães logo a conselho, e nelle leu a carta do Viso-Rey, e sobre isso propoz o que convinha ao serviço de ElRey naquelle negocio; e votando todos, disseram, que estavam quebrantados da guerra, e faltos de tudo, e que ao presente não estavam pera novos gastos, e trabalhos. Quanto mais que o tempo era gastado, e que não podia aquella Armada tor-
nar

nar a invernar a Goa; e que se tornasse, seria já tão tarde, que viriam arriscados a se perderem. E vendo elle que todos tinham razão, e justiça, deo á vêla pera Goa, e de caminho foi visitando, e provendo as Fortalezas do Canará, e arrecadando daquelles vassallos as pareas que deviam, e recolheo as casilas, que alli achou carregando de arroz. E aos onze de Abril deste anno de seiscentos chegou á barra de Goa, donde escreveo ao Conde Almeirante de sua chegada, e lhe mandou o assento do Conselho, que se tomou sobre tornar a Coullão, como lhe escrevêra. Mas que por cima de tudo estava prestes pera voltar áquelle negocio, provendo-lhe a Armada, que trazia desbaratada, e falta de tudo, e se offerecia a ir invernar naquella Fortaleza de Coullão, e desfazer a que o Rey de Travancor fazia, como fez á de Cunhale, tudo pela boa ventura d'elle Viso-Rey. A isto lhe respondeo o Conde Almeirante que entrasse embora, porque já não havia tempo pera nada, que lá lhe ficaria outro peço para fazer tudo, e que descansasse em Pangim, até se lhe apparelharem as festas, que tinha mandado á Cidade lhe fizessem.

Parecendo á Cidade que tinha obrigação fazer a este Capitão algumas honras pelas boas venturas que lhe Deos dera na

vitoria que alcançou contra aquelle cossairo, de que resultou tanta honra, e proveito ao Estado da India, deram de tudo isto conta ao Conde Almceirante, que lhe disse que era bem fazerem-se-lhe festas. Com isto mandáram os Vereadores visitar a André Furtado, e dar-lhe os parabens de sua vinda, e pedir-lhe juntamente que se detivesse em Pangim, onde estava, tres, ou quatro dias, em quanto se preparavam as festas, pera o receberem, por lhe ser tudo o que se lhe pudesse fazer muito menos do que merecia; porque todos confessavam que libertára o Estado, que tão opprimido, e derribado o trazia aquelle cossairo com suas Armadas. André Furtado lhe agradeceo aquella vontade, e que por lha fazer esperaria os dias que lhe pediam: e assim tanto que tiveram tudo preparado, o mandáram avisar.

Sabendo o Conde Viso-Rey que hia o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes a Pangim visitar André Furtado; e porque soube que determinava trazer diante de si Cunhale, encarregou ao Arcebispo lhe dissesse que não convinha; e que todos os Capitães antigos que naquelle Estado cativáram grandes Capitães, os mandáram sempre da barra antes de entrarem; e havia poucos dias fizera o mesmo Thomé de Souza

la Coutinho a Miralibeque, Turco de nação, de quatro galés, que lhe tomou em Mombaga; e André Furtado respondeo que o traria até o caes, e dalli o levasssem para o tronco. E por isto estar concertado desta maneira, veio a Armada entrando toda embandeirada, acompanhada de outras muitas embarcações, que acudiram da Cidade, e de Bardés mui enramadas, com o que o rio ficou quasi entulhado; e por elle dentro se vieram desfazendo com bombardadas, e grandes estrondos de instrumentos bélicos, e alegres, de tambores, pifaros, charamellas, e trombetas. E antes de surgirem no caes defronte dos aposentos do Viso-Rey (donde até á Sé, onde haviam de ir em procissão dar graças a nosso Senhor pela mercê, que lhe fizera da vitoria, que alcançou do Cunhale, tinha a Cidade tudo cuberto de arvores, e ramos verdes, e á porta da Cidade estavam os Vereadores, e o Arcebispo esperando por elle) se adiantou hum dos navios da Armada, em que vinha hum criado de André Furtado, que por sua ordem lançou no caes quatro, ou sinco Mouros, que os rapazes logo matáram ás pedradas, sem toda a justiça que alli estava lhe poder valer. E ficou o povo com isto tão alterado, que temeo o Conde Viso-Rey que houvesse

se huma grande desordem; e por isso mandou pelo Licenceado Lisuarte Caeiro da Gram, que servia de Ouvidor Geral do Crime, dizer a André Furtado que com a desordem que fizera o seu criado em lançar os Mouros na praia se alterára tanto o povo, que temia houvesse alguma grande desordem com a vista do Cunhale: pelo que lhe pedia houvesse por bem deixallo na galé entregue ao Ouvidor Geral, pera, como elle passasse pera a Sé, o levar ao tronco. Ao que André Furtado replicou. E o Ouvidor Geral foi tão pouco corteção, que sem tornar ao Viso-Rey com a resposta, que lhe André Furtado deo, insistio em cumprir a ordem que lhe dera, de que resultou ir-se André Furtado pera a Madre de Deos. Sabendo o Conde a occasião da sua ida, mandou logo chamar o Ouvidor Geral, e perante muitos Fidalgos velhos, e graves lhe perguntou o que passára com André Furtado; e contando-lhe o que ficado, o reprehendeo o Viso-Rey mui asperamente, porque lhe não viera com recado; e pois sabia tão pouco que arriscava hum homem de tantos merecimentos, e que sua Magestade estimava muito, que puzesse a vara; e se fosse suspenso pera sua casa, onde o teve dous mezes. E se lhe tornou a vara, foi por André Furtado perseverar em seu

seu arrufo, e não se querer reduzir, tendo o Viso-Rey com elle muitas satisfações pelo Arcebispo, e por João Rodrigues de Torres, Veador da Fazenda, e outras pessoas de authoridade.

E considerando o Conde Viso-Rey os merecimentos deste Fidalgo, dissimulou a pouca ponderação com que commetteo a da, que fez pera a Madre de Deos, sem lhe fallar, nem dar conta do succedido na jornada: entendeo-se imaginára, ainda que com pouca razão, que o Viso-Rey pelo desgostar não quizera que levasse Cunha-le diante de si na procissão com que o estavam esperando; inormente fazendo o Viso-Rey tantas demonstraões, como foi suspender o Ouvidor Geral, e mandar-lhe dizer por vezes, que lhe daria todas as satisfações que delle quizesse. E nem este seu termo foi parte pera o Conde deixar de escrever muitos louvores delle a sua Magestade, sem lhe fallar no que usou neste arrufo sem bastante fundamento.

Eis-aqui hum espectaculo do mundo, e hum espelho, em que se haviam de ver todos os que a fortuna alevantasse a grandes honras pera se temerem, e recearem seus revêzes, e trazerem aquella sentença da Sabedoria escrita na alma, que diz, que o pezar occupa os extremos da alegria.

E assim vereis que nunca o mundo dá hum gosto , que logo junto d'elle não dê outro desgosto , que ainda que seja pequeno , dá mór pena , do que dá de gosto o contentamento , por grande que seja. E porque Filippe , pai de Alexandre , entendia isto como prudente que era , dando-lhe hum dia tres novas boas juntas , poz os olhos no Ceo , e fallando com seus deoses , disse: *Peco-vos , deoses , que permittais que o revés destas novas não seja igual a ellas , se não tão moderado , que possa eu com elle.* E deixando isto , a mim me affirmáram que estiveram os soldados quasi determinados a deitar o Ouvidor Geral ao mar : a esta alteração dos soldados acudio André Furzado , que os entendeu , e os quietou , e apazigou , deixando-lhe a paixão pera isto lugar. O povo todo sentio isto muito pelo grande alvoroço com que esperavam este Capitão : e o Arcebispo , e Cidade se recolhêram enfadados , e com grande desgosto de desarmar em vão o gosto , com que o vinham esperar , e logo os rapazes desfizeram tudo , e deram com os ramos pelo chão. O Ouvidor Geral levou o Cunhale ao tronco , e os mais Mouros que vinham com elle ; e os Embaixadores do Camorim foram desembarcados , e muito bem agasalhados ; e depois os ovio o Conde , e

lhes

lhes fez muitas honras, e jurou as pazes, e logo os despedio pera suas terras nos periches, que mandou invernar a Cananor, e lhes deo muitas peças, e ao Camorim mandou muitos agradecimentos de sua perseverança, e trabalho, que teve naquella jornada.

CAPITULO X.

Da procissão que o Conde fez em fazimento de graças a Deos nosso Senhor pela vitoria que alcançou do Cunhale.

Tanto que o Conde Viso-Rey convaleceo da grande enfermidade que teve em todo o inverno, quando André Furtado chegou a Goa, ordenou huma procissão, pera dar graças a nosso Senhor pela vitoria que alcançára por seus Capitães de Cunhale Marcá, que se fez da Sé a S. Domingos com toda a solemnidade possível; e antes de sahir da Sé, offereceo o Conde huma peça de borcado, e quinhentos Xerafins pera os feitios, e guarnições de hum ornamento, que della mandava fazer. E passando a procissão pela Misericordia, entrou dentro o Conde, e offereceo mil Xerafins em dinheiro pera casamento de orfãos, que logo se casáram, e em S. Domin-

gos

gos offereceo duzentos Xerafins pera hum
ma peça da Sacristia ; e todas estas of-
fertas fez o Conde de sua propria fazen-
da, imitando nellas os famolos, e valero-
fos Capitães Affonso de Albuquerque, e
D. João de Castro, que assim o costumáram
fazer, quando lhes Deos nosso Senhor con-
cedia alguma vitoria. E passou hum Pro-
visão ao Cabido da Sé de Goa de cento
e sincoenta Xerafins em cada hum anno,
com obrigação de festejarem com Vesperas,
e Missa cantada dos Anjos, de que o Con-
de era devoto, todos os annos o dia, em
que se alcançou esta vitoria, e que iriam
em procissão a S. Domingos. E no anno
de 610. alcançou o dito Conde, sendo Pre-
sidente do Conselho da India, confirmação
desta mercê de Sua Magestade. E o mesmo
ordenou o Viso-Rey D. João de Castro pe-
la vitoria que alcançou em Dio, como fi-
ca dito em seu lugar. E tambem o Viso-
Rey Mathias de Albuquerque ordenou ou-
tra procissão no dia, em que alcançou vi-
toria no Morro de Chaul; mas não assen-
tou por isso porção ao Cabido, como tem
estoutras.

CAPITULO XI.

De como foram sentenceados por justiça o Cunhale Marca, e Chinale.

DEixámos o Cunhale no tronco de Goa, e com elle o Chinale, e os mais Mouros que dissemos, sobre quem se teve sempre muita vigia até ser tempo de se fazer delles justiça, que suas culpas mereciam, que se senão fez mais apressadamente, foi porque a enfermidade do Conde se hia aggravando mais, e não lhe dava lugar para entender nisto; mas tanto que se foi achando melhor, mandou aos Desembargadores, que verbalmente sentenceassem á morte Cunhale por levantado a seu Rey, e senhor natural, e por pirata inimigo de Christãos. Respondêram os Desembargadores, que havia de correr ordinariamente, de que infirio o Conde Viso-Rey que tinham algum intento particular, e mandou ao Ouvidor Geral preparasse os autos, e nelles lhe mandou, como Assessor de Capitão geral, escrevesse sentença de morte, que foi executada, como logo abaixo se verá, e o Conde assignou conforme ao seu regimento. Pelo que se formáram autos contra elles, e o Promotor da Justiça veio com seu libello, que provou bastantemente. E

pe-

pelos merecimentos dos autos , e da verdade sabida , e notoria , foi sentenceado que morresse degollado , e que seu corpo fosse feito em quartos , e postos pelas praias de Bardés , e Pangim , e que a cabeça fosse salgada , e levada a Cananor , onde a arvorariam na praia sobre hum haitea para terror , e espanto dos Mouros , e vissem em que veio parar hum tyranno , que trazia fopcados , e tyrannizados a todos. O dia d'antes , em que se esta sentença havia de executar , mandou o Conde fazer hum cadafalso de madeira no terreiro do paço , e sobre elle foi posto o Cunhale , que naquella acto mostrou muito animo. Mas primeiro que chegasse a este estado , foi muitas vezes convidado , e amoeitado , que se quizesse metter no rebanho de Jesu Christo nosso Senhor , por muitos Religiosos de todas as Ordens , que trabalháram bem niffo , por ganharem aquella alma , e a trazerem á manada do Senhor. O que elle não quiz acceitar ; porque esta nação de Mouros Arabios desta casta Naiteas , que cuido este era , de maravilha acceitam razões contra a falsidade de sua lei , e crença. Posto o Cunhale em cima do cadafalso , estando o terreiro do paço todo cheio de gente , que concorreo a ver aquelle espectáculo , alevantou hum Porteiro a voz , dando hum pre-

pregão, em que dizia a causa, por que morria o Cunhale Marcá, que era por traidor a seu Rey, e senhor natural, e por pirata, e cossairo, e grande perseguidor de Christãos, que martyrizava com exquisitos generos de tormentos, e outras culpasabolicas: e logo foi posto no cepo até onde chegou com muito acordo, e cortáram-lhe a cabeça fóra dos hombros, como traidor.

Depois dahi a alguns dias se tirou Chinale pera se fazer delle a mesma execução; mas a este coube-lhe melhor sorte, porque como em moço se creou entre os Portuguezes, foi mais facil a se render, e pedir que o baptizassem, declarando-lhe os Padres que nem por se fazer Christão havia de deixar de padecer, porque as leis do Reyno se haviam de executar; mas já que perdia a vida do corpo, não quizesse perder a da alma. Ao que respondeo, que muito bem sabia aquelle negocio: que o baptizassem, que elle só por amor de Deos queria ser Christão, e não por temor da morte, nem porque cuidasse que lhe haviam por isso de dar a vida; e assim foi baptizado, e se chamou Bartholomeu, mostrando no exterior vontade, e gosto, e depois foi tirado a justicar, e levado ao pelourinho acompanhado da santa Misericordia,

e dos meninos orfãos, que foram rogando a Deos por elle, e seu corpo foi enterrado em sagrado. Todas estas cousas deixou o Conde Almeirante aos Ministros da Justiça, pera que fossem executores dellas. O sobrinho do Cunhale, e os outros Mouros, que vieram prezos a Goa, no tronco delles se consumiram todos poucos, e poucos, porque os ajudaram: e passaram de trinta entre Christãos, e Mouros os da casta de Cunhale, que o Conde Visó-Rey tirou do mundo, e nenhum, que houve á mão, lhe escapou.

CAPITULO XII.

Do que succedeo em todo este verão á Armada do Norte: e das cousas em que o Conde Visó-Rey provéo: e Armadas que foram pera fóra: e das pazes que concedeo ao Rey de Travancor.

FAlta-nos só deste verão continuar com a Armada do Norte, que andava por Capitão Mór Goterre de Monroy de Beja, que deixámos pera este lugar, porque as cousas do Cunhale nos occuparam todo o tempo, e tambem porque não succedeo cousa notavel. Partido este Capitão de Goa, foi correndo a costa do Norte até á barra de

de Surrate, onde ficou esperando pelas náos, que haviam de vir de Méca; e passada a monção dellas, atravessou á Fortaleza de Dio a recolher o rendimento daquella alfandega, pera o mandar pera as necessidades do Estado, que eram grandes, pelas muitas despezas que o Conde Almeirante tinha feito na jornada de Cunhale, e nas mais Armadas. Esta jornada fez com cinco navios, e os mais despedio pera outras partes em busca de alguns ladrões, de que este verão houve poucos, por estarem todos occupados na defensão, e guerra de Cunhale. E indo elle na volta do mar com grandes marés, e vento, como de ordinario ha naquelle golfo, no meio delle encontrou huma náo de Méca, que commetteo, e a rodeou com os navios, e a foi batendo com a artilheria por todas as partes, por não ser possivel abordalla pela grossidão dos mares, porque se desfariam nella os navios; e dous dias continuos a foi perseguindo, e a poz em tanto aperto, que lhe fez alijar ao mar muitas fazendas. Em fim, por ser o vento muito rijo, e ter grande velame, e hombros, se foi acolhendo, e çafando dos nossos navios com muita gente morta das bombardadas, e arcabuzaria. E chegando a Dio, arrecadou o dinheiro, e recolheo os navios com que voltou pera Baçaim, onde lhe

Lhe deram cartas do Conde Almeirante, em que o mandava chamar, pera ir com elle na jornada que cuidava fazer a Cunhale, que foi contrariada do Conselho, como temos dito, com o que se partio pera Goa. E chegando á barra, achou recado que se tornasse, porque já cessára sua pertença; pelo que se tornou pera a costa do Norte, e por ella andou dando-lhe guarda, e segurando os mercadores, pera livremente poderem navegar; e neste exercicio andou todo o verão, e no fim d'elle se recolheu a Goa com as casilas de todas aquellas Fortalezas.

Neste tempo se recolheu tambem D. Fernando de Noronha, que André Furtado despedio de Cunhale pera o Cabo do Camorim, e trouxe hum grande casila de náos, e navios, e nella mandou ElRey de Travancor hum Embaixador, pessoa principal de sua casa, chamado Iriniacha Pula, a tratar de pazes com o Conde Almeirante, que elle recebeu mui honradamente, e logo o ouvio pera o tornar a enviar nos navios, que haviam de ir pera Cochim. E da parte do seu Rey deo muitas satisfações ás Fortalezas, que tinha feitas, affirmando que as não alevantára com tenção de prejudicar á nossa de Coulão. Que elle se mandava offerecer pera fazer muitas demonf-

trações de amigo, e estar por todos os capitulos, e condições de pazes que se lhe puzessem: e que elle trazia poderes do seu Rey pera acceitar tudo, e pera as jurar conforme a seu costume. A este requerimento satisfez o Coude ao Embaixador com lhe dar huns apontamentos assignados por elle das cousas a que aquelle Rey se havia de obligar, pera demonstração da amizade que pedia com o Estado, que sam os seguintes:

» Se ElRey de Travancor quer ser irmão em armas de ElRey de Portugal, ha de fazer as cousas seguintes.

» Primeiramente ha de dar licença pera se prégar o Sagrado Evangelho em suas terras livremente a toda sorte de pessoa, sem a isso haver contradicção alguma. E todos os que se fizerem Christãos, não perderám os officios, honras, dignidades, ou cargos alguns, que antes disso tivessem; nem por isso perderám cousa alguma de suas fazendas, que poderão deixar a quem quizerem; ou herdarám seus herdeiros, sem se nisso entremetter ElRey em cousa alguma, nem seus Regedores, e Officiaes.

» Que se poderám edificar as Igrejas, que forem necessarias, pera a Christandade em todas suas terras, nos lugares
» que

» que parecerem bem aos Padres que an-
 » darem na conversão: e estas serão cou-
 » to aos que a ellas se acolherem, como
 » sam entre os Christãos. E os Padres que
 » nellas estiverem, poderão fazer justiça dos
 » Christãos nas cousas tocantes a Lei dos
 » Christãos, sem se lhe a isso pôr dúvida,
 » ou impedimento algum; e as Igrejas se-
 » faram como nas terras de ElRey de Co-
 » chim.

» Que os Padres, que servirem nas Igre-
 » jas, e andarem entre os Christãos, pode-
 » rão livremente andar por todas suas ter-
 » ras com a guarda que lhes parecer em
 » tempo de guerras, e dellas passar a ou-
 » tras terras, e discorrer como lhes parecer
 » sem contradicção alguma.

» Que as Igrejas dos Christãos de São
 » Thomé, que estiverem em todas suas ter-
 » ras, que forem sujeitas, e Cassanares que
 » nellas estiverem, teram os mesmos privi-
 » legios, e izenções, que as outras Igrejas
 » mais tiverem; e os Padres que nellas es-
 » tiverem nem ElRey, nem cousa sua se
 » entremetterão em cousa alguma dos di-
 » tos Christãos de S. Thomé, tocante á Lei
 » dos Christãos. Nem lhes poram tributo,
 » ou pena alguma de novo, antes os favo-
 » recerão em tudo, guardando-lhes seus pri-
 » vilegios antigos.

» Que

» Que não consentirá em tempo algum ser recebido entre os Christãos de S. Thomé, que moram nas terras sujeitas a elle, Bispo, ou Prelado algum, senão o que vier por ordem do Papa, e de ElRey de Portugal, e deste Estado; e a todo outro será obrigado prendello, entrando em suas terras, e entregallo na Fortaleza de Coulão, ou onde os Portuguezes lhe requererem.

» Que os Portuguezes poderám andar livremente por todas suas terras com todas as mercadorias que quizerem, sem lhes ser feito algum aggravo, nem lhes pôrem junções, ou outras obrigações algumas, e seja amigo de nossos amigos, e inimigo de nossos inimigos. E será obrigado a defender a Fortaleza de Coulão, sendo necessario, e mandar vir todos os mantimentos necessarios pelos preços ordinarios.

» Que nas duas Fortalezas de Coulão, e Manuge não faram obra alguma mais, do que está feito; e o modo de como se hão de haver com a Fortaleza de Coulão, e o que sobre ellas se deve fazer, se concertará ElRey com o Viso-Rey do Estado, fazendo sobre isso particulares capitulos, e ElRey ficará obrigado a estar pelo que o Estado nisso determinar.

» Não

» Não consentirá , nem soffrerá que a
 » Rainha de Changarnate faça aggravo al-
 » gum aos Portuguezes , ou a cousa da For-
 » taleza ; nem porá novos junções , nem
 » impedirá em alguma cousa aos tones , ou
 » embarcações , que vierem ao porto do
 » Caidaval ; e fazendo a Rainha alguns des-
 » tes aggravos , será obrigado a satisfazel-
 » los.

» Que será obrigado a dar o Principe
 » grande , e hum dos Regedores por jan-
 » gadas da Fortaleza de Coulão. »

E o traslado destes capitulos se deo ao
 Embaixador pera sua guarda ; e em Se-
 tembro ficou o Conde de mandar pessoa de
 confiança assentar estas pazes com ElRey ,
 e vellas jurar. Estes capitulos se fizeram aos
 vinte e cinco de Abril deste anno de seis-
 centos ; e logo mandou embarcar os Em-
 baixadores muito satisfeitos das honras
 que lhes fez o Conde Almeirante , e dadi-
 vas que lhes deo.

C A P I T U L O XIII.

Dos Capitães, e soccorros que o Conde Almirante mandou pera fóra: e do que succedeo a D. Jeronymo Coutinho, e ás náos de sua companhia com algumas náos Hollandezas na Ilha de Santa Helena.

N Este mesmo tempo em que o Conde Almirante despachou estes Embaixadores do Rey de Travancor, o fez tambem a alguns Capitães pera fóra, com quem iremos continuando. E o primeiro seja o galeão com os soccorros, e provimentos pera a Fortaleza de Columbo, em que foi por Capitão Mór da gente de guerra D. Francisco de Noronha, que levou cento e sincoenta soldados repartidos por estes dous Capitães, Luiz Fernandes de Taíde, e Manoel de Taíde; e neste mesmo galeão se embarcou Nuno Fernandes de Taíde, provído da Capitanía daquella Fortaleza, por se ter vindo della D. Pedro Manoel, e este galeão deo á véla a tres de Maio. E no mesmo tempo partio tambem o galeão, que hia com os provimentos pera as Fortalezas de Amboino, e Maluco, de que hia por Capitão Fernão Pereira de Sande. E antes disto tinha mandado duas galeotas de soccorro a Malaca pelas novas que havia

Couto. Tom. ULT. Ee de

de náos Hollandezas ; e dellas foram por Capitães Estevão de Albuquerque, filho natural de Fernão de Albuquerque, e Trajano Rodrigues de Castello-branco. Despachou também o Conde Almeirante neste Abril a Fernão de Albuquerque, pera ir entrar na Capitanía de Malaca, que foi em huma náó sua ; e em sua companhia foram as náos de Malaca, China, e outras partes, e todos chegaram a salvamento, senão só o galeão de Maluco, que se perdeu, como adiante diremos. Mandou também o Conde Almeirante Viso-Rey invernar Capitães, e soldados a Damão, e a Dio. A Damão D. Fernando de Noronha, Capitão Mór, e Fernão de Sousa. E jurou as pazes com Uniaré Chararé, sobrinho do Camorim, que lhe mandou pera as ver jurar, e que trouxe Cunhale de presente, o que tudo se fez antes de entrar o inverno.

Parece que nos hiamos descuidando da Armada de D. Jeronymo Coutinho, que deixámos tomando a carga pera se partir pera o Reyno ; pelo que daremos razão della, e do que lhe succedeo na viagem. E porque o Capitão Mór D. Jeronymo Coutinho partia de Goa, e as outras cinco náos da sua Armada partiam de Cochim, mandou o Conde Viso-Rey passar Provisão a D. Vasco da Gama, que vinha por Capitão

tão da náó S. Mattheus, que fizesse o officio de Capitão Mór das cinco náos, e os mais Capitães lhe obedecessem até se encontrar com D. Jeronymo Coutinho, que era o Capitão Mór. Este Fidalgo, que ficou carregando em Goa, deo á véla dia de Natal pelo grande aviamento que o Conde lhe deo, e foi seguindo sua derrota, a que logo tornaremos. As outras cinco náos, que carregáram em Cochim, fizeram véla até quinze de Janeiro do anno de seiscentos, em que andamos, humas primeiro que as outras. De maneira, que assim como cada hum estava carregada, logo se partia sem esperar pela outra, e assim hia seguindo sua viagem com tão bom tempo, que aos vinte e cinco de Abril foi a náó de Diogo de Sousa tomar a Ilha de Santa Helena, levando em sua companhia hum caravelão, que encontrou em dezeseis grãos, que hia do rio da Prata pera Angola; e indo buscar o surgidouro, que he defronte da Ermita, víram furtas duas náos Holandezas, que havia cinco, ou seis dias que alli esperavam por outras duas de sua companhia. Diogo de Sousa, que era hum Fidalgo, a que chamavam o *Gallego*, por ser de Vianna, tanto que as vio, preparou a sua náó, e fez lestes a sua artilheria, e foi surgir hum pouco afastado dellas, por ir

muito falta d'agua. E porquê entendia muito bem que se se fizessem na volta do mar, os haviam os collairos de ir seguindo, e poder-lhe-hiam dar trabalho; e assim preparado foi deitar ferro com muita confiança, e sua gente posta em armas, e reparada pelos lugares mais necessarios pera tudo o que se lhe offerecesse.

Tanto que surgio, chegou hum lancha, que se despedio logo das náos, e hum pouco afastado da nossa, bradou hum homem pelos da náó, e disse em Hespanhol, que o Capitão Mór daquellas náos mandava dizer ao Capitão, que logo se fosse a elle no seu batel, e lhe entregasse a náó, que usaria bem com elle, senão que o mandaria buscar. O Diogo de Sousa tanto que ouviu o recado, fez borear hum falcão pera a lancha, e lhe mandou bradar que chegasse mais perto, que o não entendiam; mas os da lancha entendêram a tenção dos nossos, e não se querendo pôr á sua cortezia, voltaram com muita pressa, e deram ao seu Capitão conta do que passaram, e do que suspeitaram.

Tanto que o Capitão Hollandez vio que a nossa náó se não queria entregar, mandou-a bater com a sua artilheria com muita furia, e lhe matáram dous homens, e cortáram o masto de proa, e quasi a des-

enfarceáram, e passáram o mástro grande por hum ilharga com hum pelouro de ferro coado, de que eram todos os com que tiravam á nossa náó. Vendo a gente da nossa náó aquelle destroço, que em tão pouco tempo era feito, ficáram os mais delles tão atemorizados, que se puzeram pelo bordo, por onde o caravellão estava, pera se lançarem a elle, e acolherem-se por ser muito ligeiro. A isto acudio Diogo de Sousa, e fellos recolher outra vez á náó, dizendo algumas vezes palavras affrontosas, outras vezes persuadindo-os a se defenderem como valerosos Portuguezes, affirmando-lhes que pera contra aquellas duas náós a sua bastava; e que esperava em Deos de as render, e levar comfigo. E assim mandou laborar logo a sua artilheria, com que tambem lhe matou muita gente, e fez tal destroço, que se foram os Hollandezes alando por rageiras até ficarem atravessados pela proa da nossa náó; onde não tinha mais que duas peças de artilheria pera dalli com menos risco a baterem.

O Mestre da nossa náó, que era homem muito esperto, e grande Official, metteo no batel humia ancora, e a mandou lançar ao mar por hum dos bordos de feição, que ficou mettida por junto da cana do leme; e pondo-a ao cabrestante, foi a náó virando,

do, e ficando atravessada com toda a artilheria pera as outras náos, que foram batendo por espaço de vinte horas com tão grande furia, e terror, que não podendo os rebeldes aturar os daninos que recebiam da nossa artilheria, largáram as ancoras por mão, soltáram as vélas, e foram fugindo bem fustigados.

Os nossos, posto que destroçados, e desbaratados, ficáram com a vitoria, e desembarcáram em terra, onde acháram as pipas dos Hollandezes, que nella tinham pera encherem d'agua, que lhes foram boas; e na Ermida acháram hum letreiro, que elles tinham alli, pera outras duas náos de sua companhia, que ficavam no Achem carregando, porque estas vieram da Sunda, de que logo daremos razão; e no letreiro lhes faziam a saber, que os Jáos os tiveram seis mezes cativos até chegarem outras duas náos de sua companhia, que os fizeram soltar; e a causa de sua prizão foi esta. Estas duas náos, que os nossos aqui acháram, foram carregar a Sunda; e todas as paracas que leváram eram falsificadas, e com muito pouca prata; e tendo comprado muitas drogas com ellas, vieram os Jáos a conhecer a falsidade da moeda, pelo que prendêram todos os que acháram em terra, e tiveram-nos presos quatro, ou cinco mezes, até

até chegarem outras duas náos de sua companhia, que fouberam o caso, e os resgataram com darem aos Jáos outra moeda boa, e de lei.

Partidas as náos Hollandezas da Ilha de Santa Helena, puzeram os nossos logo as mãos ao concerto da náó, dos mastos, e a enxarcearem de novo: e aos trinta de Abril, cinco dias depois da batalha, chegou áquelle porto a náó nossa Senhora da Paz, e aos tres de Maio a Conceição, e a dezeses a náó do Capitão Mór, que com partir de Goa, e mais cedo chegou tanto depois. E de Diogo de Sousa fouberam todo o successo, e ajudáram-no a reformar do damno que os inimigos lhe tinham feito. E no mesmo dia, que o Capitão Mór surgio, apparecêram as outras duas náos Hollandezas, que dissemos que as outras esperavam, que vinham carregadas de drogas; e indo demandar o surgidouro, que viram as nossas náos, foram surgir na ponta da Ilha, onde lhe os nossos não podiam fazer nojo, por lhes ficar o vento por pròa, pera as irem demandar. D. Jeronymo Coutinho deo-lhe pouco dellas, e com tudo preparou-se, pera se o tempo lhe desse lugar, os ir commetter. E no mesmo dia já á boca da noite foi a náó S. Martinho, de que era Capitão João Soares Henriques, demandar

dar aquella Ilha , e descobrindo as náos
Hollandezas, cuidando serem as nossas, se
fez na volta do mar, e foi seu caminho na
derrota do Brazil, onde fez agua, e tomou
mantimentos na Bahia de Todos os Santos.

O Capitão Hollandez vendo que não
havia agua naquella parte, onde estava,
despedio huma lancha com huma carta a
D. Jeronymo Coutinho, em que lhe dizia,
que elles eram Christãos, e vassallos de
hum Rey amigo do seu, que eram merca-
dores, que andavam pelo mundo buscando
sua vida, que estavam em necessidade d'
agua, que lhe pedia lhes dessem licença
pera dalli com suas lanchas a mandarem fa-
zer ao posto, onde ella estava. D. Jerony-
mo Coutinho lhes respondeo, que pois eram
Christãos, e amigos dos Portuguezes, que
fossem surgir junto d'elle, e que alli fariam
agua muito á sua vontade; o que lhes man-
dou dizer, por ver se os podia tirar da-
quella paragem, aonde os elle não podia ir
buscar. Os Hollandezes entendendo o lan-
ço do Capitão Mór, não se quizeram pôr
á sua cortezia, e deixaram-se alli ficar mais
sinco dias; e no cabo delles, que foi a vin-
te e hum de Maio, chegou áquella Ilha a
náo S. Mattheus, em que hia D. Vasco da
Gama, que ás bombardadas fez desamar-
rar as duas Hollandezas; e n'uma noite se
fi-

fizeram á vèla , e deviam de ir demandar a costa de Guiné pera fazerem aguada , de que estavam faltos. E logo o Capitão Mór D. Jeronymo Coutinho fez tomar agua a D. Vasco da Gama , e com todas as náos de sua conserva se fez á vèla , por ver se podia alcançar as duas náos dos rebeldes ; mas não nas pode alcançar , por irem mui desviadas da sua derrota , e as nossas chegaram juntas ao Reyno , que foi huma grande felicidade. E sempre este Fidalgo foi tão venturoso , e bem affortunado nas viagens que fez , que chegou á India , e tornou a Portugal com todas as suas náos a salvamento.



DECADA DUODECIMA

Da Historia da India.

L I V R O V.

CAPITULO I.

Das cousas que este anno succedêram em Ceilão : e das vitorias que os nossos alcançaram, e tranqueiras que fizeram contra os inimigos.

DEpois de alcançadas as vitorias, que dissemos do tyranno D. João na Ilha de Ceilão, e depois de chegar a D. Jeronymo de Azevedo o soccorro que dissemos, que o Conde Viso-Rey lhe mandou em Setembro de noventa e nove, ajuntou seu exercito, e passou-se ao lugar de Mutapali, meia legua do Reyno de Candea, onde alevantou hum arrazoado forte de madeira com seus entulhos, e cavas, capaz de recolher todo o arraial. Este forte fez por ser no meio de entre as sete Corlas, e o Reyno de Candea, com que ficava fechando as portas ao inimigo, e deixallo dentro como encurralado. Disto se recen tio tanto o tyranno, que se quiz antes arriscar
a

a se perder, que a consentir aquelle grilhão, que lhe ficava sendo bem pezado. Pelo que ajuntou suas gentes, e se foi alojar perto daquelle lugar em humas serras asperas, e fortes com tenção de com correrias, e assaltos estorvar aquella obra aos nossos, em que se dava muita pressa. D. Jeronymo de Azevedo foi logo avisado de sua tenção, e pareceo-lhe necessario trabalhar pelo desalojar, e lançar d'elle; porque se se fortificasse naquelle lugar, além do impedimento que seria pera a conquista do Reyno de Candea, ficaria o inimigo com reputação entre os Chingalas, e elles cobrando animo, vendo que a despeito dos nossos tanto em braços com elles alevantavam tranqueiras, e se fortificavam. Pelo que mandou logo Salvador Pereira com duzentos e trinta soldados, e dous mil e quinhentos Lascarins da terra pera ir dar no inimigo n'uma madrugada, ficando o Geral no lugar da tranqueira, que fabricava com cento e sincoenta soldados, e quinhentos Lascarins prestes, e mui negociados pera acudir aos seus, sendo necessario. E partidos os nossos na entrada do quarto d'alva, foram pelo caminho ganhando, e arrazando algumas tranqueiras até chegarem alli, onde o inimigo estava alojado; e commettendo o arraial, o entráram, e queimáram

ram com grande determinação ; e depois em campo aberto , tornando os inimigos sobre si , tiveram com os nossos huma muito aspera batalha ; porque da parte dos inimigos se affirma haver tres mil espingardas , sendo entre todos oito mil. Mas os nossos se sustentáram com grande valor até perto das onze horas do dia , que o Capitão Geral lhes mandou que se recolhessem a elle , como fizeram , vindo os do Tyranno carregando sobre elles tão tezamente , que foi necessario ao Geral soccorrellos com o poder que tinha , e com novas munições , com que todos cobráram tanto animo , que voltáram sobre os inimigos com tal impeto , que os puzeram em desbarato , ficando-lhe nesta jornada mais de trezentos mortos , e entre estes muitos Modeliares , sem da nossa parte haver mais perda ; que dous Portuguezes mortos , e perto de vinte dos Lascarins , a fóra muitos feridos. O Geral com esta vitoria se recolheo ao forte com que foi continuando ; e tanta pressa lhe deo , que em hum mez se acabou de todo com suas cavas , e contra-cavas , e o provêo de Capitão com quatro companhias de soldados , e com mantimentos , e munições para muito tempo , porque se receou que o inimigo o commettesse com mór poder , por esperar soccorro de Badagas da outra costa ;

ta ; e com isso mandou reformar todos os fortes que tinha por aquellas partes , pera estarem todos providos pera o que lhe succedesse , o que succedeo até lhe chegar o soccorro , que lhe o Conde Almirante mandou por D. Francisco de Noronha , e Nuno Fernandes de Taíde pera Capitão daquella Fortaleza de Columbo , de que logo foi mettido de posse , depois de reformar os presidios , como dissemos , e os prover de novo , e fazer nova paga aos soldados. E mandou que todos se passassem ás terras de Catrem , Cambala , Corla , fronteira ás sete Corlas , pera acabar de apagar algumas labaredas dos alevantados , que ainda havia por aquellas partes ; e tudo o que por ellas acháram desfizeram , e desbarataram os nossos , com o que se mettêram os inimigos pelo íntimo das Corlas sem tornarem a apparecer.

Affugentados todos , mandou o Geral que se fizesse naquelle lugar de Catu Cambala hum ferriño forte de madeira de duas faces com seus entulhos , e cavas , como se fez , com o que os inimigos ficáram encolhidos , e os nossos poderem entrar mais livremente por suas terras , e assaltallos. E porque andando nesta obra , foi o Geral avisado , que os inimigos se tornavam a reformar nas sete Corlas com per-

tenção de tornarem a inquietar os nossos; mandou o Geral dar nelles duas leguas pelas suas terras dentro até o lugar, onde estavam, tendo os caminhos cortados, e feitos nelles seus valles, e trincheiras tão fortes, que estavam nellas com muita confiança; e sabendo que os nossos lhes deixavam muitas aldeas abrazadas, e que lhes levavam muita gente cativa, sahíram a dar nos nossos, indo-se já recolhendo, e commetteram a reta-guarda com grande furia; mas acháram tal resistencia, que com mortes de muitos se recolhêram fugindo: com o que todas as terras daquella parte, que estavam abaladas a se rebellarem, se quietáram. E foram tantos os damnos, que recebêram os moradores das sete Corlas, que os seus Principes mandáram pedir pazes ao Geral, que lhe elle não concedeo; mas concedeo-lhes treguas, com suspensão das armas, e restituição dos cativos que tinham em suas terras. Neste estado ficáram as cousas desta Ilha neste inverno de seiscentos, em que andamos.

CAPITULO II.

De huma náó Hollandeza , que foi ter ás Ilhas de Japão: e da derrota que levou, e do que lhe succedeo: e de huns cof-sairos Japões, que foram ter ás Filippinas.

N Este anno de seiscentos, em que andamos, quasi neste mesmo tempo aportou huma náó Hollandeza ás Ilhas de Japão, ao Porto de Xativai do Reyno de Bungo; e como naquelle tempo não era monção de virem náos da China, nem das Filippinas, pareceo aos Padres da Companhia, que alli residem, que poderia ser alguma, que lha da nova Hespanha pera os Lusões, que com algum temporal iria desgarrada. Mandáram recado a ElRey de Bungo, pera que lhe mandasse acudir, por lhe não acontecer algum desastre; ao que logo mandou prover. E no mesmo tempo dous Padres da Companhia, que residiam junto de Xativai, vendo a náó, acudíram com algumas embarcações pera lhe soccorrer; e chegando perto della, que conhecêram ser de Hollandezes, tornáram a voltar. Alguns Portuguezes, que estavam em Naganzaque, tanto que souberam da náó, avisáram por cartas a Tirazava, Governador Geral daquel-

quelles Reynos da parte do Ponente, de como aquella não era de Luteranos cossairos inimigos dos Portuguezes, e de todos os Christãos. Com este recado, e com já ter cartas de ElRey, acudio o Tirazava no Reyno de Bungo, e mandou metter a não no porto, e lançou mão dos Hollandezes, e fazenda, de que se fez inventario, e as que se lhe acháram, sam as seguintes.

Onze caixões de pannos de lã grossos, hum cofre com quatrocentos ramaes de coraes, e outros tantos de alambres, hum caixão de contas de vidro de côres, alguns espelhos, e oculos, muitas gaitas de meninos, dous mil cruzados em reales, dezenove peças de artilheria de bronze grossas, e outras miúdas, quinhentas espingardas, e sinco mil pelouros de ferro coado, trezentos de cadeia, sincoenta quintaes de polvora, tres caixões de saias de malha, tres quartos de corpos, e peitos de aço, trezentas e sincoenta lanças de fogo, muita pregadura, muito ferro, muitos machados, fouces, e enxadas, e outros diversos generos de instrumentos, como aquelles que parece que vinham conquistar, e povoar. Confeffáram que os annos passados de 98. e 99. partíram dos Estados de Hollanda quinze náos pera passarem a Sunda, e Maluco, de que não davam razão nenhuma; e

pera que se faiba dellas, daremos relação das que foubemos, e do que lhe aconteeço.

O anno que dissemos partíram do Porto de Rotterdam estas quinze náos, que foram juntas até á costa de Guiné, onde se apartáram em tres esquadras. Huma dellas passou logo o Cabo de Boa Esperança, e foi na derrota da Sunda, onde se apartáram tres náos, e as duas foram tomar o Porto do Achem, com quem logo continuaremos. Da outra esquadra não foubemos o que passou. A terceira, de que era Capitão hum Balthazar da Corda, andou pela costa do Brazil ás prezas algum tempo, e dalli se passou a Angola, onde fez alguns damnos, e depois se tornáram a fazer na volta do estreito de Magalhães que emboçáram, e dentro nelle se detiveram dez mezes com muitos trabalhos, e fomes, e em algumas sahidas, que fizeram a buscar agua, e mantimentos lhe matáram alguns homens; e tanto que tiveram tempo, passáram o estreito á outra banda, e voltáram sobre a costa do Perú, onde lhes deo huma tormenta tamanha, que as apartou, e huma foi correndo sua ventura em demanda das Ilhas de Maluco, aonde chegou, e logo adiante daremos relação della; outra parece que desappareceo, porque não achei novas della; a outra, de que era Capitão hum foão

da Corda, sobrinho de Balthazar da Corda, Capitão Mór, foi correndo a tormenta pela costa, e acalmando, foi tomar a Fortaleza de Chile no Perú. E sabendo que estava quasi sem gente, deram de supito nella, e a entráram com morte de alguns dos que estavam dentro, e roubáram, e profanáram os Templos, e tudo o que havia na Fortaleza, deixando-se ficar nella alguns dias tão descansados, como se estivessem em Frandes.

Sabidas estas novas pelos Hespanhoes, que estavam pelo sertão, ajuntáram-se algumas companhias; e commettendo a Fortaleza, entráram-na, por não serem mais que vinte Framengos os que estavam nella; e destes matáram quinze, e os cinco que ficavam se lançáram pelos muros abaixo, e a nado foram buscar a náó, e os della lhes acudíram com batel, e os salváram, e entre estes cinco foi o Capitão Corda. E fazendo-se á véla, foram na demanda de Maluco, aonde chegáram, e surgíram no lugar de Soli da Ilha de Tidore, meia legua de nossa Fortaleza, estando já em Ternate outra náó desta companhia; a que falta he esta náó, que temos em Japão, que foi correndo com a tormenta, por onde pode, e teve tempos tão desvairados, que poz até chegar ao Tropico de Capricornio quatro me-

mezes, onde lhe deo huma enfermidade de mal tão contagioso, que em breves dias morrêram cento e sincoenta e sinco pessoas, em que entrou o Capitão Corda, ficando vivos fós vinte e sinco, que não bastavam pera marear a náó; pelo que se deixáram ir á ventura dos ventos, até elles, e as aguas os levarem a Japão, como dissemos, aonde desembarcáram todos tão debilitados, que pareciam homens mortos.

Aquelle Rey tanto que mandou despejar a náó, mandou-a aos Reynos do Cantão a carregar de madeira; e os Hollandezes, que estavam mais sãos, os mandou servir de bombardeiros em huma guerra, que mandava fazer a hum senhor álevantado, que se chamava Cangeatica. O Piloto desta náó era Inglez, bom Cosmografo, e com algum conhecimento da Astrologia: confessou em Meaco aos Padres da Companhia, que o Principe de Orange se servira já delle algumas vezes em jornadas de muita importancia, principalmente nos annos de noventa e tres, noventa e quatro, e noventa e sinco, que o mandou a descobrir caminho por cima da Biarmia, e Fimmarchia pera as suas náos passarem a Japão, China, e Maluco pera lhe levarem as riquezas de todas aquellas Ilhas, por haver que por lá lhe ficava o caminho mais per-

to , e mais desviado da nossa Armada: e que da derradeira vez , que foi o anno de noventa e cinco , chegára a oitenta e dous grãos do Norte; e que com ser a força do verão , e os dias quasi continuos , por não haver noite , senão se era de duas horas , achou os frios tão excessivos , e tantos os caramellos , e neves , que se desfaziam por aquelle estreito abaixo , que dando de rosto na sua náó , a fizeram voltar. E affirmava , que se se encoistára á costa da Tartaria , da parte da mão direita , e se de longo della fora correndo a Leste até o boqueirão de Anião , que entra por entre as terras da Asia , e da America , pudéra sahir com o seu intento. E affirmou mais este Piloto , que os Hollandezes não desistíram de seu intento até levarem esta empreza ao cabo , pelos grandes desejos que tinham de descobrir este caminho. E já os Inglezes trataram de descubrir esta viagem pela via do Ponente por entre as Ilhas de Grotlandia , e a terra do Lavrador ; mas que pelas mesmas difficuldades se tornáram do caminho , como o fez aquelle grande Piloto Gavoto ha mais de quarenta annos. E em hum globo , que este Piloto trazia , de que na China se tirou outro , que eu tenho em meu poder , se vem claramente estas duas partes , por onde tentáram passar a estas , e pos-

postas em gradação esta Ilha Japão com todos os seus Reynos até sobre a terra de Chincungu , onde affirmam haver aquellas ricas minas da prata. Disse mais este Piloto , que quando o Principe de Orange víra que por aquellas partes não pudéra sahír com seu intento , que armára estes quinze navios , em cuja conserva elle viera , pera irem á Sunda , e Maluco carregar de drogas.

Neste mesmo tempo , que esta não chegou a Japão , sahiram daquella Ilha deze-seis navios de cossairos a roubar , estes chegaram até ás Ilhas Filippinas , e no caminho tomáram hum a não de Chins , que hiam pera aquellas partes com fazendas , que montavam sessenta mil pezos : e assim tomáram mais outra embarcação das Manilhas , e matáram , e cativáram alguns naturaes dellas , e tres soldados Hespanhoes , do que o Governador da Manilha se mandou queixar a Daifuxama , Rey do Canthem , que logo mandou armar alguns navios contra estes cossairos ; e encontrando-se , se investiram , e tomáram hum dos seus navios , em que acháram alguns dos Hollandezes , que foram na não. E depois por tempos o Daifuxama houve ás mãos muitos daquelles cossairos , e a todos mandou enforcar , e fez lei , que não pudessem ir ás Manilhas mais

mais que quatro navios cada anno, e que todos os mais fossem perdidos, e seus donos crucificados.

CAPITULO III.

Do princípio do Reyno Pegú, e dos Reys que teve: e dos revêzes que a fortuna lhe deo.

Como he costume do mundo, ou pera melhor dizer escarnco, e zombaria delle, não subir apressadamente hum Estado a grande Monarquia, que com a mesma pressa o não torne a derribar, e pôr por terra, porque as cousas muito grandes com seu proprio pezo cahem; assim aconteceu a este riquissimo, e opulentissimo Reyno de Pegú. Porque sendo conquistado por El-Rey de Ova, e Brama, chamado Pranginoco, os annos de mil quinhentos quarenta e quatro, como largamente o tenho dito no Capitulo oitavo do setimo Livro da minha sexta Decada, foi subindo com tanta pressa nelle, e em seus herdeiros, que de então até este anno de noventa e nove, que sam quarenta e cinco annos, chegaram a ser Monarcas de quasi cem Reynos, e das mores riquezas, e poder que o mundo vio. E desfandando a fortuna a roda, em

menos de hum anno se acabou toda esta potencia, sem ficar de tudo mais que huma sombra, e ainda menos; porque não ha hoje daquelles Monarcas hum herdeiro, que possua huma muito pequena aldea, digo neste Reyno Pegú, onde elles assentáram a cadeira de seu imperio. E pera mostrarmos melhor este escarneo do mundo, contaremos primeiro seu princípio, poder, e riqueza (posto que já na sexta Decada temos mostrado parte disso) e depois sua ruina, e destruição.

Quanto ao princípio deste Reyno Pegú, acha-se em seus livros, que ha perto de mil annos que se descubrio por esta maneira. Tudo quanto ha hoje do mar de Pegú até o Reyno do Brama, que sam mais de sessenta leguas, estava cuberto d'agua, porque chegava o mar até o Reyno Brama, como dissemos; e que andando hum pescador em hum barco com outros companheiros, os levára a corrente das aguas, que começaram a descer com grande força, por onde andáram sinco, ou seis dias como perdidos, e descoraçoados, e já sem alento foram aportar a huma serra alta, que se chama Diaca, onde hoje está a Cidade Pegú; e ferrando nella, se amarráram, e descangáram, que hiam como mortos: e de infinitas Marrecas, que havia naquella parte,

te , se provêram pera a torna viagem. E antes que se partissem víram , que se hia descobrindo huma grande terra , que o mar deixava como alagada , assim como aconteceo no tempo do diluvio geral. E tornando pelo rio assima , foram a Tangu , onde o seu Rey residia , e lhe deram conta do caso , e da grande terra que se hia descobrindo. Admirado o Rey do caso , tornou-o a mandar com mais embarcações , e algumas pessoas de credito pera verem o que passava , e o informarem da verdade do caso ; e achando ser tudo assim que o barqueiro dizia , voltáram pera o Tangu a dar-lhe conta do que víram. O barqueiro com muitos companheiros deixaram-se ficar naquella parte , que já estava toda descuberta ; e no modo da terra víram , que havia de ser fertilissima , pelo que determináram de fazer alli seu assento , e mandáram trazer suas mulheres , e filhos ; e á fama da terra ser prospera , foi descendo do sertão pera aquella parte muita gente pobre , com que se começou a fazer huma boa povoação. E porque não podiam viver sem cabeça , fizeram ao barqueiro seu Capitão , e Governador , que como era homem prudente , e esforçado , começou logo de pôr a todos em policia humana , repartindo os campos , ordenando povoações ,

e dando ordem a cultivarem, e semearem as terras, que começáram a dar fruto abundantissimo, e a descobrir a riqueza de suas minas da fermosa pedraria de rubins, de que aquelle Reyno he o mais abundante de todo o mundo, e de finissimo ouro; de maneira que em poucos annos se descobrio, e povoou aquelle Reyno, que tinha cento e sessenta leguas por costa de Norte a Sul, e pera o sertão cento e vinte, e cento e trinta leguas em partes, e a toda esta terra poz o barqueiro nome *Poigou*, que em sua lingua quer dizer, eu o achei primeiro, e seus naturaes se chamáram *Poigous*; e corrompendo-se o vocabulo, tomáram o que hoje tem de Pegús.

Vendo-se o pescador tão prospero, e obedecido, tomou o titulo de Banha, que quer dizer Governador, e assim em suas escrituras começáram estes Pegús neste barqueiro o catalogo dos seus Reys, com quem logo continuaremos. E como todos estes Gentios costumam a dar honrosos principios a seus Reys, dizem elles em suas historias, que este pescador nascêra de huma flor, que elles lá chamam Chaoes Chaoestu, que sam os ramos de humas certas cardeiras, que quando espigão deitam huma maçaroca, como a do Milho Zaburro, que vem sahindo d'entre algumas folhas finas, e amarel-

las,

las , e a semente de dentro he miuda , e alineicegada , e tem algum cheiro , por que as Gentias da India as estimam muito , e as mettem entre os cabellos pera lhes cheirarem , e destas ha muitas nesta Ilha de Goa , a que os Canarins chamam Chedaga. E por que este barqueiro só não leve esta honra , dizem tambem que sua mulher nasceo de hum Combalenga , que he hum pomo mui ordinario na India , de que fazem algumas feições de conserva tão fria , que se dá em lugar de assucar rosado , e sam do tamanho , e feição dos melões grandes ; e ha algumas tamanhas , que assás fará hum moço em alevantar hum só. A este pomo chamam os Pegús Sapua.

Ora posto este barqueiro já em estado de Rey , pondo sua cadeira na Cidade de Pegú , que elle começou a edificar , quiz tambem alevantar alguns Templos a seus idolos , a que elles chamam Varellas , e assim começou a abrir os alicerces , pera hum que determinava fazer de grande sumptuosidade , e em baixo no fundamento acháram hum sino de metal da feição dos nossos de sete braças em roda , e a borda de palmo e meio de grossura , e tres braças de altura , e á roda por baixo tinha hum letreiro de letras de relevo mui bem feitas , cujos caracteres não sam conhecidos , nem se en-

ten-

tendem de todos aquelles Gentios. Este sino mandou pôr sobre esta Varella, que foi huma das grandes obras do mundo, e foi sempre tido de todos os Gentios em grande veneração.

E fazendo nós sobre isto nossas conjecturas, me parece que este sino foi obra do Apostolo S. Thomé, que andou por alli pregando a Lei da Graça, sendo aquella terra então povoada de Chins, porque elles tem em suas escrituras, que já foram senhores de todos aquelles Reynos, e assim tem muitas cousas ainda suas, porque a obra de seus Templos, que sam Varelhas, sem dúvida foi dos Chins, e este modo de sinos não nos usáram nunca neste Oriente, senão entre os Christãos, que o Santo Apostolo mandaria fundir pelos Chins, que sam os mores officiaes que o mundo tem de todas as obras. E prova mais esta minha opinião dos Chins serem senhores destes Reynos isto; que abrindo este primeiro Rey os alicerces pera fabricar seus passos, acháram em baixo huma ancora de ferro coado, que só na China o fazem, com quatro unhas, como os das nossas galés, tão grande que em nossos tempos andou em huma náó de hum mercador Portuguez chamada a Lagra, morador na povoação de S. Thomé. Esta ancora se tornou

nou a perder ha' poucos annos no mesmo mar de Pegú , onde se perdeu a náó em que andava : ou poderemos tambem cuidar que esta ancora fosse de alguma das náós, que Salamão mandou áquellas partes buscar cousas pera o Templo de Jerusalem. Por onde parece que já o mar chegou até áquella Cidade de Pegú, e que alli surgiam as náós, que he a distancia que dissemos, o que tudo cubrio aquelle diluvio, que dizem que houve ha mais de mil annos, que alagou, e cubrio mais de cem leguas de terra; e segundo minha presumpção era tudo então povoado de Chins.

Agora continuemos com o catalogo destes Reys Pegús, começando deste barqueiro, que foi o primeiro Banha. Succedeo-lhe seu filho chamado D. Chetim, que viveo oitenta annos, e a elle seu filho Banha Tam, e a este Banha Cael, e logo Banha Uca Malanco. A este succedeo Banha Talanha, e a elle Banha Indá, e assim successivamente succedêram outros sete Banhas deste nome Indá, e ao derradeiro succedeo Banha Darar, e a este Banha Mampla, e logo outro Banha Indá, e assim tornáram a succeder outros sete Banhas do mesmo nome, e ao ultimo succedeo Banha Xemidó, que foi o derradeiro Rey casta Pegú, e todos estes reináram conforme á sua compu-

putação 540. annos , porque estes acabáram perto dos annos de 1540. em que hum Rey do Brama chamado Pranginoco , ou Prão Mandara (como lhe eu chamo na minha sexta Decada) desceo dos Reynos do Sertão com poder grossissimo , e conquistou , e ganhou aquelle Reyno , e outros vizinhos , e por fim veio a morrer a mãos de hum pobre carreteiro Pegú , a quem o mesmo Rey Brama tinha feito Grande , e dado o titulo de Xemim , que corresponde ao de Duque ; e assim lhe chamavam Xemim de Satão , por ser senhor desta Cidade , como dizemos o Duque de Bragança : e o caso desta morte se verá no quinto , e sexto Capitulo do segundo livro da minha setima Decada. E por morte deste se levantou por Rey o Xemim de Satão , que o matou , que não durou hum anno no Reyno , que estes sam os escarneos do mundo ; porque se alevantou contra elle hum Talapoi , que era seu Religioso , chamado Xemindoo , e o matou , e se intitulou Rey ; e assim esteve naquella potencia tres annos , porque veio sobre elle Talanha Ginoco , genro do Rey Pranginoco assim. E vindo ambos á batalha , encontráram-se os pertencores cada hum em seu elefante : o de Talanha Ginoco , genro do Rey Pranginoco , levou no dente o elefante do outro , e o der-

derribou ; e o intitulado Rey sumíram-no os Pegús, e o Ginoco se appellidou logo Rey, ou fez appellidar hum filho seu, que era neto do Brama Pranginoco, ou Práo Mandará; porque este Brama, que venceo o Xemindoo, sendo de casta mediana, casou a furto com a filha daquelle Rey pelo modo, e maneira, que se verá na minha setima Decada assima citada; e depois de vencer a batalha, mandou lançar muitos pregões, e prometter grandes dadivas a quem lhe trouxesse o Xemindoo, e por nisto tantas diligencias, que lho trouxeram prezo. E o dia que lho haviam de apresentar o esperou em hum theatro, e throno alto muito ricamente ornado, cercado de muitos Principes, e Senhores; e posto diante d'elle em pé, nunca lhe quiz fazer cortezia como a Rey, nem mostrar abatimento de sua pessoa. Disto foi tamanha a paixão, que o novo Rey tomou, que o mandou lançar a hum elefante bravo, que fora do mesmo prezo, e em que elle costumava a cavalgar; e posto no terreiro, donde todos estavam vendo aquelle espectáculo, querendo-o arremessar a elle o Cornaca, que o governava, nunca o pode fazer ir por diante, porque o conheceo, antes tornou a récuar atrás com grandes urros de sentimento de o ver naquelle estado,

do, caso semelhante ao de Androdo, que sendo em Roma levado pera o lançarem a hum leão faminto, elle se lhe foi prostrar a seus pés, e lhos beijou, e affagou; e sabido o caso, foi por aquelle beneficio que lhe tinha feito de lhe tirar de hum pé hum estrepe que lho tinha encravado, pelo que em quanto viveo o servio, e acompanhou, gratidão que não sei se se achará em muitas pessoas.

Estando o pobre paciente no campo esperando que o elefante o espedaçasse, se desceo do throno, em que ElRey estava, hum Capitão Pegu, a quem aquelle, que foi Rey, tinha feito muitas mercês; e chegando-se a elle naquelle triste, e miseravel estado em que o via, se lhe prostrou aos pés com muitas lagrimas, e consolou-o o melhor que pode. Eis-aqui dous espectaculos em hum mesmo caso, que podiam confundir o mundo. O Rey, que estava em seu throno vendo aquillo, mandou chamar aquelle Capitão Pegú, e perguntou-lhe se era aquelle o Talapoi, que foi Rey? ao que elle com muita liberdade respondeo, que aquelle era o que fora já seu Rey, e Senhor, e o fizera grande, e o puzera naquelle estado, e lugar em que estava, sendo d'antes hum pobre, e humilde Pegú; e que pois não tinha com que lhe pagar tantas

tas mercês, nem valer-lhe em outra cousa, o fazia com se compadecer de sua miseria, e desaventura; e que se era possível fazer-lhe mercê da vida a troco da sua, que se-ria a mór honra que podia receber na vida, nem mercê de mór estima. Vendo El-Rey tamanha fidelidade, consolou-o com palavras muito honradas, e lhe disse, que por amor d'elle dava a vida áquelle homem, e que o recolhessem em hum castello, onde esteve alguns annos, e alli morreo ajudado; e não parando aqui, fez ao Pegú Banha de huma Cidade, e lhe deo muitas rendas.

CAPITULO IV.

Da grande riqueza, e potencia deste Reyno, e deste Rey Brama Talanha Ginoco, que conquistou este Reyno Pegú.

FAzendo-se este barbaro Talanha Ginoco senhor dos Reynos de Pegú, pelo modo que dissemos, como era homem tão valeroso, que se podia metter no número dos barbaros da fama, determinou de sub-ir á toda a Monarquia de aquelles Reynos vizinhos, que eram muitos, pera o que ajuntou dous milhões de homens, e huma innumeravel fábrica, como convinha a hum
tão

tão grande exercito. E passou a conquistar o grande, e famoso Reyno Sião pelo modo que temos contado na nossa sexta Decada, donde tirou grandes thesouros, e poz de sua mão Regedor, que governasse aquelle Reyno; e depois conquistou os dos Jáos, Camboja, Champa, e os mais até Cochinchina, e todos os que estavam ao sertão destes, em que gastou tres annos. E assim chegou a tanta grandeza por seu braço, e valor, que veio a ser Imperador de perto de cem Reynos; cada qual delles de tanto poder, e riqueza, que pudéra por si fazer hum grande imperio. E vendo-se Monarca de tudo o que havia de mais de duas mil leguas em roda (e não sei se satisfeito, porque a cubiça humana de nada se satisfaz) tornou a voltar pera Pegú com o mór triumpho, que se póde imaginar. Porque entrou em hum carro triunfante muito alto, e grande, todo forrado de ouro de martello, e guarnecido de inestimavel pedraria; com coroa imperial na cabeça de muitas pedras de grande preço, e riquissimas pedrolas. E as Rainhas, e Princezas, que cativou em todos aquelles Reynos, que eram muitas, e mui fermosas, assentadas no mesmo carro abaixo dos seus pés, por elle ir em huma cadeira mui alevantada, e todas ricamente vestidas a seu modo; e ainda que

o não fossem, de télas sobre télas, nem das outras louçainhas das damas da Europa, hiam porém cubertas de ouro, diamantes, rubins, e perolas, que não tinham estimação.

Por este carro, que era huma máquina muito grande, puchavam muitos Principes, Reys, Banhas, e Senhores principaes, assim cativos, como os seus proprios naturaes. Diante deste soberbo carro hiam outros muitos de espantosa grandeza, e invenção, cheios todos de despojos, e riquezas de ouro, pedraria, estatuas de ouro, prata, e metaes, cousa que causava muito grande espanto, e admiração ver aquella máquina. E diante de tudo isto hiam quasi dous mil elefantes, que ganhou naquelles Reynos, mui ajaezados, e cubertos de pannos de seda, e ouro. Na reta-guarda hiam aquelles innumeraveis exercitos em ponto de guerra, que era a mais fermosa cousa, que se podia ver. E com este apparatoso, e soberbo triumpho entrou na Cidade Pegú, onde foi recebido com espantosas festas, e apparatos, não perdoando aos gastos, porque se fizeram excessivos.

Vendo-se este barbaro na mór alteza que podia imaginar, determinou de fazer hum Templo, ou Varela em agradecimento das mercês que seus idolos lhe fizeram,

pe-

pera nelle ordenar muitos suffragios , e tam-
 bem pera se enterrar nelle. E pera esta obra
 convocou á sua Corte todos os Reys , Prin-
 cipes , e Senhores seus vassallos , que eram
 muitos , tendo-lhes mandado declarar o pe-
 ra que os chamava , pera que viessem ap-
 percebidos , pera offerecerem naquelle Tem-
 plo seus dons. E como os teve juntos , foi-
 se com toda a sua magestade ao lugar de
 Mahicon , que era fóra da Cidade Pegú ,
 como Belém de Lisboa , e alli armou hu-
 ma rica tenda branca , e ao redor as de to-
 dos aquelles Reys , e o dia ordenado man-
 dou abrir os alicerces , pera o que estavam
 juntas grandes máquinas de instrumentos ,
 e muitos officiaes , no que se gastáram al-
 guns dias , porque o alicerse era profundis-
 simo , e muito largo. O dia em que se ha-
 via de lançar a primeira pedra nos funda-
 mentos , foi ElRey o primeiro que lançou
 sua figura , e a de sua mulher , e filhos , to-
 das de ouro , e muitas baixellas do mesmo
 pera se servirem lá na outra vida ; e assim
 lançou mais hum Templo , ou Varela to-
 do de ouro com seus coruchéos , e hum la-
 garto de ouro , e huma panella grande do
 mesmo com huma guedelha dos cabellos
 de ElRey ; e todas estas peças de boa gran-
 deza com muita , e muito rica pedraria
 por todas ellas ; e apôs elle foram os mais

Reys conforme a suas preferencias lançando nos mesmos fundamentos outras peças riquissimas de ouro, e pedraria. E foram as cousas que lançaram taes, e tantas, que affirmam os Talapões antigos daquelle Reyno, que se lançaram naquelles alicerces seiscentos candis de ouro, que pela nossa conta sam duzentos moios de ouro, porque cada candil tem vinte alqueires, a fóra a pedraria, que affirmavam valer maior quantia pela riqueza, e fineza della. A obra da Varela, depois que se acabou, foi humas grandezas, que se póde contar por humas das maravilhas do mundo; e os idolos que se puzeram dentro, he cousa muito pera espantar a riqueza delles.

Os paços que este Rey fez na Cidade nova de Pegú eram tamanhos, que elles só por si podiam fazer humas fermosas villas das grandes do nosso Reyno, de obra excellente, e verdadeiramente imperial. Todos por fóra, e por dentro eram dourados, e pintados de varias, e diversas tintas de olco. As camaras, varandas, corredores, salas, e o mais interior do serviço da Rainha, e de suas damas era tudo forrado, e cozido em ouro. A casa, em que ElRey sempre estava, tinha todo o pavimento de ouro de martello; e do mesmo era hum corredor, e humas varandas, em que se ElRey
cof-

costumava a assomar a ouvir partes. Na entrada dos paços, e em toda a roda delles tem grandes, e fermosas varandas, e corredores, como claustros de Mosteiros, com seus alpendres todos dourados, e maravilhosamente lavrados. Huns serviam pera Julgadores, Escrivães, Tabelliães, e todos os mais officios a seu modo; outros de outros Officiaes, e de Capitães, gente de guarda, de Veadores da fazenda, Contadores. Em fim, não se póde dizer, nem escrever as grandezas, e maravilhas destes passos.

A' entrada delles á mão esquerda estava humna casa do thesouro, onde se não recolhia ouro amoedado, senão estatuas de homens, e mulheres de espantosa grandeza, todas de ouro. E tem mais humna fermosa casa mui dourada, e ricamente guarnecida, em que estam por ordem as figuras dos Reys que reináram, todas de ouro, e pedraria do tamanho que eram. E cada anno mette nesta casa o Rey que reina, humna estatua sua; e por ellas se sabe os annos que cada hum reinou, porque tantas estatuas tem. E pera a mesma parte havia humas fermosas terecenas, em que estavam seis elefantes, huns ruivos, e outros mais claros, a que chamavam elefantes brancos, debaixo de ricos docéis: estes comiam, e bebiam em fermosissimas bacias de ouro.

em

em que tambem lhe lavavam os pés: a fó-
ra dez, ou doze mil elefantes, que este
Rey tinha repartidos por differentes partes.

A' entrada dos paços á mão direita es-
tava hum fermosa torre de madeira, on-
de estava hum sino grande da feição dos
da China, que era de metal redondo com
hum escudo, e tinha mais de vinte palmos
de roda, e delle estava dependurado hum
maço grande forrado de couro, e o pateo
em que o sino estava, tinham-no de conti-
nuo aberto, chamava-se o sino da justiça;
porque quando alguma pessoa se sentia ag-
gravada de alguém, chegava-se ao sino, e
dava com o maço hum grande pancada,
que logo se ouvia de todas as partes dos
passos o estrondo que fazia, e ElRey man-
dava logo saber, que pessoa era aggrava-
da, e de quem, porque á mesma hora alli
era desaggravada, de que já fallei nas ou-
tras minhas Decadas; e se agora o trago
aqui, he pera contar hum caso, que ha pou-
cos annos aconteeo. Estava alli hum Ca-
pitão fazendo aquellas viagens, de que era
provido: tinha este Fidalgo hum fermoso
cafre, que o Principe cubiçou; e desejan-
do-o muito, mandou commetter ao Senhor
com muito dinheiro, que lhe elle não quiz
dar pelo Principe ser Gentio. Chegando-se
o tempo da embarcação, mandou-lho o Prin-
ci-

cipe tomar ; e dando-lhe rebate desta força que lhe faziam , foi-se ao Paço , e deo no sino huma , ou duas pancadas , e logo se metteo em huma embarcação , que tinha muito ligeira , e foi-se pelo rio abaixo embarcar na sua não , que estava dalli a algumas leguas no porto de Cosinim. ElRey tanto que ouvio o sino , mandou logo saber quem era o queixoso ; e como os seus lhe não podiam mentir sobpena de morte , contáram-lhe tudo o que passava. Pelo que mandou com muita pressa os Ministros a tomar o Cafre a casa do Principe , e que logo com muita brevidade se entregasse a seu dono ; e sabendo ser já embarcado , tomáram huma manchua muito ligeira , e foram seguindo o Capitão até á não , e entregáram-lhe o seu Cafre ; e da parte de ElRey lhe pedíram grandes perdões ; e indo o Principe ao Paço , o reprendeo o pai com muita colera , e lhe disse , que aprendesse a ser Rey ; porque se elle fazia forças , que esperava fizessem os seus ? Palavras eram estas não de Principe Gentio , e sem lume de fé , senão de hum grande Catholico , e temente a Deos. Oh quem vira nos pateos das casas dos Reys Christãos outros sinos como estes , porque então seriam elles sabedores das forças , aggravos , injustiças , e tyrannias que se fazem a seus

vas-

vassallos , de que se não queixam senão a Deos ! E bem certo he , que se souberam muitas cousas destas , que as emendáram , e castigáram até nos Principes seus filhos.

Tinha ElRey em seus Paços hum a fermosissima varanda toda cozida em ouro com riquissimas grades toda em roda , a que se assomava duas vezes no dia , e assentava-se em hum soberbissimo throno ; e em baixo estava outra varanda mui grande descuberta a elle , onde estavam os seus Officiaes da Justiça , e Fazenda , e Capitães , e Governadores de Provincias , e dalli lhe davam relação de suas cousas , e elle lhes dava seus despachos : e todas as vezes que ElRey se assomava a esta varanda , se tanguiam sete trombetas de prata. E quando este Rey queria ir fóra , hia em hum charola forrada de ouro , com muita pedraria , e era levada aos hombros de trinta e seis homens principaes , diante de quem se hiam tanguendo as sete trombetas de prata , e outras que o não eram , e ao redor da charola hiam sete sombreiros de tomar o Sol , forrados de ouro : e pelas ruas , por onde hia , todas as pessoas que por ellas andavam se recolhiam ás casas ; e assentados no chão , em quanto passava , estavam com as mãos alevantadas. Eis-aqui parte da potencia , e riqueza deste barbaro , e muitas ou-
tras

tras cousas se acharám na minha sexta Decada, onde se podem ver.

C A P I T U L O V.

Do cruel, e miseravel fim que teve este Reyno de Pegú no anno de mil e seiscentos, em que andamos.

TEmos mostrado o poder, e grandeza deste imperio; agora mostraremos quão depressa, e miseravelmente tudo isto acabou, que parecêra que foi hum sonho o que temos dito, e hum raio que passou, sem deixar rasto de cousa alguma. O caso foi como direi. Succedeo virem a este Monarca, de que temos fallado, novas que o Reyno de Sião se lhe tinha rebellado; pelo que mandou com muita brevidade ajuntar seus exercitos, e despedio com elles seu filho Mampa Raja, que chegando áquelle Reyno lhe começou a fazer guerra, em que acontecêram casos muito notaveis, e houve grandes feitos em armas, que se verão na nossa onzena Decada, e por fim foi morto o Principe Mampa Raja, e seu exercito desbaratado, e as reliquias delle chegaram ao Reyno de Pegú. E sabendo aquelle Rey o caso, foi tanta a sua dor, e paixão, que fez extremos exorbitantes pela mor-

morte do filho. E hum delles foi mandar lançar pregões por todo o Reyno de Pegú, com penas de morte contra toda a pessoa, de qualquer qualidade que fosse, que se não mostrasse triste, e não puzesse dó por seu filho, e que dentro em tanto tempo não houvesse festas, nem se fizessem casamentos, nem outra cousa que tivesse semelhança de alegria, assim no exterior, como no interior.

Estando as cousas neste triste, e miseravel estado, succedeo fazer hum Pegú hum casamento de huma sua filha em muito segredo, e escondido; e como em todos os estados da vida não faltem malsins, foi isto logo dito a ElRey, que sentio tanto aquelle negocio, como a propria morte do filho, por cuidar que os Pegús folgáram com ella, e que era aquillo modo de alevantamento, pois começavam de desobedecer a seus mandados: e imaginou tanto nisto, que veio a dar em outros extremos fóra de toda a razão; e o primeiro acta que fez delles foi mandar lançar pregões, que todo o seu vassallo casta Pegú fosse á Corte escrever-se, e assignalar-se por cativos de ElRey; e o ferrete que lhes punham pera serem conhecidos por esses, era huns ferros quentes nos braços com os nomes de todos, e diziam mais: Cativos de El-Rey,

Rey , como nós vimos em Goa hum Portuguez bem honrado , que foi cativo deste Rey , quando tomou a Cidade de Sião , que se chamava Antonio Toscano , que em outra Decada já referi. Logo que isto succedeo , que foi em Março , e aos quatro do Maio seguinte , padeceo a Lua hum eclipse estando cheia , que se encubríram as tres partes , ficando de côr parda sobre escuro muito malenconizada. E ainda que isto acon-teceo o anno de 94. que cabia no tempo de Mathias de Albuquerque , foi necessario guardallo pera aqui , pera contarmos os males deste Reyno todos juntos , e não por pedaços.

Este negocio de se assignalarem os Pegús por cativos tomáram todos muito mal ; e logo começou a haver por todas as Cidades do Reyno grandes alevantamentos contra os homens que governavam ; e ajuntando-se todos com poderosos exercitos , foram á Cidade de Pegú em busca do Rey , e lhe deram muitas vezes batalhas cruas , em que os Pegús foram de todas desbaratados pera suas Cidades.

Vendo aquelle Rey o alevantamento dos Pegús , tratou de os extinguir , e acabar de todo ; e não achou outro meio melhor que defender-lhes os mantimentos. E pera isso mandou lançar muitos pregões com pena de

de morte, e das mulheres, e filhos, que se não semeassem os campos, nem se trouxessem mantimentos de fóra, o que se cumprio á risca por tempo de dous annos continuos, com o que chegaram os Pegús ao ultimo da desesperação, porque chegou a valer o candil de arroz, que são vinte alqueires, quinhentos, seiscentos, e ainda mil pardaos; e como os pobres não tinham com que o comprar, morriam de fome milhares delles pelos campos, e pelas villas, e aldeas; e foi a cousa de feição, que muitas ficaram desertas, e deshabitadas; e quando mandou lançar estes pregões, despedio tambem grandes, e poderosos exercitos de Bramas, que entrassem por todas as Cidades populosas, e matassem homens, mulheres, meninos, cães, gatos, e tudo mais que tivesse vida puzessem a fogo, e a ferro, sem perdoarem a nada; e assim o fizeram. E usou-se nisto de tanta deshumanidade, e crueldade com os grandes, e pessoas principaes, que tomando-os ás mãos dous e tres mil com as mãos atadas, pera se não poderem ajudar huns a outros, os mettião nuns curraes de madeira com muita palha dentro, e punhão-lhes fogo, em que todos se abrazavam, e consumiam: e até os Talapões, que são os seus Religiosos, lhe não escaparam; porque dos Tem-

plos,

plos, donde estavam abraçados com os idolos, os tiravam pera aquelle incendio; de feição que parecia que mandára Deos nosso Senhor dos Ceos huma inquisição geral pera castigar suas idolatrias; e a muitos atados de pés, e mãos de cento em cento deram fundo no mar, onde eram comidos dos peixes, que parece que quiz Deos que destes nem as cinzas ficassem. E porque não ha pennas, nem mãos que possam escrever, nem linguas contar as grandes crueldades que neste Reyno se usáram, basta dizer que foi tão grande o número dos mortos pelas ruas, e pelos rios, que eram grandissimos, que todas as suas aguas eram vivo sangue de ribeiros, que corriam pera elles, sómente dos que morrêram á espada, não sendo estes a decima parte, porque os mais morrêram de pura fome. Passou o Divino castigo a tanto, que alguns vivos que havia chegáram a comer os corpos dos mortos, e ainda de outros, que ainda estavam palpitando. E aconteceu muitas vezes estar hum deitado no chão morrendo, e outros mais esforçados, que tambem andavam ás voltas com a morte, cortarem-lhe as polpas das pernas, e alli mal assadas, comereim-nas logo; e o que he mais pera admirar, he, que o mesmo, a quem as cortavam, comer tambem de sua propria car-

carne ; que he cousa que nunca já mais aconteceo , nem na deltruicção de Jerusaleem , nem em outra alguma Cidade ganliada , e entrada de alguns barbaros.

E he certo que havia pelas Cidades açougues públicos , em que se vendia carne humana. E se se conta que houve huma mulher em Jerusaleem , que comeo o filho , aqui houve mais de mil , que os espedaçaram , e comêram : e ainda houve mulheres , que não escapáram aos maridos , nem elles a ellas. E muitas vezes aconteceo viverem muitas pessoas em huma casa , e o primeiro que de noite adormecia ser logo esquartejado , e repartido pelos outros , e assim poucos , e poucos se foram comendo huns a outros. Alguns andavam como lobos famintos pelas ruas a buscar esta carnissa , e cortarem as cabeças aos que estavam acabando , e fenderem-lhas , e chuparem-lhes os miolos assim crus. E porque esta terra de Pegú he muito falta de lenha , e pedra , faziam das caveiras , tres e quatro juntas , fogões , e com os ossos dos mortos coziam a mesma carne , que tiravam delles. E chegou a ira de Deos a tanto contra estes idólatras , que he certo que todos os que comiam desta carne logo se lhes encarniçáram os olhos , e ficáram como abrazados , e com isso duravam pouco. A

A esta carnissa acudíram as feras dos matos, e entráram pelas Cidades cheias de corpos mortos, e nelles se encarnissavam cruelmente; e as gralhas, milhãnos, corvos, e outras aves andavam pelas ruas com os intestinos dos corpos nos bicos correndo por ellas. Que mais se póde contar, nem quem ouvio outro tal castigo como este? porque cuido que foi maior que o diluvio geral; que aquelle affogou logo todos os viventes, que se sumíram debaixo da agua, e não poder cada hum mais que ter tento em si, e duraria seu trabalho hum, ou duas horas que nellas se consumio tudo; mas isto he outra ira de Deos, que só dé a ouvir tremem as carnes. Os rios, fontes, e tanques tudo era sangue, e não havia onde poderem beber; e a mim me disseram alguns Portuguezes, que se acháram na Cidade de Pegú, que o rio que passava de longo della era sangue, e que estiveram arriscados a morrerem de sede; mas a necessidade os obrigou a beberem antes do rio, que era corrente, que não das fontes, porque tomavam a agua, e coavam-na em jarras, e assim a bebiam por não poderem mais. E não parando nisto a ira do Ceo, succedêram todos os dias, que estas cruezas duráram, que foram muitos, grandes terremotos, relampagos, e

coriscos espantosos; e logo apôs isto sobre-
veio peste nestes Reynos tão cruel, que
acabou de arrazar tudo, de maneira que se
affirma passarem os que morrêram de tres
milhões de homens. Os vassallos Bramás
deste Rey vendo tantos, e tão grandes ma-
les, fugiram pera os Reynos do sertão. E
chegou este barbaro a estado, que se vio
desamparado de todos; e vendo-se sem re-
medio, mandou chamar o Rey de Tangu,
que era seu primo, cunhado, e vassallo, e
lhe entregou o Reyno, e foi-se com elle
pera o outro quasi como cativo com sua
mulher, filhos, e parentes da Casa Real,
que todos aquelloutro tyranno matou com
peçonha, e mandou levar os thesouros de
Pegú pera seu Reyno. E affirmam os Por-
tuguezes, que alli se acháram que escapá-
ram, que foi o ouro, a pedraria, a prata,
e as riquezas tantas, que se gastáram tres
mezes em se acarretarem com mais de du-
zentos elefantes, deixando outras cousas,
que pudéram fazer muitos Reynos ricos;
porque só a artilheria que ficou naquella
Cidade em armazens fermosissimos, foram
quinze mil peças todas de bronze, e dous
armazens mui grandes cheios de salitre, en-
xofre, polvora, pelouros, e thesouros en-
talhados de veludos, roupas, beijoim, e
marfim, e outras cousas, de que depois o
Rey.

Rey de Arracão se aproveitou , como em seu lugar diremos , e assim ficou todo este Reyno de Pegú deserto sem quem o povoasse ; o que succedeo este verão passado de noventa e nove , cousa que póde fazer tremer as carnes aos Emperadores do mundo verem hontem a potencia , que contei deste Rey Brama , e os carros tão potentes , em que entrou triunfando , quando veio de Sião ; e hoje deixar seu Reyno , e entregar-se a hum seu vassallo como cativo , que logo o mandou matar , e a toda sua geração , sem delle ficar memoria alguma , pera se virem a temer destes escarneos do mundo , que assim lhes podemos chamar.

Tem estes Pegús em seus livros huma profecia , que affirmava que naquelle tempo se acabaria a Monarquia dos Bramas , como acabou , e que viriam gentes estrangeiras Galas , e Franquis senhorear aquelle Reyno. E que o mar pariria pelos rios , e costas do mar mulheres brancas , e fermosas , e que haviam de ser filhas do vento : e que hum Rey que os havia de senhorear teria estas feições , homem de grandes olhos , orelhas grandes , braços compridos , cabeça ornada de muitas pedras preciosas , os peitos , e hombros cheios de rubins , e diamantes , os pés de cágado , e

na boca da parte direita sobre o dente da preza outro cavalgado.

Isto interpretam alguns desta maneira. Galas , e Franquis serem os Portuguezes, porque em toda a India nos chamam Franquis, que quer dizer Christãos, porque em todas as Provincias da Christandade chamam Franquia, ou Franquistan. As mulheres alvas, e fermosas, filhas do mar, e do vento, sam as Armadas Portuguezas, que ham de aportar áquellas partes. O Rey grande entende-se na Monarquia, e poder. Pelos olhos grandes, vigilante, que veja tudo, e que tenha muitos do seu conselho, pera que com elle o ajudem a ver, e governar seus Reynos. Orelhas grandes, que ouvirá bem, e fará justiça. Cabeça ornada de pedras preciosas, que será senhor de muitas Coroas, e Reynos. Peitos, e hombros cheios de rubins, e diamantes, que será ornado de muitas virtudes, e prudencia. Braços compridos, que será grande Conquistador, e que por seus Capitães conquistarão longe muitos Reynos. Pés de cavalgado, que será grande senhor no mar, e na terra. O dente da preza cavalgado outro sobre elle, que ajuntaria outro imperio ao seu. Tudo isto podemos interpretar dos Reis de Portugal. E já neste tempo começaram a apparecer por aquellas partes aquellas

las filhas brancas , e fermosas do mar , e do vento , que sam suas Armadas , que por aquellas partes tem alcançado vitorias ; e com a Fortaleza de Syrião , que tem naquelle Reyno , parece que já tomou posse delle. E quererá Deos nosso Senhor que o possua ainda todo , e que traga tantos povos idólatras á manada dos seus Fieis.

CAPITULO VI.

De quem era o Principe de Abadaxam, que este anno de seiscentos se fez Christão, e veio ter a esta Cidade de Goa.

PORQUE não he pequeno negocio , nem de pouca importancia em tempo deste Conde Viso-Rey fazer-se Christão hum Principe , quarto neto do Grão Tamorlão , filho de ElRey de Badaxam , não quizemos passar por isto pera darmos graças a Deos nosso Senhor de vermos hum Principe , filho de Rey , nascido , e creado lá nos escondidos montes da Scytia Asiatica vir de tão longe , e por tantos rodeios , como logo diremos , buscar a agua do santo baptismo , movido só do toque de Deos nosso Senhor , que o tinha escolhido , e predestinado pera este tamanho , e tão soberano bem. E pera darmos a conhecer este Principe , e o

tronco de que procede , he necessario tomarmos isto desde seu principio pera melhor entendimento de tudo.

No primeiro , e segundo Capitulo do decimo Livro da nossa quarta Decada damos já relação daquelle grande Chinguis-can senhor do Catayo , e como sahio de seu imperio a conquistar as Provincias da India maior , e toda a Sogdiana , e Bactriana , Bale , Bochata , Camarcant , Persia , e outros muitos Reynos , que repartio com seus filhos por esta maneira. A Provincia Turquestan , que jaz abaixo dos montes Imaos , deo a seu filho Turch , de quem ella tomou o nome; e de Estan , que quer dizer Provincia , se veio a chamar a Provincia de Turchestan , como lhe os Geografos chamam , principalmente os Parseos. E assim affirmam alguns Escritores , que daqui sahiram os Turcos a conquistar a Persia. E a Natholia chamando-se assim da Provincia donde sahiram , e não pelo que affirmam alguns Escritores da Europa , como temos já bem mostrado.

Ao outro filho chamado Chachatá deo a Provincia Camarcant com tudo o que jaz entre os famosos rios Oxo , e Lazartes , de quem ella tambem tomou o nome , chamando-se Chachata , e não Zagatai , como os Geografos modernos lhe chamam.

A outro filho chamado Balolo deo o Reyno do Coraçone, e Persia. A outro filho chamado Husbeque deo aquella Provincia, que jaz sobre os montes Imaos, em que entram os Reynos de Candux, Caxcar, e este de Badaxam, de que havemos de tratar, e outros, que tomáram d'elle o nome, e todas se chamáram Usbequia, que depois conquistou a Provincia de Camarcant da mão de seu irmão Chachata.

Todas estas Provincias deixáram o nome de Chachatai, e hoje se chamam Husbequia, por serem todas de hum senhor, e por tempo se dividíram todas em os netos, bisnetos, e tresnetos deste Chachata. E sempre aquelles Reynos tiveram este nome, que ainda hoje conservam, até vir tudo ao poder do Grão Tamorlão, que os conquistou, e por sua morte se repartíram estes Reynos por seus filhos, e netos.

E deixando estes, de que já démos relação nas outras Decadas, tratemos do filho Mirzaholoc Baxa, que herdou o Reyno de Badaxan, e por sua morte ficou a seu filho Ocenxa, e a elle succedeo seu filho Mutula Xa. E a elle seu filho Soleimamxa, que reinou mais de sessenta annos, e sendo já de noventa muito decrepito, entregáram os Grandes o Reyno a seu filho Abraemo Xa, que teve grandes guerras com
Phir

Phir Mahamede Matabacan , Rey de Bahale, e Camarcan , e nellas foi este Abrahe-
mo morto , e succedeo-lhe no Reyno seu
filho Xaroc Xa. E havendo sete annos que
reinava , se mostrou mui deshumano , e deo
em fazer grandes cruezas nos vassallos , e
em matar os Grandes. Pelo que chamáram
em seu favor a Abdulacan , Rey de Camar-
can , que naquella tempo residia na Cida-
de de Balchiè , que veio com hum grosso
exercito , e achou o Rey Xaroc Xa muito
fortificado dentro na Cidade de Badachan,
de que todo o Reyno tinha o nome ; e
posto que alguns dos seus se passáram ao
Abdulaxan , os mais acudíram a defender
sua patria. E todavia apertou elle tanto
com aquella guerra , que poz aquella em
estado de desesperação , e assim deixou o
Reyno nas mãos do inimigo , e elle se aco-
lheu pera a Corte do Grão Mogor , onde
então reinava Hecbar Paxa , que era tão pa-
rente , que cahiam ambos em quintos ne-
tos do Grão Tamorlão , que o agazalhou
com o mandar prender. E antes que elle
deixasse o seu Reyno , mandou sua mulher,
e hum filho mais moço , que he este de que
fallamos , pera huma Fortaleza inexpugna-
vel chamada Culabo , aonde Abdulacan os
foi cercar ; e depois de os combater sete
mezes , não podendo os de dentro soffrer
os

os trabalhos do cerco , abríram as portas ao inimigo , que se apoderou de tudo , e houve ás mãos a Rainha , e o Infante seu filho , e os levou consigo á Cidade de Bochará , e os entregou a hum Cassis , que era entre elles como Bispo , chamado Cojagilan , onde estiveram dous annos e meio , passando-se o Abdulacan pera a Cidade de Camarcant , que era oito dias de caminho da de Bochara ao Norte. E depois de estar lá , mandou hum Capitão com cartas ao Cassis , pera que lhe entregasse o Infante , que tinha prezo ; e deo-lhe por regimento , que como o houvesse ás mãos o matasse , e a cem pessoas mais que com elle estavam prezas. E sabendo o Cassis o que o Abdulacan mandava , entregou-lhe as pessoas que pedia , e ao Príncipe escondeo , e em seu lugar deo hum moço , que se parecia muito com elle , porque fora este Cassis de seu pai , e lhe estava mui afeiçoado.

Depois disto mandou o Abdulacan a seu filho Abedul Monenchan a conquistar as terras do Coraçone , que eram do imperio Persio , e nellas estava por Governador seu filho Xaabas , que hoje reina nelle , que lhe ganhou as Cidades de Heri Maxet , e outras. E proseguindo-se esta guerra , mandou o Turco Amurates hum Embaixador ao Abdulacan a tratar de pazes , e amizades en-

entre elle, e o Persa. E os respeitos, por que se quiz metter de peirmeio, dizem alguns que foi temer-se que o Abdulacan conquistasse os Reynos da Persia, e se fizesse com isso tamanho senhor, que tentasse conquistar-lhe seus estados, porque esta nação dos Husbeques era mui receada entre Turcos por serem grandes cavalleiros, e muito crueis, e não lhe vinha bem tellos por vizinhos. E alguma composição fez este Embaixador entre estes Reys, ficando-lhe as Cidades, que o Husbeque tinha ganhadas na Provincia Coraçone, como eu conto tudo isto na minha onzena Decada muito largamente no tempo do Governador Manoel de Sousa Coutinho, e Mathias de Albuquerque. E ao partir-se este Embaixador pera Constantinopla lhe entregou o Cassis em grande segredo o Infante de Badaxan pera o deixar passar á casa de Méca, o que elle fez; e depois de feita a romaria, se tornou pera Badaxan disfarçado, pera ver sua mãe, que achou em huma aldeia junto da Cidade Culab, que o Abdulacan lhe tinha dado pera sua vivenda, e despeza. Tanto que ella vio o filho já homemzinho, e que mostrava grande animo, negociou-lhe quinientos homens de cavallo, com que foi assaltar a Cidade Culab, e a entrou, e tomou, e nella se fortificou com sua mãe, e lo-

logo lhe acudio gente daquelle Reyno, com que em poucos dias poz em campo doze mil de cavallo, com que foi sitiar a Cidade Calais Gafar, que logo se lhe entregou, e o mesmo fez a Cidade Queixume; e assim foi engrossando mais seu campo, e voltou sobre a Provincia Talacan, que governava hum Usbeque vassallo, e parente de Abdulachan, chamado Mahamed Soltan Divan, e ganhou esta Provincia, e ao que a governava mandou cortar a cabeça.

As novas destas cousas chegaram a Abdulachan; e sabendo o que passava, e como o Infante filho de ElRey Xaroch, que elle mandára matar, que estava em poder do Cassis, a quem o elle tinha entregue, era o que lhe fazia toda a guerra, mandou levar diante de si o Cassis, e perguntou-lhe porque não entregára aquelle Infante, para o matarem como elle mandava? Ao que o Cassis lhe respondeo com muita liberdade, que elle fora de seu pai, e lhe comêra o seu pão, e que não era licito, nem lhe seria bem contado usar de tamanha ingratição com o filho do Rey que o creára, e de quem tinha recebido tantas mercês; e que se lhe parecia que errára em seu serviço, que alli estava a sua cabeça, que lha mandasse cortar em lugar da do Infante. O que visto pelo Abdulachan com ser barba-

baro, lhe perdoou; e por seu respeito passou áquelle Infante hum Alvará de perdão, em que lhe concedia tambem a Cidade Talachan pera viver nella com sua mãe.

O que seu filho Abedul Monencham não quiz consentir, nem guardar o seguro que seu pai dava a este Principe, antes formou hum poderoso exercito com que foi contra este Infante, e o cercou na Cidade Culab, onde o poz em tanto aperto de fome, que lhe foi forçado sair-se escondido com sua mãe, mulher, e filhos, e trinta pessoas, com que se passou a hum seu cunhado, irmão de sua mulher, senhor de humna Cidade que lhe o Abidulachan tinha dado; e como lhe entregou tudo aquillo, passou-se á Cidade Cabul, que era do Grão Mogor, em tempo que entre seus moradores havia grandes guerras; e temendo-se que o mataissem, se acolheo outra vez pera a Persia. E estando na Cidade Casbin, encontrou com huns homens, que se crearam em casa de ElRey seu pai, que serviam ao Rey da Persia, a quem fizeram a saber delle; e mandando-o ElRey buscar, fez-lhe muitas honras, e deo-lhe peças mui ricas, e mandou dar casas, e serviços. E desejando elle de ir á Corte do Mogor, onde seu pai estava, o fez a saber áquelle Rey, e partio-se pera Ormuz pera dali

passar ao Cinde, e dahi a Laor, onde seu pai estava.

E andando na Ilha de Ormuz desconhecido, esperando tempo pera se partir por mar pera o Cinde, visitava algumas vezes a Igreja dos Padres da Ordem do glorioso Padre Santo Agostinho; e vendo aquelle Templo, a limpeza, e ornamento de seus Altares, ficou muito edificado. E em algumas práticas que teve com aquelles Religiosos, veio a entender a verdade, e pureza de nossa Lei, e a mentira, e falsidade da de Mafamede; e tocando-o Deos interiormente, pedio com muita instancia o santo baptismo, que lhe deram na entrada deste anno, em que andamos, e dalli foi trazido pelos Religiosos de Santo Agostinho a esta Cidade de Goa com boa companhia de criados, e o agazalharam no seu Mosteiro, onde o eu fui visitar muitas vezes, e me deo de sua vida, e peregrinação huma larga relação, e depois casou nesta Cidade com huma mulher nobre: e este anno quereria Deos chegasse a salvamento ao Reyno, porque se embarcou pera lá na Armada de Luiz Mendes de Vasconcellos.

CAPITULO VII.

Que trata da parte a que jaz este Reyno Abadaxam: e da descripção desta Provincia de Laor até esta Cidade, e della até o Cathayo: e de como esta Provincia não he a China, como alguns cuidáram, e a que parte jaz.

JÁ que acabámos agora de fallar neste Reyno Abadaxam, cujo Principe se fez Christão, pareceo-nos bem mostrar a que parte de Asia jaz, e fazemos huma descripção desde Laor, Corte do Mogor, até elle, e dahi até o Cathayo; posto que na nossa quarta Decada temos dado boa relação desta Provincia, e mostrado a que parte jaz; agora o faremos de novo muito particular, e distinctamente a modo de roteiro, sem mostrar gradação das Provincias, e Cidades principaes, porque até agora não houve quem tomasse por aquellas partes a elevação do polo Arctico; e isto servirá pera os vistos na Geografia, que lhes não será de pouco gosto; porque sobre esta Provincia Cathayo houve entre os antigos muitas opiniões, e andáram ás apalpadelas como cegos buscando este imperio, sem acabar de dar com elle, pera o situarem em seus mappas, e globos na verdadeira altu-
ra

ra em que está. E ainda os modernos não acabáram de atinar neste negocio, em que seguirei alguns roteiros; que tenho de pessoas, que penetráram todas estas terras até enfacarem toda a Asia. E começaremos esta descripção, como dissemos, de Laor até á Cidade Cambalec, pondo as Cidades, e lugares por distancias de jornadas de casilas, que andam por dia quatro, ou cinco leguas, e muitas vezes menos.

Partindo de Laor, que está em trinta e dous grãos e meio, vam caminhando por aldeas fertes até á Cidade Taec, e por junto della passa hum fermoso rio. Dalli vam ter á Provincia Pasaver: neste caminho pelo vagar das casilas se põe hum mez, e ás vezes ha dia que não fazem jornada. E em outro mez vam ter á Cidade Guidali, e della em quinze dias á fermosa Cidade Cabul, que he do Mogor, e está em trinta e nove grãos; e os que caminham por aqui, affirmam que sam de Laor até esta Cidade Cabul quatrocentas leguas, o que cuidando não póde ser, senão se caminharem por rodeios mui grandes, e sempre até aqui caminham ao Norte; e desta Cidade ao mesmo Reyno, carregando sobre o Nordeste, vam em quinze dias ter á Cidade Caracar grande, e mui bem murada; e della a dez dias até á Villa Paravan, que he a derradei-

deira dos Reynos do Mogor pera a parte do Norte. Daqui por cima de huns montes, que sam parte dos Caucafos, em vinte dias chegarám a huma Villa chamada Angaram. E em outros tantos á Cidade Calcha, onde todos os seus naturaes sam alvos, e framengados, e tem esta Cidade muitas aldeas ao redor muito prosperas. Destas em dez dias vam á Cidade Jalalabão; e dalli em quinze a outra chamada Talhan; e dalli vam a Iexim terra do Abdulacan senhor de Camarcant. E dalli em oito dias vam ter á Cidade Abadaxan, que he a de que tratámos neste Capitulo atrás, que quanto a mim está em perto de quarenta e dous grãos. E por aqui se verá de quão apartadas terras, e por que rodeios tão compridos veio este cervo ferido deste Infante de Abadaxan a buscar as aguas da fonte viva do santo baptismo, pera nellas se lavar da torpe, e fedorenta lepra de seus peccados.

Já temos mostrado o sitio, em que esta Cidade está, mostremos agora o caminho della até o Cathayo, e a que parte jaz este imperio, e onde o situam os Geografos antigos, e modernos. E a verdade do que disto podemos alcançar, seguindo o roteiro do Padre Bento de Goes, da Companhia de Jesus, que foi por mandado dos

Pre-

Prelados da dita Companhia de Goa descu-
brir esta Provincia da Cidade Abadaxan.
Foi este Padre caminhando ao nascente, e
ao primeiro dia de caminho chegou a Char-
chunar, e dalli a dez dias a Saipanel, don-
de subíram huns altíssimos montes chama-
dos Setrimat; e em vinte dias foram ás
terras de Sarcol, e outras grandes serras
chamadas Chechale, onde havia muita ne-
ve, e por ellas andáram seis dias até che-
garem á Cidade de Tangetar, tudo terras
do Reyno Caxcar, e a derradeira dellas he
a Cidade Siarcán grande, e muito rica.
Nestas terras ha humá pedra alva, e fermo-
sa muito estimada dos Chins pela terem
por preciosa, e entre elles val muito, e
chamam-lhe Luxe; e he tão forte, que abai-
xo do diamante não ha outra que se lhe
iguale na dureza, porque pera a quebrarem,
he necessário amolentarem-na no fogo, pes-
ca-se nos rios como aljofre, e tiram della
grandes pedaços, que peizam dous, e tres
arrateis, fazem della joias assim pera ho-
mens, como pera mulheres, e saem mui lou-
çans, e resplandecentes, e as mais finas
são as que tiram em hum monte chamado
Canfanguicax, que quer dizer monte de pe-
dras, que deve de ser o Mons lapideus
dos antigos Cosmógrafos. Daqui foram ca-
minhando por estes lugares, que todos são
de

de Hiarcán; e não diz o roteiro quanto ha de hum a outro, nem quantos dias gastáram neste caminho. Jolchim, Hencalix, Alacguir, Bagadec, Gruir, Moselilec, Tallec, Hermam, Joanthac, Mungidá, Capitacol, Chilan, Sare, Quebedal, Combaxi, Aconterub, Chacor, Aesu, Outogrel, Gasso, Caxen, Dilavai, Singabedal, Ugancucha. Tudo isto sam Cidades, e Villas grandes. De Cucha a vinte e sinco dias de caminho está a Cidade Chalis, forte, e murada, e della á de Aramat puzeram quinze dias. E dalli á Cidade Camul, sem dizem quantos dias de caminho. E desta Cidade em nove dias chegáram áquelles admiraveis muros da China, e vam as casilas parar a huma Cidade que fica fóra, chamada Kyaicum, que he de Mouros, onde o Padre Bento de Goes faleceo de puro trabalho do caminho, porque gastou nelle tres annos, por se deter em muitas partes muitos mezes, e de huma vez hum anno inteiro esperando monção.

Este caminho, que dissemos, por onde o Padre Bento de Goes foi por quarenta e seis, e quarenta e sete grãos, he o de casilas, por onde costumam a ir, por se afastarem dos desertos de Lopi, que lhe ficam abaixo em quarenta e hum, ou quarenta e dous grãos, por onde antigamente era

era o caminho ordinario. Este deserto dura o caminho por elle quasi hum mez, e todo elle he areaes, e sem agua, senão a que tem de alguns charcos, em que se recolhem das invernadas. E por isso foram estas cafilas, em que este Padre hia subindo tanto ao Norte, a buscar os montes de Abedaxan, e Caxcar, por onde ha sempre neves, e muitos rios, e fontes, posto que este caminho he muito mais comprido; e quem quer atalhar, e ir escoteiro, vai de Laor ao Nordeste a buscar o Reyno Quiximir, que está em quasi trinta e quatro grãos, em que gastam sete, ou oito dias, porque delle vai a fruta a Laor ainda fresca, por ter abundantemente todas as de Europa. E de Quiximir se passa por muitas Cidades, e Villas a Tibet de Mouros, e a outro Tibet de Christãos, em que ha mais de trezentas leguas de caminho; e daqui vam á Cidade de Lop, onde se reformam, e provêm, e entram por aquelles desertos, que duram hum mez, até darem nos campos da Provincia Cathayo, por onde vam passando por muitos lugares até á Cidade Cotan, que he já do Cathayo, e fica fóra dos muros da China em altura de quarenta e sete grãos, e dalli hiam á Cidade Cambalu, porque naquelle tempo não havia os Mouros que hoje ha naquella Provincia.

E tornando ao roteiro do Padre Bento de Goes, nelle não achámos que nos des-se noticia deste Imperio, nem a que parte jazia, não indo elle a outra cousa mais que a saber daquella Christandade. E o Padre Mattheus Resio, da Companhia, que neste tempo residia na Cidade Pachim, Corte do Rey da China, na carta que escreveo aos Padres de Goa, diz, que o Cathayo verdadeiramente era na China, e que fora della não havia outro Cathayo; e que a Cidade Cambalu era a mesma de Pachim, em que elle estava, no que parece que se confunde em parte, como logo veremos. Todos os Cosmografos, e ainda os Chins repartem todo o Imperio da China em duas partes, como já disse em outra Decada, Cim, e Mancim, e os Geografos corruptamente lhe chamam China, e Mangi. China Austral, e China Meridional, como Alemanha se reparte em outras duas partes, Alemanha alta, e Alemanha baixa. E assim nesta parte da China chamada Mangi podemos affirmar que he toda esta Provincia de Pachim. Quisai, e aquellas que mais cahem pera a parte do Norte, e que esta parte fosse o Cathayo, ou parte delle, tambem a não tenho por dúvida, o que podia ser por huma destas duas razões; ou que fosse a propria Provincia Cathayo, ou

que fosse conquistada daquelle Emperador Cathayo ; porque temos em Marco Polo, Livro II. folhas quarenta e huma, que estando elle com seu pai os annos de 1269. no Cathayo, fora Cublaican, quinto Emperador d'elle, a conquistar a Provincia da China ; pois logo onde era este Cathayo, donde elle sahio, e onde esta China que conquistou ? senão, se quizermos dizer que sahio daquelle parte de quarenta e sete até sincoenta grãos, e foi conquistar a Provincia Mangi, e que puzesse sua cadeira na Cidade Quisai, que por ser fermosissima, e fresquissima lhe teriam os Chins posto aquelle nome de Quisai, que em lingua China quer dizer Cidade do Ceo, a quem o Cathayo mudava o nome, e lhe daria o de Cambalu, que he o mesmo na sua lingua. Mas he contra esta opinião o que está tão sabido, e o que tantos escrevem, que na Cidade Cambalu houve sempre grande Christandade, e fermosissimos Templos, e hoje no Pachim não ha disto reliquia alguma. Sómente diz o Padre Bento de Goes, que estando na Cidade Chincheo, Metropoli da Provincia Xensi, soubera que já alli houvera muitos Christãos ; e hum Irmão chamado João Fernandes, que o Padre Resio mandou em busca do Padre Bento de Goes, por saber ser entrado naquella Pro-

vincia, diz, que estando na Provincia Honão, soubera que nas Cidades de Sancheu, e Sochcheu havia perto de sincoenta annos naquelle tempo, que foi em seiscentos e tres, eram povoadas de Christãos Cathayos, que por temor dos Chins deixaram a Lei de Christo. O que se póde ter por certeza he, que os Chins tornaram a conquistar tudo o que os Cathayos tinham ganhado naquella Provincia, e ainda muita parte de seus Estados, até os lançarem fóra daquelles admiraveis montes, que elles em algumas quebradas que havia taparam com fortissimos muros pera lhe não tornarem a entrar delles pera dentro, por onde o Cathayo ficou delles pera fóra; porque todos os Cosmografos lançam em seus mappas estes muros em sincoenta e sete grãos, estando elles na verdade em quarenta e seis, ou quarenta e sete, vieram a situar o Cathayo em sincoenta e nove grãos. E quando se entende a situação do Cathayo, he da Cidade Cambalu sua Metropoli; que se he certo ser o Paquim, que está em quarenta grãos; estes muros da China começam de sobre o mar na Provincia Quinsí, que está em altura de quarenta e cinco, ou quarenta e seis grãos, e vam fenecer na Provincia Sansí em quarenta e hum, quarenta e dous grãos. Fazem todos estes muros

ros de quatrocentas leguas de roda, e todos continentes, como os fez agora novamente hum Henrique Alangerem em hum seu mappa, sem fazer differença dos altos montes, que sam os verdadeiros muros daquella Provincia.

Ora ainda não estou satisfeito destas duas opiniões; porque muitas pessoas graves, e doutas nos dizem que ali ha Cathayo, e Christandade naquelle Imperio. Aiton, Armenio, que foi Frade do Mosteiro da Episcopia, da Ordem Premostratense, que sendo secular esteve no Cathayo em tempo de Marco Polo, que depois de Frade foi mandado pelo Papa Clemente nos annos de 1305. vinte seis annos depois que lá esteve, ao Emperador do Cathayo, como o refere João Baptista Ramnusio no seu livro de varias viagens, que então era Tamarchan 6. do número, a lhe pedir soccorro pera tornar a cobrar a Terra Santa, que era perdida os annos atrás de 1291. por ser aquelle Rey Christão, e Senhor de toda a Asia, que mandou áquella empreza seu irmão Halationo, ou Halachu, que fez grandes guerras ao Soldão. Pelo que se vê muito claramente que esteve no Cathayo, e que este soccorro foi de Cathainos, e não sahio da China, nem o soccorro foi de Chins, que nunca foram Christãos, nem sa-
hí-

híram de suas terras com seus exercitos. Daquelle Grão Chinguischan, primeiro Emperador do Cathayo, dizem todas as Escrituras Persas, e Tartaras, que sahio de Cambalu, e fora conquistar toda a Asia, a Bactriana, Sugdiana, Persia, e todas as mais Provincias, que repartio com seus filhos Husbeque, Chaquital, e outros. E nestes Reynos reináram elle, e seus descendentes até o Grão Tamorlão, de quem descende o Grão Mogor, que hoje he. E posto que o Tamorlão não succedeo por linha direita, por não vir de linha Real, era Chata-tai descendente daquelles Chatihatais, que vieram com o Chinguischan. Donde se vê claramente que este barbaro Emperador sahio do Cathayo, e não da China, e que as gentes que trouxe eram Cathaynos, e não Chins.

Primeiro que este Aiton, Armenio, Frade da Episcopia, fosse ao Cathayo, tinha já lá ido os annos de 1253. outro Aiton, Rey da Armenia, a pedir áquelle Emperador, que era o Cothachan, filho do grande Chinguischan, que não mandasse conquistar seus Reynos, e que o deixasse ficarem nelles, por saber que mandava grossos exercitos a conquistar todos os que havia por aquellas partes; e chegando áquelle Corte de Cambalu, já achou áquelle Emperador mor-

morto, e em seu lugar seu filho Guinachan, que lhe fez muitas honras, e teve-o consigo alguns tempos, e concedeo-lhe tudo o que lhe pedio até fazer-se Christão. Este foi o segundo Rey Christão, porque o primeiro foi Chinguischan, que se fez Christão, por casar com hum filha do Hunchão, ou Preste João, que então era Senhor de todas aquellas Provincias, como tenho mostrado na minha quarta Decada, e o Cathachan seu filho não só não quiz ser Christão, mas foi grande perseguidor de Christãos. Eis-aqui não temos cousa que pareça China, nem que sahisse della, contra a opinião do Padre Resio, que affirma que fóra da China não havia Cathayo.

Aiton, Armenio Frade, de que assima fallámos, fez hum Compendio de todos os Reys do Cathayo, em que põe por primeiro o Chinguischan, que dissemos ser o primeiro Christão. O segundo seu filho o Cathachan, que o não foi. O terceiro seu filho Ginochan. O quarto hum parente chamado Tamarchan, todos Christãos, e estes só alcançou, e por isso escreveo delles, e não falla em Rey da China, nem nella.

E pera concluirmos com esta materia, e provar nossa opinião, trarei aqui algumas práticas, que o Padre Jeronymo Xavier, da Companhia de Jesus, sobrinho do

San-

Santo Padre Francisco Xavier , da mesma Companhia , que ha muitos annos residio em Lahor , teve o anno passado de 98. com hum Mouro , que era alli chegado de Méca , que passaram assim , que ainda isto succedeo em tempo do Conde da Vidigueira , indo este anno passado ter a Lahor hum mercador , que vinha da casa de Méca tão rico , que se affirmava deixar naquella casa mais de cem mil cruzados de offertas , que tinha residido no Xethai , ou Chathai doze , ou treze annos , com quem se vio o Padre Xavier pera inquirir daquella Provincia do Cathayo , e lhe affirmou que estivera naquelle imperio os annos atrás o tempo que disse , e que a gente della era toda Christã , e se chamam por nome commun Jesuitas ; e que o Rey era Christão , e que havia em todo aquelle Imperio muitas Igrejas , e que os Sacerdotes traziam lobas , mantéos , e barretes como os nossos , e que havia Mosteiros de homens , e mulheres , e que era este Imperio tamanho , que tinha 1500. Cidades , e muitas mui bem povoadas , e que tambem havia muitos Judeos , a que chamavam Musavis. Tendo isto escreveo o Padre Xavier de Agará este Agosto de 99. em que andamos. Por onde se verá minha opinião , e não ser o Cathayo a China , como affirmã o Padre Resio , se-
não

não tudo o que fica dos muros da China ao Norte, onde ainda hoje se conserva aquella grande Christandade naquellas Pro-
vincias chamadas Georxa, Bagu, Sucur, Campion, e outras, e onde os governa no
espiritual aquelle Emperador, a que chama-
mos Preste João; mas o Emperador do Ca-
thayo he o Senhor de tudo.

CAPITULO VIII.

*Da Armada que o Conde Almeirante man-
dou a Malaca, e soccorro a Ceilão: e
das náos do Reyno, que chegáram a Goa
da companhia de Ayres de Saldanha, que
era partido por Viso-Rey da India: e de
como D. Pedro Manoel foi por Capitão
Mór ao Malavar, e do que lhe succedeo.*

EM Abril passado teve o Conde Almi-
rante recado das partes de Malaca de
como eram passadas á costa da Jaoa aquel-
las náos de Hollanda, de que atrás demos
relação no segundo Capitulo; e temendo-
se dos damnos que poderiam fazer, allim-
ao commercio da India, e trato de Portu-
gal, se carregassem de drogas, como nas
prezas das náos que por aquellas partes na-
vegassem dos nossos mercadores, e sobre
tudo na alteração que poderia haver nos
Reys

Reys vizinhos á nossa Fortaleza de Malacca; porque como são Mouros nossos inimigos, e cada vez que o merecêram lhes quebráram os Portuguezes os focinhos, estava certo tentarem novidade; e os Hollandezes, como rebeldes, sollicitarem isso, por serem estes os primeiros que áquellas partes passaram. Pelo que assentou de mandar hum Armada de dous galeões, e tres galeotas pera lá se lhe ajuntarem as duas, que tinha mandado em Maio passado, e nomeou por Capitão Mór desta Armada Gotterre de Monroy de Béja; e com esta Armada mandou o Conde correr com muita pressa, porque lhe era necessario fazella á véla em Setembro. E andando occupado nesta obra, e nas Armadas do Malavar, e Norte, lhe chegaram cartas de Cananor em Agosto, em que o avisavam que nos rios de Cota Couião, e Canharoto se faziam prestes muitos paraos pera sahirem a roubar; e que o Çamorim movia alterações, e tratava de fazer hum nova guerra ao Estado contra o contrato das pazes, que havia pouco tinha mandado jurar com o mesmo Conde por seus Embaixadores, e elle jurára em pessoa; e que pertendiam os Mouros tornar a alevantar nova Fortaleza sobre as mesmas ruinas da que se lhe arafou no sitio de Cunhale, cousa muito or-

dinaria no Camorim , porque sua vontade he sua lei , e seu appetite seu prelado , que o absolve logo de quebrar todos os juramentos que tiver feitos. E bem he que seja assim ; porque que obrigação lhe póde pôr hum juramento feito sobre hum candiçiro de azeite muito sujo , e fedorento pera o não quebrar todas as vezes que se lhe offerecer qualquer pequena occasião de interesse. E já sobre esta materia disse muitas vezes algumas cousas sem aproveitarem ; porque não sei que fundamento tem os Viso-Reys em lhe concederem pazes , pois sabem , e o tem por cousa infallivel quebrarem-nas logo , e não guardar fé , nem palavra por obrigação de sua gentilidade. Porque se me disserem que poupavam nisso muito , ainda me calára ; mas nada se atalha em se gastar a fazenda Real. Prova disto seja que tanta Armada , e tantos gastos se fazem nos annos da paz , como nos da guerra. Pois se isto assim he , parece que o bom fora enfacar estes inimigos , e não se fiarem delles , nem se deixarem enganar , antes fazer-lhes huma guerra tão contínua , que os ponha em extrema necessidade , o que se fará com se lhes defenderem os mantimentos , e Anfião , e a navegação de suas náos ; porque então depois de muito cansados , quebrantados , e desbaratados , os

Nai-

Naires se levantáram contra os Mouros, que sempre sam a occasião desta guerra, e a compram ao Çamorim a dinheiro pelos muitos proveitos que tem em suas navegações; ou elles se sujeitáram de maneira, que nunca mais pudessem alevantar cabeça.

E ainda está mui entendido que se lhes foubarem guardar as costas do Norte, e Sul, de maneira que não façam roubos, e prezas, em quatro annos não teram com que armar hum navio, porque a terra nada lhes dá, e as Armadas que deitam fóra se fazem das muitas prezas que tomam; mas todos os annos pazes novas, e primeiro que se acabem, logo se quebram, e outra vez guerra, parece jogo de meninos. E elles fazem muito bem de fazerem seu negocio, quando lhes relevar, pois sabem que na sua mão está a paz, e a guerra: ora deixemos isto, e tornemos a nosso fio.

Tanto que o Conde Almirante Viso-Rey teve estas cartas, quiz atalhar os males que se ordenavam, primeiro que os Mouros sahisses com seu intento: e sem embargo de esperar por successor, não se quiz forrar deste trabalho, e despezas, como alguns Viso-Reys fazem, porque querem estar com o dinheiro em punho pera se pagarem de algumas dividas, ainda que sejam velhas, e compradas tres partes menos,

nos , porque este dinheiro de ElRey não fei que tem que tão máo he de arrancar das mãos ; e tanto o tem por proprio , quando lhe vai a ellas , que antes querem ser sangrados nos braços , que nas bolsas. Em fim , o Conde como desejava de fazer o serviço de ElRey , e não lhe poupar sua fazenda em caso de tanta necessidade , pagou logo gente pera o Malavar , e despedito D. Pedro Manoel com doze navios ligeiros , que achou mais prestes , com que se fez á véla a quatro de Setembro , tempo ainda verde , e chuvoso , e foi correndo a costa Canará com tormentas , e muito risco , e recolhendo por aquellas Fortalezas sinco navios , que o Conde tinha mandado invernar com companhia de soldados pera sua segurança ; e com todos juntos se foi pôr sobre os rios de Cotocoulão , e Canharoto , onde os paraos se armáram pera lhe impedir a sahida pera fóra. E sobre estes rios esteve com tanta vigia no mar , e na terra , que se não atrevêram os ladrões arriscar , e alli se deixou estar até lhe darem recado , que era chegado a Cochim Ayres de Saldanha , que vinha por Viso-Rey , como logo diremos.

O Conde ficou dando pressia á mais Armada , que havia de mandar ao Malavar ; e á do Norte , e Malaca , e nos provimentos ,

tos, e soccorros pera Ceilão, que pera tudo isto havia mister mais de duzentos mil pardãos, que lhe não faltáram, nem tomou aos vassallos; porque teve duas cousas este Viso-Rey, que já na minha quinta Decada louvei ao Governador Martim Affonso de Sousa na sua historia, que eram saber bem despende a fazenda Real, e sabel-la muito bem poupar, no que só consiste todo o governo deste Estado; e quem isto faz, não na toma pera si; e como houver isto, sempre sobeja tudo. E tendo estas Armadas prestes, quando foram aos tres dias de Outubro surgio na barra de Goa a náó S. Francisco, da companhia de Ayres de Saldanha, que tinha partido de Portugal por Viso-Rey a quatro de Abril com quatro náos, como logo diremos. E alguns dias antes da chegada desta náó tinha dito hum Religioso da Ordem de S. Domingos, homem de muita virtude, e religião, a D. Brites, mulher de Cosmo de Lafetá, que na primeira náó que chegasse á barra de Goa viria seu marido. E assim foi, porque nesta veio por Capitão, porque nella tinha partido do Reyno Fernão Rodrigues de Sá, filho de Francisco de Sá, o dos Ocullos por Capitão Mór das náos da carreira, que faleceo no mar, em cujo lugar foi eleito Cosmo de Lafetá, que vinha despachar
do

do com a Fortaleza de Cofala, e huma Comenda, e viagem da China, e outras mercês, que por seus serviços merecia bem, não fez no Conde abalo, que se lhe enxergasse vir-lhe successor; antes com muito fervor fez a Armada de Malaca á véla dia de S. Jeronymo, que he o derradeiro de Setembro, que era de dous galeões, hum em que hia o Capitão Mór, e no outro D. Alvaro da Costa, filho de D. Francisco da Costa, e tres galeotas, de que eram Capitães Pero Fernandes de Carvalho, Philippe de Oliveira, e Maximiliano de Mendoça; e no mesmo dia se fez á véla o galeão dos provimentos de Ceilão, de que foi por Capitão Manoel Rodrigues, Genovez, que era provido na viagem, e nelle foram cento e sincoenta soldados; e por Capitão Mór delles Pero de Mendanha, e Martim Cota Falcão hia por Capitão de huma companhia de soldados, e Diogo de Sousa de Menezes de outra. E mandou o Conde muito dinheiro, munições, e outros provimentos, porque sempre em princípio, e cabo dos verões foi cevando aquella conquista o melhor que pode. Logo a 27. de Outubro surgio o galeão S. João, da companhia de Ayres de Saldanha, de que vinha por Capitão Gonfalo Rodrigues Caldeira, que tomou o caminho por fóra da Ilha

Ilha de S. Lourenço , e por achar nelle bons tempos veio ferrar Goa. Os successos destas Armadas , que o Conde despachou pera fóra , ficam pera o tempo de Ayres de Saldanha, em que succedêram. Mas primeiro que acabemos com o Conde Almeirante, daremos conta do que succedeo aos tres galeões , que em seu tempo mandou pera Maluco , porque ainda he jornada sua.

CAPITULO IX.

Do que succedeo na viagem ao galeão de Luiz Boto Machado: e de como os Embaixadores do Achem foram pera sua terra: e de como aquelle Rey mandou matar os Hollandezes, que andavam em terra, de duas náos que alli estavam: e do que succedeo a estas náos.

JÁ que deixámos Luiz Boto Machado partido pera Amboino, he necessario continuarmos com sua viagem, pois cabe ainda no tempo, e governo do Conde Almeirante, como assima dissemos. Este galeão foi com bom tempo tomar a Fortaleza de Malaca, onde foram desembarcados os Embaixadores do Achem, e muito festejados pelo bom aviamento, que lhe o Conde deo, porque ficava tudo redundando em paz, e
quie-

quietação daquella Fortaleza com aquelle
 vizinho, que foi sempre o de que se mais
 receou que todos. Porque o Capitão, que
 então era Fernão de Albuquerque, os man-
 dou logo embarcar em huma galeota mui-
 to fermosa, e entregou os Embaixadores
 a Affonso Vicente caído de Malaca, que
 elegeo por Embaixador pera mandar áquel-
 le Rey a lhe fazer entrega dos seus, e tra-
 tar negocios de importancia: era este Af-
 fonso Vicente conhecido daquelle Rey, e
 com elle foi Fr. Amaro, Religioso da Or-
 dem do Padre Santo Agostinho, por ser
 práctico na lingua, e de boas partes, e suf-
 ficiencia pera tratar negocios de tanta im-
 portancia. Esta galeota achou sobre a bar-
 ra de Achem duas náos Hollandezas da
 companhia das que já dissemos, que pelei-
 járam com as náos de D. Jeronymo Cou-
 tinho na Ilha de Santa Helena, que esta-
 vam alli tomando carga, que se lhe dava
 com muito gosto pela liberalidade com que
 compravam tudo. A galeota foi entrar a
 barra, e o nosso Embaixador desembarcou
 com os Embaixadores do Achem pelas mãos,
 e acompanhado dos Portuguezes, e de mui-
 ta gente, que ElRey mandou aos receber,
 e trataram com elle, que agasalhou os nos-
 sos hospedes com muitas honras, e aos
 seus conforme a seu costume. E dando-lhe
Couto. Tom. VLT.

os seus Embaixadores relação de sua embaixada, e do bom aviamento que o Conde Viso-Rey lhe dera, e das honras que lhe fizera, e o presente que lhe mandava, ficou tão obrigado, que não sabia que honras, e gazalhados fizesse aos nossos. O nosso Embaixador, que era homem esperto, vendo as obrigações que aquelle Rey mostrava aos Portuguezes, e sentindo nelle ffitio, e inclinação pera lhe conceder tudo o que lhe pedisse, estando hum dia só com ElRey, e com o lingua, lhe disse, que pois mostrava ter tantas obrigações aos Portuguezes, e sabia muito bem quanto elles desejavam de conservar sua amizade, que sempre lhe havia de ser de mais proveito, como vizinhos, que não a dos estranhos, que era tempo de o mostrar por obras. Que lhe fazia a saber que aquelles cossairos, que estavam na barra, que eram piratas, e traidores alevantados contra o seu proprio Rey, e Senhor: que pois se dava por tamanho servidor, e amigo de ElRey de Portugal, que nas mãos tinha huma occasião, em que o poderia bem mostrar. Esta era, que pois aquelles homens corriam tão familiarmente com elle, e em sua terra, que fosse com elles com o mesmo termo; e que convidasse hum dia o Capitão Mór das náos com os principaes dellas, e que no banquete os

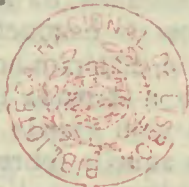
matassem. E que mandasse ter prestes a Armada, que determinava de mandar contra o Rey de Jor, que era de mais de cem embarcações, e que commettesse ao mesmo tempo as náos, e as tomassem com todo o recheio, e cabedal que tivessem, que era muito. E tantas cousas lhe disse este Affonso Vicente a ElRey, e tanto lhe facilitou o negocio, que o rendeo, e veio a conceder o que quiz.

E pera isto mandou logo negociar a Armada com a mór dissimulação que pode, com lançar fama de a mandar contra o Rey de Jor, pera contra quem os mesmos Hol-landezes se lhe tinham offerecido pela carga de huma náos de pimenta, que promettera por isso. E como teve tudo prestes, convidou o Capitão Mór Hollandez pera o dia aprazado, do que se elle escusou por indisposto; mas mandou hum sobrinho seu com os mais honrados da sua náos. E estando embebidos no banquete, deram os Achens nelles, e matáram-nos; e no mesmo tempo sahio a Armada toda, e commetteo as náos com grande furia. Vendo os Hol-landezes aquelle sobrefalto, não tiveram outro nenhum remedio melhor, que largar as vélas, e irem fugindo, e a Armada após elles até lhe desapparecerem, deixando a fazenda que tinham em terra, e
dous

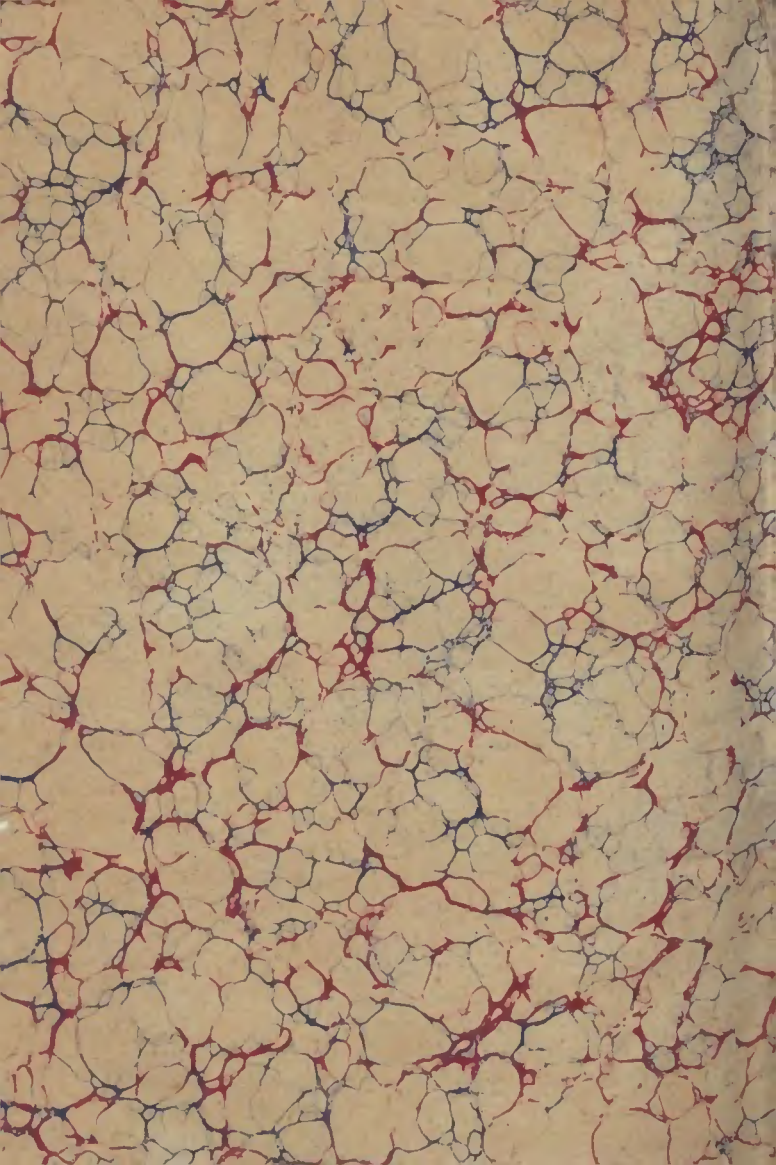
dous pataxos que estavam em diferentes portos , que logo ElRey mandou tomar. Os Hollandezes foram sua derrota até o rio de Quedá , onde se recolhiêram , e reformáram. E porque lhes ficava pouca gente nas náos , porque perdêram em terra mais de sincoenta pessoas , foi-lhes necessario despejar a não mais pequena , e passaram tudo á outra , em que se foram na derrota de Maçulepatão , e foram-se perder no macareo de Tanaçarim. E assim destas duas náos não escapou cousa alguma.

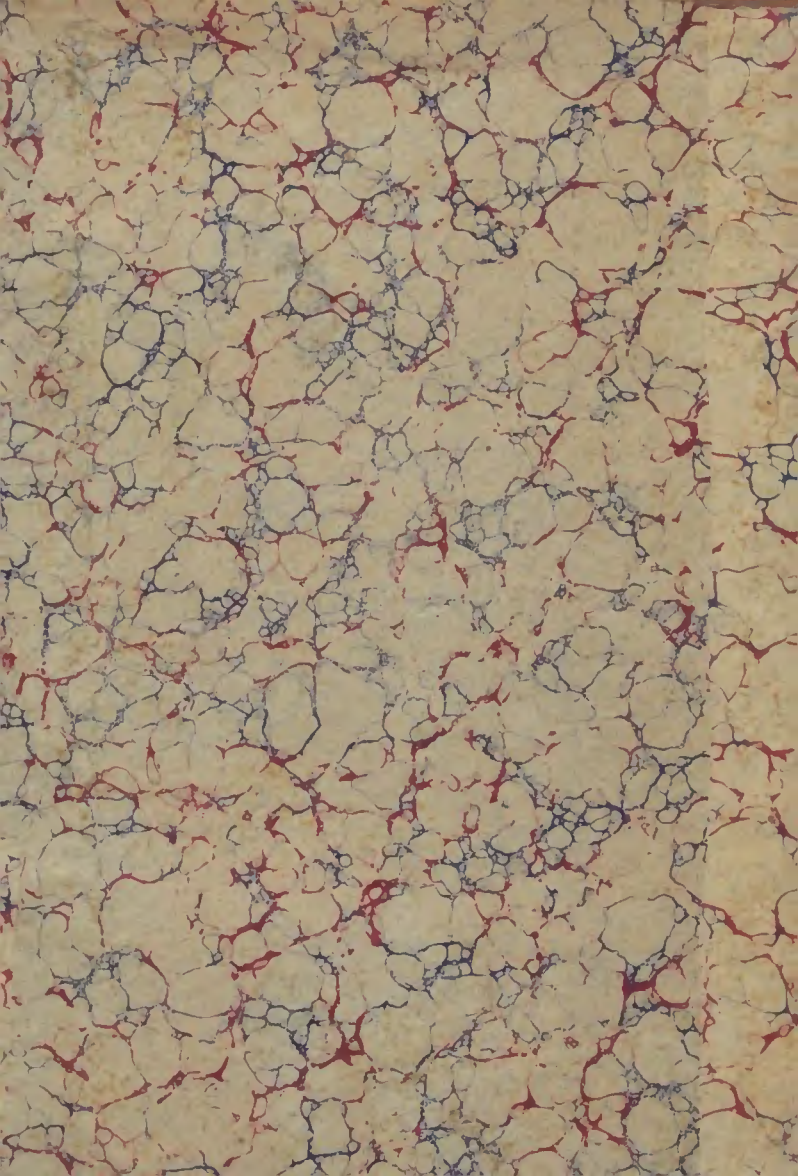
FIM DA DECADA ULTIMA.

L
v. 465



BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO
THOME JOSE DE BARRROS QUEIROZ





NB



EFG0000000193